

ISSN 0871-2743

NVMMVS

2ª SÉRIE - VOLUME XXVIII/XXX



PORTO
SOCIEDADE PORTUGUESA DE NUMISMÁTICA
2005-2007

NVMMVS

PROPRIEDADE DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE NUMISMÁTICA

REDACÇÃO: Rui M. S. CENTENO
A. M. de FARIA
J. M. S. Mendes PINTO
J. M. Valladares SOUTO

INDICE

JOSÉ MARCELO SICHES MENDES PINTO – <i>Tesouros Monetários Baixo-imperiais Entre Douro, Ave e Tâmega</i>	7
ANA BEJERANO OSÓRIO E JOSÉ RUIVO – <i>Depósito monetário do século III encontrado no terreno da antiga Campsa (Mérida)</i>	301
TERESA MOURÃO – <i>As medalhas religiosas de Santa Clara-a-Velha</i>	315

Toda a correspondência deve ser dirigida a:

NVMMVS
Sociedade Portuguesa de Numismática
Rua de Costa Cabral, 664
4200 Porto – Portugal

© Sociedade Portuguesa de Numismática, Porto

ISSN 0871-2743

Dep. Legal N.º 71 824/93

Tiragem - 800 ex.

Impressão - Tip. Nunes, Lda - Maia

NVMMVS

NVMMVS

II SÉRIE — VOLUME XXVIII-XXX



PORTO
SOCIEDADE PORTUGUESA DE NUMISMÁTICA
2005-2007

TESOUROS MONETÁRIOS BAIXO-IMPERIAIS ENTRE DOURO, AVE E TÂMEGA

José Marcelo Sanches Mendes Pinto

PREÂMBULO

Tesouros Monetários Baixo-Imperiais entre Douro, Ave e Tâmega é o resultado de quatro anos de investigação no âmbito da Numismática Antiga, apresentado como dissertação de Mestrado em Arqueologia à Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 1996.

Por razões várias, só agora foi possível dá-lo à estampa. Apesar do tempo decorrido, acreditamos, porém, que ainda se mantém actual: na área em estudo, foram achados apenas mais dois tesouros, um em Vila do Conde, outro no Monte Mózinho, mas quer um, quer outro, não se afastam do modelo então detectado nesta obra para o entesouramento tardio desta região nem põem em causa as conclusões a que chegámos.

Ao iniciar este trabalho, estávamos conscientes das grandes dificuldades que iríamos encontrar, a primeira das quais residia no facto de, para além da obra de Mário de Castro Hipólito, dos inícios dos anos 60, e do levantamento apresentado nessa obra pioneira que constituíram *Fouilles de Conimbriga*, existir pouca informação sobre o aparecimento de tesouros monetários no norte de Portugal, devida, por um lado, ao normal silêncio dos achadores, muitas das vezes confrontados com uma legislação antiquada e de interpretação duvidosa, e, por outro lado, ao facto destes achados por vezes ocorrerem no âmbito de escavações arqueológicas ainda não publicadas pelos seus autores, o que desde logo coloca questões deontológicas, às vezes de difícil superação.

Os recenseamentos antigos de material aparecido no noroeste de Portugal, atrás citados, indiciavam uma abundância de dados que dificilmente se espartilharia nos limites naturalmente impostos por uma dissertação de Mestrado, pelo que se tornava necessário, em primeiro lugar, delimitar o seu âmbito temporal e circunscrever o trabalho a uma zona onde a homogeneidade geográfica se aliasse a uma intensa romanização, traduzida, no caso que nos importava analisar, por uma economia fortemente monetarizada cujos indícios nos propúnhamos estudar. Divididos entre achados de escavações, depósitos votivos em contexto funerário e tesouros monetários, escolhemos estes últimos para alvo da nossa investigação.

Uma das razões que pesaram na escolha foi a possibilidade de estudarmos um número razoável de conjuntos inéditos, cuja análise poderá vir a permitir mais tarde - se complementada com o estudo dos achados da escavação de sítios e necrópoles - uma primeira abordagem à circulação monetária na região.

Fizemos assim incidir a nossa atenção sobre 26 tesouros de moedas de bronze dos séculos IV e V d.C., encontrados numa região banhada pelo Atlântico e delimitada pelos rios Douro, Ave e Tâmega, sendo a nossa obra estruturalmente constituída por duas partes. Na primeira, inventariámos os conjuntos monetários aparecidos na área em estudo, recolhemos duma forma que julgamos exaustiva a informação bibliográfica que a eles respeita e publicamos os catálogos das moedas que os constituem, nos casos em que tal foi possível, uma vez que de alguns destes tesouros apenas restou a notícia do seu aparecimento. A segunda parte é constituída pela análise comparativa da estrutura dos tesouros, já classificados segundo o modelo de entesouramento e data de ocultação, e pela respectiva tentativa de interpretação, seguidas pela indicação da bibliografia utilizada para a elaboração desta obra.

Gostaríamos, para terminar, de deixar aqui bem expresso que este trabalho só foi possível graças ao apoio, auxílio, amizade e colaboração de algumas pessoas e instituições a quem queremos, desta forma singela, manifestar a nossa profunda gratidão.

Em primeiro lugar, ao Professor Doutor Rui Centeno, a cuja amizade devemos, além do despertar do gosto pela investigação numismática, a cedência de dados fundamentais e inéditos para este estudo, os ensinamentos e estímulos transmitidos ao longo da sua preparação, e a permanente disponibilidade manifestada na sua orientação.

Depois, não podemos também deixar de agradecer à Dr.^a Maria Benedita Barbosa pela sua colaboração na preparação de alguns dos catálogos, ao Dr. Álvaro Moreira, do Museu Municipal Abade Pedrosa, em Santo Tirso, pela autorização para o estudo e uso dos dados relativos ao tesouro que encontrou no decurso das escavações do Castro de Alvarelhos; ao Doutor Carlos Alberto Brochado de Almeida, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, que nos alertou para a existência das moedas do tesouro de Guilhabreu e ao Dr. Paulo Costa Pinto, do Serviço de Arqueologia da Câmara Municipal de Vila do Conde, que nos facilitou o estudo das moedas desse tesouro; ao saudoso Sr. Norberto Correia, da S.P.N., já falecido, que gentilmente nos emprestou para estudo as moedas do tesouro de Bustêlo que integram a sua colecção; e ao Dr. João Paulo Guinea Barbosa, pela cedência dos dados do tesouro de Bouças dos Chãos.

Os nossos agradecimentos também ao Dr. Luís Sousa, a quem se deve a cartografia apresentada, que muito veio valorizar esta obra.

Estamos ainda profundamente agradecidos ao Dr. A. Huet Bacelar Gonçalves e ao Instituto de Antropologia Doutor Mendes Correia, pela simpatia e pelas facilidades concedidas no estudo do espólio de Ruy de Serpa Pinto, bem como à Sociedade Portuguesa de Numismática, pela utilização da sua biblioteca.

Uma palavra de agradecimento, por último, para todos aqueles que, mesmo sem os nomear, de uma forma ou de outra contribuíram para que este trabalho chegasse a bom termo.

ABREVIATURAS

1 - Abreviaturas usadas no catálogo de tesouros

CM	casa da moeda
DEN	dénominação das moedas
GOV	governante
FH	falling horseman (cavaleiro caído)

1.1 - Imperadores e cidades

A	Arcadius
AVG	Augustus
CI	Constantinus I
CII	Constantinus II
Cc	Constantius I
CL II	Claudius II
Cn	Constans
Cp	CONSTANTINOPOLIS
Cr	Crispus
Cs	Constantius II
D	Delmatius
De	Decentius
DCL	Divo Claudio
Di	Diocletianus
E	Eugenius
G	Constantius Gallus
GAL	Gallienus
Gm	Galerius Maximianus
Gr	Gratianus
H	Helena
Hn	Honorius
I	Iovianus
J	Iulianus

Jv	Iovianus
L	Licinius I
M	Magnentius
MH	Maximianus
Mm	Magnus Maximus
Mx	Maximinus
P	Procopius
T	Theodora
Th1	Theodosius I
Th2	Theodosius II
Tr	Traianus
UR	URBS ROMA
VI	Valentinianus I
V2	Valentinianus II
Vn	Valens

1.2 - Casas da Moeda

Lon	Londinium
Tr	Treveri
Lug	Lugdunum
Ar	Arelate
Med	Mediolanum
R	Roma
Ost	Ostia
Cart	Carthago
Ser	Serdica
Tic	Ticinum
Sis	Siscia
Sir	Sirmium
Aq	Aquileia
Th	Thessalonica

H	Heraclea
Con	Constantinópolis
Ni	Nicomedia
Cyz	Cyzicus
Ant	Antioquia
Ale	Alexandria
Oc	casas da moeda ocidentais
Or	casas da moeda orientais

1.3 - Obras de referência

RIC *The Roman Imperial Coinage*, C H.V. Sutherland, P. M. Bruun, J. P. C. Kent, J. W. E. Pearce, Vols. VI, VII, VIII, IX, X, London, 1966-1994.

LRBC *Late Roman Bronze Coinage*, P. V. Hill, J. P.C. Kent, R.A.G. Carson, New York, 1989.

BRUCK Guido Bruck, *Die Spätromische Kupferprägung*, Graz, 1961.

2- Abreviaturas Bibliográficas

AP	<i>Archeologo Português/Arqueólogo Português</i>
AN	<i>Acta Numismática</i>
AEspA	<i>Archivo Español de Arqueología</i>
AJN	American Journal of Numismatics
BAR	British Archaeological Report
BEFAR	Bibliothèque de l'Ecole Française d'Athènes et Rome
BSAA	Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología
CAN	<i>Congreso Nacional de Arqueología</i>
CIBL	<i>Actas del Colóquio Internacional sobre el Bimilenário de Lugo</i>
CNA	<i>Congreso Nacional de Arqueología</i>
CNN	<i>Congreso Nacional de Numismática</i>
CPA	<i>Cuadernos de Pre-Historia y Arqueología</i>

CTh	<i>Código Teodosiano</i>
EAE	Excavaciones Arqueológicas en España
ENV	Estudis Numismàtics Valencians
EPNA	<i>I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua (Actas)</i>
GN	<i>Gaceta Numismática</i>
H.M.	Hallazgos Monetarios
MCV	<i>Mélanges de la Casa Velazquez</i>
NC	<i>Numismatic Chronicle</i>
NH	<i>Numario Hispanico</i>
PCV	Publicacions de la Casa de Velazquez
RG	<i>Revista de Guimarães</i>

3 - Instituições

FLUP - Faculdade de Letras da Universidade do Porto

IAMC - Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa

4 - Outras

Æ	cobre, bronze, latão
AR	prata
AV	ouro
Cfr.	confrontar
D	<i>denarius(i)</i>
gr.	grama(s)
kg.	quilograma(s)
Op. cit.	obra citada
S ou s	série
s/d	sem data
W	coroa de louros

INTRODUÇÃO

A romanização do território hoje em dia abrangido pelo Noroeste de Portugal, se bem que tardia, foi intensa, e um dos aspectos mais relevantes do fenómeno de interacção cultural então registado foi a introdução da moeda nos finais da época republicana e a sua vulgarização após as campanhas de Augusto¹. A partir desta época, com maior ou menor intensidade, nunca mais a moeda deixa de estar presente, atestando uma economia mais avançada, em que os contactos com o exterior são frequentes e em que os produtos e os serviços passam a ter um valor monetário, objectivo, deixando para trás o sistema tradicional da troca directa².

São frequentes os achados de moeda romana no Noroeste português, quer devido ao rigor da escavação de sítios romanizados, quer devido ao acaso, normalmente na realização de trabalhos agrícolas ou de obras públicas e construção civil. Nuns casos, trata-se de moedas perdidas e não recuperadas, caídas de um bolso ou de um porta-moedas; noutros casos trata-se de deposições votivas em contextos funerários, prática corrente nos funerais pagãos em que era obrigatório o pagamento a Caronte pela travessia do rio que separava o mundo dos vivos do mundo dos mortos³, e que perdura mesmo para lá da mudança do rito de incineração para a inumação cristã, sendo ainda frequente na Idade Média; outras vezes, trata-se de conjuntos de moedas reunidos ao longo do tempo, poupanças de indivíduos ou famílias, encerrados em contentores de vários tipos, e que podem ir desde a vulgar panela de cozinha, em barro, até recipientes em vidro, passando por contentores metálicos, bolsas em materiais perecíveis, ou uma simples ranhura na parte superior de uma mó manual⁴.

¹ Rui M. S. Centeno, *Circulação Monetária no Noroeste da Hispânia até 192*, (Anexos Nummus), 1, 1987, p. 187.

² P. Soares Martinez, *Economia Política*, Almedina, 1991, p. 522.

³ O depósito de moedas na sepultura é uma tradição antiga que remonta à antiguidade grega, mas o facto do seu uso se ter expandido para lá da Grécia e de Roma, implantando-se mesmo fora da área mediterrânica, sugere uma outra interpretação: o óbolo é também, simbolicamente, o que restou do velho costume de enterrar os mortos com o conjunto dos seus bens. Cfr. Jean Prieur, *La mort dans l'antiquité romaine*, Ouest-France, 1986, p. 30

⁴ Achado em Arouca, trata-se de um pequeno depósito de 20 moedas, balizadas cronologicamente entre 337 e 383 d.C. Cfr. A. Manuel S. P. Silva, Um pequeno tesouro monetário tardo-romano de Arouca (Aveiro). *Nummus*, 2ª S.. XII/XIII, Porto, 1989-90, pp.29-37.

Estas poupanças correspondem a um fenómeno perfeitamente natural e corrente em qualquer tipo de economia monetarizada, para mais sabendo-se que na época romana, fora dos grandes centros, ainda não estava difundida a prática bancária: assim sendo, os particulares recorriam normalmente ao processo de retirarem numerário de circulação, juntando-o em sua casa, num processo que podia ser rápido ou longo, e em quantidades maiores ou menores, dependendo da capacidade de entesouramento de cada um, mas a que presidiam quase sempre objectivos bem concretos, que podiam ir desde o investimento num negócio, a compra de terras ou de gado, ou consistir simplesmente na constituição de uma reserva para tempos difíceis ou ocasiões excepcionais, como os maus anos agrícolas, razão de endividamento e fulcro das questões agrárias desde a época republicana.

Retiradas da circulação corrente, as moedas reentravam em circulação quando era necessário cumprir os objectivos para que tinham sido reunidas, mas, em períodos conturbados, social, política ou militarmente, estes conjuntos a que normalmente chamamos *tesouros*, eram cuidadosamente guardados em locais a que só o seu possuidor teria acesso, e que variavam desde a própria casa - quantas vezes no forro do tecto, ou debaixo de uma soleira - até aos campos circunvizinhos, onde um acidente físico ou geográfico serviria para assinalar o local de ocultamento⁵. A perda da memória do sítio ou a morte do proprietário fizeram com que esses conjuntos chegassem intactos até nós e fossem alvo quer da ignorância e cupidez dos seus achadores, quer do estudo metódico, científico e apaixonado de arqueólogos e numismatas.

A sua composição e a sua estrutura podem reflectir a circulação monetária na região e na época do entesouramento, ou ainda a valorização específica de certas peças que o compõem. Para além disso, reflectem o estado da economia da época, períodos inflacionários ou deflacionários, guerra ou paz, prosperidade ou penúria.

Se até aos finais do século II dC. estavam recensados 58 tesouros no Norte de Portugal (Centeno, 1987), compostos maioritariamente por moeda em prata, pouca em ouro e alguma em *Æ*, é nos séculos IV e V que nesta área se regista o aparecimento de um maior número de tesouros, compostos quase exclusivamente por numerário em bronze, reflexo de uma tendência que julgamos normal numa economia monetarizada em que a moeda é uma reserva de valor, da rarefacção dos metais preciosos e também da instabilidade política do período, acrescida da insegurança provocada pelas invasões bárbaras.

Ao mesmo tempo, aumenta significativamente o número médio de peças em cada tesouro, sendo frequente o aparecimento de várias dezenas de quilos de moedas num mesmo contentor, o que para além de poder significar um certo índice de riqueza do seu titular indicia mais seguramente um período altamente inflacionário. Para além disso, talvez se possa ainda relacionar este aumento do número de peças nos tesouros dos séculos IV e

⁵ Cfr. Anne S. Robertson, Romano-British coin hoards: Their numismatic, archaeological and historical significance, *Coins and the Archaeologist*, (BAR 4), Londres, 1974, pp. 12-36.

V com a provável relação entre o *solidus* de ouro e o bronze, fixada, por exemplo, pela equivalência 1 *solidus*=25 libras de bronze, ou seja, 7200 *scrupuli* de bronze, consignada por uma lei do Código Teodosiano de 396. O valor do *solidus* era então fixado não em relação a um certo número de peças de bronze mas em relação a um certo peso em bronze. Compreende-se assim a inclusão em tesouros dos finais do século IV e do século V de quantidades significativas de numerário da primeira metade do século IV, por vezes em bastante mau estado e muito desgastado por uma circulação intensa, além de algumas imitações grosseiras, podendo-se encarar alguns destes conjuntos como depósitos de metal sem atender ao valor facial das moedas⁶.

A investigação numismática sobre depósitos monetários dos séculos IV e V em Portugal

Desde o século passado que se referenciam em periódicos e na literatura arqueológica especializada notícias ao aparecimento de tesouros de moedas romanas um pouco por todo o país, datando de 1908 a primeira referência de conjunto ao achado de tesouros monetários no norte de Portugal⁷, seguindo-se-lhe cronologicamente a listagem de 33 tesouros publicada por Afonso do Paço⁸ em 1953 e recolhida por F. da Bouza-Brey⁹ ainda no mesmo ano, a relação apresentada por Abel Viana¹⁰ em 1955 e a obra fundamental de M. de Castro Hipólito¹¹ em 1960-61, recenseando 139 tesouros em Portugal, sendo 61 atribuíveis aos séculos IV e V dos quais 41 encontrados a norte do rio Douro.

Este número aumenta em 1974 com a publicação das *Fouilles de Conimbriga*¹², que para esta época enumera 71 tesouros e 4 casos de achados de *solidi* isolados, mas referenciando a norte do Douro apenas 37 tesouros, pois elimina 4 notícias divulgadas por Hipólito unicamente com a referência genérica ao século IV. Destes 37 tesouros, 30 foram

⁶ R. Delmaire, Un trésor d'ÆS 4 au Musée de Boulogne-sur-Mer (Notes sur la circulation monétaire en Gaule du Nord au début du V.e siècle), *Trésors Monétaires*, V, Paris, 1983, p.141. Sobre este assunto, ver também J.-P. Callu, Problèmes monétaires du quatrième siècle (311-395), *Transformations et conflits au IVe siècle ap. J. C. (Bordeaux, 1970)*, *Antiquitas*, 1, Bonn, 1978, p. 124.

⁷ M. de Oliveira, Tesouros encontrados em alguns castros do Norte de Portugal, *Portugalia*, II, Porto, 1905-1908, pp. 666-668.

⁸ A. do Paço, Citânia de Sanfins, *Brotéria*, Vol. LVI, 6, 1953, p. 673-689.

⁹ F. da Bouza-Brey, Los tesorillos de monedas romanas de Tremeoedo y Sarandon y su significado histórico en Galicia, *III CAN (Galicia 1953)*, Zaragoza, 1955, pp. 385-391.

¹⁰ A. Viana, Denarii do Museu Regional de Beja, *Arquivo de Beja*, Vol. XII, Beja, 1955, p. 140-163.

¹¹ Mário de Castro Hipólito, Dos tesouros de moedas romanas em Portugal, *Conimbriga*, Vol. II-III, 1960-61, p. 1-166.

¹² I. Pereira, J.-P. Bost, J. Hiernard, *Fouilles de Conimbriga, III. Les Monnaies*, Paris, 1974, p. 305-308.

encontrados no noroeste de Portugal, entre o rio Douro a sul, o rio Minho a norte e o rio Tâmega a leste, na área normalmente conotada com a Cultura Castreja, tendo sido muitos desses tesouros encontrados precisamente no perímetro ou nas imediações de castros reocupados por esta época .

Em 1989, M. Abad Varela¹³ apresenta uma relação de 85 depósitos monetários ou notícias sobre o seu aparecimento, referenciando 43 a norte do Douro dos quais 33 no Noroeste. Aos já conhecidos para esta área, Abad Varela acrescenta apenas um tesouro à Citânia de Sanfins¹⁴, e o da Quinta do Cravinho, em Braga, esquecendo o tesouro da Citânia do Monte Mózinho publicado por Sérgio Lira em 1985¹⁵ e ainda a referência de Hipólito ao tesouro de Miragaia, talvez por demasiado vaga¹⁶, o que elevaria a contagem para 35. Considera, no entanto, como tesouro também de Monte Mózinho, a referência que Mateu y Llopis¹⁷ publica com o nº 270 - e que I. Pereira também inclui nas *Fouilles* - a 30 moedas que terá visto no museu de Penafiel e que correspondem realmente, como adiante veremos, ou a moedas de escavação ou a parte de um dos tesouros aí aparecidos, bem como um conjunto de 10 moedas encontradas em contexto funerário¹⁸.

Infelizmente, não têm sido muitos os investigadores a debruçarem-se sobre esta problemática em Portugal, o que reflecte um pouco a panorâmica do estudo da Numismática Antiga entre nós, circunscrito às cadeiras de Numismática nos cursos de História e Arqueologia das Universidades do Porto, Coimbra e Lisboa, aos Gabinetes de Numismática da Fundação Calouste Gulbenkian e da Câmara Municipal do Porto, e ainda ao entusiasmo de alguns coleccionadores e estudiosos agrupados à volta da Sociedade Portuguesa de Numismática¹⁹.

Em relação à circulação monetária no Noroeste de Portugal, estudada na obra de Rui Centeno²⁰ sobre o Noroeste da Hispânia mas apenas até ao ano de 192, não há ainda uma visão de conjunto para os séculos IV e V²¹, apesar da abundância de dados existentes, devidos quer a achados casuais quer ao desenvolvimento qualitativo e quantitativo que a

¹³ M. Abad Varela, *Circulacion monetaria en la Hispania romana del siglo IV d.C.* (Microficha), Madrid, 1989, pp. 1445-1514.

idem, Algunas cuestiones sobre las tesaurizaciones durante el siglo IV d.C. en Hispania, *VII CNN - Memoria*, Madrid, 1989, p. 235-252.

¹⁴ A. C. Ferreira da Silva, Rui M. S. Centeno, *Escavações Arqueológicas na Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira), 1977-1978*, Porto, 1980, p. 23.

¹⁵ S. Lira, Um tesouro monetário romano do Monte Mózinho, *Nummus*, 2º S., VII/VIII, Porto, 1984-1985, p. 59-75.

¹⁶ Hipólito 59, *op. cit.* p 47.

¹⁷ Mateu y Llopis, H. M., *Ampurias*, IX-X, 1947-1948, nº 270.

¹⁸ M. Abad Varela, *op. cit.* nota 13, p. 1465, nº 34. Ver ainda C. A. Ferreira de Almeida, *Escavações no Monte Mózinho*, Penafiel, 1974, p. 39-41.

¹⁹ Sobre o panorama da investigação numismática em Portugal, ver Rui M. S. Centeno, *A Numismática Antiga: um balanço da investigação em Portugal*, *Acta Numismática*, Barcelona, 1993, pp. 63-75.

²⁰ *Op. cit.* nota 1.

arqueologia tem conhecido entre nós nos últimos anos. A publicação esporádica de um ou outro conjunto monetário em revistas da especialidade revela uma situação que contrasta com o que se passa, por exemplo, no Norte de Espanha, onde, apesar de também não haver ainda uma visão de conjunto, uma série de autores tem tratado o tema, dos quais podemos destacar os trabalhos de F. Fariña Busto²², Milagros Cavada Nieto²³, Juan José Cepeda Ocampo²⁴, e Carmen Fernández Ochoa²⁵, que têm contribuído para um melhor conhecimento das condições de circulação da moeda nesta área, na época Baixo-Imperial. Assim, apesar de desactualizado pelos achados dos últimos 30 anos, o trabalho de M. de Castro Hipólito continua a ser uma publicação de referência para o estudo dos tesouros monetários romanos em território português.

Para além dos autores espanhóis, são poucos os investigadores que têm tratado o tema, sendo de destacar a listagem elaborada por Nony²⁶ em 1968 e as referências de J. P. C. Kent²⁷ em *RIC VIII*, para o período constantiniano, baseado numa comunicação de J. P. Bost *et alii*²⁸ ao Symposium Numismatico de Barcelona. Se com base neste artigo Kent traça uma breve panorâmica da cunhagem e circulação monetária em Espanha e Portugal, é apoiando-se nas *Fouilles de Conimbriga* que publica dados referentes ao tesouro C de *Conimbriga*, publicando também dados referentes a 207 moedas do Monte Mózinho,

²¹ Para o Noroeste de Portugal, conhecemos apenas um único trabalho sobre circulação monetária no século IV publicado em 1979 por I. Pereira e J.-P. Bost, elaborado a partir do estudo das colecções numismáticas do Gabinete de Medalhística do Museu Municipal do Porto, que integravam vários tesouros, entre os quais o de Vila da Rua, aliás nomeado pelos autores; acontece que este tesouro foi encontrado em Moimenta da Beira, a sul do Douro, pelo que os resultados apresentados não podem, em rigor, espelhar a circulação monetária a norte deste rio. Cfr. I. Pereira e J.-P. Bost, *Aspects de la circulation monétaire du 4e. siècle au Nord du Douro, Symposium Numismatico de Barcelona*, II, Barcelona, 1979, pp. 87-94.

²² F. Fariña Busto, *Algunos aspectos de la circulación monetária en Galicia durante el siglo IV d. C., Nymisma*, XXIII-XXIV, 120-131, 1974

²³ M. Cavada Nieto, *Hallazgos monetarios en Galicia, BSAA XXXVIII*, 1972, pp. 211-248.

idem., *Galicia Romana: Circulación Monetária* (Extracto de la memoria presentada para optar al grado de Doctor en Filosofía y Letras, sección História), Univ. Santiago de Compostela, 1973.

ibidem, *Recientes hallazgos monetarios en Galicia, Nymisma*, XXIII-XXIV, 1973-74, pp. 183-90.

²⁴ J. J. Cepeda Ocampo, *Moneda y circulación monetária en el país vasco durante la Antigüedad (siglos II a.C. - V d.C.)*, Bilbao, 1990.

²⁵ C. Fernández Ochoa, *La numismática romana de Asturias: una aproximación a su estudio, CPA* 4, 1977, pp. 128-68.

idem, *Asturias en la época romana*, Monografías Arqueológicas 1, Madrid, 1982.

²⁶ D. Nony, *Acerca de la circulación de la moneda en Lusitania a fines del siglo IV, XI CNA, Mérida 1968*, Zaragoza., 1970, pp. 831-834.

²⁷ J. P. C. Kent, *The Roman Imperial Coinage*, VIII, London, 1981, pp. 93, 103 e 115.

²⁸ J. P. Bost, M. Campo, J. M. Gurt, *La circulación monetaria en Hispania durante el período romano-imperial: problemática y conclusiones generales, Symposium Numismatico de Barcelona*, II, 1979, pp. 174-201.

utilizando como fonte o artigo de I. Pereira²⁹ sobre os achados monetários nesta estação. Além de citar incorrectamente este artigo com data de 1973, acontece que I. Pereira não publica nenhum conjunto monetário ou tesouro de 207 moedas, antes pelo contrário, revela 2 tesouros, que denomina de A e B, com 29 e 125 moedas, respectivamente, classificando ainda 174 moedas encontradas num mesmo nível arqueológico e 73 moedas avulsas. Não entendemos muito bem qual o critério de selecção de Kent para “escolher” as 207 moedas apresentadas, ainda por cima atribuindo à casa da moeda de Londinium apenas 9 moedas, quando I. Pereira neste artigo refere um total de 10 moedas aí emitidas. A mais recente publicação de *RIC X*³⁰ pelo mesmo autor incorpora, porém, alguns dados novos em relação a Portugal para o período 395-491 d.C., citando os achados de Rencovo³¹, Marim (Quelfes)³², Conimbriga³³ e Beja³⁴.

Limites geográficos, balizas cronológicas e metodologia

Sentindo o vazio existente, elegemos a circulação monetária neste período da romanização do Norte de Portugal como tema da dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 1996. Só que os 43 depósitos monetários baixo-Imperiais referenciados em 1989 por Abad Varela para a área portuguesa a norte do rio Douro transformaram-se em muitos mais, alguns deles constituídos por muitos milhares de moedas³⁵, tesouros esses complementados com mais alguns milhares de numismas resultantes da escavação de grandes necrópoles e de ainda mais uns milhares provenientes da escavação de cidades romanas, para já não falar das moedas provenientes de escavações noutras estações arqueológicas.

²⁹ Isabel Pereira, Achados monetários no Monte Mozinho, Penafiel, *Conimbriga*, XIII, 1974, pp. 75-166.

³⁰ J. P. C. Kent, *The Roman Imperial Coinage*, X, London, 1994

³¹ J. P. Bost, M. Campo e J. M. Gurt, Hallazgos de *aurei* y *solidi* en la Península Ibérica: introducción a su circulación en época imperial, *Numisma*, 1983, pp. 137-176.

³² Hipólito, *op. cit.*, nº 137, pp. 91-92

³³ I. Pereira et alii, *Fouilles de Conimbriga, III. Les monnaies*, 1974 e J. Hiernard, Conimbriga: monedas y excavaciones antiguas (1930-1944 y 1959-1962) y franco-portuguesas (1964-1968), *Symposium Numismatico de Barcelona*, I, Barcelona, 1979, pp. 139-151.

³⁴ J. M. Valladares Souto e J. M. Ferreira Leite, Notícia de um tesouro de *solidi* aparecido em Beja, *Nummus*, IX-X, 1986/87, pp. 111-113.

³⁵ Damos como exemplo o tesouro de moedas dos séculos IV e V encontrado na década de 50 nas obras de construção do Tribunal do Trabalho, na praca junto à fachada sul da Sé de Braga, constituído por cerca de 30.000 exemplares em bronze. Tendo na época dado entrada nos fundos do Museu D. Diogo de Sousa, em Braga, depois de vicissitudes várias, foi re-identificado por J. J. Rigaud de Sousa, quando procedia ao inventário dos depósitos do Museu, a quem agradecemos a informação. Inédito.

A verdadeira explosão, se assim lhe podemos chamar, da actividade arqueológica em Portugal a partir dos anos 70, com a prospecção e escavação sistemática de sítios utilizando modernas metodologias científicas, contribuiu grandemente para um aumento avassalador dos achados.

Este facto obrigou-nos a reequacionar o problema, pois extravasava o âmbito e a necessária limitação de uma dissertação de Mestrado. Em primeiro lugar, face à vastidão de dados disponíveis para o *Conventus Bracaraugustanus*, ao fim e ao cabo uma unidade administrativa que englobava a totalidade do noroeste português³⁶, havia que circunscrever a investigação a uma área mais reduzida, procurando-se uma certa homogeneidade geográfica que ao mesmo tempo tivesse uma forte correspondência arqueológica, isto é, que fosse uma zona de intensa romanização, com um modelo de povoamento variado, em que à reocupação de certos povoados de altitude correspondesse uma dispersão na meia-encosta e nos vales, sinónimo da adopção plena de um novo tipo de agricultura e de um novo modelo económico, abundantemente monetarizado.

Tomando o rio Douro como limite sul, escolhemos assim uma área delimitada a norte pelo rio Ave, e a leste pelo rio Tâmega e pela ribeira de Basto (Fig. 1). Geograficamente, é uma zona que faz a transição do litoral para o *interland* minhoto e transmontano, apresentando uma paisagem variada, com altitudes que apenas ultrapassam os 800 metros a nordeste, nos montes de Fafe e na região de Basto, já na passagem para Trás-os-Montes. Quer o vale do Douro quer o vale do Tâmega são vales encaixados, de margens altas e montanhosas, contrastando com o vale do Ave e os vales do Vizela, Leça, Sousa³⁷, e Ferreira, geralmente abertos, de margens baixas, verdadeiras vias de penetração para um interior fértil, onde predominam solos de espessa cobertura e elevada aptidão agrícola.

Para o período que nos importa analisar, e que balizámos entre 294, data da reforma monetária de Diocletianus, e as perturbações suévicicas de 455 a 468, verificamos nesta região um modelo de povoamento em que assistimos desde os finais do século III e durante o século IV à reocupação de alguns grandes castros de altitude, caso de Alvarelhos, Monte Mózinho, Citânia de Sanfins e Senhor dos Perdidos, bem como ao proliferar de pequenos assentamentos em terrenos de meia encosta, a que nalguns casos continuamos a chamar castros, aparecendo-nos ainda assentamentos tipicamente romanos como os *casais* e as *villas*. A reocupação de alguns castros a partir dos finais do século III tem como principal razão a insegurança gerada pela crise intensa em que o Império está mergulhado e o medo sentido com a aproximação das invasões bárbaras. Se o noroeste peninsular parece não ter sofrido directamente as investidas dos Francos e Alamanos, não escapou aos ataques de piratas que

³⁶ Englobando ainda parte de Trás-os-Montes e Galiza, até à ria de Pontevedra. Cfr. Alain Tranoy, *La Galice Romaine*, Paris, 1981, pp. 150-167 e 402-403, além de Jorge Alarcão, O Domínio Romano, Portugal, das origens à romanização, (*Nova História de Portugal*, I), pp. 383-384.

³⁷ Cfr. José Marcelo S. Mendes Pinto, O povoamento da bacia superior do rio Sousa, da proto-história à romanização, *Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular*, V, (*Trabalhos de Antropologia e Etnografia*, Vol. 35, fasc. 1), Porto, 1995, pp. 265-292.

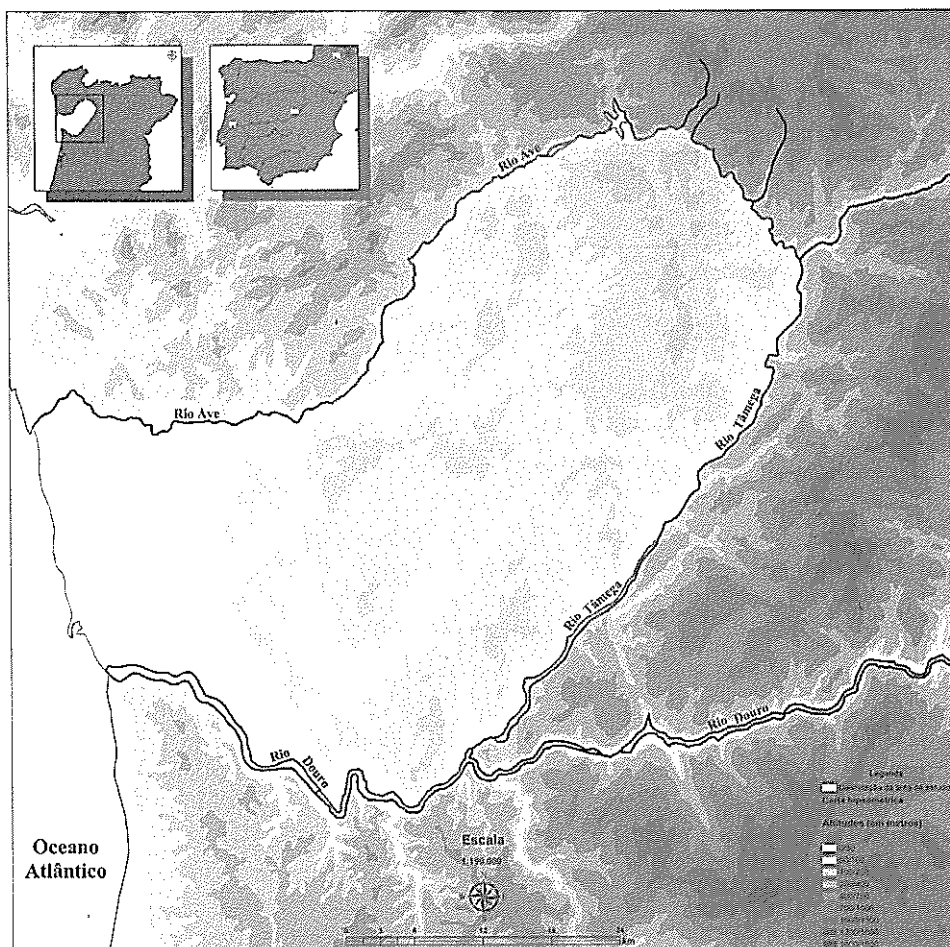


Fig. 1 - Entre Douro, Ave e Tâmega

assolaram o seu litoral e aos efeitos da guerra civil dos tempos de Probus³⁸. Porém, é quase generalizada a ocupação dos cimos no século IV e nos inícios do V devido à guerra civil que grassa na Hispânia em 407 entre as tropas de Honorius e os partidários de Constantinus III e de seu filho Constans. Em 409, Suevos e Vândalos Asdingos irrompem na Península, acabando por partilhar a Callecia em 411.

É, portanto, num ambiente profundamente romanizado que assistimos a uma monetarização total da economia, traduzida na repercussão quase imediata dos eventos políticos e monetários da Roma Imperial e detectada arqueologicamente nos tesouros aqui achados e, como atrás dissémos, nas moedas provenientes da escavação de castros, cidades e necrópoles romanas desta região.

Em segundo lugar, se a redução da área geográfica em estudo já diminuía consideravelmente o volume de dados em apreço, este ainda se apresentava demasiado volumoso, além de muito disperso: poucos tesouros desta região se encontravam publicados, o mesmo sucedendo com as necrópoles e moedas provenientes das escavações arqueológicas das estações romanizadas, com acesso muitas das vezes quase impossível. Assim sendo, tornava-se difícil um exame exaustivo do numerário aparecido nesta região, o que, aliado ao facto de a análise de tal volume de dados obrigar a extravasar em muito o âmbito de um trabalho deste tipo, nos levou a excluir as moedas de escavação e das necrópoles, inviabilizando desde logo um estudo de circulação monetária.

Para o nosso estudo, considerámos sómente como tesouros os depósitos monetários fechados sinónimos de um entesouramento deliberado ao longo de um determinado período de tempo, não entrando em linha de conta com as moedas avulsas encontradas em escavação ou com os depósitos funerários, alguns dos quais extremamente avultados³⁹, encontrados nas numerosas necrópoles detectadas na região. Porém, como veremos, e a nível de inventário, mantivémos em apêndice, para a zona em estudo, as notícias de dois conjuntos monetários até agora referenciados na bibliografia especializada como tesouros, na linha da definição de Grierson⁴⁰, mas que a orientação metodológica por nós adoptada obriga a considerar apenas como simples depósitos funerários.

³⁸ J. de Alarcão, *O domínio Romano em Portugal*, Lisboa, 1988, p. 30.

³⁹ Rui M. S. Centeno, Um Conjunto de Moedas Romanas de Valinho (Bostelo, Amarante): Tesouro ou Depósito Funerário?, *Entremuros* 1, Amarante, 1990. O autor, baseado no estudo que presentemente desenvolve sobre a necrópole de Montes Novos (Croca, Penafiel), verifica a substituição do óbulo a Caronte pela deposição num ou mais contentores de um número variável de moedas- que por vezes aparecem espalhadas soltas pela sepultura mas sem nunca ultrapassar os 100 exemplares-, aventando a hipótese desta modificação estar relacionada com a “generalização da inumação e gradual abandono da incineração nas sepulturas do século IV”.

⁴⁰ Para este autor, qualquer conjunto de moedas escondido em bloco constitui um tesouro. Assim sendo, considera os depósitos monetários de carácter funerário como “tesouros” abandonados voluntariamente, não havendo por parte de quem fez a deposição qualquer intenção de voltar a recuperar as moedas que os compunham. Philip Grierson, *Monnaies et Monnayage - Introduction a la numismatique*, Paris, 1976, pp. 170-178.

I PARTE
INVENTÁRIO
DOS
TESOUROS MONETÁRIOS

NOTA EXPLICATIVA

Defende Abad Varela⁴¹ a ideia de que os tesouros se devem agrupar em três grandes categorias: os tesouros completos, isto é, aqueles que formam um conjunto fechado do qual chegou até nós a totalidade das peças que o compõem; os tesouros parciais, que são aqueles de que unicamente se conhece uma parte do depósito; e as notícias, que compreendem todos os tesouros ou depósitos monetários dos quais temos muito pouca informação, com um valor relativo, dado não haver possibilidade de estudar as moedas que deles faziam parte, por se lhes ter perdido o rasto, e também não se conhecer a sua estrutura.

O inventário que apresentamos é composto por 9 notícias de tesouros de que se não conhece qualquer moeda, 12 tesouros parciais, 2 tesouros completos - apesar de um deles ainda não estar totalmente estudado (Alvarelos 2) -, e ainda os três tesouros da Citânia do Monte Mózinho, que devido à deficiente metodologia de análise do seu achador e à escassez de informação que legou, não sabemos bem em qual das duas últimas categorias enquadrar, como teremos ocasião de ver. Em apêndice, incluímos a referência a dois depósitos funerários até agora sempre considerados na bibliografia especializada como tesouros⁴².

A elaboração deste inventário foi organizada começando por atribuir um número de ordem a cada conjunto monetário encontrado na área escolhida para o nosso estudo, ao qual se segue, numa ordenação alfabética, o nome correspondente ao topónimo pelo qual o conjunto monetário é conhecido, na maior parte dos casos coincidente com o nome do lugar do seu achado, vindo depois a menção ao distrito, concelho e freguesia a que pertence o lugar do achado, expressos a seguir pelo Código de Divisão Administrativa. Esta nomenclatura territorial é composta por três níveis hierárquicos, que respeitámos por esta ordem: Distrito, Município e Freguesia, cada um deles identificado por um código numérico de dois dígitos⁴³.

⁴¹ Manuel Abad Varela, *Circulacion monetaria en la Hispania romana del siglo IV d.C.*, Madrid, 1989, p. 1447 (Microficha).

⁴² Nomeadamente em Castro Hipólito e nas *Fouilles de Conimbriga*.

⁴³ *Nomenclaturas Territoriais: Designações e Códigos*, INE, Lisboa, 1998. No código da Divisão Administrativa aprovado pela Deliberação nº 86 de 15/12/1994 do Conselho Superior de Estatística, publicada no Diário da República nº 41/95, II Série, de 17 de Fevereiro, foi posteriormente alterada a designação de 2º nível (concelho=município) pela 301ª Deliberação do Conselho Superior de Estatística de 27 de Janeiro de 2006, o que implicou a actualização dessas referências

Segue-se uma pequena notícia sobre o depósito monetário, apoiada sempre nas fontes originais, indicando às circunstâncias do achado, a data de descoberta e número de moedas, sendo acompanhada de um comentário, por vezes crítico, sobre opiniões e estudos anteriormente realizados. Por último, referencia-se, sempre que possível, o local de depósito dos conjuntos monetários referidos bem como a bibliografia publicada que a eles diz respeito, indicando todo o material inédito estudado pessoalmente. Representando cerca de 50% do total, este é constituído pelos tesouros de Bustêlo, Carvalho, Castro de Alvarelhos 2, Castro de Guifões, Citânia de Terroso, Guilhabreu, Monte Crasto, Quinta do Bairro e Monte do Senhor dos Perdidos, totalizando 1583 moedas.

Do tesouro do Castro de Alvarelhos 2, por gentileza do Dr. Álvaro Moreira (Museu Abade Pedrosa, Santo Tirso), conseguimos ver e classificar 612 moedas dum total estimado entre 1500 e 1700, encontrando-se as restantes em tratamento, o que inviabilizou o seu estudo dentro dos prazos exigidos para este trabalho. Contudo, estas 612 moedas constituem uma amostra perfeitamente aleatória, de que publicamos os dados genéricos relevantes para este trabalho, reservando-se a publicação da totalidade do seu catálogo para um estudo monográfico que a importância deste tesouro exige. Para além deste material, apresentamos ainda dados inéditos sobre os tesouros do Castro da Vila e Citânia de Sanfins 2, publicando também o catálogo das 9 moedas da Quinta de Vilar d'Allen, sumariamente descritas por D. Domingos de Pinho Brandão, além de adaptarmos os catálogos das moedas de Monte Mózinho 1 e 2, originalmente publicados por I. Pereira⁴⁴. Em Apêndice, incluímos ainda o catálogo do depósito funerário do Monte da Lapeira, até agora sempre referenciado na bibliografia especializada como tesouro. No total, o nosso trabalho incide, assim, sobre um universo estatístico de 3112 moedas.

Organização dos catálogos das moedas

Na elaboração do catálogo, procurámos resolver alguns dos problemas inerentes à tradicional publicação de moedas em Portugal, levando em conta as vantagens de uma forma de descrição das moedas que fosse de fácil leitura e consulta rápida, isto é, que aliasse um certo poder de síntese à concisão dos elementos.

Pensamos tê-lo conseguido através da adaptação do modelo de catálogo do tesouro de Coleshill⁴⁵. Publicado em Inglaterra em 1992, este tipo de catálogo permite, quanto a nós, uma identificação eficaz de cada moeda, incluindo-a num dado período monetário e agrupando-a dentro de cada período pelas respectivas casas da moeda responsáveis pela sua

⁴⁴ Isabel Pereira, Achados Monetários de Monte Mozinho, Penafiel, *Conimbriga*, XIII, Coimbra, 1974, p. 74-166.

⁴⁵ Publicado por C. E. King, Coleshill, Warwickshire, *The Chalfont Hoard and other Roman coin hoards*, (*Coin Hoards from Roman Britain Series*, 9), London, 1992, pp. 242-278.

emissão. Em cada casa da moeda, utilizámos dois traços horizontais (- -) para representar os lados esquerdo e direito do campo do reverso, substituindo-os por letras e símbolos sempre que é o caso, e separando-os das letras e símbolos do exergo através de duas barras (//). As moedas são agrupadas pelas siglas constantes dos respectivos exergos.

Segue-se a introdução de um número de seriação da moeda dentro do tesouro (*N*^o), após o que aparece a denominação da moeda (*Den*), consoante se trata de um *antoninianus* (*Ant*), de um *nummus* (*N*), ou de moedas conhecidas pelo seu módulo (*Æ1*, *Æ2*, *Æ3*, *Æ4*)⁴⁶. Optámos por não transcrever a legenda do anverso das moedas, adoptando a abreviatura *Gov* (governante) para indicar sob que mandato a moeda foi emitida, o que permitiu incluir as séries urbanas, após o que aparece a legenda do reverso, embora não respeitando as partições originais. Pretendeu-se, acima de tudo, uma leitura identificadora e não uma transcrição literal. As oficinas responsáveis pelo seu fabrico são numeradas⁴⁷ pelas letras do alfabeto latino ou grego, consoante se trata de casas da moeda ocidentais ou orientais, respeitando a simbologia da época. As letras *P*, *S*, *T* e *Q* são as iniciais de *prima*, *secunda*, *tertia* e *quarta*, adoptando, porém, a casa monetária de Roma as letras *B*, *E* e *S* para designar, respectivamente, as suas segunda, quinta e sexta oficinas, designadas muitas vezes por extenso nos finais do século IV (*R PRIMA*, etc). Sempre que a oficina é desconhecida, é assinalada por (?).

O catálogo internacional pelo qual cada moeda foi classificada é designado pela respectiva abreviatura (exemplo: *RIC*). Aparece por último o total do número de exemplares de cada moeda, sendo de assinalar que as contagens totais por período, casa da moeda e exergo acompanham sempre as respectivas menções.

Apesar das moedas se encontrarem incluídas em grandes períodos monetários, há que referir que na sua classificação se adoptaram as cronologias mais finas ou mais seguras a elas atribuídas por *LRBC* e *RIC X*⁴⁸, os catálogos de publicação mais recente⁴⁹. Para além disso, algumas moedas são classificadas estilística e iconograficamente através da obra de Guido Bruck⁵⁰, que, não apresentando nenhuma numeração específica para cada tipo iconográfico, obrigou à simples menção da página.

⁴⁶ Utilizamos aqui as designações adoptadas a partir da escala de Mionnet para a classificação das moedas pelo seu módulo. T. E. Mionnet, *Description des medailles antiques grecques et romaines*, Paris, 1806-1837, 16 vol.

⁴⁷ Trata-se de uma influência assimilada pelo sistema latino do sistema grego, que contava através do posicionamento das letras no alfabeto. Cfr. R. Reece, *Identifying Roman Coins*, London, 1986, p. 17.

⁴⁸ Nos casos em que tal aconteceu, apesar de a cronologia indicada ser dada por *LRBC*, por uma questão de normalização, mantivemos a classificação *RIC*.

⁴⁹ Datando a sua republicação de 1989, com inclusão de novos materiais e dados, o *LRBC* corrige e afina algumas datações dadas por *RIC VIII* e *IX*, o mesmo se passando com *RIC X*, aparecido em 1994, corrigindo algumas datações para as emissões finais do século IV e para as moedas do século V.

⁵⁰ Guido Bruck, *Die Spätromische Kupferprägung*, Graz, 1961, pp. 1-101.

Resta acrescentar que utilizámos o estilo *bold* para realçar os vários períodos monetários, reservando o *itálico* para a designação em português de alguns tipos de reverso que não apresentam legenda, uma vez que esta é sempre transcrita

Periodização

Se a maior parte dos investigadores adopta a periodização estabelecida por Kent e Pearce em *RIC*⁵¹ a partir da morte de Constantinus I, por vezes adaptada à periodização apresentada por Hill, Carson e Kent em *LRBC*⁵² até finais do século V, a necessidade de agrupar emissões na organização de catálogos à escala regional ou mesmo local, aliada a um certo esforço de síntese, leva por vezes à apresentação de periodizações diversas, abrangentes umas, redutoras outras.

Estas disparidades justificam-se, quer pelos avanços que a investigação numismática tem conhecido, obrigando a rectificações nas balizas cronológicas de períodos, quer por entendimentos diferentes do que devem ser essas balizas cronológicas, para uns autores estabelecidas em função de eventos políticos, como sejam a ascensão ou queda de um imperador, para outros, determinadas por transformações da política monetária, reformas, introdução de novos tipos simbólicos e iconográficos ou cessação de certas emissões⁵³.

Procurando seguir as grandes linhas de periodização geralmente adoptadas, também nós sentimos a necessidade de efectuar certas adaptações, tendo em vista, por um lado, não particularizar demasiado, e por outro, tentando, sempre que possível, organizar os períodos levando em linha de conta uniformidades características, acontecimentos políticos relevantes e as suas repercussões na área geográfica em estudo, ou, como dissemos, eventos monetários marcantes como reformas ponderais e a introdução ou *terminus* de certas emissões.

As moedas mais antigas que entram na composição de 8 dos tesouros estudados são moedas dos reinados de Gallienus e Claudius II, pelo que entendemos que o ano de 260, data em que Gallienus assume sózinho o Império, deveria constituir o ponto de partida da nossa periodização, constituída por 19 períodos assim balizados:

⁵¹ J. P. C. Kent e J.W.E. Pearce, *The Roman Imperial Coinage*, Vol. VIII e IX, respectivamente.

⁵² P.V. Hill, R.A.G. Carson e J.P.C. Kent, *Late Roman Bronze Coinage, part II, A.D. 346-498*, New York, 1989.

⁵³ Sobre este problema da periodização geral e suas possíveis subdivisões, cfr. Richard Reece, *Roman Coins in Northern France and the Rhine Valley*, *NC*, XII, 1972, pp. 159-165; *idem*, *A short survey of the Roman coins found on fourteen sites in Britain*, *Britannia*, 3, 1972, pp. 269-276; *ibidem*, *Roman coinage in Britain and the Western Empire*, *Britannia*, 4, 1973, pp. 227-251.

Ver ainda G. Depcyrot, *Le numéraire gaulois du IVe siècle*, *BAR International Series*, 127 (1), Oxford, 1982.

I.	260-294	Início do reinado de Gallienus até à reforma monetária de Diocletianus, com a introdução do <i>nummus</i> ⁵⁴ .
II.	294-312/13	Até à morte de Maximinus e fim do sistema Tetrárquico. Redução ponderal do <i>nummus</i> (passa a 7,75 gr.)
III.	313-317	Guerra Civil e afirmação de Constantinus I. Desvalorização da moeda, com a lb. ouro=1.500.000 denários, e o <i>nummus</i> passa a 5,25 gr.
IV.	317-330	Reforma de Licinius; redução do valor facial do <i>nummus</i> constantiniano para 12,5 denários. Em 318, <i>nummus</i> com 3,4 gr. e um conteúdo de prata reduzido em 44%.
V.	330-335	Redução ponderal do <i>nummus</i> (passa a 2,48 gr.). Introdução do tipo GLORIA EXERCITVS.
VI.	335-337	Redução ponderal do <i>nummus</i> (passa a 1,61 gr.). Até à morte de Constantinus I (337).
VII.	337-341	<i>Nummus</i> com 1,64 gr. Reinado de Constantinus II, Constantius II e Constans.
VIII.	347-348	As séries VICTORIAE DD AVGG Q NN (Ocidente) e VOT/XX/MVLT/XXX (Oriente)
IX.	348-350	Introdução das séries FEL TEMP REPARATIO (Fénix e Galera), em bolhão e em bronze, com 3 módulos, $\text{Æ}2$ (grande e pequeno) e $\text{Æ}3$ de 2,42 gr.. Revolta de Magnentius (350).
X.	351-353/54	Redução do $\text{Æ}3$. Expansão do tipo FEL TEMP REPARATIO (FH). Queda de Magnentius e desmonetização dos $\text{Æ}2$ (354).
XI.	354-356	$\text{Æ}3$ FEL TEMP REPARATIO (FH) com 2,5 gr..
XII.	357-358	$\text{Æ}3$ FEL TEMP REPARATIO (FH) com M ($\pm 2,1$ gr.).
XIII.	358-361	Introdução do $\text{Æ}4$. O tipo SPES REIPVBLICE (<2 gr.).
XIV.	361-364	Reinado de Julianus. Reforma de 363 ($\text{Æ}3$ com 2,9 gr.).
XV.	364-378	Reforma de Valentinianus I, $\text{Æ}3$ com 2,3/2,4 gr. A casa de Valentinianus I até à morte de Valens e ascensão de Theodosius I.
XVI.	378-383	Reforma monetária de Gratianus. $\text{Æ}3$ com 2,25 gr. e $\text{Æ}4$ com 1,2 gr. Reinado de Gratianus. Valentinianus II e Theodosius I.
XVII.	383-395	Morte de Gratianus. Desaparecimento do $\text{Æ}3$, cunhagens de $\text{Æ}2$ de Magnus Maximus e generalização do $\text{Æ}4$. Reinado de Valentinianus II e Theodosius I com Arcadius.
XVIII.	395-408	Da morte de Theodosius à morte de Arcadius. $\text{Æ}4$ com 0,9 gr. Reinado de Honorius.
XIX.	post 408	Invasões suévikas e vândalas de 409 até às perturbações suévikas de 455-468.

⁵⁴ O termo *nummus* deve ser adoptado preferentemente ao usual *follis*. Mencionado no Papiro Ryland IV 607, designa correctamente a principal moeda em bolhão dos inícios do século IV, com o valor de 25 denários, sujeito a várias desvalorizações até à introdução do $\text{Æ}3$. Segundo o Papiro Panop. Beatty 2.301-302, de Março de 300, o termo *follis* designaria uma bolsa que continha moedas no valor de 1000 *nummi*. Cfr. Roger S. Bagnall, *Currency and inflation in fourth century Egypt*, (Bulletin of the American Society of Papyrologists, Supplements, 5), 1985, p. 12 e 17. Ver também R.G.A. Carson, *Coins of the Roman Empire*, London, 1990, p. 238.

Este quadro apresenta algumas diferenças em relação ao usual. Em primeiro lugar, dada a uniformidade da moeda do século III que integra os tesouros em estudo, formámos um único período entre 260 e 294, não havendo razão, verificando-se a ausência de material, para a criação do sub-período 275-294 adoptado por Reece⁵⁵. Parece-nos que a reforma de Diocletianus em 294 e o fim do sistema Tetrárquico, os Éditos e a redução ponderal dos inícios de 313 são marcos suficientemente importantes para justificar uma primeira subdivisão⁵⁶. Os anos que decorrem até 317 formam um novo período, em que a eclosão da rivalidade entre Constantinus e Licinius pelos Balcãs e consequente afirmação de Constantinus I são os factos políticos relevantes, acompanhados da desvalorização do *nummus* (5,25 gr.)⁵⁷ que reflecte a nova equivalência 1 lb ouro=1.500.000 *denarii*⁵⁸. Em 317/318, Licinius, no seu território, reduz o peso do *nummus* para 3,4 gr.⁵⁹, reduzindo também o seu conteúdo em prata cerca de 44%. Até 330, o período será marcado por várias desvalorizações, algumas mal documentadas, mas que vale a pena reter, apesar de não as considerarmos como marcos da nossa sub-periodização.

Segundo Bagnall⁶⁰, em 324 Licinius I reduz o peso do *nummus*, que passa a 3 gr., com um conteúdo de apenas 3,6 mg. de prata, e um valor facial de 12,5 denários, desvalorização essa que Crawford⁶¹ datava de 317. Após a derrota de Licinius, Constantinus I mantém o peso do *nummus* mas eleva o seu conteúdo em prata para 63 mg., atribuindo-lhe um valor facial de 100 denários. Estas moedas, para Bagnall, podem ser, talvez, as *centenionales*⁶² mencionadas nos éditos imperiais de 354 (*CTh* 9.23.1). Contudo, Bruun identificava-as com as emissões ocidentais e orientais dos reversos VICTORIAE LAETAE PRINC PERP⁶³, emitidas por Constantinus I, e por Licinius após o tratado de Serdica de 317, no que

⁵⁵ R. Reece, *op. cit.* na nota 53.

⁵⁶ No que estamos de acordo com Abad Varela, *Circulación monetaria...*, pp. 37-42, não seguindo Reece neste ponto, que considera os anos de 294 a 317 como um único período.

⁵⁷ Sobre este assunto, ver Roger S. Bagnall, *op. cit.* nota 51, p. 31.

⁵⁸ Cfr. Patrick M. Bruun, *RIC* VII, p. 11.

⁵⁹ Todas as reduções ponderais aqui apontadas, seguem Roger Bagnall, *op. cit.* nota 51, p. 31. e segs.

⁶⁰ *Op. cit.* nota 51, pp. 31-34

⁶¹ Michael H. Crawford, Ancient devaluations: a general theory, *Les "devaluations" à Rome - Époque républicaine et impériale*, École Française de Rome, 37, 1978, p. 153.

⁶² De notar que para Kent (1981, pp. 64-65) o termo *centenionales communes* designa provavelmente o bolhão constantiniano cunhado entre 318 e 348, preferindo Bagnall (1985, p. 44) para as moedas deste período o termo *nummus*, como vimos atrás, constatando que o termo *centenionales* não aparece nunca na documentação egípcia do século IV, que estuda detalhadamente, e que, a ter sido usada, apenas poderia designar a moeda constantiniana a partir da revalorização de 324. Recentemente, com a publicação de *RIC X* (1994), Kent verifica em *CTh* 9.23.1 a designação *centenionales nummus*, que identifica com os *Æ4* ocidentais emitidos desde os inícios do reinado de Maximus (383).

⁶³ Cfr. Patrick M. Bruun, Site finds and hoarding behaviour, *Scripta Nummaria Romana-Essays presented to Humphrey Sutherland*, London, 1978, p. 114.

concordava com Crawford, valendo metade das moedas com o reverso SOLI INVICTO COMITI, do período anterior, que teriam então o valor de 25 *denarii*⁶⁴.

Durante este período, Constantinus I afirma-se como único Augustus. Em 330, a consagração de Constantinopolis, que se traduz pela deslocação para Oriente do centro do poder político⁶⁵, inicia um novo período que se estende até 335, marcado pela introdução do tipo GLORIA EXERCITVS e das séries urbanas VRBS ROMA e CONSTANTINOPOLIS, e pela redução ponderal do *nummus* para 2,48 gr. Os anos que vão de 335 a 337 são marcados pela divisão do Império pelos três *Caesares*, Constantinus II (Oriente), Constans (Itália) e Constantius II (Ocidente), e por uma nova desvalorização do *nummus*, que passa a pesar apenas 1,61 gr.

Em 337, a morte de Constantinus I estabelece o início de um novo período, correspondente ao reinado de Constantinus II, Constantius II e Constans, que se estende até 341, com o *nummus* revalorizado em 1,64 gr.

Praticamente não havendo emissão de moeda até 347, o período seguinte que considerámos engloba os anos de 347-348, com as abundantes séries VICTORIAE DD AVGGQ NN (Ocidente) e VOT/XX/MVLT/XXX (Oriente). A partir daqui e até 358, com a revalorização da moeda e introdução da cunhagem dos tipos FEL TEMP REPARATIO, em bolhão e bronze, apresentando 3 módulos - Æ2 (grande e pequeno)⁶⁶ e Æ3 de 2,42 gr.-, dada a sua importância política, simbólica e numismática, adoptámos uma cronologia mais apertada⁶⁷, tendo como base a sua evolução modular e ponderal até à introdução do Æ4 com a série SPES REIPVBLICE.

Apresentamos assim os seguintes sub-períodos: 348-350, com os módulos Æ2 grande e pequeno e Æ3 correspondentes às séries FEL TEMP REPARATIO (Fénix e Galera), com pesos médios de 5,1 gr., 4,15 gr. e 2,45 gr. respectivamente; 351-353/54, com a introdução de um Æ3 do tipo FEL TEMP REPARATIO (FH)⁶⁸ com 2,5 gr. e as cunhagens de Magnentius; 354-356, com as abundantes emissões de Constantius II, os Æ3 FEL TEMP REPARATIO (FH3 e FH4), sem M no campo, com um peso médio de 2,4 gr.; 357-358, emissões FEL TEMP REPARATIO (FH3 e FH4), com M no campo e peso médio de 2,1 gr.; 358-361, com o aparecimento do Æ4 do tipo SPES REIPVBLICE, com um peso médio de 1,9 gr.

O período 361-364, é marcado pelo reinado de Iulianus, que tenta uma nova reforma em 363, reintroduzindo a cunhagem em dois módulos: um módulo grande, com uma incorporação significativa de prata e um módulo pequeno, de cuja composição este metal precioso não faz parte. Com Iovianus, termina a casa de Constantinus.

⁶⁴ Cfr. Patrick Bruun, *Ric VII*, p. 13.

⁶⁵ Cfr. G. Depeyrot, *Le Bas Empire Romain - économie et numismatique*, Paris, 1987, p. 102.

⁶⁶ Segundo o Código Teodosiano (CTH 9.23.1), parece poder identificar-se o termo *maiorinae* com os Æ2 grandes. Cfr. J.P.C. Kent, *RIC VIII*, p. 62 e Roger Bagnall, *op. cit.* p. 44.

⁶⁷ Esta cronologia é organizada por J.P.C. Kent, *RIC VIII*, Tabelas de frequência de pesos, pp. 70-71.

⁶⁸ Por uma questão de comodidade, dadas as suas 4 variantes e a sua generalização internacional, usamos a abreviatura FH (*falling horseman*) em vez da expressão portuguesa "cavaleiro caído".

Entre 364 e 378, assistimos à implantação da casa de Valentinianus e a um aumento do peso do Æ3, que Valentinianus I eleva para 2,3-2,4 gr. A morte de Valens em 378 conduz à elevação ao trono de Gratianus, que reina até 383, tendo acrescentado à circulação dos Æ3 valentinianos o tipo CONCORDIA AVGGG, moedas do módulo Æ2 tipo REPARATIO REIPUB e Æ4 do tipo VOTA.

De 383 a 395, verifica-se o desaparecimento das cunhagens de Æ3, implantando-se definitivamente o pequeno módulo Æ4, já denominado oficialmente como *nummus* desde Gratianus. A morte de Theodosius em 395 marca uma baliza que apenas foi considerada nos catálogos dos tesouros. Dado não encontrarmos nos depósitos estudados moeda exclusivamente emitida entre esta data e 408, para uma melhor compreensão dos quadros gerais optámos por incluir num único período os anos que vão da morte de Gratianus à morte de Arcadius (383-408); contudo, as moedas mais tardias deste período são Æ4 do tipo SALVS AVG, cuja emissão parece terminar em 402⁶⁹.

A partir de 409, com as invasões bárbaras a chegarem à Península, protagonizadas nesta região fundamentalmente por Suevos e Vândalos Asdingos, assistimos ao fim do domínio imperial romano nesta região, com reflexos no abastecimento de moeda, que sendo cada vez mais precário, provoca a permanência em circulação do numerário anterior. Uma única moeda de Valentinianus III, datada entre 440 e 455, incluída no tesouro de Monte Crasto, é talvez prova das enormes dificuldades na chegada de moeda romana ao noroeste da Hispânia, que não volta ao controle efectivo de Roma⁷⁰, aí se tendo desenvolvido o reino Suévico até à sua conquista pelos Visigodos nos finais do século VI (585).

⁶⁹ Cfr. R. Delmaire, Un trésor d'ÆS 4 au Musée de Boulogne-sur-Mer (Notes sur la circulation monétaire en Gaule du Nord au début du V.e siècle, *Trésors Monétaires*, V, Paris, 1983, p. 172.

⁷⁰ Se inicialmente os Suevos tinham estabelecido um pacto de federação com Honório, as sucessivas revoltas das populações da Callicia contra o invasor, resolvidas na paz de 433, e o conseqüente reforço da implantação e supremacia político-militar suévica, conduzem a uma tendência expansionista com apogeu na derrota infligida a romanos e godos em 438, nunca mais recuperando Roma a sua influência nesta zona. Cfr. José Costa Pereira, As invasões bárbaras e o reino Suevo, *História de Portugal, I, Ed. Alfa*, Lisboa, 1983, p. 219.

I. TESOUROS MONETÁRIOS

1 - **BOAVISTA**, Porto, Penafiel, Galegos
13.11.13

Em 1864, noticia Simão Rodrigues Ferreira o aparecimento “na freguesia da Boavista, [...] panelas de moedas romanas, que aqui a Penafiel vieram vender-se a peso”. Verifica-se que S. Pedro da Boavista é o antigo nome da actual freguesia de Galegos, encimada pelo castro de Abujefa, e rica em vestígios arqueológicos e numismáticos.

Em 1880, o mesmo autor noticia o aparecimento de um tesouro no castro de Abujefa, situando-o na freguesia de Irivo, o que se compreende dado uma das encostas do cabeço onde o castro se localiza pertencer efectivamente à dita freguesia. Mas a outra encosta é pertença da freguesia de Galegos, outrora S. Pedro da Boavista, mencionada expressamente por S. Rodrigues Ferreira em 1864.

Será que o tesouro noticiado em 1864 e referido à freguesia da Boavista se trata do mesmo referido em 1880 como pertencendo ao castro de Abujefa, freguesia de Irivo?

Não cremos. Tratando-se de um autor bem conhecedor da região, morador em Penafiel, não é de admitir um erro destes, sendo mais plausível, numa zona que tem evidenciado uma intensa ocupação romana, a ocorrência do achado de dois tesouros diferentes no mesmo castro, reforçada em 1930 pelo achado de um outro na Quinta do Bairro, situada na base da encosta do mesmo monte onde o castro está implantado, e com paralelos próximos no Monte Mózinho, ali defronte, onde são conhecidos, pelo menos, três tesouros monetários desta época.

Apesar de o autor não referenciar explicitamente a que época reporta o aludido tesouro, estamos em crer tratar-se de um tesouro do século IV, uma vez que a expressão utilizada “panelas de moedas romanas...” parece indiciar grandes quantidades de moedas, o que é usual acontecer em tesouros desta época.

Depósito: paradeiro desconhecido.

Bibliografia: —Baptista de Lima, *Penafiel, antiga terra castelã, concelho de gloriosas tradições, banhada pelo Sousa, Douro e Tâmega*, Póvoa de Varzim, 1938, p. 24. (sep. de *Terras Portuguesas, Corografia Histórica*); —José Leite de Vasconcelos, Notícias archeológicas de Penafiel, *O Archeólogo Português*, I, Lisboa, 1895, pp. 15-16; —Simão Rodrigues Ferreira, *Variedades. Apontamentos para a história topográfica de Penafiel, O Século XIX*, Penafiel, 19-III-1864. Republicado em *Penafiel-Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 6/7, 1991-92, pp.224.

2 - **BOUÇAS DOS CHÃOS**, Braga, V.N. de Famalicão, Cabeçudos
03.12.07

Em 1938, no decurso de trabalhos agrícolas nas Bouças dos Chãos, na quinta de Boamense, freguesia de Cabeçudos, apareceu enterrado a cerca de 80 cm de profundidade

um vaso de barro que continha 1209 moedas, a maior parte em muito mau estado de conservação.

O proprietário da quinta, o Conselheiro António Vicente Leal Sampaio, mandou analisar o achado, do que resultou um manuscrito, não assinado, em que são descritos os elementos legíveis das moedas que se apresentavam em melhor estado, tendo sido “classificadas” algumas pelo *Catálogo das Moedas Romanas do Gabinete Numismático de El-Rei D. Luiz I*, de A. C. Teixeira de Aragão. São assim identificadas 484 moedas, reconhecendo-se todavia que grande parte das 725 moedas restantes pertenciam aos reinados de Constantius II e Constans.

Com base neste manuscrito, J. P. Barbosa estudou este tesouro, classificando as 484 moedas, publicando o seu catálogo e concluindo que o tesouro foi ocultado nos primeiros anos do séc. V, podendo talvez relacionar-se o seu ocultamento com a chegada de povos germânicos à Península⁷¹.

Depósito: Desconhecido o seu paradeiro.

Bibliografia: — João Paulo Guínea Barbosa, Um tesouro tardiorromano de Cabeçudos (V. N. de Famalicão, Braga), *La Moneda Hispánica: Ciudad y Territorio, Actas I EPNA (Madrid, 1994)*, Anejos de Archivo Español de Arqueología, XIV, 1995, pp. 245-252.

3- BUSTELO, Porto, Penafiel, Bustelo

13.11.03

Quando em 1985 o sr. Belmiro Pinho procedia à preparação de um campo que tinha arrendado e destinado à plantação de melões, no sítio do Lugar Novo, freguesia de Bustelo, a relha do arado trouxe à superfície grande número de moedas romanas, misturadas com fragmentos do recipiente cerâmico que as continha. O tesouro seria constituído por cerca de 250 moedas, a maioria de grande módulo, em bronze, e, segundo testemunhos visuais - entre os quais o da Prof. Doutora Teresa Soeiro⁷² -, todas da época da Tetrarquia.

Os numismas foram divididos entre o sr. Belmiro Pinho e o proprietário do terreno, que após consultas sobre o valor do achado e verificando que este era diminuto, distribuíram as moedas entre amigos e curiosos, dispersando assim este tesouro e inviabilizando o seu estudo na totalidade.

Conseguimos ainda ver 4 dessas moedas em casa do sr. Belmiro Pinho, tendo tido acesso a mais 7, pertença do sr. Norberto Correia, da Sociedade Portuguesa de Numismática,

⁷¹ Tendo entrado na Península Ibérica em 409, dois anos mais tarde Suevo e Vândalos Asdingos repartem a Galécia na sequência de um acordo com o Imperador Honorius.

⁷² A Prof. Doutora Teresa Soeiro, a quem agradecemos a informação, à data Directora do Museu de Penafiel e a dirigir trabalhos arqueológicos na região, chegou a ver o tesouro completo, confirmando a sua cronologia.

do Porto. Em 1999, tivemos conhecimento através de fotografia de mais dois numismas, em posse de particular.

São apenas 13 moedas, representando cerca de 5% da totalidade do achado, que transcrevemos em catálogo, dando-nos uma pequena ideia do que deveria ter sido este tesouro.

Depósito: 4 moedas na posse do sr. Belmiro Pinho (Bustelo, Penafiel), 7 moedas na Col. Norberto Correia, Porto, e mais duas moedas em Col. Particulares.

Bibliografia: Inédito

CATÁLOGO

I - 294-305 (9)

LONDINIUM(1)

--// (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>		<i>RIC</i>	<i>VI</i>	<i>TOTAL</i>
1	N	Mh	GENIO POPVLI ROMANI			9	1

TREVERI (1)

AΓ//TR (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>C</i>	<i>?</i>	<i>RIC</i>	<i>VI</i>	<i>TOTAL</i>
2	N	Di	GENIO POPVLI ROMANI		1			171 a		1

ROMA (2)

RS//A (2)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>Δ</i>	<i>H</i>	<i>Θ</i>	<i>?</i>	<i>RIC</i>	<i>VI</i>	<i>TOTAL</i>
3	N	Mh	GENIO POPVLI ROMANI			1			73 b		1
4	N	Mh	GENIO POPVLI ROMANI			1			73 b		1

CARTHAGO (5)

--//A (5)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>Γ</i>	<i>Δ</i>	<i>?</i>	<i>RIC</i>	<i>VI</i>	<i>TOTAL</i>
5-6	N	Di	SALVIS AVGG ET CAESS FEL KART		2				31 a	2	
7	N	CC (c)	SALVIS AVGG ET CAESS FEL KART						32 a	1	
8	N	Gm (c)	SALVIS AVGG ET CAESS FEL KART		1				32 b	1	
9	N	Gm (c)	SALVIS AVGG ET CAESS FEL KART				1		32 b	1	

SERDICA (1)

- A // SM. . SD. (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VI	TOTAL
10	N	Gm (c)	GENIO POPVLI ROMANI		1				4 b	1

HERACLEA (1)

-- // HTA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VI	TOTAL
11	N	Di	GENIO POPVLI ROMANI		1				17 a	1

II - 305-307 (2)

TREVERI (2)

S F // PTR (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	RIC VI	TOTAL
12	N	Mh	GENIO POPVLI ROMANI	642 b	1
13	N	Mx (c)	GENIO POPVLI ROMANI	667 b	1

4 - CARVALHO, Braga, Celorico de Basto, Carvalho
O3.05.07

O aparecimento deste tesouro, em 1931, constituído por cerca de 10 Kg de moedas dentro de uma panela de barro, no local onde se realizava a feira de Carvalho, mereceu o destaque de uma notícia num jornal diário do Porto⁷³, complementada por outra notícia num outro jornal, um mês mais tarde⁷⁴, em que se precisava o local do achado e se descrevia com mais minúcia o respectivo contentor. Assim, diz o autor da notícia que “a panela das moedas é conforme ao desenho que se encontra no *Minho Pitoresco*⁷⁵”. Esta obra, falando de Cabeceiras de Basto, insere o desenho de uma bilha romana (*lagoena*) aparecida na região, de bojo ovóide e bordo esvasado, perfil em S, com uma asa de fita, e que nos permite, por analogia, saber exactamente qual a forma do contentor deste tesouro. Trata-se de um

⁷³ *O Século*, 8-06-1931, p. 1.

⁷⁴ *O Primeiro de Janeiro*, 11-07-1931, p. 1

⁷⁵ José Augusto Vieira, *O Minho Pitoresco*, Lisboa, 1886/1887, p.529.

tipo de bilha⁷⁶ em cerâmica comum romana, vulgar em espólios funerários de sepulturas do século IV de necrópoles a norte do Douro, como por exemplo as do Mózinho⁷⁷ ou a de Laboriz⁷⁸.

Rui de Serpa Pinto, em manuscrito conservado no Instituto de Antropologia Prof. Mendes Correia⁷⁹, assinala que o tesouro era composto por 6.000 moedas de bronze, dos quais começou por examinar 40, oferecidos pelo Sr. António de Moura Monteiro, assim distribuídos:

“Constantius I (292-306)	15
Constantinus (306-337)	4
Constans (333-350)	11
Iulianus (355-363)	4
Constantinopolis.....	1
Ilegíveis	4
Imitação	1
.....	40

Os bronzes são dos tipos comuns FEL TEMP REPARATIO, GLORIA EXERCITVS, VICTORIAE DD AVGG Q NN e VOT/XX/MVLT/XXX“

Assinala especialmente Ruy de Serpa Pinto, entre os 40 bronzes estudados, três moedas que descreve assim:

“1 - Bronze mínimo -1 cm de diâmetro-
Av. - Legenda ilegível (desaparecida), busto grosseiro à esquerda
Rev.- Legenda desaparecida. (Deve ser uma cópia bárbara do tipo GLORIA EXERCITVS)

2 - Pequeno bronze 18 mm diam.
Av.- DN CONSTANTIVS PF AVG, busto à direita
Rv.- FEL TEMP REPAPARHTIO (*sic*)

3 - Peq. bronze 18 mm diam.
Av. - Iulianvs, com sobreposição do reverso de FEL TEMP REPARATIO
Rv. - tipo F. T. REP., com a marca M no centro do campo”

⁷⁶ É normal este tipo de recipiente cerâmico também ser apelidado de jarra, como faz, por exemplo, T. Soeiro

⁷⁷ T. Soeiro, Monte Mózinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana, *Penafiel-Boletim municipal de cultura*, 3ª s., nº 1, 1984, p. 34, Est.XXI-1 e p. 297, Est. CLI-8.

⁷⁸ Adriana M. G. J. do Amaral, Necrópole galaico-romana de Laboriz (Amarante), *Portugália*, n.º s., IX-X, 1988/89, pp. 111-114, Est.II-4.

⁷⁹ Agradecemos ao Instituto de Antropologia Doutor Mendes Correia e em especial ao Dr. A. Huet Bacelar Gonçalves, a simpatia e as facilidades concedidas para o estudo do espólio do Dr. Ruy de Serpa Pinto bem como do restante espólio numismático aí depositado. De notar neste manuscrito a confusão de identificação entre Constantius I e Constantius II, a cujo reinado pertence realmente a maioria das moedas examinadas.

Existem no IAMC um total de 161 moedas deste tesouro, resultado de ofertas de várias pessoas a este Instituto, nas quais se inclui o lote de 40 exemplares examinado e descrito por Serpa Pinto.

Depósito: Instituto de Antropologia Prof. Mendes Corrêa (Porto)

Bibliografia: — Afonso do Paço, *Citânia de Sanfins, Brotéria*, LVI, fasc. 6, Lisboa, 1953, pp. 673-689, nº 6. — D. Nony, *Acerca de la circulación de la moneda en Lusitania a fines del siglo IV, XI CNA*, (Mérida 19689, Zaragoza, 1970, nº 19. — Isabel Pereira, Jean-Pierre Bost, Jean Hiernard, *Fouilles de Conimbriga, III. Les Monnaies*, Paris, 1974, p. 307, nº 65 bis. — M. Abad Varela, *Circulación monetaria en la Hispania romana del siglo IV d.C.*, Madrid, 1989, (micr.), pp. 1493-1494, nº 102. — Mário de Castro Hipólito, *Dos Tesouros de Moedas Romanas em Portugal, Conimbriga, II-III*, Coimbra 1960-61, p. 22, nº. 21. — *O Primeiro de Janeiro*, 11-VII-1931 — *O Século*, 08-VI-1931

CATÁLOGO

I - 330-335 (1)

NICOMEDIA (1)

-- // SMNA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VII	TOTAL
1	N	CII (c)	GLORIA EXERCITVS 1 est.		1				189	1

II - 335-337 (2)

ROMA (1)

-- // R * P (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	Q	?	RIC VII	TOTAL
2	N	D	GLORIA EXERCITVS 1 est.					1	369	1

NICOMEDIA (1)

-- // SMNA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	S	RIC VII	TOTAL
3	N	Cn (c)	GLORIA EXERCITVS		1 est.			1	202	1

III - 337-341 (36)

TREVERI (5)

+ // TRP (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
4	N	Cs	GLORIA EXERCITVS 1 est.		1		39 ou 40	1

--//TRP (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
5	N	Cs	GLORIA EXERCITVS 1 est.		1		71	1
6	N	Cs	GLORIA EXERCITVS 1 est.			1	96	1

M//TRP (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
7	N	Cn	GLORIA EXERCITVS 1 est.			1	112	1

--//TRP ? (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
8	N	Cn	GLORIA EXERCITVS 1 est.			1	?	1

ARELATE (11)

∩//PCONST (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
9	N	Cs	GLORIA EXERCITVS 1 est.			1	12	1
10	N	Cn	GLORIA EXERCITVS 1 est.		1		13	1

N//PCON (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
11	N	UR	Loba com gémeos			1	38	1

X//PCONST (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
12-13	N	Cs	GLORIA EXERCITVS 1 est.			2	48	2

G//PARL (5)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
14-15	N	Cs	GLORIA EXERCITVS 1 est.	1		1	56	2
16-18	N	Cn	GLORIA EXERCITVS 1 est.		3		57	3

IMITAÇÃO (1)

o//PCONST (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
19	N	CII, Cs ou Cn	GLORIA EXERCITVS 1 est.			1		1

ROMA (9)

--//R♥P (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	Q	?	RIC VIII	TOTAL
20	N	CII	VIRTVS AVGUSTI	1					4	1

--// R * P (5)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	Q	?	RIC VIII	TOTAL
21	N	Cs	SECVRITAS REIP		1				22	1
22-23	N	Cn	GLORIA EXERCITVS 1 est.			1	1		26	2
24	N	Cs ou Cn	GLORIA EXERCITVS 1 est.		1				25 ou 26	1
25	N	Cp	Victória na proa	1					30	1

.// ? (3)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	Q	?	BRUCK	TOTAL
26	N	CII	GLORIA EXERCITVS 1 est.				1		pag. 27	1
27	N	Cs ou Cn	GLORIA EXERCITVS 1 est.				1		pag. 27	1
28	N	Cs ou Cn	SECVRITAS REIP				1		1	

HERACLEA (1)

--// SMHA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	G	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
29	N	Cs	GLORIA EXERCITVS 1 est.	1					21	1

CONSTANTINOPOLIS (2)

--// CONSA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
30	N	Cs	GLORIA EXERCITVS 1 est.				1		27	1

--// CONS (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
31	N	CI	Imp. vel. quadriga, mão de Deus	1					37	1

CYZICUS (1)

--// SMKA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
32	N	Cn	GLORIA EXERCITVS 1 est.				1		18	1

ALEXANDRIA (1)

--// SMALA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
33	N	Cp	Victória na proa	1					17	1

CM OCIDENTAL (1)

⌘ // ? (1)

Nº	Den	Gov	Reverso ^P	S	?	BRUCK	TOTAL
34	N	CII	GLORIA EXERCITVS 1 est.		1	pag.27	1

CM INDETERMINADA (5)

-- // ? (5)

Nº	Den	Gov	Reverso		?	RIC VIII	TOTAL
35	N	CI	<i>Imp. vel. quadriga, mão de Deus</i>		1	?	1
36-37	N	Cs	GLORIA EXERCITVS 1 est.		2	?	2
38-39	N	CII, Cs ou Cn	GLORIA EXERCITVS 1 est.		2	?	2

IV - 347-348 (67)

TREVERI (5)

M // TRP (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
40	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN			1	181	1
41	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			182	1

♥ // TRP (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
42-43	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	2			185	2

D // TRP (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
44	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			196	1

LUGDUNUM (6)

⌘ // PLG (3)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
45-47	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN			3	45	3

⌘ // PLG (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
48	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			50	1

JOSÉ MARCELO SANCHES MENDES PINTO

42

				¶ // PLG (1)				
Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
49	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN			1	54	1

				¶¶ // PLG (1)				
Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
50	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			55	1

ARELATE (21)

				G // PARL (3)				
Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
51	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			72	1
52-53	N	Cn	VIVTORIAE DD AVGG Q NN		2		73	2

¶E // PARL (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
54	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN			1	77	1

M // PARL (4)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
55-58	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN	2	2		78	4

P // PARL (8)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
59-62	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN			4	83	4
63	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN		1		85	1
64-65	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN		1	1	87	2
66	N	Cs ou Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			83-87	1

// PARL (5)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
67-69	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1		2	90	3
70	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			93	1
71	N	Cs ou Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN		1		90 ou 93	1

ROMA (9)

-- // R . P (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	Q	?	RIC VIII	TOTAL
72	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1					81	1
73	N	Cs ou Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1					79-81	1

-- // R@P (6)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	Q	ε	?	RIC VIII	TOTAL
74-79	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN			1	1	2	2	84	6

-- // R ? (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	Q		?	RIC VIII	TOTAL
80	N	Cs ou Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN						1	82 ou 84	1

NICOMEDIA (1)

-- // SMNA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	S		?	RIC VIII	TOTAL
81	N	Cs	VOT/XX/MVLT/XXX				1			50	1

CYZICUS (2)

-- // SMKA (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	ε		?	RIC VIII	TOTAL
82	N	Cs ou Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN				1			47 ou 50	1
83	N	Cs ou Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN				1			49 ou 52	1

CM OCIDENTAIS (14)

‡ // ? (2)

Nº	Den	Gov	Reverso						?	RIC VIII	TOTAL
84	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN						1	?	1
85	N	Cs ou Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN						1	?	1

-- // ? (12)

Nº	Den	Gov	Reverso						?	RIC VIII	TOTAL
86-87	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN						2	?	2
88-91	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN						4	?	4
92-97	N	Cs ou Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN						6	?	6

CM ORIENTAL (9)

-- // ? (9)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ		?	RIC VIII	TOTAL
98	N	Cs	VOT/XX/MVLT/XXX						1	?	1
99-106	N	Cs ou Cn	VOT/XX/MVLT/XXX						8	?	8

V - 348-350 (1)

CM INDETERMINADA (1)

-- // ? (1)

Nº	Den	Gov	Reverso		?	RIC VIII	TOTAL
107	Æ3	Cs ou Cn	FEL TEMP REPARATIO (fenix)		1	?	1

VI - 351-353/54 (9)

ROMA (2)

-- // RP (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	B	T	Q	S	RIC VIII	TOTAL
108	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)				1		273	1
109	Æ3	G	FEL TEMP REPARATIO (FH3)					1	274	1

AQUILEIA (3)

-- // AQP (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T		?	RIC VIII	TOTAL
110-111	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)					1	199	2

II - // AQP. (1)

112	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)		1				205	1
-----	----	----	--------------------------	--	---	--	--	--	-----	---

CONSTANTINOPOLIS (1)

-- // CONSA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
113	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1					118	1

SISCIA (1)

-- // ASIS S (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
114	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1					352	1

NICOMEDIA (2)

-- // SMNA (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
115-116	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1					96	2

VII - 354-356 (5)

ROMA (1)

--// R Ω P (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	B	T	Q	?	RIC VIII	TOTAL
117	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)				1		310	1

CYZICUS (2)

--// SMKA (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	ε	S	RIC VIII	TOTAL
118-119	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)				1	1	110	2

CONSTANTINOPOLIS (1)

--// CONSA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
120	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1					135	1

CM INDETERMINADA (1)

*-// ? (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	?	RIC VIII	TOTAL
121	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1	?	1

VIII - 351-356 (19)

CM INDETERMINADA (18)

--// ? (18)

Nº	Den	Gov	Reverso	?	RIC VIII	TOTAL
122-139	Æ3	Cs ou G	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	18	?	18

IMITAÇÃO (1)

--// ? (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	?	RIC VIII	TOTAL
140	Æ3	Cs ou G	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1		1

IX - 357-358 (6)

LUGDUNUM (1)

M // PLG (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
141	Æ3	J(c)	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1			200	1

ARELATE (4)

M // PCON (4)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	?	RIC VIII	TOTAL
142	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1				272	1
143-145	Æ3	J(c)	FEL TEMP REPARATIO (FH3)			2	1	274	3

AQUILEIA (1)

. // AQP (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	?	RIC VIII	TOTAL
146	Æ3	J(c) c/M	FEL TEMP REPARATIO (FH3)			1		227	1

X - 358-361 (10)

ROMA (2)

-- // R *P (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	B	T	Q	?	RIC VIII	TOTAL
147/148	Æ4	Cs	SPES REIPVBLICE	1		1			322	2

CM INDETERMINADA (8)

-- // ? (8)

Nº	Den	Gov	Reverso	?	RIC VIII	TOTAL
149/150	Æ4	Cs	SPES REIPVBLICE	2	?	2
151/156	Æ4	Cs, J(c) ou J	SPES REIPVBLICE	6	?	6

XI - ILEGÍVEIS - 330-361 (5)

Nº	Den	Gov	Reverso	?	RIC VIII	TOTAL
157/161	N ou Æ3	?	?	5	?	5

5 - CASTRO DA VILA, Penamaior, Paços de Ferreira, Porto
13.09.13

Notícia M. Vieira Diniz que à volta de 1880, o proprietário José Carneiro Leal, ao roçar uma partida de mato junto aos vestígios do derrube da muralha do castro da Vila, na freguesia de Penamaior do concelho de Paços de Ferreira, encontrou um púcaro de barro, logo escaqueirado, que continha cerca de 800 pequenos bronzes romanos. Cem anos depois, o autor publicou 19 dessas moedas, classificadas pelo Doutor Rui Centeno.

As moedas foram divididas em vários lotes, integrando diversas colecções particulares, tendo o Museu da Citânia de Sanfins conseguido reunir grande parte dos numismas, que aí se encontram depositadas. No total, foram estudadas 555 moedas, cujo catálogo será alvo de publicação⁸⁰.

Com 6 moedas do século III, 4 das quais de Claudius II, as moedas mais recentes parecem ser do tipo SALVS REIPVBLICAE (Æ4), cuja emissão terá terminado em 402.

Depósito: O maior lote encontra-se no Museu da Citânia de Sanfins; as restantes estão divididas entre várias colecções particulares.

Bibliografia: — D. Nony, Acerca de la circulación de la moneda en Lusitania a fines del siglo IV, *XI CNA, Mérida 1968*, Zaragoza, 1970, p. 113, nº 29; — Isabel Pereira, Jean-Pierre Bost, Jean Hiernard, *Fouilles de Conimbriga, III. Les Monnaies*, Paris, 1974, p. 307, nº 59; — M. Abad Varela, *Circulación monetaria en la Hispania romana del siglo IV d.C.*, Madrid, 1989, (microficha), p. 1481, nº 74; — Manuel Vieira Diniz, O Castro da Vila (Penamaior - Paços de Ferreira), *Lucerna V - Actas do IV Colóquio Portuense de Arqueologia*, Porto 1966, pp. 512-518; — *idem*, Achados de numismas romanos (no termo de Paços de Ferreira), *Revista de Guimarães*, XC, Guimarães 1980, pp. 383-393; — Mário de Castro Hipólito, Dos Tesouros de Moedas Romanas em Portugal, *Conimbriga*, II-III, Coimbra, 1960-61, nº 52;

6 - CASTRO DE ABUJEFA 1, Porto, Penafiel, Irivo
13.11.15

Aparece em manuscrito de Simão Rodrigues Ferreira, conservado na Câmara Municipal de Penafiel, uma referência ao achado de um tesouro de pequenos bronzes numa encosta do castro de Abujefa. Diz o autor que "...em castro de Bugelfa freguesia de Irivo apareceu uma colher de prata e uma moeda de ouro que foram para o Museu Alen no Porto e mais 15 quilos de moedas em cobre que foram vendidas a um latoeiro e fundidas. Conservo algumas destas moedas de cobre, a maior parte do reinado de Constantino".

Depósito: paradeiro desconhecido, mas integrando, provavelmente, a colecção do Gabinete de Numismática (Casa Tait) da Câmara Municipal do Porto.

⁸⁰ Ao Prof. Doutor Rui Centeno, que tem estudado este tesouro, agradecemos a cedência dos dados gerais para integração no nosso trabalho.

Bibliografia: — José Leite de Vasconcelos, Notícias archeológicas de Penafiel, *O Archeólogo Português*, I, Lisboa, 1895, p. 15-16; — Simão Rodrigues Ferreira, *Anaes do Município de Penafiel escritos por Simão Rodrigues Ferreira, Anno de 1880*. Manuscrito pertencente à Biblioteca Municipal de Penafiel, fls.18-19, e publicado em *Penafiel-Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 2/3, Penafiel 1985-86, p. 111; — Teresa Soeiro, Monte Mòzinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana, *Penafiel- Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, nº1, Penafiel 1984, p. 98;

7 - CASTRO DE ABUJEFA 2, Porto, Penafiel, Irivo
13.11.15

Relata J. Monteiro de Aguiar que, “em 1891, ao arrancar um pinheirito sêco fora dos muros do castro de Abojefa (*sic*), junto à entrada do Noroeste, apareceu também uma talha cheia de moedas que não foram classificadas. O achador, visto não ter oferta que valesse a pena, distribuiu-as entre amigos, que durante muito tempo as mostravam como curiosidade”. Refere ainda que viu algumas dessas moedas e que a maioria delas pertencia “à época do achado de 1930”, isto é, ao tesouro aparecido por esta altura na quinta do Bairro, freguesia de Galegos, e constituído por pequenos bronzes do séc. IV, de Constantino em diante.

É notável a semelhança das condições de achamento deste tesouro, e do destino que lhe foi dado, com as de um outro tesouro aparecido também nesta área e referido por Elísio Ferreira de Sousa como aparecido em 1918. O mais provável é tratar-se de uma simples troca de algarismos e E. Ferreira de Sousa referir incorrectamente a data de achamento do tesouro que cita.

Depósito: Paradeiro desconhecido

Bibliografia: — Elísio Ferreira de Sousa, As moedas encontradas na Citânia do Mósinho (Cidade Morta) e as suas possíveis conclusões, *Lucerna* IV, Porto 1965, pp. 249- 269; — F. S. Lacerda Machado, *Uma cidade morta no Monte Mòzinho ou Castro de Santo Estêvão de Oldrões*, Coimbra, 1920, p. 37; — J. Monteiro de Aguiar, *Penafiel antiga. Subsídios para a monografia do concelho*, Câmara Municipal de Penafiel, Penafiel, 1945, p. 143; — José Leite de Vasconcelos, Notícias archeológicas de Penafiel, *O Archeólogo Português*, I, Lisboa, 1895, p.15-16;

8 - CASTRO DE ALVARELHOS 1, Porto, Tofa, Alvarelhos
13.18.01

Muito pouco sabemos sobre o aparecimento deste tesouro, apenas a informação publicada por José Fortes e que transcrevemos:

“No Monte de S. Marçal (...) há pouco, o rodeiro de um carro esmigalhou numa cangosta de Sobre-Sá uma panela de barro com grande número de moedas. O facto foi-me confirmado pela mãe do achador: mas cheguei tarde, porque as melhores vendêra-as e as safadas e quebradas semeára-as aí pelos montes”.

O facto de não ser mencionada a prata como metal constituinte das moedas noticiadas desta forma, leva a pensar que se trataria de um conjunto de moedas em bronze, parecendo enquadrar-se na tipologia genérica dos achados de moeda dos séculos III e IV, inclinándonos para uma data deste último século, mais consentânea com os achados posteriores e com as cronologias obtidas nas escavações que aí actualmente decorrem.

Depósito: paradeiro desconhecido.

Bibliografia: —José Fortes, A estação archeológica d'Alvarelhos, *Archeologia Portuguesa*, I, Porto, 1899, p. 9.

9 - CASTRO DE ALVARELHOS 2, Porto, Trofa, Alvarelhos

13.18. 01

Durante a campanha de escavações do Castro de Alvarelhos realizada em 1992 pelo Dr. Álvaro de Brito Moreira, do Museu Municipal Abade Pedrosa (Santo Tirso), apareceu no interior de um compartimento de uma casa um grande conjunto de moedas romanas em bronze. Por cima do piso, numa camada de incêndio com outros materiais, as moedas encontravam-se todas juntas, muitas delas ligadas entre si pelos óxidos de corrosão, e tomando a forma do seu contentor: uma bolsa de pele, que desapareceu, restando contudo algumas fibras agarradas às moedas. Estas, calculadas entre 1500 e 1700 exemplares, apresentam cronologias desde a segunda metade do século III aos inícios do século V. Com toda a verosimilhança, e análogamente aos achados de Fiães⁸¹, este tesouro estaria escondido no tecto da casa ou na parte superior de uma das paredes, caindo sobre o piso com o desabamento do telhado, aquando do seu incêndio, tendo o contentor ardido parcial ou quase totalmente. A cronologia do tesouro e a sua descoberta num nível de incêndio apontam claramente para uma época tardia, seguramente durante o século V.

Por gentileza do Dr. Álvaro Moreira, e uma vez que o tesouro se encontra em fase de tratamento e restauro, tivemos acesso a uma amostra perfeitamente aleatória de seiscentas e doze moedas - mais ou menos 40% do total - sobre a qual nos debruçámos e retirámos os dados necessários para o nosso trabalho.

Depósito: Museu Municipal Abade Pedrosa (Santo Tirso)

Bibliografia: Inédito

⁸¹ Rui M. S. Centeno, Numismática de Fiães: dois tesouros do Baixo-Império, *Numisma*, 138-143, 1976, pp. 171-185.

CATÁLOGO

I - 260-294 (2)

ROMA (1)

--// (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>		<i>RIC VI</i>	<i>TOTAL</i>
1	Ant.	DCL	CONSECRATIO (águia à d.)		265	1

CM INDETERMINADA (1)

--// (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>		<i>RIC VI</i>	<i>TOTAL</i>
2	Ant.	GAL	?		?	1

II - 317-330 (2)

AQUILEIA (1)

--//AQP(1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>	<i>RIC VII</i>	<i>TOTAL</i>
3	N	CII (c)	CAESARVM NOSTRORVM - VOI/X			1	79	1

SISCIA (1)

--//ASIS (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>Γ</i>	<i>Δ</i>	<i>?</i>	<i>RIC VII</i>	<i>TOTAL</i>
4	N	Cr(c)	CAESARVM NOSTRORVM - VOT/X	1					169	1

III - 330-335_t(7)

LUGDUNUM (4)

--// PLG (3)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>RIC VII</i>	<i>TOTAL</i>
5	N	Cl	GLORIA EXERCITVS, 2 est.	1		236	1
6	N	Cp	Victória na proa	1		241	1
7	N	Cp	Victória na proa	1		273	1

--// . PLG (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>RIC VII</i>	<i>TOTAL</i>
8	N	Cp	Victória na proa	1		246	1

ARELATE (1)

Ω - // PCONST (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S		RIC VII	TOTAL
9	N	Cp	Victória na proa	1			374	1

CM INDETERMINADA (2)

-- // ? (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	?	RIC VII	TOTAL
10	N	CI	GLORIA EXERCITVS, 2 est.				1	?	1

IMITAÇÃO (1)

-- // ? (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	?		TOTAL
11	N	?	GLORIA EXERCITVS, 2 est.				1		1

IV - 335-337 (17)

ARELATE (4)

£ // PCONST (3)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S		?	RIC VII	TOTAL
12	N	CII (c)	GLORIA EXERCITVS, 1 est.	1				395	1
13-14	N	Cs (c)	GLORIA EXERCITVS, 1 est.	1			1	396	2

o // PCONST (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S		RIC VII	TOTAL	
15	N	Cs (c)	GLORIA EXERCITVS, 1 est.	1				412	1

ROMA (3)

-- // R*P (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	Q	?	RIC VII	TOTAL
16-17	N	D (c)	GLORIA EXERCITVS, 1 est.	1				1	395	2

-- // R ♥ P (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	Q	RIC VII	TOTAL	
18	N	Cs (c)	GLORIA EXERCITVS, 1 est.			1			401	1

CONSTANTINOPOLIS (1)

-- // CONSA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VII	TOTAL
19	N	D (c)	GLORIA EXERCITVS, 1 est.			1			142	1

NICOMEDIA (1)

-- // SMNA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VII	TOTAL
20	N	CII (c)	GLORIA EXERCITVS, 1 est.	1					200	1

CYZICUS (2)

-- // SMKA (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VII	TOTAL
21	N	Cs (c)	GLORIA EXERCITVS, 1 est.			1			126	1
22	N	D (c)	GLORIA EXERCITVS, 1 est.		1				133	1

ANTIOQUIA (1)

-- // SMANA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	€	RIC VII	TOTAL
23	N	CII (c)	GLORIA EXERCITVS, 1 est.					1	109	1

CM ORIENTAL (1)

-- // SM [?] (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VII	TOTAL
24	N	Cs (c)	GLORIA EXERCITVS, 1 est.					1	?	1

CM INDETERMINADA (4)

-- // ? (3)

Nº	Den	Gov	Reverso	?	RIC VII	TOTAL
25	N	CII (c)	GLORIA EXERCITVS, 1 est.	1	?	1
26-27	N	Cs (c)	GLORIA EXERCITVS, 1 est.	2	?	2

£ // ? (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	?	RIC VII	TOTAL
28	N	CI, CII(c), Cs(c), Cπ(c), ou D(c)	GLORIA EXERCITVS, 1 est	1	?	1

V - 337-341 (88)

TREVERI (7)

-- // . TRP. (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	RIC VIII	TOTAL
29	N	Cs	GLORIA EXERCITVS, 1 est.	1		58 ou 59	1
30	N	UR	Loba com géneos	1		66	1

-- // TRP (1)							
Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	RIC VIII	TOTAL
31	N	H	PAX PVBLICA		1	78	1

M // TRP (2)							
Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	RIC VIII	TOTAL
32	N	Cn	GLORIA EXERCITVS, 1 est.	1		n/ref. ⁸²	1
33	N	Cs ou Cn	GLORIA EXERCITVS, 1 est.	1		105-107	1

M // TRP ∪ (1)							
Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	RIC VIII	TOTAL
34	N	Cs	GLORIA EXERCITVS, 1 est.	1		108	1

G // TRP (1)							
Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	RIC VIII	TOTAL
35	N	Cs ou Cn	GLORIA EXERCITVS, 1 est.	1		115-117	1

LUGDUNUM (4)							
£ // PLG (2)							
Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	RIC VIII	TOTAL
36	N	CII	GLORIA EXERCITVS, 1 est.	1		6	1
37	N	Cs	GLORIA EXERCITVS, 1 est.	1		8	1

I // PLG (1)							
Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	RIC VIII	TOTAL
38	N	Cn	GLORIA EXERCITVS, 1 est.	1		28,29 ou 30	1

? // £ PLG (1)							
Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	RIC VIII	TOTAL
39	N	CI	Imp. vel. quadriga, mão de Deus	1		12 ou 17	1

ARELATE (10)							
o // PCONST (4)							
Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	RIC VIII	TOTAL
40	N	CII	GLORIA EXERCITVS, 1 est.	1			1

⁸² A legenda CONSTANS PF AVG não é referenciada em RIC com esta marca, apenas com a partição CONSTAN-S PF AVG, n° 106.

JOSÉ MARCELO SANCHES MENDES PINTO

54

41	N	Cs	GLORIA EXERCITVS, 1 est.	1				2-7	1
42	N	Cs	GLORIA EXERCITVS, 1 est.	1				4	1
43	N	UR	<i>Loba com gémeas</i>	1				8	1

∩ // PCONST (3)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S			RIC VIII	TOTAL
44-45	N	CII, Cs ou Cn	GLORIA EXERCITVS, 1 est.	1				10-14	2
46	N	Cn	GLORIA EXERCITVS, 1 est.	1				13	1

X // PCONST (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S			RIC VIII	TOTAL
47	N	CII, Cs ou Cn	GLORIA EXERCITVS, 1 est.	1				18-24	1

G // PARL (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S			RIC VIII	TOTAL
48	N	Cs	GLORIA EXERCITVS, 1 est.		1			56	1

? // PCON (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S			RIC VIII	TOTAL
49	N	CII, Cs ou Cn	GLORIA EXERCITVS, 1 est.		1			?	1

ROMA (16)

-- // R ♥ P (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	Q	?	RIC VIII	TOTAL
50	N	CII	VIRTVS AVGVSTI					1	4	1

-- // R * P (7)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	Q	?	RIC VIII	TOTAL
51	N	Cs	SECVRITAS REIP					1	25	1
52	N	Cn	GLORIA EXERCITVS, 1 est.	1					26	1
53	N	H	PAX PVBLICA	1					27	1
54	N	T	PIETAS ROMANA	1					28	1
55-57	N	Cp	<i>Victória na proa</i>	2	1				30	3

-- // R ? (8)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	Q	?	RIC VIII	TOTAL
58	N	CII	VIRTVS AVGVSTI				1	4, 5, 14, 21, 32, 43 ou 47		1
59	N	CII	GLORIA EXERCITVS, 1 est.				1	24, 36 ou 50		1
60-61	N	Cn	SECVRITAS REIPVB				2	8, 10, 11, 35 ou 46		2
62	N	Cs	SECVRITAS REIP				1	15, 22, 33, ou 44		1

63	N	Cs	SECVRITAS REIP		1				9, 12, 15, 22, 33 ou 44	1
64-65	N	Cs ou Cn	SECVRITAS REIP		2				?	2

AQUILEIA (1)

Ω // AQP (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	Q	?	RIC VIII	TOTAL
66	N	Cs	GLORIA EXERCITVS, 1 est.	1					26	1

THESSALONICA (1)

- - // SMTSA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
67	N	Cn	GLORIA EXERCITVS, 1 est.	1					57	1

CONSTANTINOPOLIS (3)

- - // CONSA (3)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
68	N	Cs	GLORIA EXERCITVS, 1 est.					1	27	1
69	N	Cs	GLORIA EXERCITVS; 1 est.	1					51a	1
70	N	Cs ou Cn	GLORIA EXERCITVS, 1 est.	1					26-30	1

NICOMEDIA (2)

- - // SMNA (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
71	N	Cs	GLORIA EXERCITVS, 1 est.	1					11	1
72	N	Cl	<i>Imp. vel. quadriga, mão de Deus</i>	1					18	1

CYZICUS (3)

- - // SMKA (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
73	N	Cs	GLORIA EXERCITVS, 1 est.	1					16 ou 17	1
74	N	Cn	GLORIA EXERCITVS, 1 est.					1	17a	1

- - // SMKA ∪ (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
75	N	Cl	<i>Imp. vel. quadriga, mão de Deus</i>				1		30	1

ANTIOQUIA (1)

-- // SMANA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	Z	RIC VIII	TOTAL
76	N	CI	<i>Imp. vel. quadriga, mão de Deus</i>					1	39	1

CM OCIDENTAL (5)

Æ // ? (4)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S				RIC VIII	TOTAL
77-79	N	Cs	GLORIA EXERCITVS, 1 est.					3	?	3
80	N	Cn	GLORIA EXERCITVS, 1 est.					1	?	1

I // ? (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S				RIC VIII	TOTAL
81	N	Cn	GLORIA EXERCITVS, 1 est.					1	?	1

CM ORIENTAL (2)

-- // SM ? (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ		RIC VIII	TOTAL
82	N	CI	<i>Imp. vel. quadriga, mão de Deus</i>					1	?	1
83	N	Cs	GLORIA EXERCITVS, 1 est.					1	?	1

CM INDETERMINADA (33)

-- // ? (31)

Nº	Den	Gov	Reverso						RIC VIII	TOTAL
84	N	T	PIETAS ROMANA					1	?	1
85-90	N	Cs	GLORIA EXERCITVS, 1 est.					6	?	6
91-97	N	Cn	GLORIA EXERCITVS, 1 est.					7	?	7
98-114	N	CII; CS ou Cn	GLORIA EXERCITVS, 1 est.					17	?	17

IMITAÇÃO (2)

-- // ? (2)

Nº	Den	Gov	Reverso						RIC VIII	TOTAL
115-116	N	CII, Cs ou Cn	GLORIA EXERCITVS, 1 est.					2		2

VI - 330-341 (2)

CM INDETERMINADA (2)

-- // ? (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
117	N	UR	Loba com gémeos			1	?	1
118	N	Cp	Victória na proa			1	?	1

VII - 347-348 (143)

TREVERI (12)

M // TRP (4)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
119-121	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN	2		1	180	3
122	M	Cs ou Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			180-183	1

♥ // TRP (4)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
123	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			184	1
124-126	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1	1	1	185	3

D // TRP (3)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
127	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN		1		195	1
128-129	N	Cs ou Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1		1	193-196	2

? // TRP (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
130	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN		1		?	1

LUGDUNUM (5)

-- // PLG (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
131	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			38	1

JOSÉ MARCELO SANCHES MENDES PINTO

58

¶ // PLG (1)									
Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL	
132	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			47	1	

¶¶ // PLG (1)									
Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL	
133	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			55	1	

¶¶¶ // PLG (2)									
Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VII	TOTAL	
134	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			65	1	
135	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			67	1	

ARELATE (33)

I // PARL(1)									
Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL	
136	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN			1	55	1	

G / PARL(1)									
Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL	
137	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN		1		74	1	

¶¶ // PARL(1)									
Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL	
138	N	Cs ou Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			76 ou 77	1	

M // PARL (13)									
Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL	
139-144	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN	4		2	78	6	
145-147	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1	1	1	80	3	
148	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN		1		82	1	
149	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			79-82	1	
150-151	N	Cs ou Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	2			78-82	2	

P // PARL(13)									
Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL	
152	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			83	1	
153	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			83 ou 84	1	
154-157	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN	3		1	84	4	
158-159	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	2			85	2	

160	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			85 ou 86	1
161	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			86	1
162	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			87	1
163	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN		1		85-87	1
164	N	Cs ou Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			83-87	1

PV / PARL (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
165	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			88	1

¼ // PARL (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
166	N	Cs ou Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			90-94	1

? // PARL (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
167	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			72-74 e 76-94	1

IMITAÇÃO (1)

P // PARL (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
168	N	Cs ou Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			?	1

ROMA (9)

-- // R * P (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	Q	?	RIC VIII	TOTAL
169	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1					24 ou 25	1

-- // R . P (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	Q	?	RIC VIII	TOTAL
170	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1					81	1
171	N	Cs ou Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN				1		79,80 ou 81	1

-- // R ⊕ P (3)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	Q	?	RIC VIII	TOTAL
172-174	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN		1	1	1		84	3

-- // R ¼ P (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	Q	?	RIC VIII	TOTAL
175-176	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1	1				92	2

. // ? (1)										
Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	Q	?	BRUCK	TOTAL
177	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN					1	p. 81	1

AQUILEIA (3)

-- // AQP (1)										
Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T		?	RIC VIII	TOTAL
178	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1					76	1

-- // . AQP (1)										
Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T		?	RIC VIII	TOTAL
179	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN			1			79	1

A // AQP (1)										
Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T		?	RIC VIII	TOTAL
180	N	Cs ou Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1					80 ou 81	1

SISCIA (2)

-- // . ASIS . (2)										
Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
181-182	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1					185	2

THESSALONICA (1)

⚡ // SMTSA (1)										
Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
183	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1					100	1

CONSTANTINOPOLIS (1)

-- // CONSA (1)										
Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
184	N	Cs	VOT/XX/MVLT/XXX	1					69	1

NICOMEDIA (3)

-- // SMNA (3)										
Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	ε	RIC VIII	TOTAL
185	N	Cl	VN-MR	1					48	1
186	N	Cn	VOT/XX/MVLT/XXX	1					51	1
187	N	Cs ou Cn	VOT/XX/MVLT/XXX					1	49-52	1

CYZICUS (1)

-- // SMKA (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	Γ	Δ	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
188	N	Cs	VOT/XX/MVLT/XX	1					48	1

ANTIOQUIA (4)

-- // SMANA (4)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	Γ	Δ	<i>Z</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
189-190	N	CI	VN-MR	1		1			112	2
191	N	Cs	VOT/XX/MVLT/XXX					1	113	1
192	N	Cs ou Cn	VOT/XX/MVLT/XXX	1					113 ou 115	1

CM OCIDENTAL (48)

⌘ // ? (4)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
193-194	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN	2	?	2
195-196	N	Cs ou Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	2	?	2

? // ? (43)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
197-203	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN	7	?	7
204-214	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	11	?	11
215-239	N	Cs ou Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	25	?	25

IMITAÇÃO (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
240	N	Cs ou Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1		1

CM ORIENTAL (21)

? // ? (21)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
241-245	N	CI	VN-MR	5	?	5
246-251	N	Cs	VOT/XX/MVLT/XXX	6	?	6
252-254	N	Cn	VOT/XX/MVLT/XXX	3	?	3
255-261	N	Cs ou Cn	VOT/XX/MVLT/XXX	7	?	7

VIII - 348-50 (4)

ARELATE (1)

-- // PARL (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
262	Æ2	Cs	FEL TEMP REPARATIO (Galera)		1		99	1

CM ORIENTAL (1)

-- // SM ? (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
263	Æ2	Cs	FEL TEMP REPARATIO (Fenix s/ globo)					1	?	1

CM INDETERMINADA (2)

? // ? (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	?	RIC VIII	TOTAL
264	Æ2	Cs	FEL TEMP REPARATIO (Galera)	1	?	1
265	Æ2	Cs	FEL TEMP REPARATIO (?)	1	?	1

IX - 351-354 (6)

LUGDUNUM (1)

-- // RPLG (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
266	Æ2	Dc (c)	VICTORIAE DD NN AVG ET CAE VOT/V/MVLT/X	1			122	1

ROMA (2)

G - // R Ω P (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	Q	ε	RIC VIII	TOTAL
267	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH4)					1	256 ou 257	1

-- // R * P (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	Q	RIC VIII	TOTAL
268	Æ3	Cs ou G (c)	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1				276,277, 278 ou 279	1

SISCIA (1)

-- // ASIS (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
269	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)			1			350	1

THESSALONICA (1)

A - // SMTS (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
270	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1					189	1

CONSTANTINOPOLIS (1)

. - // CONSA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
271	Æ3	G (c)	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1					122	1

X - 354-356 (83)

TREVETI (1)

- - // TRP (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S		?	RIC VIII	TOTAL
272	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1				358	1

ARELATE (3)

D - // PCON (3)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S		?	RIC VIII	TOTAL
273-274	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	2				215	2
275	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)		1			215 ou 216	1

ROMA (3)

- - // R Ω P (3)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	Q	RIC VIII	TOTAL
276	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)			1		309 ou 310	1
277-278	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1			1	310	2

AQUILEIA (1)

II - // AQP (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	?	RIC VIII	TOTAL
279	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)		1			212	1

SIRMIUM (2)

. S. // ASIRM (1)

<i>N°</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
280	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1			46 ou 47	1

-- // ASIRM . (1)

<i>N°</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
281	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1			69	1

THESSALONICA (1)

-- // SMTSA (1)

<i>N°</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>Γ</i>	<i>Δ</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
282	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1					192	1

HERACLEA (3)

-- // SMHA (3)

<i>N°</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>Γ</i>	<i>Δ</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
283-285	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	2	1				90	3

CONSTANTINOPOLIS (3)

-- // CONSA (3)

<i>N°</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>Γ</i>	<i>Δ</i>	<i>Θ</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
286-287	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)				1	1	118	2
288	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)				1		135	1

NICOMEDIA (2)

-- // SMNA (2)

<i>N°</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>Γ</i>	<i>Δ</i>	<i>ε</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
289	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)					1	104	1
290	Æ3	Cs ou J (c)	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1					104-106	1

CYZICUS (2)

* - // SMKA (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	ε	?	RIC VIII	TOTAL
291-292	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)				1	1	113	2

CM ORIENTAL (3)

? // SM ? (3)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
293	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)					1	?	1
294-295	Æ3	J (c)	FEL TEMP REPARATIO (FH3)					1	?	2

CM INDETERMINADA (59)

A - // ? (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	?	RIC VIII	TOTAL
296-297	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	2	?	2

? // ? (56)

Nº	Den	Gov	Reverso	?	RIC VIII	TOTAL
298-338	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	41	?	41
339-342	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH4)	4	?	4
343-346	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH ?)	4	?	4
347-348	Æ3	J (c)	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	2	?	2
349-353	Æ3	Cs ou J (c)	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	5	?	5

IMITAÇÃO (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	?	TOTAL
354	Æ3	?	tipo FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1	1

XI - 357-358 (25)

ARELATE (3)

M - // PCON (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
355-356	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	2			269	2

JOSÉ MARCELO SANCHES MENDES PINTO

66

Recunhagem sobre D - // PCON (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
357	Æ3	J(c) s/ Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1			?	1

ROMA (2)

-- // R. M. P (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	Q	?	RIC VIII	TOTAL
358-359	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	2					314	2

THESSALONICA (2)

M - // SMTSA (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
360	Æ3	J(c)	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1					209	1
361	Æ3	J(c)	FEL TEMP REPARATIO (FH4)	1					212	1

CONSTANTINOPOLIS (3)

. M. - // CONSA (3)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	ε	?	RIC VIII	TOTAL
362-364	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)					1	2	137	3

CYZICUS (1)

. M. - // SMKA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	ε	?	RIC VIII	TOTAL
365	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)					1		1	15

CM OCIDENTAL (1)

M - // [?] P (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
366	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1			?	1

CM ORIENTAL (1)

M - // SM ? (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
367	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH4)					1	?	1

CM INDETERMINADA (12)

M - // ? (11)

Nº	Den	Gov	Reverso	?	RIC VIII	TOTAL
368-376	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	9	?	9

377	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH4)	1	?	1
378	Æ3	J (c)	FEL TEMP REPARATIO (FH4)	1	?	1

--// ? (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	?	RIC VIII	TOTAL
379	Æ3	J (C)	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1	?	1

XII - 351-358 (8)

CM INDETERMINADA (8)

?// ? (8)

Nº	Den	Gov	Reverso	?	RIC VIII	TOTAL
380-382	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	3	?	3
383-384	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH ?)	2	?	2
385	Æ3	Cs ou J (c)	FEL TEMP REPARATIO (FH4)	1	?	1
386-387	Æ3	Cs ou J (c)	FEL TEMP REPARATIO (FH ?)	2	?	2

XIII - 358-361 (36)

ARELATE (1)

--// PCON (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
388	Æ4	Cs	SPES REIPVBLICE	1			275	1

CYZICUS (4)

--// SMKA (3)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	ε	S	?	RIC VIII	TOTAL
389-391	Æ4	Cs	SPES REIPVBLICE				1	1	1	117	3

-// SMKA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
392	Æ4	J (c)	SPES REIPVBLICE	1					122	1

CM ORIENTAL (1)

--// SM ? (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
393	Æ4	Cs	SPES REIPVBLICE	1					?	1

CM INDETERMINADA (30)

? // ? (30)

Nº	Den	Gov	Reverso		?	RIC VIII	TOTAL
394-403	Æ4	Cs	SPES REIPVBLICE		10	?	10
404-410	Æ4	J (c)	SPES REIPVBLICE		7	?	7
411-423	Æ4	Cs ou J (c)	SPES REIPVBLICE		13	?	13

XIV - 364-378 (33)

ARELATE (2)

- - // PCON (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	?	RIC IX	TOTAL
424	Æ3	Gr	GLORIA NOVI SAECVLI			1		15	1

- - // PCONST (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	?	RIC IX	TOTAL
425	Æ3	Vn	GLORIA ROMANORVM (8)			1		18a	1

ROMA (6)

- - // R. PRIMA (3)

Nº	Den	Gov	Reverso	Prima	Secvnda	Tertia	?	RIC IX	TOTAL
426	Æ3	Vn	SECVRITAS REIPVBLICAE		1			17b ou 24b	1
427	Æ3	Gr	SECVRITAS REIPVBLICAE		1			24c	1
428	Æ3	Vn	GLORIA ROMANORVM (8)		1			23b	1

- - // SM ♥ RP (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	B	T	Q	?	RIC IX	TOTAL
429	Æ3	Vn	SECVRITAS REIPVBLICAE	1					28a	1

? // ? (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	B	T	Q	?	BRUCK	TOTAL
430	Æ3	Vn	SECVRITAS REIPVBLICAE					1	p. 66	1
431	Æ3	V1, Vn, Gr ou V2	SECVRITAS REIPVBLICAE					1	p. 66	1

SISCIA (3)

- - // ASISC (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B		?	RIC IX	TOTAL	
432	Æ3	V1 ou Vn	SECVRITAS REIPVBLICAE					1	7a ou b	1

R / Æ - F // ASISC (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC IX	TOTAL
433	Æ3	V1	SECVRITAS REIPVBLICAE				1		15a	1

R - // . ASISC (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC IX	TOTAL
434	Æ3	Vn	SECVRITAS REIPVBLICAE		1				15b	1

CYZICUS (2)

-- // SMKA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC IX	TOTAL
435	Æ3	Vn	GLORIA ROMANORVM (8)	1					8b ou 12b	1

? // ? (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	BRUCK	TOTAL
436	Æ3	V1, Vn ou Gr	SECVRITAS REIPVBLICAE					1	p. 66	1

ANTIOQUIA (2)

-- // ANTA (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	I	RIC IX	TOTAL
437	Æ3	Vn	GLORIA ROMANORVM (8)					1	10b	1
438	Æ3	V1 ou Vn	GLORIA ROMANORVM (8)	1					10a,b ou c, ou 35a ou b	1

CM INDETERMINADA (18)

? // ? (18)

Nº	Den	Gov	Reverso	?	RIC IX	TOTAL
439-440	Æ3	Vn	GLORIA ROMANORVM (8)	2	?	2
441-449	Æ3	V1, Vn, Gr ou V2	GLORIA ROMANORVM (8)	9	?	9
450	Æ3	V1 ou V2	GLORIA ROMANORVM (8)	1	?	1
451	Æ3	V1 ou Vn	SECVRITAS REIPVBLICAE	1	?	1
452-455	Æ3	V1, Vn, Gr ou V2	SECVRITAS REIPVBLICAE	4	?	4
456	Æ3	V1 ou V2	<i>Illegível</i>	1	?	1

XV - 378-383 (16)

LUGDUNUM (1)

-- // LVGP (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC IX	TOTAL
457	Æ2	Gr	REPARATIO REIPVB	1			28a	1

JOSÉ MARCELO SANCHES MENDES PINTO

70

ARELATE (6)

-- // PCON (6)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	?	RIC IX	TOTAL
458-463	Æ4	Gr	VOT/XV/MVLT/XX	4	2			24	6

ROMA (1)

-- // SMRP (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	B	T	Q	?	RIC IX	TOTAL
464	Æ4	Th1	VOT/XV/MVLT/XX			1			51d	1

CYZICUS (3)

-- // SMKA (3)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC IX	TOTAL
465	Æ4	A	VOT/V					1	20d	1
466-467	Æ4	Th1	VOT/X/MVLT/XX			1		1	21c	2

CM INDETERMINADA (5)

? // ? (5)

Nº	Den	Gov	Reverso	?	RIC IX	TOTAL
468-469	Æ4	Gr	VOT/XV/MVLT/XX	2	?	2
470	Æ4	Th1	VOT/X/MVLT/XX	1	?	1
471-472	Æ4	Gr, Th1 ou V2	VOT/XV/MVLT/XX	2	?	2

XVI - 383-408 (39)

ARELATE (2)

-- // PCON (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	?	RIC IX	TOTAL
473	Æ2	Mm	REPARATIO REIPVB			1		26b	1
474	Æ4	Th1	VICTORIA AVGGG		1			30d	1

ROMA (6)

. // RP (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	B	T	Q	?	RIC IX	TOTAL
475	Æ4	Th1	VICTORIA AVGGG					1	57a	1
476	Æ4	Th1, V2 ou A	VICTORIA AVGGG (2 vict.)					1	57a,b,c,d ou e	1

[. ou :] // RP(1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	B	T	Q	?	RIC IX	TOTAL
477	Æ4	ThI	VICTORIA AVGGG (2 vict.)					1	57c	1

-- // RP(3)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	B	T	Q	?	RIC IX	TOTAL
478	Æ4	ThI	VICTORIA AVGGG					1	57c	1
479	Æ4	A	VICTORIA AVGGG			1			57c	1
480	Æ4	Mm	SPES ROMANORVM					1	59	1

THESSALONICA (1)

. // TESA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC IX	TOTAL
481	Æ4	A	VICTORIA AVG (2 vict.)				1		63a	1

HERACLEA (1)

-- // SMHA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC IX	TOTAL
482	Æ4	A	SALVS REIPVBLICAE	1					26c	1

NICOMEDIA (4)

P - // SMNA (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC IX	TOTAL
483	Æ4	ThI	SALVS REIPVBLICAE	1					45b	1
484	Æ4	A	SALVS REIPVBLICAE	1					45c	1

-- // SMNA (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC IX	TOTAL
485	Æ4	V2, ThI ou A	SALVS REIPVBLICAE	1					45a,b ou c	1
486	Æ4	ThI	SALVS REIPVBLICAE	1					48a	1

CYZICUS (1)

-- // SMKA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC IX	TOTAL
487	Æ4	ThI	SALVS REIPVBLICAE				1		26b ou 30a	1

ANTIOQUIA (3)

+ - // ANTA (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC IX	TOTAL
488	Æ4	ThI	SALVS REIPVBLICAE				1		67b ou 70a	1
489	Æ4	Hn	SALVS REIPVBLICAE				1		70c	1

-- // ANTA (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>Γ</i>	<i>Δ</i>	<i>?</i>	<i>RIC IX</i>	<i>TOTAL</i>
490	Æ2	Th1	GLORIA ROMANORVM (18)	1					68a	1

ALEXANDRIA (1)

.- // ALEA (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>Γ</i>	<i>Δ</i>	<i>?</i>	<i>RIC IX</i>	<i>TOTAL</i>
491	Æ4	V2 ou Th1	SALVS REIPVBLICAE				1		20a ou b ou 23a	1

CM OCIDENTAL (5)

? // ? (5)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>Γ</i>	<i>Δ</i>	<i>?</i>	<i>RIC IX</i>	<i>TOTAL</i>
492-493	Æ4	A	VICTORIA AVGGG					2	?	2
494	Æ4	Th1	VICTORIA AVGGG					1		1
495-496	Æ4	Th1, V2, A ou Hn	VICTORIA AVGGG					2	?	2

CM ORIENTAL (11)

Ɔ // ? (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>Γ</i>	<i>Δ</i>	<i>?</i>	<i>RIC IX</i>	<i>TOTAL</i>
497	Æ4	Th1, V2, A ou Hn	SALVS REIPVBLICAE					1	?	1

+ - // ? (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>Γ</i>	<i>Δ</i>	<i>?</i>	<i>RIC IX</i>	<i>TOTAL</i>
498	Æ4	Th1, V2, A ou Hn	SALVS REIPVBLICAE					1	?	1

? // ? (9)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>Γ</i>	<i>Δ</i>	<i>?</i>	<i>RIC IX</i>	<i>TOTAL</i>
499-450	Æ4	Th1	SALVS REIPVBLICAE					2	?	2
501-503	Æ4	V2	SALVS REIPVBLICAE					3	?	3
504-507	Æ4	Th1, V2, A ou Hn	SALVS REIPVBLICAE					4	?	4

CM INDETERMINADA (4)

? // ? (4)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>Γ</i>	<i>Δ</i>	<i>?</i>	<i>RIC IX</i>	<i>TOTAL</i>
508-509	Æ4	V2	<i>ilegível</i>					1	?	2
510-511	Æ4	Th1	<i>ilegível</i>					2	?	2

ILEGÍVEIS

XVIII - 330-361 (70)

Nº	Den	Gov	Reverso	?	RIC	TOTAL
512-581	N e Æ3	?	<i>Ilegível</i>	70	?	70

XIX - 361-408 (31)

Nº	Den	Gov	Reverso	?	RIC	TOTAL
582-612	Æ3	?	<i>Ilegível</i>	31	?	31

10 - CASTRO DE GUIFÕES, Porto, Matosinhos, Guifões
13.08.02

Em todos os artigos que escreveu sobre o Castro de Guifões, não faz Joaquim Neves dos Santos nenhuma referência ao aparecimento de qualquer conjunto monetário no decurso das suas prospecções e escavações, limitando-se à publicação de alguns achados isolados de moedas na sua monografia sobre esta estação. Estas moedas incluem um *aureus* de Nero⁸³ e dois bronzes de Constantinus II.

Porém, tivemos acesso⁸⁴ a um conjunto de fotografias onde são retratadas 287 moedas, organizadas em séries de 35 por lâmina fotográfica 18X24 cm, e em cujo verso aparece escrito na caligrafia de J. Neves dos Santos a seguinte referência: “*Monte Castelo-Castro de Guifões*”. Os aversos das moedas, cuidadosamente numeradas e à escala 1:1, são fotografados separadamente dos seus reversos, pelo que a cada série de 35 moedas correspondem duas folhas. Em 6 conjuntos destas lâminas, a legenda manuscrita atrás citada é completada pela seguinte informação “*Moedas do tesouro monetário da casa do alto da rampa do moinho de Guifões. Habitação U.*”, que aparece apenas em mais uma lâmina com 35 moedas das quais foi fotografada a face em melhor estado, “a mais nítida”, no dizer de Neves dos Santos.

Temos então um conjunto bem individualizado de 217 moedas que constituem um tesouro monetário, aparecido nas escavações de uma habitação do Castro de Guifões, não se sabendo exactamente em que condições nem qual o tipo de contentor em que se

⁸³ - Rui M. S. Centeno, *Circulação Monetária no Noroeste da Hispânia até 192*, (Anexos Nvmmvs, nº 1), Porto, p. 2, nº 5.

⁸⁴ - Agradecemos a cedência deste material ao Prof. Doutor Rui Centeno, que o detinha para estudo ulterior.

achavam depositadas, pois J. Neves dos Santos não deixou mais nenhuma informação sobre este achado.

Juntamente com as fotografias das moedas deste tesouro, encontram-se fotografias de mais 70 moedas (4 lâminas), também fotografadas pelo mesmo método, e com a indicação “Moedas diversas”, referindo-se concerteza a achados de moedas isoladas no contexto das escavações então em curso.

Da análise deste tesouro monetário, de que seguidamente apresentamos catálogo, ressalta que, à parte 3 moedas do século III, das quais a mais antiga data do reinado de Gallienus (260-269), a grande maioria dos numismas foi emitida pela casa de Constantinus, terminando o tesouro com moedas do tipo *GLORIA ROMANORVM* dos anos 393-395, pelo que talvez se possa atribuir o seu ocultamento aos primeiros anos do século V.

Para além disso, o ocultamento deste tesouro numa habitação do Castro de Guifões indicia também uma tendência que temos vindo a detectar na maioria dos povoados desta área e que resulta na sua reocupação desde finais do século III até pelo menos ao século IV-V, o que tem a ver com o crescente clima de medo e insegurança decorrentes da grande crise em que mergulhou o Império e do temor despertado pela notícia das invasões e aproximação dos bárbaros.

Depósito: Paradeiro desconhecido

Bibliografia: — Joaquim Neves dos Santos, *Guifões. Notas Arqueológicas, Históricas e Etnográficas. Vol. I-Castrum Quiffiones*, Guifões-Matosinhos, 1955, p. 55.

CATÁLOGO

I - 260-294 (3)

ROMA (2)

-- // (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VI	TOTAL
1	Ant	GAL	VIRTVS AVG			1	316	1
2	Ant	GAL	APOLLINI CON ou CONS AVG			1	558	1

CM INDETERMINADA (1)

-- // (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VI	TOTAL
3	Ant	GAU/CLII ?	?			1	?	1

II - 330-335 (3)

LUGDUNUM (1)

-- // PLG (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VII	TOTAL
4	N	UR	Loba com géneos	1			275	1

ROMA (1)

-- // R Ω P (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	Q	?	RIC VII	TOTAL
5	N	Cs (c)	GLORIA EXERCITVS 2 est.					1	352	1

CM OCIDENTAL (1)

Ω // ? (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	Q	?	RIC VII	TOTAL
6	N	UR	Loba com géneos					?	?	1

III - 335-337 (7)

ARELATE (1)

£ // PCONST (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VII	TOTAL
7	N	Cs (c)	GLORIA EXERCITVS 1 est.	1			396	1

ROMA (2)

-- // R * P (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	Q	?	RIC VII	TOTAL
8	N	C I	GLORIA EXERCITVS 2 est.	1					363	1
9	N	C II (c)	GLORIA EXERCITVS 1 est.		1				393	1

THESSALONICA (1)

-- // SMTSA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VII	TOTAL
10	N	Cn (c)	GLORIA EXERCITVS 2 est.					1	201	1

NICOMEDIA (1)

-- // SMNA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VII	TOTAL
11	N	Cs (c)	GLORIA EXERCITVS 1 est.	1					201	1

CYZICUS (1)

-- // SMKA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VII	TOTAL
12	N	CII (c)	GLORIA EXERCITVS 1 est.	1					123	1

CM INDETERMINADA (1)

-- // ? (1)

Nº	Den	Gov	Reverso					?	RIC VII	TOTAL
13	N	CII (c)	GLORIA EXERCITVS 1 est.					1	?	1

IV - 337-341 (27)

TRIER (5)

-- // . TRP. (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S			?	RIC VIII	TOTAL
14	N	Cp	Victória na proa	1					67	1

-- // TRP (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S			?	RIC VIII	TOTAL
15	N	CII	GLORIA EXERCITVS 1 est.	1					72	1
16	N	T	PIETAS ROMANA	1					79	1

-- // TRP (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S			?	RIC VIII	TOTAL
17	N	Cp	Victória na proa					1	92	1

M // TRP (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S			?	RIC VIII	TOTAL
18	N	Cs ou CII	GLORIA EXERCITVS 1 est.		1				105-1071	

LUGDUNUM (1)

⌘ // PLG

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S			?	RIC VIII	TOTAL
19	N	CII	GLORIA EXERCITVS 1 est.	1					4	1

ARELATE (5)

∩ // PCONST (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T		?	RIC VIII	TOTAL
20	N	CII	GLORIA EXERCITVS 1 est.					1	10	1

O - // PCONST (2)									
Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	?	RIC VIII	TOTAL
21-22	N	Cp	Victória na proa		2			16	2

N - // PCON (1)									
Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	?	RIC VIII	TOTAL
23	N	Cp	Victória na proa		1			39	1

X // PCON (1)									
Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	?	RIC VIII	TOTAL
24	N	Cs	GLORIA EXERCITVS 1 est.				1	47	1

ROMA (4)										
-- // R ♥ P (1)										
Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	Q	?	RIC VIII	TOTAL
25	N	Cs	SECVRITAS REI PVB					1	5	1

-- // R * P (2)										
Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	Q	?	RIC VIII	TOTAL
26	N	CII	GLORIA EXERCITVS 1 est.		1				24	1
27	N	T	PIETAS ROMANA			1			28	1

-- // R ? (1)										
Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	Q	?	RIC VIII	TOTAL
28	N	Cn	GLORIA EXERCITVS 1 est.					1	26,38, 49 ou 52	1

CONSTANTINOPOLIS (2)										
-- // CONSA (2)										
Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
29	N	CII ou Cn	GLORIA EXERCITVS 1 est.				1		25 ou 30	1
30	N	Cs	GLORIA EXERCITVS 1 est.		1				26	1

CYZICUS (1)										
-- // SMKA (1)										
Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	e	RIC VIII	TOTAL
31	N	Cn	GLORIA EXERCITVS 1 est.					1	18	1

ANTIOQUIA (1)

-- // SMANA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
32	N	Cn	GLORIA EXERCITVS I est.					1	50	1

ALEXANDRIA (1)

S R // SMALA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	ε	RIC VIII	TOTAL
33	N	CI	Imp. vel. quadriga, mão de Deus	1					4	1

CM ORIENTAL (1)

-- // ? (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
34	N	CI	Imp. vel. quadriga, mão de Deus	1	?	1				

CM INDETERMINADA (5)

-- // ? (5)

Nº	Den	Gov	Reverso					?	RIC VIII	TOTAL
35-36	N	Cs	GLORIA EXERCITVS I est.					2	?	2
37	N	Cn	GLORIA EXERCITVS I est.					1	?	1
38-39	N	CII, Cs ou Cn	GLORIA EXERCITVS I est.					2	?	2

IMITAÇÃO (1)

-- // ? (1)

Nº	Den	Gov	Reverso					?	RIC VIII	TOTAL
40	N	UR	Loba com gémeos					1		1

V - 347-348 (41)

TRIER (3)

M // TRP (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S			?	RIC VIII	TOTAL
41	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1					182	1

♥ // TRP (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S			?	RIC VIII	TOTAL
42	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1					183	1

Nº	Den	Gov	Reverso	¶ // TRP (1)		?	RIC VIII	TOTAL
				P	S			
43	N	Cs ou Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			203 a 206	1

LUGDUNUM (3)

Nº	Den	Gov	Reverso	- - // PLG (1)		?	RIC VIII	TOTAL
				P	S			
44	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			40	1

Nº	Den	Gov	Reverso	¶ // PLG (1)		?	RIC VIII	TOTAL
				P	S			
45	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN		1		45	1

Nº	Den	Gov	Reverso	H // PLG (1)		?	RIC VIII	TOTAL
				P	S			
46	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1		59	1	

ARELATE (13)

Nº	Den	Gov	Reverso	G // PARL (1)		?	RIC VIII	TOTAL
				P	S			
47	N	Cs ou Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN		1		72,73 ou 74	1

Nº	Den	Gov	Reverso	E // PARL (3)		?	RIC VIII	TOTAL
				P	S			
48-49	N	Cs ou Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN			2	76 ou 77	2
50	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN			1	77	1

Nº	Den	Gov	Reverso	P // PARL (8)		?	RIC VIII	TOTAL
				P	S			
51-52	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN			2	83	2
53	N	Cs ou Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN			1	83 a 87	1
54	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			84	1
55	N	Cs ou Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN			1	84 ou 86	1
56	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN		1		86	1
57	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			86 ou 87	1
58	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN			1	87	1

☼ // PARL(1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
59	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			91	1

ROMA (4)

-- // R . P(2)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	Q	?	RIC VIII	TOTAL
60	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN					1	79	1
61	N	Cs ou Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN					1	79-81	1

-- // R ⊙ P(1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	Q	?	RIC VIII	TOTAL
62	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN				1		84	1

-- // R ♥ P(1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	Q	?	RIC VIII	TOTAL
63	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1					101	1

THESSALONICA (1)

☼ // SMTSA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
64	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN				1		105	1

NICOMEDIA (1)

-- // SMNA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
65	N	Cs	VOT/XX/MVLT/XXX	1					49	1

ANTIOQUIA (1)

-- // SMANA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
66	N	Cs ou Cn	VOT/XV/MVLT/XX					1	114 ou 116	1

CM OCIDENTAL (11)

-- // ? (11)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>		<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
67-68	N Cn		VICTORIAE DD AVGG Q NN		2	?	2
69	N Cs		VICTORIAE DD AVGG Q NN		1	?	1
70-77	N Cs ou Cn		VICTORIAE DD AVGG Q NN		8	?	8

CM ORIENTAL (4)

-- // ? (4)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>Γ</i>	<i>Δ</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
78-79	N	Cl	VN - MR					2	?	2
80-81	N	Cs ou Cn	VOT/XX/MVLT/XXX					2	?	2

VI - 351-353/54 (10)

ARELATE (1)

-- // FPAR (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
82	Æ2	M	VICTORIAE DD NN AVG ET CAES VOT/V/MVL/X			1	167	1

ROMA (2)

-- // R * P (2)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>	<i>ε</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
83-84	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1				1	276	2

HERACLEA (1)

-- // SMHA (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>Γ</i>	<i>Δ</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
85	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1					90	1

CYZICUS (1)

-- // SMKA (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	Γ	Δ	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
86	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1					104	1

CM INDETERMINADA (5)

-- // ? (5)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
87-91	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	5	?	5

VII - 351-356 (19)

CM ORIENTAL (1)

-- // SM ? (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	Γ	Δ	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
92	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)					1	?	1

CM INDETERMINADA (18)

-- // ? (18)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
93-103	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	11	?	11
104-110	Æ3	Cs ou G	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	7	?	7

VIII - 354-356 (13)

LUGDUNUM (1)

-- // GPLG (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
111	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1			190	1

ARELATE (3)

--//PARL(1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	?	RIC VIII	TOTAL
112	Æ3	G	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1				213	1

D - // PCON (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	?	RIC VIII	TOTAL
113	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)		1			222	1

E - // PCON (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	?	RIC VIII	TOTAL
114	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)				1	224	1

ROMA (3)

--//R Ω P(1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	B	T	Q	RIC VIII	TOTAL
115	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1				309	1

--//R . M . P(1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	B	T	Q	RIC VIII	TOTAL
116	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH2)	1				314	1

--//RMP*(1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	B	T	Q	RIC VIII	TOTAL
117	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1				316	1

AQUILEIA (2)

II *//AQP (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	?	RIC VIII	TOTAL
118	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)		1			215	1

--//AQP # (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	?	RIC VIII	TOTAL
119	Æ3	J(c)	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1				223	1

SISCIA (1)

-- // ASISD (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	Γ	Δ	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
120	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1					364	1

NICOMEDIA (2)

-- // SMNA (2)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	Γ	Δ	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
121-122	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	2					104	2

CYZICUS (1)

-- // SMKA (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	Γ	Δ	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
123	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)		1				110 ou 111	1

IX - 357-358 (8)

HERACLEA (1)

M - // SMHA . (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	Γ	Δ	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
124	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1					96	1

CONSTANTINOPOLIS (3)

M. - // CONSA (3)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	Γ	Δ	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
125	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)					1	137	1
126	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH4)					1	139	1
127	Æ3	J (c)	FEL TEMP REPARATIO (FH4)	1					140	1

ALEXANDRIA (1)

M - // ALEA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
128	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1					84	1

CM INDETERMINADA (3)

M - // ? (3)

Nº	Den	Gov	Reverso					?	RIC VIII	TOTAL
129	Æ3	Cs ou J (c)	FEL TEMP REPARATIO (FH3)					1	?	1
130-131	Æ3	Cs ou J(c)	FEL TEMP REPARATIO (FH4)					2	?	2

X - 358-361 (28)

ROMA (4)

- - // R Ω P (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	B	T	Q	?	RIC VIII	TOTAL
132	Æ4	Cs	SPES REIPVBLICE	1					318	1

- - // RP (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	B	T	Q	?	RIC VIII	TOTAL
133-134	Æ4	Cs	SPES REIPVBLICE	1	1				322	2

- - // R ? (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	B	T	S	?	RIC VIII	TOTAL
135	Æ4	Cs ou J	SPES REIPVBLICE				1		318-321	1

THESSALONICA (1)

- - // SMTSA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
136	Æ4	J (c)	SPES REIPVBLICE	1					214	1

CONSTANTINOPOLIS (1)

C - // CONSA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
137	Æ4	Cs	SPES REIPVBLICE	1					153	1

NICOMEDIA (1)

-- // SMNA (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>Γ</i>	<i>Δ</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
138	Æ4	Cs	SPES REIPVBLICE					1	112	1

ANTIOQUIA (1)

-- // ANA (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>Γ</i>	<i>Δ</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
139	Æ4	Cs	SPES REIPVBLICE	1					193	1

CM ORIENTAL (1)

-- // SM ? (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>Γ</i>	<i>Δ</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
140	Æ4	Cs ou J	SPES REIPVBLICE					1	?	1

CM INDETERMINADA (18)

-- // ? (18)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>					<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
141-145	Æ4	Cs	SPES REIPVBLICE					5	?	5
146-158	Æ4	Cs ou J	SPES REIPVBLICE					13	?	13

IMITAÇÃO (1)

ARELATE (1)

ω - // TCOS

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>		<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
159	Æ4	Cs ou J	SPES REIPVBLICE			1				1

XI - 361-364 (1)

ARELATE (1)

-- // PCONST (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>		<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
160	Æ3	1	VOT/V/MVLT/X	1					333 ou 334	1

XII - 364-378 (16)

ROMA (3)

-- // R PRIMA (3)

Nº	Den	Gov	Reverso	Prima	Secvnda	Tertia	Quarta	?	RIC IX	TOTAL
161-162	Æ3	Vn	SECVRITAS REIPVBLICAE	1		1			24 b	2
163	Æ3	Gr	SECVRITAS REIPVBLICAE	1					24 c	1

CONSTANTINOPOLIS (1)

* Ω // CONSA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC IX	TOTAL
164	Æ3	Vn	GLORIA ROMANORVM (8)				1		41 b	1

CYZICUS (1)

-- // SMKA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC IX	TOTAL
165	Æ2	P	REPARATIO FEL TEMP	1					6	1

ALEXANDRIA (2)

-- // ALEA (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC IX	TOTAL
166-167	Æ3	V1, Vn ou Gr	SECVRITAS REIPVBLICAE				1	1	3a,b ou 5a,b,c	2

CM INDETERMINADA (9)

-- // ? (9)

Nº	Den	Gov	Reverso	?	RIC IX	TOTAL
168-172	Æ3	V1, Vn, Gr	SECVRITAS REIPVBLICAE	5	?	5
173-176	Æ3	V1, Vn, Gr	GLORIA ROMANORVM (8)	4	?	4

XIII - 383-408 (4)

CM ORIENTAL (1)

--// ? (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	?	RIC IX	TOTAL
177	Æ2	Th1, A ou Hn	GLORIA ROMANORVM (18)	1	?	1

CM INDETERMINADA (3)

--// ? (3)

Nº	Den	Gov	Reverso	?	RIC IX	TOTAL
178-180	Æ4	?	SALVS REIPVBLICAE	3	?	3

XIV - ILEGÍVEIS - 330-361 (37)

--// ? (37)

Nº	Den	Gov	Reverso	?	RIC	TOTAL
181-217	NeÆ3	?	?	37	?	37

11 - **CITÂNIA DE SANFINS 1**, Porto, Paços de Ferreira, Sanfins de Ferreira
13.09.15

Manuel Vieira Diniz informou M. de Castro Hipólito do aparecimento, em 1925, nas imediações da Citânia de Sanfins, de 15 moedas, “mais ou menos juntas”, que um caçador teria encontrado num terreno em declive, não constando que estivessem dentro de qualquer vaso. Uma das moedas, de Constantius II, tem a legenda DN CONSTANTIVS PF AVG.

Apesar de J.-P. Callu (Callu1981) incluir este depósito na sua lista de tesouros posteriores a 333, é demasiado sucinta a notícia para que dela possamos extrair qualquer conclusão válida sobre este achado. A erosão terá posto as moedas a descoberto, podendo ter ocasionado a quebra do seu contentor, não dando o achador das moedas importância a fragmentos cerâmicos que estivessem nas proximidades - o que parece uma ocorrência perfeitamente natural nas proximidades da Citânia -, ou então pode-se dar o caso de este pequeno conjunto ter estado contido num “porta-moedas”, que terá desaparecido dado ser confeccionado em materiais perecíveis.

Não nos parece tratar-se de um depósito votivo em contexto funerário dado o declive do terreno onde apareceu este conjunto, nada usual nem propício a enterramentos. As necrópoles situavam-se em regra junto às estradas e caminhos, a uma certa distância dos povoados, em terrenos pouco acidentados, onde seria fácil a prática dos rituais fúnebres.

Um tesouro, parte dele, ou apenas um porta moedas? Não há elementos que permitam responder a estas interrogações.

Depósito: Paradeiro desconhecido.

Bibliografia: — Afonso do Paço, *Citânia de Sanfins, Brotéria*, 56, Lisboa, 1953, pp. 673-68; — M. Abad Varela, *Circulación monetaria en la Hispania romana del siglo IV d.C.*, Madrid, 1989, (microficha), pp. 1509, nº 139; — M. de Castro Hipólito, *Dos Tesouros de Moedas Romanas em Portugal, Conimbriga*, II-III, Coimbra, 1960-61, p. 45, nº 51; — Isabel Pereira, Jean-Pierre Bost, Jean Hiernard, *Fouilles de Conimbriga, III. Les Monnaies*, Paris, 1974, p. 307, nº 60; — Jean-Pierre Callu, *Inventaire des trésors de bronze Constantinien (313-348)*, (*Numismatique Romaine-essais, recherches et documents*), XII, Wetteren, 1981, p. 48.

12 - CITÂNIA DE SANFINS 2, Porto, Paços de Ferreira, Sanfins de Ferreira

13.09.15

Pouco se sabe acerca do aparecimento deste tesouro e das condições do seu achado. M. Vieira Diniz, em 1980, noticia sucintamente a sua existência no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa, para onde terá ido em virtude da sua oferta pelo Dr. Francisco Ferreira Coelho, de Sanfins, a José Leite de Vasconcellos, à roda de 1905. Aí terá permanecido incógnito, pois Hipólito não o recenseou no seu levantamento, e também não aparece referido nas *Fouilles de Conimbriga*. Foi estudado recentemente por Rui Centeno, que tem o seu catálogo em publicação, e a quem agradecemos a cedência dos dados. É constituído por 95 *nummi*, com uma cronologia balizada pelos anos de 330 e 348, devendo ter sido ocultado nos inícios da segunda metade do século IV, provavelmente na sequência da usurpação de Magnentius, uma vez que ainda não contém moedas da série FEL TEMP REPARATIO.

Depósito: Tendo estado depositado até à pouco no Museu Nacional de Arqueologia, passará a integrar o espólio do Museu da Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.

Bibliografia: — Armando Coelho F. da Silva e Rui Manuel S. Centeno, *Escavações Arqueológicas na Citânia de Sanfins (1977-1978)*, *Portugalia*, n.s., Vol. I, 1980, pp. 57-78; — M. Abad Varela, *Circulación monetaria en la Hispania romana del siglo IV d.C.*, Madrid, 1989, (microficha), pp. 1509, nº 138; — Manuel Vieira Diniz, *Achados de numismas romanos (no termo de Paços de Ferreira)*, *Revista de Guimarães*, XC, 1980, pp. 383-393;

13 - **CIVIDADE DE TERROSO**, Porto, Póvoa de Varzim, Terroso 13.13.12

Encontram-se depositadas no Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa de Varzim 61 moedas romanas em bronze atribuídas, segundo informação oral, a um tesouro aparecido há anos na parte baixa de uma das encostas do monte onde está implantada a Cidade de Terroso, em data e em condições desconhecidas. Do mesmo tesouro, tivemos acesso a mais 52 moedas de uma coleção particular⁸⁵, num total de 113 moedas que realmente apresentam uma certa homogeneidade.

Depósito: Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa de Varzim e coleção particular.

Bibliografia: Inédita.

CATÁLOGO

I - 260-294 (3)

ROMA (1)

N ^o	Den	Gov	Reverso	B - // (1)			RIC VI	TOTAL
				P	S	T		
1	Ant	GAL.	ABUNDANTIA AVG				157	1

-- // ? (1)

N ^o	Den	Gov	Reverso	-- // ? (1)			RIC VI	TOTAL
				P	S	T		
2	Ant	DCL	CONSECRATIO (<i>altar</i>)				259	1

CM INDETERMINADA (1)

-- // ? (1)

N ^o	Den	Gov	Reverso	-- // ? (1)			RIC	TOTAL
				P	S	T		
3	Ant	?	?					1

⁸⁵ Agradecemos ao Prof. Doutor Rui Centeno a informação e a cedência de moedas e dados para o nosso estudo.

II - 335-337 (3)

ARELATE (1)

✠ // PCONST (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
4	N	D (c)	GLORIA EXERCITUS, 1 est.	1			399	1

NICOMEDIA (1)

-- // SMNA (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>Γ</i>	<i>RIC VII</i>	<i>TOTAL</i>
5	N	C I	GLORIA EXERCITUS, 1 est.	1			199	1

CYZICUS (1)

-- // SMKA (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>Γ</i>	<i>Δ</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
6	N	Cn (c)	GLORIA EXERCITUS, 1 est.	1				142	1

III - 337-341 (15)

LUGDUNUM (2)

✠ // PLG (2)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
7	N	C II	GLORIA EXERCITUS, 1 est.	1			6	1
8	N	Cn	GLORIA EXERCITUS, 1 est.	1			10	1

ARELATE (3)

O // PCONST (2)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
9	N	C II	GLORIA EXERCITUS, 1 est.	1			1	1
10	N	Cs	GLORIA EXERCITUS, 1 est.	1			2	1

X // PCONST (1)										
Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T			RIC VIII	TOTAL
11	N	Cs	GLORIA EXERCITUS, 1 est.	1					22	1

ROMA (6)

-- // R ^φ P(3)										
Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	Q		RIC VIII	TOTAL
12	N	Cs	GLORIA EXERCITUS, 1 est.	1					12	1
13	N	Cn	SECVRITAS REI PVB	1					8	1
14	N	Cn	SECVRITAS REIP					1	16	1

-- // R*P(2)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	Q	ε	RIC VIII	TOTAL
15	N	Cn	GLORIA EXERCITVS, 1 est.			1			26	1
16	N	T	PIETAS ROMANA					1	28	1

-- // R[≠]P(1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T			?	RIC VIII	TOTAL
17	N	C II	VIRTVS AVGVSTI						1	32	1

CONSTANTINOPOLIS(1)

-- // CONSA (1)										
Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ			RIC VIII	TOTAL
18	N	H	PAX PVBLICA	1					48	1

CM ORIENTAL(1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ			?	RIC VIII	TOTAL
19	N	Cs	GLORIA EXERCITVS, 1 est.						1	?	1

CM INDETERMINADA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T			?	RIC VIII	TOTAL
20	N	C II	GLORIA EXERCITVS, 1 est.						1	?	1

IMITAÇÃO (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T			?	RIC VIII	TOTAL
21	N	UR	Loba com géneos						1	?	1

IV - 347-348 (15)

TREVERI (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	Ø // TRP (1)			RIC VIII	TOTAL
				P	S	T		
22	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			183	1

ARELATE (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	NE // PARL (1)			RIC VIII	TOTAL
				P	S	T		
23	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			76	1

Nº	Den	Gov	Reverso	M // PARL (1)			RIC VIII	TOTAL
				P	S	T		
24	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			78	1

ROMA (7)

Nº	Den	Gov	Reverso	-- // RP (1)			RIC VIII	TOTAL
				P	S	T		
25	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN			1	73	1

Nº	Den	Gov	Reverso	-- // R © P (2)			RIC VIII	TOTAL
				P	S	T		
26	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			83	1
27	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			84	1

Nº	Den	Gov	Reverso	-- // R Ω P (1)			RIC VIII	TOTAL
				P	S	T		
28	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			88	1

Nº	Den	Gov	Reverso	✠ // RP (3)			RIC VIII	TOTAL
				P	S	T		
29-31	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			95	3

THESSALONICA (1)

‡ // SMTSA (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>Γ</i>		<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
32	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1				104	1

CM OCIDENTAL (2)

‡ // ? (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
33	N	CII, Cs, Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN				1	?	1

-- // ? (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
34	N	CII, Cs, Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN				1	?	1

CM ORIENTAL (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>Γ</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
35	N	Cs ou Cn	VOT/XX/MVLT/XXX				1	?	1

IMITAÇÃO (1)

‡ // PLG (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
36	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1					1

V - 351-354 (4)

ROMA (1)

-- // RP (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>B</i>	<i>T</i>	<i>Q</i>	<i>ε</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
37	Æ3	G	FEL TEMP REPARATIO (FH3)					1	284	1

AQUILEIA (1)

--// AQP ou AQP. ou .AQP. (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>		<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
38	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1				199,201,202	1

HERACLEA (1)

--// SMHA (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>Γ</i>	<i>Δ</i>		<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
39	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1					90	1

CM INDETERMINADA (1)

--// ? (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>B</i>	<i>T</i>	<i>Q</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
40	Æ3	G	FEL TEMP REPARATIO (FH3)					1	?	1

VII - 354-356 (18)

ARELATE (1)

--// PCON (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>		<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
41	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1				457	1

ROMA (1)

--// R Ω P (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>B</i>	<i>T</i>	<i>Q</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
42	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)					1	309	1

AQUILEIA (1)

II * // AQP (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>		<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
43	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1				217	1

NICOMEDIA (2)

-- // SMNA (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>G</i>	<i>D</i>	<i>S</i>		<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
44	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)				1			104	1

A - // SMNA (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>Γ</i>	<i>Δ</i>	<i>?</i>		<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
45	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)					1		107	1

CYZICUS (1)

* - // SMKA (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>Γ</i>	<i>Δ</i>	<i>?</i>		<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
46	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)					1		113	1

CM INDETERMINADA (12)

-- // ? (12)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>					<i>?</i>		<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
47-58	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)					12		?	12

VIII - 357-358 (6)

ARELATE (1)

M - // PCON (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>		<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
59	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1				269	1

CM INDETERMINADA (4)

Nº	Den	Gov	Reverso	M - // ? (4)			?	RIC VIII	TOTAL
				P	S	T			
60-63	Æ3	Cs	FELTEMPREPARATIO (FH3)				4	?	4

IMITAÇÃO (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	-- // ? (1)			?	RIC	TOTAL
				P	S	T			
64	Æ3	?	F-E-L . TEMPREPARATIO (FH3)				1	?	1

IX - 358-361 (17)

ARELATE (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	W - // PCON (1)			RIC VIII	TOTAL
				P	S	T		
65	Æ4	Cs	SPES REIPVBLICE	1			277	1

ROMA (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	-- // R Ω P (1)				RIC VIII	TOTAL
				P	B	T	Q		
66	Æ4	Cs	SPES REIPVBLICE	1				318	1

Nº	Den	Gov	Reverso	-- // R*P (1)				RIC VIII	TOTAL
				P	B	T	Q		
67	Æ4	J	SPES REIPVBLICE	1				321	1

CONSTANTINOPOLIS (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	-- // CONSA (1)				RIC VIII	TOTAL
				A	B	Γ	Δ		
68	Æ4	Cs	SPES REIPVBLICE	1				149	1

ALEXANDRIA (1)

-- // ALEA (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	Γ	Δ	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
69	Æ4	Cs	SPES REIPVBLICE	1				87	1

CM ORIENTAL (1)

-- // SM [?] (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	Γ	Δ	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
70	Æ4	Cs	SPES REIPVBLICE					1		1

CM INDETERMINADA (11)

-- // ? (11)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
71-78	Æ4	Cs	SPES REIPVBLICE	8	?	8
79-80	Æ4	J	SPES REIPVBLICE	2	?	2
81	Æ4	?	SPES REIPVBLICE	1	?	1

X - 364-378 (8)

ROMA (2)

-- // R . PRIMA (2)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>Prima</i>	<i>Secunda</i>	<i>Tertia</i>	<i>Quarta</i>	<i>RIC IX</i>	<i>TOTAL</i>
82	Æ3	V 1	GLORIA ROMANORVM (8)				1	15 a	1
83	Æ3	Vn	SECVRITAS REIPVBLICAE				1	24 b	1

AQUILEIA (1)

-- // SMAQP (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>RIC IX</i>	<i>TOTAL</i>
84	Æ3	Vn	GLORIA ROMANORVM (8)	1		7 b	1

CM ORIENTAL (1)

-- // SM [?] (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>?</i>	<i>RIC IX</i>	<i>TOTAL</i>
85	Æ3	Vn	SECVRITAS REIPVBLICAE	1	?	1

CM INDETERMINADA (3)

-- // ? (3)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	?	RIC IX	TOTAL
86	Æ3	Vn	SECVRITAS REIPVBLICAE				1	?	1
87-88	Æ3	V 1 ou Vn	SECVRITAS REIPVBLICAE				2	?	2

IMITAÇÃO (1)

-- // ? (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	?	RIC	TOTAL
89	Æ3	?	SECVRITAS REIPVBLICAE				1		1

XI - 378-383 (2)

ARELATE (1)

-- // PCON (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T		RIC IX	TOTAL
90	Æ4	Gr	VOT/XV/MVLT/XX			1		24	1

CM ORIENTAL (1)

-- // SM [?] (1)

Nº	Den	Gov	Reverso				?	RIC IX	TOTAL
91	Æ4	Gr, V2 ou Th1	VOT/XV/MVLT/XX				1	?	1

XII - 383-408 (11)

LUGDUNUM (1)

-- // LVGP (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S			RIC IX	TOTAL
92	Æ4	Mm	VICTORIA AVGG		1			34	1

ARELATE (1)

-- // PCON (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S			RIC IX	TOTAL
93	Æ4	A	VICTORIA AVGGG		1			30e	1

ROMA (3)

. // R P (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	B	T	Q	ε	RIC IX	TOTAL
94	Æ4	A	VICTORIA AVGGG					1	57e	1

-- // R P ou R.P (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	B	T	Q		RIC IX	TOTAL
95-6	Æ4	V2	SALVS REIPVBLICAE	1					64a ou b	2

AQUILEIA (2)

, * // SMAQP (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S				RIC IX	TOTAL
97	Æ4	Mm	SPES ROMANORVM	1					55a	1

-- // AQP (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S				RIC IX	TOTAL
98	Æ4	E	SPES ROMANORVM	1					59	1

CONSTANTINOPOLIS (1)

¶ -- // CONSA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ		RIC IX	TOTAL
99	Æ4	Th1	SALVS REIPVBLICAE	1					86b	1

CYZICUS (1)

-- // SMKA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ			RIC IX	TOTAL
100	Æ4	Th1	VOT/Χ/MVLT/ΧΧ			1			21c	1

ALEXANDRIA (1)

-- // ALEA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC IX	TOTAL
101	Æ4	?	SALVS REIPVBLICAE					1	?	1

CM INDETERMINADA (5)

--//? (5)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC IX	TOTAL
102	Æ4	A	SALVS REIPVBLICAE					1	?	1
103	Æ4	A ou Hn	SALVS REIPVBLICAE					1	?	1
104	Æ4	Hn	SALVS REIPVBLICAE					1	?	1
105	Æ4	V 2	?					1	?	1
106	Æ4	?	VICTORIA AVGG ou AVGGG					1	?	1

ILEGÍVEIS - 330-408 (7)

--//? (7)

Nº	Den	Gov	Reverso	?	RIC	TOTAL
107-108	N ou Æ3	?	?	2	?	2
109-113	Æ4	?	?	5	?	5

14 - **GUILHABREU**, Porto, V. do Conde, Guilhabreu
13.16.11

Em 1934, o Padre Sousa Maia, em nota sobre a freguesia de Guilhabreu, publicava a seguinte notícia: (...) “prova-se que os antigos possuidores de Vila Boa, na luta, foram vencidos, pois nem tempo tiveram de levar seus tesouros, que ficaram soterrados nas ruínas, como a grande quantidade de moedas romanas ainda à pouco encontradas nas propriedades do sr. Marques, de Milreus”.

Referia-se ao aparecimento de um depósito monetário que, anos mais tarde, é descrito mais pormenorizadamente por C. A. Ferreira de Almeida, da seguinte forma:

“Em Guilhabreu, Vila do Conde, no lugar do Paiço, apareceram os alicerces de um vasto edifício romano, cuja pedra foi em parte aproveitada para se fazer uma casa. Devia tratar-se de uma *villa* romana. Viram-se diversas canalizações e também, segundo parece, mosaicos. Encontraram ainda um tesouro de moedas do século IV. Grande parte eram de Constantino.(...) Este tesouro tinha centenas de moedas que se dispersaram. O sr. Costa do Padrão, de Mosteiró, tem algumas de Constantino”.

Infelizmente não referem estas notícias qual o tipo de contentor em que se encontrava o tesouro, muito menos a sua distribuição, aparecendo apenas uma vaga referência ao imperador Constantinus, não sabemos se I ou II, mas parecendo-nos que se deve tratar efectivamente de Constantinus II, dada a abundância de numismas emitidos neste reinado em circulação nesta zona, a avaliar pela composição da maioria dos tesouros monetários do século IV aparecidos a Norte do rio Douro.

O contexto do achado deste conjunto monetário parece ser claro: quer a toponímia - Vila Boa, Paiço (=Paço) - quer os alicerces e mosaicos encontrados, indiciam a existência neste local de uma *villa* romana, provavelmente destruída e abandonada por ocasião das invasões bárbaras dos inícios do século V, sem prejuízo da continuidade de ocupação desta zona, atestada pelo topónimo de raiz germânica Guilhabreu. Para além disso, convém analisar a relação espacial entre o local deste achado com o castro de Alvarelhos, verificando-se que se localiza no sopé da encosta SW do monte onde este castro está implantado, pertencendo administrativamente a Vila do Conde, ao contrário de Alvarelhos que já se situa no concelho de Santo Tirso.

Contactado o nónio Serviço de Arqueologia da Câmara Municipal de Vila do Conde, fomos informados da existência em depósito de 15 moedas ⁸⁶, numa pequena caixa, com um papel amarelecido, escrito à mão, onde era possível ler “Oferta da Família Marques - moedas de Milreus (Guilhabreu)”. Trata-se de 13 pequenos bronzes do século IV, que tudo leva a crer fazerem parte do dito tesouro, 1 denário em prata de Augusto e 1 botão em bronze, possivelmente pertencente, pela sua tipologia, a um arreio de cavalos e confundido com uma moeda.

Depósito: Serviço de Arqueologia da Câmara Municipal de Vila do Conde

Bibliografia: — C. A. Ferreira de Almeida, *Romanização das Terras da Maia*, 1969, pp. 35-36; — Isabel Pereira, Jean-Pierre Bost, Jean Hiernard, *Fouilles de Conimbriga, III. Les Monnaies*, Paris, 1974, p. 307, n.º 63; — M. Abad Varela, *Circulación monetaria en la Hispania romana del siglo IV d.C.*, Madrid, 1989, (microficha), pp. 1510, n.º 141; — Padre Sousa Maia, *Nota Arcaica-Guilhabreu, A Renovação*, n.º 40, ano I, X-XI, 1934.

CATÁLOGO

I - 317-330 (1)

SISCIA (1)

--// . ASIS .

N.º	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VII	TOTAL
1	N	CII (c)	PROVIDENTIAE CAESS	1					202	1

⁸⁶ Agradecemos esta informação ao Prof. Dr. Carlos Alberto Brochado de Almeida, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, e ao Dr. Paulo Costa Pinto, do Serviço de Arqueologia da Câmara Municipal de Vila do Conde, que gentilmente nos facilitaram o exame das moedas e o seu estudo.

II - 335-337 (2)

TREVERI (1)

-- // TRP (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VII	TOTAL
2	N	CII (c)	GLORIA EXERCITVS I est.		1		586	1

ROMA (1)

-- // R Ω P (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	Q	?	RIC VII	TOTAL
3	N	UR	Loba com gémeos				1		386	1

III - 347-348 (2)

LUGDUNUM (1)

⌘ // PLG (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
4	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			38	1

CM OCIDENTAL (1)

⌘ // ? (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	?	RIC VIII	TOTAL
5	N	Cs ou Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1	?	1

IV - 354-356 (1)

ARELATE (1)

-- // PCON (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	?	RIC VIII	TOTAL
6	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1				266	1

V - 358-361 (3)

CM INDETERMINADA (3)

-- // ? (3)

Nº	Den	Gov	Reverso		?	RIC VIII	TOTAL
7-9	Æ4	Cs ou J	SPES REIPVBLICE		2	?	2

VI - 364-378 (4)

ROMA ? (1)

-- // SMRP ? (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	B	T	Q	?	BRUCK	TOTAL
10	Æ3	Gr	SECVRITAS REIPVBLICAE					1	p. 82	1

NICOMEDIA (1)

-- // SMNA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC IX	TOTAL
11	Æ3	Vn	GLORIA ROMANORVM (8)	1					23 a	1

ALEXANDRIA (1)

-- // ALEA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC IX	TOTAL
12	Æ3	Vl ou Vn	SECVRITAS REIPVBLICAE					1	3 a ou b	1

CM INDETERMINADA (1)

-- // ? (1)

Nº	Den	Gov	Reverso		?	RIC IX	TOTAL
13	Æ3	?	SECVRITAS REIPVBLICAE		1	?	1

Juntamente com estas moedas, aparece um denário de prata assim descrito ⁸⁷ :

⁸⁷ Além de RIC ver também GIARD, *Catalogue des monnaies de l'Empire Romain, I- Auguste*, Paris, 1988, p. 266, n° 1656.

LUGDUNUM (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	RIC I	TOTAL
	D	AVG	AVGVSTI F COS DESIG PRINC IVVENT/C L CAESARES	207	1

15 - **MARECOS**, Porto, Penafiel, Marecos
13.11.18

Notícia Simão Rodrigues Ferreira o aparecimento, talvez antes de 1864, de”...panelas de moedas romanas, e aqui [a Penafiel] vieram vender-se a peso (...).” Apesar de nada na notícia especificar a atribuição deste tesouro ao século IV, parece-nos que esta situação tipifica a ocorrência dos tesouros do Baixo-Império: são normalmente conjuntos formados por grande número de numismas em bronze, às vezes atingindo vários milhares e algumas dezenas de kg., encerrados em contentores cerâmicos, normalmente *dolia*, panelas, púcaros ou bilhas de tipologia comum, podendo o mesmo tesouro repartir-se, inclusive, por vários recipientes⁸⁸.

Além disso, o facto de ser referida a venda das moedas a peso, indicia que estas seriam cunhadas em metal não nobre, cobre ou bronze (*Æ*), uma vez que, se fossem de prata, o seu valor implicaria desde logo um outro tipo de transação, além do espanto que o achado de vários contentores carregados de moedas valiosas não deixaria de causar, fazendo a fortuna do seu achador, o que localmente não deixaria de ter um grande impacto. Ora nada disto transparece da notícia.

Assim sendo, pensamos tratar-se de um achado de moedas romanas em bronze, genericamente atribuíveis ao século IV, podendo o seu ocultamento, contudo, ter ocorrido já durante o século V.

Depósito: Paradeiro desconhecido

Bibliografia: — Baptista de Lima, *Penafiel, antiga terra castelã, concelho de gloriosas tradições*,

⁸⁸ Apesar de serem frequentes na Gália e na Grã-Bretanha os achados de tesouros encerrados em vários contentores, o único exemplo que conhecemos em território português é um tesouro aparecido em Setúbal em 1957, em que cerca de 18.000 moedas romanas de bronze se dividiam por duas ânforas. No norte de Portugal, mesmo tesouros como o que apareceu na praceta junto à fachada sul da Sé de Braga, constituído por cerca de 30.000 exemplares em bronze, ou o de Torre (Santa Maria de Émeres, Valpaços), pesando cerca de 300 kg., o que equivaleria mais ou menos a 180.000 numismas, encontravam-se depositados dentro de um único contentor, no caso de Santa Maria de Émeres, uma talha com uma capacidade próxima dos 70 litros. Sobre estes tesouros, cfr. J. A. de Carvalho Fernandes, *Tesouro monetário romano da área de Setúbal*, Setúbal, 1975; Rui M. S. Centeno e J. M. Valladares Souto, Notícia de uma moeda helenística do tesouro de Torre (Santa Maria de Émeres, Valpaços), *Nummus*, 2ª S., XI, Portp, 1988; M. J. P. Maciel e T. D. P. Maciel, O tesouro monetário romano de Santa Maria de Émeres (Valpaços), *Da Pré-História à História. Homenagem a Octávio Veiga Ferreira*, Lisboa, 1987, p.309.

banhada pelo Sousa, Douro e Tâmega, Póvoa de Varzim, 1938, p. 24.(sep. de *Terras Portuguesas, Corografia Histórica*); — José Leite de Vasconcelos, Notícias Archeológicas de Penafiel, *O Archeólogo Português*, I, Lisboa, 1895, pp. 15-16; — Simão Rodrigues Ferreira, Variedades. Apontamentos para a história topográfica de Penafiel, *O Século XIX*, Penafiel, 19-03-1864; — Teresa Soeiro, Monte Mòzinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana, *Penafiel - Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série - nº1, 1984, p. 96.

16 - **MIRAGAIA**, Porto, Porto, Miragaia,
13.12.08

Este tesouro é noticiado por Hipólito, segundo informação oral, nos seguintes termos: “Em Miragaia, Porto, foram encontrados uns milhares de pequenos bronzes, há mais de 50 anos. Estas moedas foram parar a fundidores, caldeireiros, etc., dispersando-se e perdendo-se”.

Apesar do laconismo da notícia, parece-nos estar perante um tesouro de numismas com características que permitem atribuí-lo ao século IV, podendo ir até meados do século V. Em primeiro lugar, na descrição das moedas aparecidas, diz tratar-se de pequenos bronzes, designação que, dado o seu módulo, costuma aplicar-se aos *nummi*, *Æ3* e *Æ4* desta época. Em segundo lugar, refere uns milhares de moedas, situação também corrente nos conjuntos monetários depositados neste período, em que, muitas vezes, a quantidade de moedas é tal que o tamanho do tesouro é avaliado pelo seu peso, que pode atingir várias dezenas de quilos, como já vimos.

O desenvolvimento da prospeção e das escavações arqueológicas no Porto nos últimos anos proporcionaram uma visão completamente diferente do que seria a cidade de *Cale* nos finais da época romana. A povoação desceu do morro da Sé para as margens ribeirinhas, como demonstram as escavações realizadas na Casa do Infante, na Ribeira do Porto, a cerca de 500 metros de Miragaia, que revelaram uma casa romana com pisos em mosaico datada do século IV, a comprovar a ocupação romana das margens do rio Douro na base do morro da Cidade⁸⁹. Outras intervenções mais recentes vieram também atestar o desenvolvimento urbano em direcção a Miragaia e Massarelos, ao longo do rio.

Depósito: Paradeiro desconhecido.

Bibliografia: — Mário de Castro Hipólito, Dos Tesouros de Moedas Romanas em Portugal, *Conimbriga*, II--III, Coimbra, 1960-61, p. 48, nº. 57.

⁸⁹ Manuel Real, Paulo D., Gomes, Ricardo J. Teixeira e Maria do Rosário Melo, Casa do Infante. Uma história a refazer, *Oceanos*, 12, Lisboa, 1992, pp. 17-22.
idem, A Casa do Infante, *O. Porto das Mil Idades-Arqueologia na cidade*, Porto, 1993, pp. xxv-xlii.

17 - **MONTE CRASTO**, Porto, Gondomar, Gondomar
13.04.09

Em 1934, ao publicar a monografia sobre o concelho de Gondomar, Camilo de Oliveira⁹⁰ noticia o aparecimento de moedas romanas no Monte Crasto, não dando quaisquer pormenores sobre as condições do seu achado, adiantando apenas que essas moedas estariam em posse de dois amigos seus, o senhor José da Silva Maia, funcionário municipal, e o Dr. José Barbosa Ramos, juiz de Direito. Acrescenta fotografias de algumas moedas, fotografias essas cedidas pelo já citado José da Silva Maia e por um outro seu amigo, Domingos da Silva Monteiro, e publica uma carta do Prof. Damião Peres em que este comunica o resultado do estudo, efectuado por si e pelo Dr. Ruy de Serpa Pinto, de 173 pequenos bronzes romanos e três moedas em prata, sendo uma grega e dois denários republicanos romanos, concluindo que estas moedas em prata pertencem a um conjunto diferente das de bronze, que revelam uma certa homogeneidade a indiciar pertencerem a um mesmo achado.

Esta carta é concerteza o resultado final de um rascunho manuscrito elaborado por Ruy de Serpa Pinto⁹¹ em Novembro de 1931, onde este refere a composição deste tesouro monetário, mostrando detalhadamente a distribuição das moedas por reinados de Imperadores e indicando alguns dos tipos de reversos mais representados, fazendo-o do seguinte modo:

“Gallienus.....	1
Claudius II.....	2
Constantius I.....	45
Helena.....	2
Constantinus I.....	29
Constantinopolis.....	4
Crispus.....	2
Constans.....	39
Constans II.....	2
Iulianus.....	7
Valentinianus.....	2
Valens.....	4
Theodosius.....	6
Maximus.....	4
Arcadius.....	5
Honorius.....	3
Incertas (inc. 3 imitações).....	14
	173 “

⁹⁰ Camilo de Oliveira, *O Concelho de Gondomar*, Vol. II, Porto, 1934, pag. 7 e 33.

⁹¹ Agradecemos ao Instituto de Antropologia Doutor Mendes Correia e em especial ao seu Assessor Principal, Dr. A. Huet Bacelar Gonçalves, a simpatia e as facilidades concedidas para o estudo do espólio do Dr. Ruy de Serpa Pinto bem como do restante espólio numismático aí depositado.

“Os reversos mais frequentes até Constans são VOT/XX/MVLT/XXX, FEL TEMP REPARATIO, GLORIA EXERCITVS, PROVIDENTIAE AVGG, SECVRITAS REIP, VIRTVS AVG e VICTORIAE DD AVGG Q NN. As moedas de Crispus são do tipo BEATA TRANQUILLITAS e DOMINOR . NOSTROR . CAESS. A partir da segunda metade do século IV, SECVRITAS REIPVBLICAE (Valente e Graciano), GLORIA ROMANORVM (Valente, Valentiniano, Teodósio, Arcádio e Honório), REPARATIO REIPVB (Valentiniano, Máximo), etc., em geral médios bronzes”.

Serpa Pinto anota vários pormenores que , não sendo numismata, lhe merecem relêvo: por um lado, a existência das séries urbanas, com 4 moedas com a legenda Constantinopolis no anverso, que atribui ao reinado de Constantinus I, e de uma VRBS ROMA que também atribui a Constantinus (I ou II ?), sendo a única referência a possíveis centros emissores em todo este trabalho. Por outro lado, enumera com alguma minúcia as moedas da segunda metade do século IV, separando-as por Imperadores e por tipos da seguinte forma:

Iulianvs (355-363) -	(?) FEL TEMP REPARATIO (?)SPES REIPVBLICE
Valens (364-378) -	1 SECVRITAS REIPVBLICAE 3 GLORIA ROMANORVM
Valentinianus (364-375) -	1 REPARATIO REIPVB 1 GLORIA ROMANORVM
Gratianus (367-383) -	2 SECVRITAS REIPVBLICAE 1 REPARATIO REIPVB
Theodosius (379-395) -	5 GLORIA ROMANORVM
Maximus (383-388) -	3 REPARATIO REIPVB
Honorius (395-423) -	3 GLORIA ROMANORVM
Arcadius (395-408) -	(?) GLORIA ROMANORVM (?) VICTORIA AVGGG

Neste manuscrito que serviu de rascunho à carta do Prof. Damião Peres, faz ainda notar Ruy de Serpa Pinto a existência dentro deste conjunto de 3 “imitações bárbaras”, encontrando-se no seu espólio essas moedas, separadas e com a cuidadosa transcrição manuscrita de uma delas. São uma GLORIA EXERCITVS 2 estandartes, uma VICTORIAE DD AVGG Q NN, e uma FEL TEMP REPARATIO.

Vários problemas são suscitados pelo manuscrito de Ruy de Serpa Pinto e pela notícia publicada por Camilo de Oliveira, sumariamente descrita por M. Castro Hipólito⁹². Em primeiro lugar, e como já vimos, refere Camilo de Oliveira a existência de moedas

⁹² Mário de Castro Hipólito, Dos Tesouros de Moedas Romanas em Portugal, *Conimbriga*, II-III, Coimbra, 1960-61, p. 48, nº. 58.

encontradas no Monte Crasto na posse do sr. José da Silva Maia e Dr. José Barbosa Ramos, completando esta informação com as “fotogravuras” de algumas dessas moedas cedidas pelo mesmo sr. José da Silva Maia e uma outra pessoa, o sr. Domingos da Silva Monteiro, também funcionário municipal. Ora Ruy Serpa Pinto, no seu manuscrito, diz estar a examinar, a pedido do Prof. Damião Peres, “173 moedas de bronze e 3 de prata provenientes do M. do Crasto (Gondomar) e pertencentes ao sr. David Vieira (de Pedreira)”. A primeira ideia que daqui retiramos é o facto de este achado monetário se ter dispersado por várias mãos, sendo estas 173 moedas - “pequenos e médios bronzes” no dizer de Serpa Pinto - apenas uma parte do tesouro, que seria muito maior. Conjugando estas informações, vê-mo-lo repartido pelo menos por 4 pessoas.

Parece confirmar esta ideia o facto de as fotogravuras publicadas por Camilo de Oliveira apresentarem discrepâncias com a descrição de Ruy de Serpa Pinto, que, por exemplo, não aponta nenhuma moeda do tipo REPARATIO REIPVB no reinado de Theodosius, sendo precisamente essa uma das moedas dadas à estampa.

Em segundo lugar, e passando à análise propriamente dita dos 173 bronzes vistos por Ruy de Serpa Pinto e publicados por D. Peres, verificamos desde logo um distribuição perfeitamente anómala para um tesouro dos inícios do século V, pois assinala 45 peças de Constantius I, em nítida confusão com Constantius II⁹³, de cujo reinado é perfeitamente normal aparecer uma maior percentagem de moedas em tesouros desta época. Para além disso, refere 4 moedas de CONSTANTINOPOLIS sem lhes precisar o reinado em que foram emitidas - desde o reinado de Constantinus I (330) até ao de seus filhos Constantinus II, Constantius II e Constans (337-340). Quanto à presença de 3 peças de Gallienus e Claudius II, ela é perfeitamente natural em conjuntos desta época, visto tratar-se de circulação residual de emissões extremamente abundantes. As moedas mais tardias, a avaliar pelas fotogravuras publicadas por Camilo de Oliveira e pela referência de Damião Peres com base no rascunho manuscrito de Ruy de Serpa Pinto, teriam sido emitidas entre 393 e 395 no reinado de Theodosius, Arcadius e Honorius.

Do conjunto destas moedas publicadas em fotogravura por Camilo de Oliveira, preocupámo-nos apenas com a identificação das 9 moedas de bronze que manifestamente integravam o tesouro, cujo catálogo apresentamos em anexo.

Em Julho de 1960, a viúva de Ruy de Serpa Pinto ofereceu o seu espólio arqueológico ao Instituto de Antropologia Doutor Mendes Correia, entre o que figurava um conjunto bastante homogéneo de 403 pequenos bronzes dos séculos IV e V e uma folha de papel que as acompanhava, escrita pelo punho de Ruy de Serpa Pinto, com a seguinte descrição:

⁹³ Este mesmo tipo de confusão ocorre também, como já vimos, na análise do tesouro de Carvalho, pelo que parece ser uma constante de Serpa Pinto-Damião Peres.

“Arcadio.	7
Constante 1º - (Guerreiros)	4
“ - (Victórias)	14
“ - (Securitas R ^a)	2
Constâncio 2º - (Victórias).	15
“ - (Vot.)	4
“ - (Spes R ^a .)	4
“ - (Guerreiros)	9
“ - (Soldado ferindo - sem letra)	15
“ - (Soldado ferindo - D)	3
“ - (Soldado ferindo - H)	2
“ - (Soldado ferindo - N)	1
Constantino 2º	9
Constantino 1º	7
Constantinopla	3
Graciano	1
Helena	1
Juliano 1º	3
Roma	4
Valente	6
Valentiniano 1º	3
Valentiniano 2º.	2
Somma	119”

(A lápis aparece a anotação 410)

A identificação com o tesouro de Monte Crasto deve-se ao Prof. Doutor Rui Centeno, quando comparou a distribuição das moedas por imperador manuscrita por Serpa Pinto com a estrutura genérica do conjunto monetário legado ao IAMC. Depois de classificarmos e ordenarmos o catálogo deste conjunto, parece-nos ter perfeita viabilidade a hipótese estabelecida por Rui Centeno e tratar-se realmente de mais um lote de moedas do tesouro do Monte Crasto. Tendo chegado às mãos do Dr. Ruy de Serpa Pinto, este tê-lo-ia parcialmente anotado, referindo, provavelmente, apenas as moedas que se encontrariam em melhor estado de conservação e proporcionariam uma mais rápida identificação. Das restantes não ficou nenhuma relação, mas a sua homogeneidade pode ser verificada, para além da estrutura do conjunto apresentar características idênticas às dos tesouros tardios por nós estudados.

Há a realçar neste conjunto a presença de uma moeda de Valentinianus III, cunhada entre 440 e 455, que demonstra a formação tardia deste conjunto, conotando o seu ocultamento, provavelmente, com as lutas entre suevos e visigodos ocorridas em 456 e que culminaram com a vitória de Teodoricus II e a execução de Requiarius, rei dos suevos, precisamente em Portucale.⁹⁴

⁹⁴ Casimiro Torres Rodriguez, *Galicia Sueva*, Col. Galicia Historica, Fundacion Barrie de La Maza, La Coruña, 1977, pp.141-142

Depósito: Instituto de Antropologia “Doutor Mendes Corrêa”, Porto

Bibliografia: — Camilo de Oliveira, *O Concelho de Gondomar*, Vol. II, Porto, 1934, pp. 7 e 33-36; — D. Nony, *Acerca de la circulación de la moneda en Lusitania a fines del siglo IV*, *XI CNA, Mérida 1968*, Zaragoza, 1970, n.º 26; — Isabel Pereira, Jean-Pierre Bost, Jean Hiernard, *Fouilles de Conimbriga, III. Les Monnaies*, Paris, 1974, p. 307, n.º 58; — M. Abad Varela, *Circulación monetaria en la Hispania romana del siglo IV d.C.*, Madrid, 1989, (micr.), pp.1510-1511, n.º 142; — Manuscritos de Ruy de Serpa Pinto, datados de 1931, no Instituto de Antropologia Doutor Mendes Corrêa, Porto; — Mário de Castro Hipólito, *Dos Tesouros de Moedas Romanas em Portugal, Conimbriga, II- III*, Coimbra 1960-61, p. 48, n.º 58.

CATÁLOGO

I - 260-294 (3)

MEDIOLANUM (1)

--// (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	RIC VI	TOTAL
1	Ant.	DCL	CONSECRATIO (áltar)	261	1

ROMA (1)

--// (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	RIC VI	TOTAL
2	Ant.	DCL	CONSECRATIO (água)	265	1

CM INDETERMINADA (1)

--// (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	RIC VI	TOTAL
3	Ant.	DCL	?	?	1

II - 294-313 (1)

ROMA (1)

--//R ? (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	?	RIC VI	TOTAL
4	N	Mh	CONSERV VRB SVAE				1	202 b	1

III - 317-330 (1)

ROMA (1)

-- // R P (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	RIC VII	TOTAL
5	N	CI	DN CONSTANTINI MAX AVG - VOT/XX	1			232 ou 237	1

IV - 330-335 (4)

LUGDUNUM (2)

-- // ∪ PLG (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S		RIC VII	TOTAL
6	N	UR	Loba com gémeos	1			252	1

-- // PLG (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S		RIC VII	TOTAL
7	N	CII (c)	GLORIA EXERCITVS 1 est.		1		271	1

ARELATE (2)

-- // PCONST (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	RIC VII	TOTAL
8	N	UR	Loba com gémeos		1		343	1

£ // PCONST (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	RIC VII	TOTAL
9	N	UR	Loba com gémeos	1			385	1

V - 335-337 (13)

LUGDUNUM (3)

-- // PLG (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S		RIC VII	TOTAL
10	N	UR	Loba com gémeos	1			275	1

-- // ∪ PLG (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>		<i>RIC VII</i>	<i>TOTAL</i>
11	N	CH (c)	GLORIA EXERCITVS 1 est.		1		276	1

-- // * PLG (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>		<i>RIC VII</i>	<i>TOTAL</i>
12	N	CI	GLORIA EXERCITVS 1 est.		1		280	1

ARELATE (1)

£ // PCONST (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>		<i>RIC VII</i>	<i>TOTAL</i>
13	N	Cs (c)	GLORIA EXERCITVS 1 est.		1			396	1

ROMA (4)

-- // R ∩ P (2)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>	<i>Q</i>		<i>RIC VII</i>	<i>TOTAL</i>
14	N	Cs (c)	GLORIA EXERCITVS 1 est.		1				383	1
15	N	Cn (c)	GLORIA EXERCITVS 1 est.				1		384	1

-- // R * S (2)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>	<i>Q</i>		<i>RIC VII</i>	<i>TOTAL</i>
16-17	N	CH (c)	GLORIA EXERCITVS 1 est.		2				392	2

SISCIA (1)

-- // ASIS * (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>Γ</i>	<i>Δ</i>	<i>?</i>	<i>RIC VII</i>	<i>TOTAL</i>
18	N	Cs (c)	GLORIA EXERCITVS 1 est.				1		263	1

THESSALONICA (2)

-- // SMTSA (2)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>Γ</i>	<i>Δ</i>	<i>?</i>	<i>RIC VII</i>	<i>TOTAL</i>
19	N	CI	GLORIA EXERCITVS 1 est.		1				222	1
20	N	D	GLORIA EXERCITVS 1 est.		1				228	1

CYZICUS (2)

-- // SMKA (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VII	TOTAL
21	N	CII (c)	GLORIA EXERCITVS I est.					1	125	1
22	N	CII (c)	GLORIA EXERCITVS I est.			1			137	1

VI - 337-341 (84)

TREVERI (12)

-- // TRP (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S			RIC VIII	TOTAL
23	N	CII, Cs ou Cn	GLORIA EXERCITVS I est.		1			57, 58, 59 ou 60	1

-- // TRP (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S			RIC VIII	TOTAL
24	N	Cs	GLORIA EXERCITVS I est.	1				70	1
25	N	CII, Cs ou Cn	VIRTVS AVG NN		1			73, 74, 75, 76, ou 77	1

-- // TRP # (4)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?		RIC VIII	TOTAL
26-27	N	Cs	GLORIA EXERCITVS I est.	1		1		83	2
28	N	H	PAX PVBLICA		1			90	1
29	N	T	PIETAS ROMANA		1			91	1

-- // TRP ∪ (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S			RIC VIII	TOTAL
30	N	Cn	GLORIA EXERCITVS I est.		1			103	1

M // TRP ∪ (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S			RIC VIII	TOTAL
31	N	Cs	GLORIA EXERCITVS I est.		1			108	1
32	N	Cn	GLORIA EXERCITVS I est.		1			111	1

-- // TR ? (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?		RIC VIII	TOTAL
33	N	H	PAX PVBLICA			1		47, 55, 78 ou 90	1
34	N	T	PIETAS ROMANA			1		56, 79 ou 91	1

LUGDUNUM (2)

¶ // PLG (2)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
35-36	N	Cn	GLORIA EXERCITVS 1 est.			2	10	2

ARELATE (13)

o // PCONST (3)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>		<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
37	N	CII	GLORIA EXERCITVS 1 est.	1			4	1
38-39	N	CII, Cs ou Cn	GLORIA EXERCITVS 1 est.	1	1		1, 4, 5, 6 ou 7	2

o // PCONST (2)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
40	N	CII	GLORIA EXERCITVS 1 est.	1			10	1
41	N	CII, Cs ou Cn	GLORIA EXERCITVS 1 est.			1	10-14	1

X // PCON (3)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
42	N	CII	GLORIA EXERCITVS 1 est.	1			20	1
43	N	Cs	GLORIA EXERCITVS 1 est.	1			47	1
44	N	Cn	GLORIA EXERCITVS 1 est.			1	49	1

M // PARL (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>		<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
45	N	Cs ou Cn	GLORIA EXERCITVS 1 est.		1		51 ou 52	1

I // PARL (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
46	N	Cs	GLORIA EXERCITVS 1 est.			1	54	1

G // PARL (3)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
47	N	Cs	GLORIA EXERCITVS 1 est.	1			56	1
48-49	N	Cn	GLORIA EXERCITVS 1 est.		1	1	57	2

ROMA (15)

--//R♥P(4)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	B	T	Q	?	RIC VIII	TOTAL
50	N	CII	VIRTVS AVGVSTI					1	4	1
51-52	N	Cn	SECVRITAS REIP			2			11	2
53	N	Cp	Victória na proa	1					18	1

--//R*P(6)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	B	T	Q	?	RIC VIII	TOTAL
54	N	Cs	SECVRITAS REIP					1	22	1
55	N	Cs	GLORIA EXERCITVS 1 est.		1				25	1
56-59	N	Cn	GLORIA EXERCITVS 1 est.				2	2	26	4

--//R♠P(1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	B	T	Q	?	RIC VIII	TOTAL
60	N	Cn	SECVRITAS REIP	1					35	1

--//R♣P(1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	B	T	Q	?	RIC VIII	TOTAL
61	N	CII	VIRTVS AVGVSTI	1					47	1

--//♣RP♠(1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	B	T	Q	?	RIC VIII	TOTAL
62	N	Cn	GLORIA EXERCITVS 1 est.					1	52	1

--//R?(1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	B	T	Q	?	RIC VIII	TOTAL
63	N	CII ou Cs	VIRTVS AVGVSTI					1	?	1

IMITAÇÃO (1)

--//R♥P(1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	B	T	Q	?	RIC VIII	TOTAL
64	N	Cs	SECVRITAS REIP		1					1

HERACLEA (2)

--//SMHA(2)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
65	N	Cs	GLORIA EXERCITVS 1 est.			1			19	1
66	N	Cs	GLORIA EXERCITVS 1 est.					1	21	1

CONSTANTINOPOPOLIS (3)

-- // CONSA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	ε	RIC VIII	TOTAL
67	N	T	PIETAS ROMANA					1	36	1

* // CONSA (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
68	N	Cs	GLORIA EXERCITVS 1 est.	1					53	1
69	N	Cs	GLORIA EXERCITVS 1 est.					1	56	1

NICOMEDIA (2)

-- // SMNA (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
70	N	Cn	GLORIA EXERCITVS 1 est.	1					15	1
71	N	Cn	GLORIA EXERCITVS 1 est.	1					12-15	1

CYZICUS (6)

-- // SMKA (4)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
72	N	CI	<i>Imp. vel. quadriga, mão de Deus</i>					1	4	1
73	N	CII, Cs ou Cn	GLORIA EXERCITVS 1 est.	1					15, 16 ou 18	1
74	N	CII, Cs ou Cn	GLORIA EXERCITVS 1 est.			1			15, 16, 17 ou 18	1
75	N	Cs	GLORIA EXERCITVS 1 est.	1					16	1

-- // SMKAx (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
76	N	Cn	GLORIA EXERCITVS 1 est.					1	28	1

IMITAÇÃO (1)

-- // SMKA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
77	N	CII	GLORIA EXERCITVS 1 est.	1						1

ANTIOQUIA (3)

-- // SMANA (3)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	ς	RIC VIII	TOTAL
78-79	N	Cs	GLORIA EXERCITVS I est.		1			1	49	2
80	N	Cs ou Cn	GLORIA EXERCITVS I est.				1		49 ou 50	1

ALEXANDRIA (2)

-- // SMALA (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
81	N	Cp	Victória na proa				1		17	1
82	N	Cs	GLORIA EXERCITVS I est.					1	19	1

CM ORIENTAL (4)

-- // SM ? (4)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
83-84	N	Cs	GLORIA EXERCITVS I est.					2	?	2
85	N	Cn	GLORIA EXERCITVS I est.					1	?	1
86	N	CII, Cs ou Cn	GLORIA EXERCITVS I est.					1	?	1

CM INDETERMINADA (20)

-- // ? (18)

Nº	Den	Gov	Reverso	?	RIC VIII	TOTAL
87	N	CI	Imp. vel. quadriga, mão de Deus	1	?	1
88	N	H	PAX PVBLICA	1	?	1
89	N	CII	VIRTVS AVGVSTI	1	?	1
90-94	N	Cp	Victória na proa	5	?	5
95-98	N	Cs	GLORIA EXERCITVS I est.	4	?	4
99-104	N	CII, Cs ou Cn	GLORIA EXERCITVS I est.	2	?	6

IMITAÇÃO (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	?	RIC VIII	TOTAL
105	N	UR	Loba com gémeos	1	?	1
106	N	Cn	GLORIA EXERCITVS I est.	1	?	1

VII - 342-347 (1)

CM ORIENTAL (1)

-- // SM ? (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>Γ</i>	<i>Δ</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
107	N	Cn	VICT AVG		1				?	1

VIII - 347-348 (118)

TREVERI (10)

M // TRP (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>		<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
108	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			181	1

♥ // TRP (3)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>		<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
109	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			185	1
110-111	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	2			186	2

* // TRP (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>		<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
112	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN		1		189	1

D // TRP (3)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
113	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN			1	194	1
114	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			195	1
115	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			196	1

‡ // TRP (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>		<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
116	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN		1		206	1

? // TRP (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>		<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
117	N	Cs ou Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN		1		180-206	1

LUGDUNUM (7)

¶ // PLG (3)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
118	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN			1	45	1
119	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN			1	47	1
120	N	Cs ou Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			45, 46, 47 ou 48	1

⌚ // PLG (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
121-122	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1		1	49	2

Ⓜ // PLG (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S		RIC VIII	TOTAL
123	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			57	1

Ⓜ // PLG (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S		RIC VIII	TOTAL
124	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			61	1

ARELATE (29)

Ⓜ // PARL (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
125	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			76	1

Ⓜ // PARL (13)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
126-134	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN	7	1	1	78	9
135-138	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1	1	2	81	4

P // PARL (9)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
139	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1			83	1
140	N	Cs ou Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN			1	83-87	1
141	N	Cs ou Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN			1	83 ou 85	1
142	N	Cs ou Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN			1	84 ou 86	1
143-144	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN	2			84	2
145-146	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1		1	86	2
147	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN			1	87	1

TESOUROS MONETÁRIOS BAIXO-IMPERIAIS ENTRE DOURO, AVE E TÂMEGA

121

‡ // PARL (5)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
148-149	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN			2	90	2
150	N	Cs ou Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN			1	90,91,92 ou 93	1
151-152	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN			2	93	2

IMITAÇÃO (1)

‡ // PARL (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VIII	TOTAL
153	N	Cs ou Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN			1		1

ROMA (22)

-- // RP (4)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	B	T	Q	?	RIC VIII	TOTAL
154-155	N	Cs ou Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	2					75, 76, 77 ou 78	2
156	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN		1				76	1
157	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1					78	1

-- // R . P (8)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	B	T	Q	?	RIC VIII	TOTAL
158-160	N	Cs ou Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1	1	1			79,80 ou 81	3
161	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN		1				80	1
162-165	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	2		1		1	81	4

-- // R@P (5)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	B	T	Q	?	RIC VIII	TOTAL
166-167	N	Cs ou Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN		1			1	82, 83 ou 84	2
168-170	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1	2				84	3

-- // R Ω P (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	B	T	Q	?	RIC VIII	TOTAL
171	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN					1	88	1

-- // R * P (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	B	T	Q	?	RIC VIII	TOTAL
172	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN				1		90	1

JOSÉ MARCELO SANCHES MENDES PINTO

122

-- // R ‡ P (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	B	T	Q	?	RIC VIII	TOTAL
173	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN			1			92	1
174	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN					1	94	1

♥ // R . P (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	B	T	Q	?	RIC VIII	TOTAL
175	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1					100	1

AQUILEIA (1)

-- // . AQP (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	?	RIC VIII	TOTAL
176	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN			1		79	1

THESSALONICA (2)

‡ // SMTSA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
177	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN					1	99	1

-- // SMTSA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
178	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN		1				100	1

HERACLEA (1)

-- // SMHA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
179	N	Cs	VOT/XX/MVLT/XXX				1		45	1

CONSTANTINOPOLIS (1)

-- // CONSA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
180	N	Cs	VOT/XX/MVLT/XXX					1	67 ou 69	1

NICOMEDIA (1)

-- // SMNA (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	Γ	Δ	?	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
181	N	CI	VN - MR	1					48	1

CYZICUS (7)

-- // SMKA (7)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	Γ	Δ	?	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
182	N	CI	VN - MR		1				46	1
183	N	Cs ou Cn	VOT/XX/MVLT/XXX	1					47-52	1
184-185	N	Cs ou Cn	VOT/XX/MVLT/XXX	1	1				48 ou 51	2
<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	Γ	Δ	?	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
186	N	Cs	VOT/XX/MVLT/XXX	1					49	1
187	N	Cn	VOT/XX/MVLT/XXX	1					50	1
188	N	Cn	VOT/XX/MVLT/XXX				1		51	1

ANTIOQUIA (1)

-- // SMANA (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	Γ	Δ	?	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
189	N	Cs	VOT/XX/MVLT/XXX	1					113	1

ALEXANDRIA (2)

-- // SMALA (2)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	Γ	Δ	?	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
190	N	CI	VN - MR		1				32	1
191	N	Cs	VOT/XX/MVLT/XX	1					33	1

CM OCIDENTAL (23)

‡ // ? (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>					?	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
192	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN					1	?	1

. // ? (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>					?	<i>BRUCK</i>	<i>TOTAL</i>
193	N	Cs ou Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN					1	p. 81	1

-- // ? (21)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>		<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
194	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN		1	?	1
195-196	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN		2	?	2
197-214	N	Cs ou Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN		18	?	18

CM ORIENTAL (8)

-- // ? (8)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>		<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
215	N	CI	VN - MR		1	?	1
216-218	N	Cs	VOT/XX/MVLT/XXX		3	?	3
219-222	N	Cs ou Cn	VOT/XX/MVLT/XXX		4	?	4

IX - 348-350 (2)

LUGDUNUM (1)

-- // PLG (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
223	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (<i>Galera</i>)	1			69	1

CM INDETERMINADA (1)

-- // ? (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>		<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
224	Æ3	Cs ou Cn	FEL TEMP REPARATIO (<i>Fenix</i>)		1	?	1

X - 351-354 (10)

ROMA (3)

-- // RP (2)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>B</i>	<i>T</i>	<i>Q</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
225	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)				1		272	1
226	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1					273	1

--//R*P(1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>B</i>	<i>T</i>	<i>Q</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
227	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)				1		277	1

AQUILEIA (1)

-//AQP(1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
228	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1				199	1

THESSALONICA (1)

A-//SMTS (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>Γ</i>	<i>Δ</i>	<i>ε</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
229	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)					1	189	1

CONSTANTINOPOLIS (2)

--//CONSA (2)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>Γ</i>	<i>IA</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
230	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)					1	118	1
231	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH4)				1		119	1

CM INDETERMINADA (3)

--//? (3)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
232-234	Æ3	G	FEL TEMP REPARATIO (FH4)	3	?	3

XI - 354-56 (50)

TREVERI (1)

--//TRP(1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
235	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1			214	1

LUGDUNUM (1)

-- // GPLG (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>	<i>Q</i>	<i>Z</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
236 ^t	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)		1				189	1

ARELATE (5)

D - // PCON(5)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>	<i>Q</i>	<i>Z</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
237-239	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	2			1		215	3
240	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)				1	217, 221 ou 223		1
241	Æ3 ^t	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1					222	1

ROMA (6)

-- // RP * (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>B</i>	<i>T</i>	<i>Q</i>	<i>Z</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
242	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)			1			304	1

-- // R Ω P (5)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>B</i>	<i>T</i>	<i>Q</i>	<i>Z</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
243-246	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	3				1	309	4
247	Æ3	J (c)	FEL TEMP REPARATIO (FH3)		1				311	1

AQUILEIA (1)

II - // AQP (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>	<i>Q</i>	<i>Z</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
248	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)		1				212	1

HERACLEA (1)

-- // SMHA (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>Γ</i>	<i>Δ</i>	<i>Z</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
249	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1					65	1

CONSTANTINOPOLIS (1)

-- // CONSA. (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	Γ	Δ	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
250	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1					136	1

NICOMEDIA (3)

-- // SMNA (2)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	Γ	ϵ	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
251	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)					1	96	1
252	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)					1	104	1

A - // SMNA (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	Γ	Δ	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
253	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH4)					1	107	1

CYZICUS (4)

-- // SMKA (4)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	Γ	Δ	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
254-255	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1		1			104	2
256	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH 3)					1	108	1
257	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)					1	110	1

ANTIOQUIA (1)

-- // ANA (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	Γ	Δ	<i>I</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
258	Æ3	J (c)	FEL TEMP REPARATIO (FH4)					1	189	1

CM INDETERMINADA (26)

-- // ? (26)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
259-278	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	20	?	20
279-281	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH4)	3	?	3

282	Æ3	J(c) c/ M	FEL TEMP REPARATIO (FH3)				1	?	1
283-284	Æ3	J(c)	FEL TEMP REPARATIO (FH3)				2	?	2

XII - 357-358 (16)

LUGDUNUM (1)

-- // GPLG (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S		?	RIC VIII	TOTAL
285	Æ3	J(c), c/M	FEL TEMP REPARATIO (FH3)				1	199	1

ARELATE (5)

M - // PCON (5)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T		?	RIC VIII	TOTAL
286-288	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	2	1				269	3
289	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)					1	272	1
290	Æ3	J(c)	FEL TEMP REPARATIO (FH3)			1			274	1

ROMA (1)

-- // R:M:P (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	B	T	Q		?	RIC VIII	TOTAL
291	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1						314	1

THESSALONICA (1)

M - // SMTSA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ		?	RIC VIII	TOTAL
292	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)						1	208	1

CONSTANTINOPOLIS (1)

.M. - // CONSA * (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ		?	RIC VIII	TOTAL
293	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)				1			144	1

CYZICUS (2)

.M. - // SMKA (2)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>Γ</i>	<i>Δ</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
294	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1					115	1
295	Æ3	J(c)	FEL TEMP REPARATIO (FH4)	1					116	1

CM INDETERMINADA (5)

M - // ? (3)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
296-297	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	2	?	2
298	Æ3	Cs ou J(c)	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1	?	1

.M. - // ? (2)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
299	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1	?	1
300	Æ3	J(c)	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1	?	1

XIII - 354-358 (16)

CM INDETERMINADA

-- // ? (16)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
301-315	Æ3	Cs, G ou J(c)	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	15	?	15
316	Æ3	Cs, G ou J(c)	FEL TEMP REPARATIO (FH4)	1	?	1

XIV - 358-361 (23)

ARELATE (2)

w // PCON (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
317	Æ4	Cs	SPES REIPVBLICE	1				275	1

JOSÉ MARCELO SANCHES MENDES PINTO

130

Ω - // PCON (1) ,

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	?	RIC VIII	TOTAL
318	Æ4	Cs	SPES REIPVBLICE	1				298	1

ROMA (1)

-- // RP (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	B	T	Q	?	RIC VIII	TOTAL
319	Æ4	Cs	SPES REIPVBLICE		1				322	1

AQUILEIA (1)

-- // AQP. (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	?	RIC VIII	TOTAL
320	Æ4	Cs	SPES REIPVBLICE	1				239	1

SISCIA (1)

- * // ASIS (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
321	Æ4	Cs ou J(c)	SPES REIPVBLICE					1	398 ou 399	1

THESSALONICA (4)

-- // SMTSA (3)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
322	Æ4	Cs	SPES REIPVBLICE	1					213	1
323-324	Æ4	J(c)	SPES REIPVBLICE	1				1	214	2

* - // SMTSA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
325	Æ4	Cs	SPES REIPVBLICE	1					215	1

NICOMEDIA (1)

-- // SMNA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
326	Æ4	Cs	SPES REIPVBLICE	1					112	1

CYZICUS (3)

-- // SMKA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
327	Æ4	Cs	SPES REIPVBLICE	1					117	1

L // SMKA (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
328	Æ4	Cs	SPES REIPVBLICE				1		121	1
329	Æ4	J(c)	SPES REIPVBLICE					1	122	1

CM INDETERMINADA (10)

-- // ? (9)

Nº	Den	Gov	Reverso					?	RIC VIII	TOTAL
330-334	Æ4	Cs	SPES REIPVBLICE					5	?	5
335-337	Æ4	J(c)	SPES REIPVBLICE					3	?	3
338	Æ4	Cs ou J(c)	SPES REIPVBLICE					1	?	1

IMITAÇÃO (1)

Nº	Den	Gov	Reverso					?	RIC VIII	TOTAL
339	Æ4	Cs	SPES REIPVBLICE					1		1

XV - 361-364 (1)

CYZICUS (1)

-- // SMKA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
340	Æ3	J	VOTI/MVLT/XX					1	131	1

XVI - 364-378 (26)

ARELATE (1)

-- // PCON (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T		?	RIC IX	TOTAL
341	Æ3	Gr	GLORIA NOVI SAECVLI			1			15	1

ROMA (5)

-- // RP (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>B</i>	<i>T</i>	<i>Q</i>	<i>?</i>	<i>RIC IX</i>	<i>TOTAL</i>
342	Æ3	V1	GLORIA ROMANORVM (6)				1		15 a	1

-- // R PRIMA (2)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>Prima</i>	<i>Secunda</i>	<i>Tertia</i>	<i>Quarta</i>	<i>RIC IX</i>	<i>TOTAL</i>
343	Æ3	V1	SECVRITAS REIPVBLICAE	1				17 a ou 24 a	1
344	Æ3	V1 ou Vn	SECVRITAS REIPVBLICAE	1				17 a ou 24 a ou b	1

-- // R . PRIMA (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>Prima</i>	<i>Secunda</i>	<i>Tertia</i>	<i>Quarta</i>	<i>RIC IX</i>	<i>TOTAL</i>
345	Æ3	Vn	SECVRITAS REIPVBLICAE				1	24 b	1

-- // SM ♥ RP (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>B</i>	<i>T</i>	<i>Q</i>	<i>?</i>	<i>RIC IX</i>	<i>TOTAL</i>
346	Æ3	Vn	SECVRITAS REIPVBLICAE	1					24 b ou 28 b	1

SISCIA (1)

PM // ASISC (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>Γ</i>	<i>Δ</i>	<i>?</i>	<i>RIC IX</i>	<i>TOTAL</i>
347	Æ3	V1	SECVRITAS REIPVBLICAE				1		15 a	1

CONSTANTINOPOLIS (1)

Ω * // CONSA (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>Γ</i>	<i>Δ</i>	<i>?</i>	<i>RIC IX</i>	<i>TOTAL</i>
348	Æ3	V1 ou Vn	SECVRITAS REIPVBLICAE	1					42 a ou b	1

NICOMEDIA (1)

-- // SMNA (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>Γ</i>	<i>Δ</i>	<i>?</i>	<i>RIC IX</i>	<i>TOTAL</i>
349	Æ3	Vn	GLORIA ROMANORVM (8)	1					9 c	1

CYZICUS (1)

--// SMKA (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	Γ	Δ	<i>?</i>	<i>RIC IX</i>	<i>TOTAL</i>
350	Æ3	V1	GLORIA ROMANORVM (8)	1					12 a	1

ANTIOQUIA (2)

--// ANTA (2)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	Γ	Δ	<i>?</i>	<i>RIC IX</i>	<i>TOTAL</i>
351	Æ3	Vn	SECVRITAS REIPVBLICAE					1	12 b ou 36 b	1
352	Æ3	V1, Vn ou Gr	GLORIA ROMANORVM (8)	1					10 a,b ou c ou 35 a,b ou c	1

ALEXANDRIA (1)

--// ALEA (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	Γ	Δ	<i>?</i>	<i>RIC IX</i>	<i>TOTAL</i>
353	Æ3	V1 ou Vn	SECVRITAS REIPVBLICAE	1					3 a ou b ou 5 a ou b	1

CM INDETERMINADA (13)

--// ? (13)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	Γ	Δ	<i>?</i>	<i>RIC IX</i>	<i>TOTAL</i>
354	Æ3	V1 ou V2	SECVRITAS REIPVBLICAE					1	?	1
355	Æ3	Vn	GLORIA ROMANORVM (8)					1	?	1
356-357	Æ3	Vn	SECVRITAS REIPVBLICAE					2	?	2
358	Æ3	Vn	RESTITVTOR REIP					1	?	1
359	Æ3	Gr	SECVRITAS REIPVBLICAE					1	?	1
360-363	Æ3	V1, Vn, Gr ou V2	GLORIA ROMANORVM (8)					4	?	4
364-366	Æ3	V1, Vn, Gr ou V2	SECVRITAS REIPVBLICAE					3	?	3

XVII - 378-383 (7)

ARELATE (1)

--// PCON (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>	<i>?</i>	<i>RIC IX</i>	<i>TOTAL</i>
367	Æ4	Gr	VOT/XXV/MVLT/XX			1		24	1

ROMA (1)

--// SMRP (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>B</i>	<i>T</i>	<i>Q</i>	<i>?</i>	<i>RIC IX</i>	<i>TOTAL</i>
368	Æ2	Gr	REPARATIO REIPVB			1			43 a	1

CYZICUS (2)

--//SMKA (2)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>Γ</i>	<i>Δ</i>	<i>?</i>	<i>RIC IX</i>	<i>TOTAL</i>
369	Æ4	A	VOT V	1					20 d	1
370	Æ4	Thl	VOT/XX/MVLT/XXX		1				22 c	1

CM INDETERMINADA (3)

--// ? (3)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>?</i>	<i>RIC IX</i>	<i>TOTAL</i>
371-372	Æ4	Gr	VOT/XV/MVLT/XX	2	?	2
373	Æ4	Thl	VOT/XV/MVLT/XX	1	?	1

XVIII - 383-408 (23)

ARELATE (5)

--// PCON (5)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>	<i>?</i>	<i>RIC IX</i>	<i>TOTAL</i>
374-375	Æ4	Mm	SPES ROMANORVM	1		1		29 a	2
376	Æ4	V2	VICTORIA AVGGG	1				30 a	1
377	Æ4	V2	VICTORIA AVGGG	1				30 a ou b	1
378	Æ4	A	VICTORIA AVGGG			1		30 e	1

ROMA (4)

:// RP (2)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>B</i>	<i>T</i>	<i>Q</i>	<i>?</i>	<i>RIC IX</i>	<i>TOTAL</i>
379	Æ4	V2	VICTORIA AVGGG		1				57 a	1
380	Æ4	Thl	VICTORIA AVGGG					1	57 c	1

--// RP (2)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>B</i>	<i>T</i>	<i>Q</i>	<i>?</i>	<i>RIC IX</i>	<i>TOTAL</i>
381-382	Æ4	Mm	SPES ROMANORVM			2			59	2

NICOMEDIA (4)

P - // SMNA (4)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	Γ	Δ	<i>?</i>	<i>RIC IX</i>	<i>TOTAL</i>
383	Æ4	Th1	SALVS REIPVBLICAE	1					45 b	1
384-386	Æ4	A	SALVS REIPVBLICAE	1				2	45 c	3

ALEXANDRIA (1)

+ - // ALEA (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	Γ	Δ	<i>?</i>	<i>RIC IX</i>	<i>TOTAL</i>
387	Æ4	V2	SALVS REIPVBLICAE					1	20 a	1

CM INDETERMINADA (7)

- - // ? (4)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>?</i>	<i>RIC IX</i>	<i>TOTAL</i>
388-390	Æ4	?	VICTORIA AVGGG	3	?	3
391	Æ4	?	SALVS REIPVBLICAE	1	?	1

ILEGÍVEIS (2)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>?</i>	<i>RIC IX</i>	<i>TOTAL</i>
392-393	Æ4	?	?	2	?	2

IMITAÇÃO (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>?</i>	<i>RIC IX</i>	<i>TOTAL</i>
394	Æ4	?	VICTORIA AVGGG	1		1

XIX - 440-455 (1)

ROMA (1)

- - // ROMA (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>?</i>	<i>RIC IX</i>	<i>TOTAL</i>
395	Æ3/4	V3	CASTRÀ	1	2160	1

XX - 337-361 (8)

ILEGÍVEIS (8)

-- // ? (8)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>?</i>	<i>RIC</i>	<i>TOTAL</i>
396-403	N ou Æ3	CL, Cs, Cn ou J	?	8		8

ANEXO

Moedas fotografadas apresentadas por Damião Peres e Ruy de Serpa Pinto na obra de Camilo de Oliveira, cuja numeração seguimos. As moedas 1, 2 e 3 são em prata, uma grega e dois denários, que D. Peres e Ruy de Serpa Pinto concluíram tratar-se de “uma deposição diferente”.

I - 335-337 (1)

CM INDETERMINADA (1)

-- // ? (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>	<i>?</i>	<i>RIC VII</i>	<i>TOTAL</i>
4	N	Cn (c)	GLORIA EXERCITVS, 1 est.				1	?	1

II - 357-358 (1)

ARELATE (1)

M - // PCON

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
12	Æ3	J	FELTEMP REPARATIO (FH3)	1				273	1

III - 364-378 (3)

CM INDETERMINADA (3)

-- // ? (3)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>?</i>	<i>RIC IX</i>	<i>TOTAL</i>
5	Æ3	V1	GLORIA ROMANORVM (8)	1	?	1

6	Æ3	Vn	GLORIA ROMANORVM (8)	1	?	1
7	Æ3	Gr	GLORIA ROMANORVM (8)	1	?	1

IV - 383-387 (1)

ARELATE (1)

-- // PCON (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	RIC IX	TOTAL
8	Æ2	Mm	REPARATIO REIPVB	1			26a ou b	1

V - 393-395 (3)

HERACLEA (1)

- * // SMHA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC IX	TOTAL
9	Æ2	Thl	GLORIA ROMANORVM (18)	1					27a	1

CYZICUS (1)

-- // SMKA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC IX	TOTAL
10	Æ2	A	GLORIA ROMANORVM (18)	1					27b	1

NICOMEDIA (1)

- * // SMNB (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC IX	TOTAL
11	Æ2	Hn	GLORIA ROMANORVM (18)		1				46c	1

18 - **MONTE DA MOURINHA**, Porto, Santo Tirso, S. Tomé de Negrelos
13.14.30

Mateu y Llopis cita uma notícia do jornal *O Século* da seguinte forma: “Tesouro de moedas romanas achado no Monte da Mourinha, freguesia de Negrelos, próximo à via romana. Sestércios, asses e denários de diferentes imperadores, Constâncio Cloro, Constantino I, Constantino II, Constante, Constâncio II e Teodósio”.

É evidente a imprecisão da notícia, devida com toda a certeza à ignorância do jornalista em matéria numismática. A tratar-se de um tesouro de moedas do século IV, como a referência explícita aos nomes de Constantius I (?), Constantinus I, Constantinus II, Constantius II, Constans e Teodósio parece indicar, é perfeitamente descabida a menção de sestércios, asses e denários⁹⁵, nomes com que o jornalista, ou quem passou a notícia, quis designar as diferentes moedas que apareceram, provávelmente em função dos seus tamanhos, pretendendo alardear alguma erudição.

Estranhámos apenas que Mateu y Llopis não tenha logo filtrado a notícia, colaborando assim num erro detectado já por Nony⁹⁶, e corrigido nas *Fouilles de Conimbriga*, onde apenas são referidas as moedas a partir de Constantius I. Porém, não é normal, como veremos, o aparecimento de moedas da Tetrarquia em tesouros constantinianos, valentinianos ou teodosianos⁹⁷, pelo que a referência a Constantius I deve ser entendida como uma má interpretação de uma legenda de Constantius II. Assim sendo, estamos perante um tesouro que começa com moedas de Constantinus I, provávelmente posteriores a 330, e vai sendo constituído até 395⁹⁸, ano da morte de Theodosius I, o que coloca a sua ocultação nos alvares do século V.

Depósito: Paradeiro desconhecido

Bibliografia: — Augusto Viana de Morais, *O Século*, 27-VII-1946; — Isabel Pereira, Jean-Pierre Bost, Jean Hiernard, *Fouilles de Conimbriga, III. Les Monnaies*, Paris 1974, p. 307, n.º 61; — M. Abad Varela, *Circulación monetaria en la Hispania romana del siglo IV d.C.*, Madrid, 1989, (microficha), p. 1511, n.º 143; — Mateu y Llopis, *Hallazgos Monetarios, V, Ampurias*, IX-X, 1947-48, n.º 266.

19 - MONTE DO SENHOR DOS PERDIDOS, Porto, Felgueiras, Penacova 13.03.13

Quando da abertura dos alicerces para a construção de uma casa junto à estrada que dá acesso ao alto do Monte do Senhor dos Perdidos, na freguesia de Penacova (Felgueiras), por alturas de 1985, terá aparecido um grande número de moedas de bronze, desconhecendo-se mais pormenores sobre as condições do achado, nomeadamente sobre o contentor e o número de numismas que integravam este conjunto⁹⁹. Já nesta zona ocorrera uns anos

⁹⁵ A notícia do jornal *O SÉCULO* diz, textualmente, “(...) sestércios, asses e denários, todos de cobre...”.

⁹⁶ D. Nony, *Acerca de la circulación de la moneda en Lusitania a fines del siglo IV*, *XI Congreso Nacional de Arqueología*, (Mérida 1968), Zaragoza, 1970, pp. 831-834.

⁹⁷ Ver *infra*, capítulo 4.

⁹⁸ A notícia do jornal fala, ao descrever algumas particularidades das moedas, fala numa figura com o *labarum*, o que pode querer significar que havia algumas moedas do tipo GLORIA ROMANORVM (var. 18 do LRBC).

⁹⁹ Agradecemos esta informação ao Prof. Doutor Rui Centeno.

atrás o aparecimento de um tesouro de denários republicanos e alto-imperiais¹⁰⁰, também na abertura de uns alicerces e em local muito próximo.

No monte do Senhor dos Perdidos situa-se um dos maiores povoados castrejos da bacia superior do rio Sousa, beneficiando de uma implantação estratégica ímpar, uma vez que, como povoado de inter-flúvio que é, domina o vale do Sousa a Leste e a Sul, e controla o vale do rio Vizela, a Norte e a Oeste. Escavações arqueológicas recentemente aí realizadas¹⁰¹ demonstraram a ocupação romana do sítio logo nos inícios do século I d.C., indiciando alguns materiais tardios, que é possível detectar á superfície, uma reocupação a partir dos finais do século III d.C.. O achado deste tesouro deve-se relacionar precisamente com esses momentos de crise em que as populações reocuparam os povoados de altitude, num instinto natural de defesa contra as invasões bárbaras que se anunciavam.

A única moeda conhecida deste tesouro é um *nummus* de Constantinus I, em muito bom estado de conservação, apresentando ainda o seu revestimento prateado, com pequenas marcas de uso indiciando pouca circulação.

Depósito: Paradeiro desconhecido

Bibliografia: Inédita

CATÁLOGO

I - 319 d.C.

ARELATE (1)

-- // PARL

Nº	Den	Imp	Reverso	P	S	T	RIC VII	TOTAL
1	N	CI	VICTORIAE LAETAE PRINC. PERP/ VOT/PR (dentro do escudo)	1			192	1

¹⁰⁰ Rui M. S. Centeno, *Circulação Monetária no Noroeste de Hispânia até 192*, Anexos *Nvmmvs*, I, Porto, 1987, p. 65, nº54.

¹⁰¹ As escavações, ainda inéditas, foram realizadas pelo Dr. Lino Augusto Tavares Dias e pela Dr.ª Teresa Pires de Carvalho em 1986 e 1987, privilegiando contextos de ocupação romana do séc. I d.C.. Aos autores agradecemos a informação.

20 - MONTE DOS SALTOS, Porto, Santo Tirso, Sequeiró
13.14.31

Segundo notícia dada no *Archeólogo Português*, pelo P. Belchior da Cruz, citando por sua vez notícia aparecida no jornal *Economista* em Outubro de 1896, foi encontrado no “monte dos Sultos (*sic*) um vaso com cerca de 400 moedas de cobre romanas, quase todas da época de Constantino”.

Sendo conhecido pelo nome de Monte dos Sultos, pelo qual A. do Paço e Hipólito o nomeiam, o local do seu aparecimento chama-se realmente Monte dos Saltos, na freguesia de Sequeiró, sobranceiro ao rio Ave, na sua margem direita. Apesar de, rigorosamente, se encontrar fora da área geográfica que definimos para o nosso estudo, o facto do local do seu achado se encontrar mesmo na margem do Ave faz com que consideremos a sua conexão com esta mesma área - os rios não eram fronteiras, antes vias de ligação-, daí optarmos pela sua inclusão.

Jean- Pierre Callu (Callu 1981) aponta para uma data de ocultamento deste tesouro posterior a 306.

Depósito: Paradeiro desconhecido

Bibliografia: — Abel Viana, Denarii do Museu Regional de Beja, Arquivo de Beja, XII, p. 142; — Afonso do Paço, Citânia de Sanfins, *Brotéria*, LV1, fasc. 6, Lisboa, 1953, pp. 673-689, nº 6; — F. Bouza-Brey, Los tesorillos de monedas romanas de Tremoedo y Sarandon y su significado historico en Galicia, *III CAN* (Galicia 1953), Zaragoza, 1955, p.386; — Jean-Pierre Callu, Inventaire des trésors de bronze Constantinien (313-348), *Numismatique Romaine-essais, recherches et documents*, XII, Wetteren, p. 47; — *Economista*, Vol. V, nº 17, 2ª série, 25 de Outubro de 1896; — Isabel Pereira, Jean-Pierre Bost, Jean Hiernard, *Fouilles de Conimbriga, III. Les Monnaies*, Paris 1974, p. 307, nº 62; — M. Abad Varela, *Circulación monetaria en la Hispania romana del siglo IV d.C.*, Madrid, 1989, (microficha), p. 1511, nº 144; — Mário de Castro Hipólito, Dos Tesouros de Moedas Romanas em Portugal, *Conimbriga*.II-III, Coimbra 1960-61, nº 48; — P. Belchior da Cruz, Notícias várias, *O Archeólogo Português*, II, Lisboa 1896, p. 292.

21 - MONTE MÓZINHO 1, Porto, Penafiel, Oldrões
13.11.21

Este tesouro já aparece incorrectamente citado nas *Fouilles de Conimbriga*, tendo sido recolhida a informação a ele respeitante em Mateu Y Llopis que o publica em 1947-48. Transcrevemos esta informação:

“Outro achado de bronzes romanos em Mózinho. 4 médios bronzes de Maximiano e Constancio, 24 pequenos bronzes de Constantino e Constantino Junior (*sic*), todos eles num recipiente de barro. No Museu de Etnografia e História do Douro Litoral (Porto), vistas em 1946”.

Referindo um total de 28 moedas, Mateu Y Llopis afiança tê-las visto no Museu, dando para este tesouro sensivelmente a mesma composição que Isabel Pereira verifica uns anos mais tarde.

Isabel Pereira publica este tesouro em 1974, denominando-o “Tesouro A”, para o distinguir de vários outros conjuntos também “apresentados como tesouros do Monte Mózinho existentes nos museus de Penafiel e de Etnografia e História do Por o” (PEREIRA 1974 b), dando como fiável a informação recolhida no livro de Registo Geral nº 1, sob o número 2665, que refere um conjunto de 29 moedas de cobre de diversos imperadores, das quais 25 pequenos bronzes e 4 grandes, juntamente com um pequeno vaso também registado sob o número 2664 e descrito como uma “ampula romana (mutilada)”. Trata-se de um copo de cerâmica de côr rosada, com o bordo partido, tipologicamente idêntico a peças correntemente encontradas inteiras em necrópoles desta área, genericamente datáveis do século IV¹⁰², e cujo desenho I. Pereira também publica.

Hipólito publicara já referências a achados monetários no Monte Mózinho, sob informação do Dr. Elíseo Ferreira de Sousa, que, à data, aí efectuava prospecções e escavações. Porém, as notícias publicadas por Hipólito com os números 54 e 55, como diz I. Pereira, não são conciliáveis com as notícias sobre achados monetários nesta estação anteriormente publicadas pelo Dr. E. Ferreira de Sousa¹⁰³, muito menos com os conjuntos monetários exibidos no Museu de Etnografia e História do Porto (antigo Museu de Etnografia e História do Douro Litoral) e no Museu de Penafiel. Estas discrepâncias devem-se ao facto de as informações prestadas não serem totalmente exactas, uma vez que o Dr. Elísio Ferreira de Sousa misturara as moedas provenientes dos vários conjuntos aí aparecidos, ordenando-as cronologicamente por Imperadores, não respeitando, portanto, a composição de cada um dos depósitos encontrados.

O facto de Mateu y Llopis já em 1946 ter visto estas moedas, e referir para este conjunto a mesma composição que I. Pereira depois publica, apesar de só mencionar 28 numismas, leva a concluir que se deve realmente ao Dr. Elísio Ferreira de Sousa a mistura das moedas provenientes dos vários conjuntos aí aparecidos, sendo depois incapaz de os reconstituir com exactidão.

¹⁰² Cfr. (v. g.) Teresa Soeiro, Monte Mózinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época Romana, Penafiel - Boletim Municipal de Cultura, III Série, 1984.

Idem, Contribuição para o Inventário Arqueológico do Concelho de Paredes, Portugalia, n.s. IX-X 1988/89, pp. 109 - 110.

José Fortes, Necrópole Lusitano-Romana da Lomba (Amarante), Portugalia, II, 1905 - 1908, pp. 252-262.

Adriana M. G. Jorge do Amaral, Necrópole Galaico-Romana de Laboriz (Amarante), Portugalia, n.s. IX - X, 1988/89, pp. 111 - 114.

¹⁰³ Elísio Ferreira de Sousa, As moedas encontradas na Citânia do Mósinho (Cidade Morta) e as suas possíveis conclusões, Lucerna IV, 1965, (sep.), pp. 5-6.

Acresce a isto o facto de, anos mais tarde, Sérgio Lira¹⁰⁴ ter conseguido isolar com êxito um outro tesouro também aparecido no Mózinho, resultante de escavações do Dr. E. Ferreira de Sousa e do Sr. Alfred Kiefe, e cujas moedas se encontravam dispersas por uma colecção particular e por outros lotes organizados pelo Dr. Ferreira de Sousa, entre os quais o citado “Tesouro A” de I. Pereira, que continha 4 moedas: 2 de Maximianus e 2 de Constantius I.

Assim sendo, que fiabilidade atribuir ao chamado “Tesouro A”, mesmo depois de lhe subtrair as 4 peças datáveis entre 298 e 303 ?

Parece-nos que, se lhe subtrairmos mais uma peça, do tipo FEL TEMP REPARATIO (FH3), com M no campo, datável de 357-358, claramente fora deste contexto e concerteza acrescentada posteriormente, fica-nos um conjunto bastante homogéneo de numismas emitidos entre 319 e 327, o que condiz com o que Mateu y Llopis viu no Museu do Douro Litoral em 1946 - estas 24 moedas mais os 4 médios bronzes tetrárquicos.

Temos assim que o chamado “Tesouro A” de I. Pereira seria um pequeno conjunto de 24 moedas, formado durante o reinado de Constantinus I e escondido provavelmente durante o segundo quartel do século IV, talvez à roda de 330. Resta-nos uma interrogação: será que podemos identificar este conjunto com um dos tesouros anunciados pelo Dr. E. Ferreira de Sousa?

Este escreve textualmente “...Foram também encontrados dentro de casas dois vasos cheios de moedas. Um enterrado com todo o cuidado, pois foi encontrado intacto, o outro foi encontrado partido com algumas moedas espalhadas, dando a ideia de ter sido atirado contra um canto da casa, precipitadamente”. São estas as únicas referências aos achados de tesouros nas escavações efectuadas em Mózinho, não tendo delas deixado o seu autor um registo mínimamente organizado que permitisse reconstituir quer as condições de achado, quer, como atrás referimos, a composição de cada um dos tesouros. Assim sendo, resta-nos tentar interpretar o mais coerentemente possível as desencontradas referências que lhes são feitas, bem como alguns pormenores que podem, eventualmente, ajudar a esclarecer esta questão. E entre esses pormenores, talvez os mais relevantes sejam as informações sobre os contentores destes conjuntos monetários.

O vaso encontrado intacto, parece-nos ser o vaso descrito e desenhado por Sérgio Lira e que continha o tesouro da Tetrarquia que aqui apresentamos como Mózinho 3. Está realmente em muito bom estado de conservação e apenas ele corresponde integralmente à descrição feita pelo autor da descoberta.

¹⁰⁴ Sérgio Lira, Um tesouro monetário romano do Monte Mózinho, Nvmmsv, 2ª série, Vol. VII/VIII, Porto, 1984-85, pp.59-82.

O vaso que apareceu partido, com algumas moedas espalhadas, se realmente dava a “ideia de ter sido atirado para um canto da casa” devia estar num estado bastante fragmentado, e dele não ficou qualquer descrição. Os seus fragmentos não devem ter sido conservados juntos pelo autor da escavação, ou se o foram, não ficou nenhum registo que permita a sua identificação como tal. Este devia ser o vaso que continha o chamado “Tesouro B” de Isabel Pereira, do qual se conhecem 125 moedas no Museu de Penafiel, e para o qual não é referido qualquer contentor. Que dizer então deste conjunto de 24 moedas aparecido, tudo leva a crer, dentro do copo com o bordo esboroadado cujo desenho e descrição I. Pereira publicou?

Não cabendo em nenhuma das descrições conhecidas, tomando em linha de conta a sua tipologia e a frequência do seu aparecimento nos espólios funerários em várias necrópoles desta região, bem como o número diminuto de moedas que encerrava - para já não falar da quantidade passível de ser contida no seu volume, e que poderia ser quatro vezes superior -, parece-nos que este copo e as suas 24 moedas devem representar uma deposição votiva em contexto funerário, mostrando-nos as necrópoles de Montes Novos (Penafiel) e Monteiras (Penafiel), ambas na área de influência da Citânia de Mózinho, situações perfeitamente idênticas quer em relação ao contentor, quer em relação ao número de moedas¹⁰⁵.

O facto destas moedas e respectivo contentor provirem de uma das necrópoles do Mózinho, à época já conhecidas do Dr. E. Ferreira de Sousa, justificaria a ausência de uma menção explícita, dado ser comum o aparecimento destes conjuntos em depósitos funerários, e ao mesmo tempo pode também ser a explicação para o responsável das escavações falar apenas no achado de dois tesouros na plena acepção desse termo, que seriam, como nos parece, o “Tesouro B” de I. Pereira e o tesouro identificado por Sérgio Lira, de que falaremos mais adiante.

Depósito: Museu de Etnografia e História do Porto, actualmente no Museu D. Diogo de Sousa (Braga).

Bibliografia : — Elísio Ferreira de Sousa, As moedas encontradas na Citânia do Mózinho (Cidade Morta) e as suas possíveis conclusões, *Lucerna* IV, 1965, pp. 249- 269; — Isabel Pereira, Jean-Pierre Bost, Jean Hiernard, *Fouilles de Conimbriga, III. Les Monnaies*, Paris 1974, p. 307, n° 56; — Isabel Pereira, Achados Monetários do Monte Mózinho, Penafiel, *Conimbriga*, XII, Coimbra, 1974 b, pp. 75-167; — Manuel Abad Varela, Algunas cuestiones sobre las tesorizaciones en Hispania, *Memoria del VII Congreso Nacional de Numismática*, Museo Casa de la Moneda, 1989, p. 240, nota 26; — *idem*, *Circulación monetaria en la Hispania romana del siglo IV d.C.*, Madrid, 1989, (microficha), p. 1483, n° 77; — Mateu y Llopis, *Hallasgos Monetarios (V)*, *Ampurias*, IX-X, 1947-48, p. 78, n° 271.

¹⁰⁵ Agradecemos esta informação à Dr.^a Gilda Correia Pinto, que escavou as referidas estações, e ao Prof. Doutor Rui Centeno, que tem vindo a estudar o espólio monetário das duas necrópoles.

CATÁLOGO ¹⁰⁶

I - 317-330 (24)

LONDINIUM (1)

-- // PLON (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>		<i>RIC VII</i>	<i>TOTAL</i>
1	N	C II (c)	BEATA TRANQVILLITAS VOT/IS/XX	1				236	1

LUGDUNUM (1)

CR // PLG (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>		<i>RIC VII</i>	<i>TOTAL</i>
2	N	C I	BEATA TRANQVILLITAS VOT/IS/XX	1				126	1

TREVERI(3)

-- // PTR (3)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>		<i>RIC VII</i>	<i>TOTAL</i>
3	N	C I	BEATA TRANQVILLITAS VOT/IS/XX		1			305	1
⁴ ₁₀₇	N	C I	BEATA TRANQVILLITAS VOT/IS/XX	1			?	?	1
5	N	C I	PROVIDENTIAEAVGG		1			449	1

ARLES (3)

-- // P* A (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>	<i>?</i>	<i>RIC VII</i>	<i>TOTAL</i>
6	N	C I	VICTORIAE LAETAE PRINC PERP	1				185	1

¹⁰⁶ Adaptámos o catálogo publicado por I. Pereira, apenas lhe retirando as 5 moedas referidas, perfilhando a ideia aduzida por S. Lira e confirmando a notícia de Mateu y Llopis.

¹⁰⁷ Esta moeda apresenta o reverso irregular, com a legenda CONSTANTINVS MAX AVG.

-- // ARLP (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	RIC VII	TOTAL
7	N	C I	DN CONSTANTINI MAX AVG VOT/XX	1			246	1

-- // P* AR (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	RIC VII	TOTAL
8	N	C I	DN CONSTANTINI MAX AVG VQT/XX		1		252	1

ROMA (3)

-- // RP (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	RIC VII	TOTAL
9	N	C I	DN CONSTANTINI MAX AVG VOT/XX	1			232 ou 237	1
10	N	C I	DN CONSTANTINI MAX AVG VOT/XX	1			237	1

-- // R Ω P (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	RIC VII	TOTAL
11	N	C II (c)	PROVIDENTIAE CAESS			1	289	1

TICINUM (1)

-- // PT (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	RIC VII	TOTAL
12	N	C II (c)	DOMINOR. NOSTROR. CAESS	1			172	1

THESSALONICA (1)

-- // TSAVI (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	ε	RIC VII	TOTAL
13	N	C I	DN CONSTANTINI MAX AVG					1	123	1

NICOMEDIA (1)

-- // SMNA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	ε	RIC VII	TOTAL
14	N	C I	PROVIDENTIAE AVGG		1				90	1

CYZICUS (1)

-- // .SMKA. (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	ε	RIC VII	TOTAL
15	N	C I	PROVIDENTIAEAVGG			1			44	1

CM INDETERMINADA (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	?	RIC VII	TOTAL
16	N	C I	BEATA TRANQVILLITAS				1	?	1
17	N	C I	?				1		1

IMITAÇÕES (7)

-- // PTR (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	?	RIC	TOTAL
18	N	C I	VICTORIA JJATAE PRINC PER VOT/		1				1

S F // ARLP (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	Q	RIC	TOTAL
19	N	C I	PROVDNT [...] ESS				1		1

-- // .R. A. (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	?	RIC	TOTAL
20	N	C I	CAESARVM NOSTRORVM				1		1

-- // MN[]

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	?	RIC	TOTAL
21	N	C I	Tipo PROVIDENTIA AVG ou CAESS				1		1

-- // I ⇄

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	?	RIC	TOTAL
22	N	C I	Tipo VICTORIAE LAETAE PRINCIP VOT/PR				1		1

-- // [??]T

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	?	RIC	TOTAL
23	N	C I	VICTORIAE LAETAE PRIN VOT/PR			1			1

Nº	Den	Gov	Reverso	-- # [??]G			? ⁴	RIC	TOTAL
				P	S	T			
24	N	C I	PROVIDETIAE AVG				1		1

22 - MONTE MÓZINHO 2, Porto, Penafiel, Oldrões 13.11.21

Refere I. Pereira¹⁰⁸ a existência no Museu de Penafiel de “um conjunto de 125 moedas também apresentadas como tesouro recolhido em Monte Mozinho”, apesar de não haver qualquer registo de entrada que lhe corresponda. Como vimos atrás¹⁰⁹, este conjunto a que I. Pereira chamou “Tesouro B” deve corresponder à referência que o Dr. Elísio Ferreira de Sousa faz ao aparecimento de um tesouro durante as escavações, encontrado no interior de uma casa dentro de um vaso partido, com algumas moedas espalhadas.

O estado de fragmentação do vaso devia ser tal que dele não ficou memória, devendo os seus fragmentos encontrarem-se misturados com o restante espólio cerâmico das escavações. Por isso, a acompanhar as moedas que estão depositadas no Museu de Penafiel, não é referido qualquer contentor.

Também não temos a certeza que estas 125 moedas constituam a totalidade do tesouro, visto conhecermos a metodologia empregue pelo Dr. Elísio Ferreira da Sousa na análise das moedas encontradas, não respeitando a estrutura dos conjuntos, antes as agrupando e classificando pelas legendas dos seus aversos, isto é, por Imperadores.

De qualquer forma, este conjunto estudado por I. Pereira parece evidenciar uma certa uniformidade na sua estrutura, podendo ser parte ou a totalidade de um tesouro ocultado nos finais do século IV ou nos primeiros anos do século V.

Depósito: Museu de Penafiel

Bibliografia: — D. Nony, *Acerca de la circulación de la moneda en Lusitania, a fines del siglo IV, XI Congreso Nacional de Arqueología (Merida 1968)*, Zaragoza, 1970, pp. 831-834, nº 28; — Elísio Ferreira de Sousa, *As moedas encontradas na Citânia do Mósinho (Cidade Morta) e as suas possíveis conclusões*, *Lucerna* IV, 1965, pp. 249-269;

— Isabel Pereira, *Achados Monetários do Monte Mósinho, Penafiel, Conimbriga*, XIII, Coimbra, 1974, pp. 75-166; — Isabel Pereira, Jean-Pierre Bost, Jean Hiernard, *Fouilles de Conimbriga, III. Les Monnaies*, Paris, 1974, p. 307, nº 54; — Manuel Abad Varela, *Algunas cuestiones sobre las tesaurizaciones en Hispania, Memoria del VII Congreso Nacional de Numismática*, Museo Casa de la Moneda, 1989, p. 240, nota 26; — *idem*, *Circulación monetaria en la Hispania romana del siglo IV d.C.*, Madrid, 1989, (microficha), p. 1483, nº 76; — Mário de Castro Hipólito, *Dos Tesouros de Moedas Romanas em Portugal, Conimbriga*, II-III, Coimbra 1960-61, p. 47, nº 55 (?).

¹⁰⁸ Isabel Pereira, *Achados Monetários do Monte Mozinho, Penafiel, Conimbriga*, XIII, Coimbra, 1974, pp. 75-166.

¹⁰⁹ Cfr. Monte Mósinho I, pag.

CATÁLOGO¹¹⁰

I - 260-294 (4)

ROMA (2)

--// (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VI	TOTAL
1	Ant	CL II	VIRTVS AVG			1	109 ou 110	1
2	Ant	GAL./CL II	AETERNITAS AVG			1	160 ou 17	1

ILEGÍVEIS (2)

--// (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VI	TOTAL
3-4	Ant	?	?			2	?	2

II - 330-337 (9)

ARELATE (1)

--// PCONST (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	?	RIC VII	TOTAL
5	N	Cs (c)	GLORIA EXERCITVS I est.		1		396	1

ROMA (4)

--// R Ω P (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	Q	RIC VII	TOTAL
6	N	UR	Loba com gémeos				1	354 ou 386	1

--// R * P (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	Q	RIC VII	TOTAL
7-8	N	C II (c)	GLORIA EXERCITVS I est.		1			392	2

¹¹⁰ Adaptação e revisão do catálogo publicado por I. Pereira, op. cit. nota 29.

-- // R ♥ P (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>	<i>Q</i>	<i>ε</i>	<i>RIC VII</i>	<i>TOTAL</i>
9	N	Cp	Victória na proa					1	407	1

THESSALONICA (1)

-- // SMTSA (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>Γ</i>	<i>Δ</i>	<i>RIC VII</i>	<i>TOTAL</i>
10	N	D (c)	GLORIA EXERCITVS I est.				1	228	1

CM INDETERMINADA (3)

-- // ? (3)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>RIC VII</i>	<i>TOTAL</i>
11	N	Cp	GLORIA EXERCITVS I est.	1	1
<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
12	N	?	GLORIA EXERCITVS I est.	1	1
13	N	Cs ou Cn (c)	?	1	1

III - 337-341 (12)

TREVERI (2)

-- // TRP (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
14	N	T	PIETAS ROMANA	1		79	1

-- // TRP (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
15	N	C II, Cs ou Cn	GLORIA EXERCITVS I est.			1	80-86

LUGDUNUM (1)

Y // PLG (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
16	N	Cn	GLORIA EXERCITVS I est.			1	24

ARELATE (1)

N // PCON (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>		<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
17	N	Cp	<i>Victória na proa</i>				1	39	1

ROMA (2)

-- // R \notin P(1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>	<i>Q</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
18	N	Cs ou Cn	GLORIA EXERCITVS 1 est.		1				37 ou 38	1

-- // RP (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>	<i>Q</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
19	N	Cs	GLORIA EXERCITVS 1 est.		1				51	1

CONSTANTINOPOLIS (1)

-- // CONSA (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	Γ	Δ	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
20	N	C II ou Cn	GLORIA EXERCITVS 1 est.					1	25 ou 30	1

CM OCIDENTAL (2)

-- // ? (2)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>		<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
21	N	C II, Cs ou Cn	SECVRITAS REIP ou REIPVB				1	?	1
22	N	C II, Cs ou Cn	GLORIA EXERCITVS 1 est.				1	?	1

CM ORIENTAL (1)

-- // ? (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	Γ	Δ	<i>?</i>	<i>RIC VII</i>	<i>TOTAL</i>
23	N	?	GLORIA EXERCITVS 1 est.					1	?	1

CM INDETERMINADA (1)

-- // ? (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>					<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
24	N	?	GLORIA EXERCITVS 1 est.					1	?	1

IMITAÇÃO (1)

-- // PLG (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
25	N	C II ou Cs	GLORIA EXERCITVS I est.						1

IV - 330-341 (1)

CM INDETERMINADA (1)

-- // ? (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>	<i>?</i>	<i>RIC</i>	<i>TOTAL</i>
26	N	Cp	Victória na proa				1	?	1

V - 347-348 (38)

LUGDUNUM (2)

-- // PLG (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
27	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN				1	38	1

// PLG (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
28	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN				1	45	1

ARELATE (9)

G // PARL (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
29	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1				72	1

// PARL (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
30	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN				1	76	1

M // PARL (5)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
31-32	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1	1			78	2

JOSÉ MARCELO SANCHES MENDES PINTO

152

33	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1						81	1
34-35	N	Cs ou Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN						2	78 ou 81	2

P // PARL (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T		?	RIC VIII	TOTAL
36	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1					84	1
37	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN					1	86	1

ROMA (3)

-- // R . P (3)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	Q	ε	?	RIC VIII	TOTAL
38-39	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN			1		1		81	2
40	N	Cs ou Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN					1		78-81	1

SISCIA (1)

N // ASIS (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ		?	RIC VIII	TOTAL
41	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN						1	189	1

THESSALONICA (2)

// SMTSA (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ		?	RIC VIII	TOTAL
42	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN						1	102	1
43	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN						1	105	1

CYZICUS (1)

-- // SMKA

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ		?	RIC VIII	TOTAL
44	N	Cn	VOT/XX/MVLT/XXX						1	51	1

ANTIOQUIA (2)

-- // SMANA (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ		?	RIC VIII	TOTAL
45	N	Cn	VOT/XX/MVLT/XXX						1	115	1
46	N	Cs ou Cn	VOT/XX/MVLT/XXX						1	113 ou 115	1

CM OCIDENTAL (14)

-- // ? (14)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
47-48	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN			2		2
49	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN			1		1
50-52	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN			2		3
53-60	N	Cs ou Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN			8		8

CM ORIENTAL (4)

-- // ? (4)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>Γ</i>	<i>Δ</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
61	N	C I	VNIMR					1		1
<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>Γ</i>	<i>Δ</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
62-63	N	Cs	VOT/XX/MVLT/XXX					2		2
64	N	Cn	VOT/XX/MVLT/XXX					1		1

VI - 351-356 (15)

CYZICUS (1)

-- # SMKA (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>Γ</i>	<i>Δ</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
65	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)				i		104 ou 110	1

CM INDETERMINADA (14)

-- // ? (14)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
66-70	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	5	?	5
71	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH4)	1	?	1
72-74	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH ?)	3	?	3
75-77	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	3	?	3
78-79	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH ?)	2	?	2

CYZICUS (1)

. M . // SMKA (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>Γ</i>	<i>Δ</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
93	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)					1	113	1

CM INDETERMINADA (2)

M - // ? (2)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
94-95	Æ3	Cs ou J (c)	FEL TEMP REPARATIO (FH ?)	2	?	2

IMITAÇÕES (3)

-- // ? (3)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
96	Æ3	J (c)	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1	?	1
<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
97	Æ3	J (c)	FEL TEMP REPARATIO (FH ?)	1	?	1
98	Æ3	?	FEL TEMP REPARATIO (FH ?)	1	?	1

IX - 358-361 (14)

ROMA (4)

-- // R Ω P (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>B</i>	<i>T</i>	<i>Q</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
99	Æ4	Cs	SPES REIPVBLICE					1	318	1

-- // R * P (2)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>B</i>	<i>T</i>	<i>Q</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
100-101	Æ4	Cs	SPES REIPVBLICE					2	320	2

-- // R ? (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>B</i>	<i>T</i>	<i>Q</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
102	Æ4	Cs ou J	SPES REIPVBLICE					1	318-322	1

SIRMIUM (1)

-- // ASIRM (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
103	Æ4	J (c)	SPES REIPVBLICE		1		81	1

CM INDETERMINADA (9)

-- // ? (9)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
104	Æ4	Cs	SPES REIPVBLICE	1	?	1
105	Æ4	J (c)	SPES REIPVBLICE	1	?	1
106-112	Æ4	Cs ou J	SPES REIPVBLICE	7	?	7

X - 364-378 (4)

CONSTANTINOPOLIS (1)

- * // CONSA (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>Γ</i>	<i>Z</i>	<i>?</i>	<i>RIC IX</i>	<i>TOTAL</i>
113	Æ3	Vn	GLORIA ROMANORVM (8)				1		16 c	1

CM INDETERMINADA (3)

-- // ? (3)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>?</i>	<i>RIC IX</i>	<i>TOTAL</i>
114	Æ3	V 1	SECVRITAS REIPVBLICAE	1	?	1
115	Æ3	?	SECVRITAS REIPVBLICAE	1	?	1
116	Æ3	?	GLORIA ROMANORVM (8)	1	?	1

XI - 383-408 (2)

ARELATE (1)

-- // PCON (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>	<i>?</i>	<i>RIC IX</i>	<i>TOTAL</i>
117	Æ4	V 2 ou A	VICTORIA AVGGG			1		30 a ou e	1

CM INDETERMINADA (1)

--// (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	?	RIC IX	TOTAL
118	Æ4	?	SALVS REIPVBLICAE	1	?	1

XIII - Post 351 (7)

ILEGÍVEIS (7)

Nº	Den	Gov	Reverso	?	RIC	TOTAL
119-125	Æ3 e Æ4	?	?	7	?	7

23 - MONTE MÓZINHO 3, Porto, Penafiel, Oldrões
13.11.21

O tesouro que designamos por Monte Mózinho 3 foi detectado por Sérgio Lira quando teve acesso a um lote de moedas inéditas de um tesouro do Monte Mózinho depositadas numa colecção particular, propriedade da viúva de um dos achadores do tesouro, o senhor Alfred Kiefe que efectuou as escavações do Mózinho juntamente com o Dr. Elíseo Ferreira de Sousa. Achado provavelmente em 1948, o tesouro encontrava-se depositado dentro de um jarro cerâmico¹¹¹, também propriedade da referida senhora, e, como refere S. Lira, “foi na época dividido em vários lotes e misturado com peças provenientes de pelo menos um outro tesouro encontrado na mesma escavação, considerado de peças pequenas”.

Já tivemos ocasião de verificar qual a metodologia utilizada pelo Dr. Elíseo Ferreira de Sousa na classificação das moedas encontradas no Mózinho, quer fossem de escavação ou em depósitos fechados, e que consistia na sua classificação cronológica por reinados de Imperadores, não respeitando os seus diversos contextos. Assim sendo, e sabendo do aparecimento de um tesouro constituído por peças consideradas “grandes”, S. Lira verificou a inclusão deste tipo de peças em conjuntos em que elas se encontravam nítidamente desfazadas, como seja por exemplo o “Tesouro A” de I. Pereira, aqui designado por

¹¹¹ O contentor deste tesouro, segundo a descrição de S. Lira, é um jarro de bocal trilobado, com cerca de 18 cm de altura, de pasta homogénea de cor castanha alaranjada, com desengordurantes de grão médio, e apresentando uma asa de canelura central e dedeira, de tipologia comum em necrópoles desta região. A sua cronologia, atestada pela moeda mais recente do tesouro (313 d.C.), aponta para o primeiro quartel do século IV. Cfr. com o material da necrópole do Mózinho apresentado por T. Soeiro, *Monte Mózinho*..., pag. 293, Fig. CLIII, 2.

Mózinho 1. Conseguiu assim reconstituir grande parte do tesouro, que seria formado por cerca de 300 moedas, das quais terão desaparecido cerca de 80, referidas como repetidas e alegadamente oferecidas ao Museu de Penafiel, onde delas não há vestígios.

Este tesouro poderá corresponder ao nº 54 noticiado por Hipólito, apesar deste, por deficiente informação do Dr. E. Ferreira de Sousa, referir apenas 180 médios bronzes que teriam sido “comprados pelo sr. Alfred Kiefe e por aquele arqueólogo”.

Deste tesouro, S. Lira estudou 236 moedas, a mais antiga datada de 294 e as mais recentes do ano de 313, sendo portanto um tesouro da Tetrarquia, ocultado provávelmente no clima de insegurança gerado pela ruptura entre Licinius I e Constantinus I consubstanciada na guerra de 314.

Depósito: 4 lotes, assim formados: 6 peças pertencentes à Ex.ma Senhora D. Elisabeth Baruch Kiefe; 76 peças doadas e em poder do Dr. Joaquim Torres; 72 peças no Museu de Etnografia e História do Porto, actualmente depositadas no Museu D. Diogo de Sousa, em Braga; 2 peças no Museu de Penafiel.

Bibliografia: — Elísio Ferreira de Sousa, As moedas encontradas na Citânia do Mósinho (Cidade Morta) e as suas possíveis conclusões, *Lucerna*, IV, 1965, pp. 249-269; — Isabel Pereira, Jean-Pierre Bost, Jean Hiernard, *Fouilles de Conimbriga, III. Les Monnaies*, Paris 1974, p. 307, nº 53; — Manuel Abad Varela, Algunas cuestiones sobre las tesaurizaciones en Hispania, *Memoria del VII Congreso Nacional de Numismática*, Museo Casa de la Moneda, 1989, p. 240, nota 26; — Mário de Castro Hipólito, Dos Tesouros de Moedas Romanas em Portugal, *Conimbriga*, II-III, Coimbra, 1960-61, nº 54; — Sérgio Lira, Um tesouro monetário romano do Monte Mózinho, *Nvmmvs*, 2ª S., VII-VIII, Porto, 1984-1985, pp. 59-82.

24 - **PIDRE**, Porto, Santo Tirso, Água Longa
13.14.02

Noticiou a revista *Moeda* o aparecimento em 1973 de “um pote de barro e um montão de moedas” no lugar de Pidre, concelho de Santo Tirso, achados por uns miúdos que logo as venderam ao desbarato, tendo-se dispersado este tesouro.

Na mesma revista, um ano mais tarde, M. Castro Hipólito faz uma pequena análise ao artigo atrás citado, identificando sumariamente as poucas moedas então fotografadas e situando cronologicamente o ocultamento deste tesouro pelos meados do século IV. As moedas identificadas por Hipólito são as seguintes:

- 1 - Constantinus I (como Augustus) - 307-337
- 1 - Constantinus II (como Caesar) - 324-327
- 1 - Crispus (317-326), CII (324-327), ou Cs (324-337) - como Caesares
- 1 - outra moeda cunhada entre 330 e 348

A avaliar pelas poucas moedas conhecidas deste achado, parece realmente tratar-se

de um tesouro da época Constantiniana, datável genericamente entre 307 e 348, e, como sugere Hipólito, ocultado pouco depois.

Depósito: Paradeiro desconhecido. Disperso.

Bibliografia: — *Moeda*, Vol.I, nº 5, 1973, p.º 13; — Mário de Castro Hipólito, Achado de Pidre, Santo Tirso, *Moeda*, II, nº 4, 1974, pp. 5-6.

25 - QUINTA DE VILAR D'ALLEN, Porto, Gondomar, Valbom 13.04.11

Na Quinta de Vilar d'Allen, perto de Font^e Pedrinha, foram encontradas nos finais do século passado nove moedas romanas em bronze, de pequenas dimensões, em mau estado de conservação.

A notícia do achado foi dada pelo seu possuidor a D. Domingos de Pinho Brandão, na década de sessenta, que publicou uma descrição geral das moedas, não dando, infelizmente, qualquer informação sobre o contexto do seu aparecimento. Assim, não sabemos se estas nove moedas fazem parte de um tesouro, constituem o conteúdo de um porta-moedas ou constituem um depósito funerário.

Pela descrição feita por D. Domingos de Pinho Brandão, complementada pela análise das fotografias publicadas, foi possível ordenar o catálogo deste conjunto, classificando 5 destas moedas e, pelo menos, datando as outras quatro, apesar de ser impossível determinar os respectivos centros emissores.

Depósito: Família do Sr. Alfredo Ayres Gouvêa Allen

Bibliografia: — D. Domingos de Pinho Brandão, Algumas moedas romanas encontradas nos arredores do Porto, *Museu*, 2.º série, 11, Porto, 1969, pp. 5-8; — *idem*, Inventário de objectos do período da romanização encontrados na cidade do Porto, *Arqueologia*, 10, Porto, 1984, p. 15.

CATÁLOGO

I - 330-335 (1)

LUGDUNUM (1)

-- // PLG (1)

N.º	Den	Imp	Reverso	P	S	T	RIC VII	TOTAL
1	N	UR	<i>Loba com gémeos</i>	1			275	1

II - 335 - 337 (1)

ROMA (1)

-- // R*P (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Imp</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>	<i>RIC VII</i>	<i>TOTAL</i>
2	N	CI	GLORIA EXERCITVS 1 est.	1			393	1

III - 337-341 (1)

CM INDETERMINADA (1)

-- // ? (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Imp</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
3	N	Cs	GLORIA EXERCITVS 1 est.				1	1	1

IV- 330-341 (1)

CM INDETERMINADA (1)

-- // ? (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Imp</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>	<i>RIC</i>	<i>TOTAL</i>
4	N	Cp	<i>Victória na proa</i>					1

V - 347-348 (4)

TRIER (1)

// TRP (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Imp</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
5	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN				1	184	1

AQUILEIA (1)

-- // AQS (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Imp</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
6	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN		1			76	1

ANTIOQUIA (1)

--// SMNA (1)

Nº	Den	Imp	Reverso	A	B	Γ	Δ	RIC VIII	TOTAL
7	N	CI	<i>Imp. vel. quadriga, mão de Deus</i>				1	39	1

CM ORIENTAL (1)

--// ? (1)

Nº	Den	Imp	Reverso	A	B	Γ	?	RIC VIII	TOTAL
8	N	CI	VN - MR				1	?	1

V - 357-358 (1)

CM INDETERMINADA (1)

M - // ? (1)

Nº	Den	Imp	Reverso	?	RIC VIII	TOTAL
9	N	Cs	FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1	?	1

26 - **QUINTA DO BAIRRO**, Porto, Penafiel, Galegos
13.11.13

Em 1930, na propriedade que os pais do Pe. Américo, fundador da obra do Gaiato, possuíam no lugar do Bairro, da freguesia de Galegos, em Penafiel, apareceu uma panela de barro cinzento com cerca de 35 kg de moedas de bronze, pousada sobre uma lousa e coberta por outra, quando se procedia à abertura de uma vala para plantação de vides. O Pe. J. Monteiro de Aguiar, filho dos achadores, e os seus sete irmãos foram herdeiros deste tesouro que, como o próprio relata, foi distribuído igualmente por todos, utilizando-se para o efeito o celamim¹¹² como medida padrão.

Nos anos 50, o Pe. J. Monteiro de Aguiar doou a D. Gabriel de Sousa, Dom Abade do Mosteiro de Singeverga, a parte do tesouro que lhe tinha cabido em herança, tendo sido integrada na coleção numismática do Mosteiro, onde ainda se encontra.

Dificuldades de várias ordens impediram-nos o estudo destas moedas, das quais apenas tivemos acesso a fotografias de um pequeno lote de 19.

¹¹² Medida antiga, equivalente a 1/16 do alqueire.

J. Domingues Arêde noticia já em 1935 a existência de um outro pequeno lote de moedas deste mesmo tesouro no Museu Arqueológico e Etnológico de Cucujães, nome pomposo para uma pequena vitrine existente na sacristia da igreja paroquial, onde entre variadas ofertas figuravam 33 moedas romanas, à época examinadas pelo Prof. Damião Peres, que as distribuiu da seguinte maneira:

“Constantinus I	4
Constantinopolis	2
Urbs Roma	5
Constans	2
Constantius II	2
Magnentius	2
Valentinianus I	1
Valens	4
Valentinianus II	1
Não classificadas	<u>10</u>
TOTAL	33”

Destes 33 exemplares, tivemos acesso apenas a 16¹¹³, ignorando-se o paradeiro das restantes. Assim sendo, dispomos de dados concretos para um total de 35 moedas, pequena amostra de um tesouro com um número total de numismas que se situaria entre 20.000 e 25.000 .

Se este número é diminuto em relação ao total, ele representa, contudo, uma amostra perfeitamente aleatória sobre a qual talvez possamos estabelecer uma base fiável de trabalho, complementada ainda com a informação sobre as restantes 17 moedas que nos foi deixada por Damião Peres.

O contentor deste tesouro era, como atrás dissemos uma panela de barro que T. Soeiro descreve como “cinzento, com muitos grãos brancos, forma irregular e mau acabamento”, publicando o seu desenho, onde indica o nível atingido pelas moedas, atestado pelas marcas de óxidos que ficaram na parede interna da panela.

É este desenho que reproduzimos na página seguinte, agradecendo a Teresa Soeiro a autorização concedida para a sua utilização.

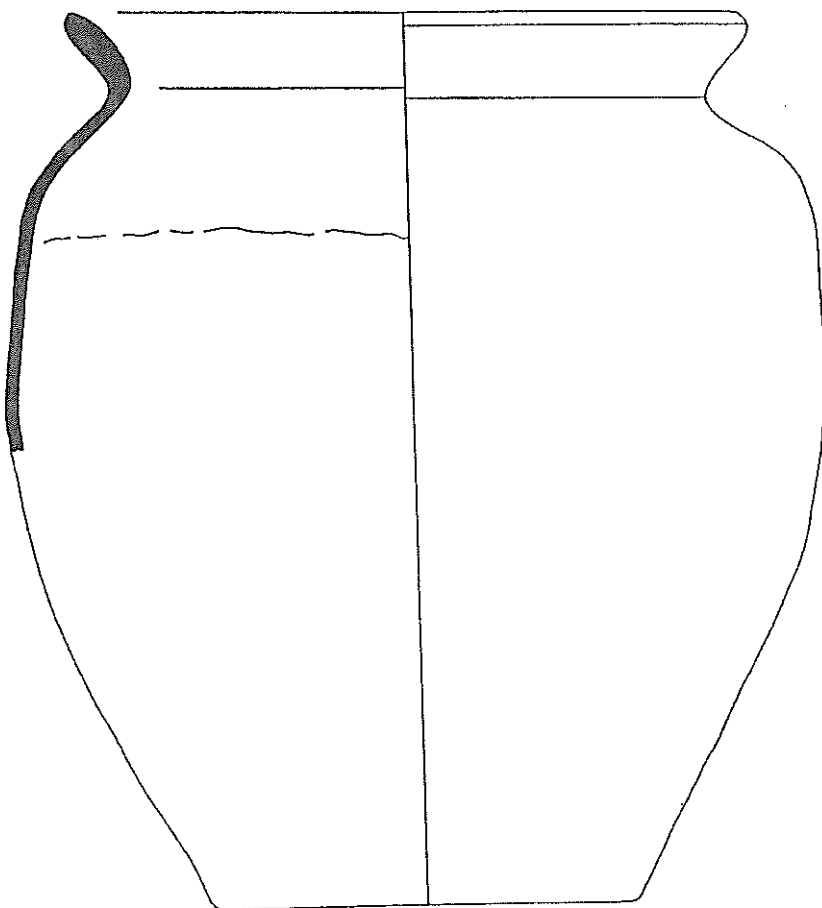
Depósito: Museu Etnológico e Arqueológico de Cucujães; Colecção do Mosteiro de Singesverga.

Bibliografia: — Abílio Miranda, *Nótulas para a História de Penafiel*, Penafiel, 1933; — Baptista de Lima, *Penafiel, antiga terra castelã, concelho de gloriosas tradições, banhada pelo Sousa , Douro e*

¹¹³ As fotografias relativas às primeiras 19 moedas atrás mencionadas, bem como os dados relativos a estas 16 moedas, constavam de dois trabalhos académicos orientados pelo Prof. Doutor Rui Centeno, no âmbito da cadeira de Numismática da FLUP, a quem agradecemos a sua cedência.

Tâmega, Póvoa de Varzim, 1938; — J. Monteiro de Aguiar, *Penafiel antiga. Subsídios para a monografia do concelho*, Câmara Municipal de Penafiel. Penafiel, Vol. IV, 1945, p. 223- 225; — João Domingos Arede, *Museu Arqueológico e Etnológico de Cucujães. Breve notícia histórica da freguesia e vila do couto de Cucujães e catálogo do seu Museu*. Cucujães, 1935, p. 72-73; — Teresa Soeiro, Monte Mózinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana, *Penafiel - Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série - nº1, 1984, p. 98.

Dolium que continha o tesouro da Quinta do Bairro



CATÁLOGO

I - 260-294 (1)

ROMA (1)

--// (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>					<i>RIC VI</i>	<i>TOTAL</i>
1	Ant.	GAL	DIANA CONS AVG					181	1

III - 313-317 (1)

ARELATE (1)

F// PARL(1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>	<i>Q</i>	<i>RIC VII</i>	<i>TOTAL</i>
2	N	CI	SOLI INVICTO COMITI	1				80	1

III - 330-335 (3)

TREVERI (1)

--//TRP(1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>			<i>RIC VII</i>	<i>TOTAL</i>
3	N	CI	GLORIA EXERCITVS 2 est.		1			525	1

ROMA

--//RΩP(1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>	<i>Q</i>	<i>RIC VII</i>	<i>TOTAL</i>
4	N	CI	GLORIA EXERCITVS 2 est.	1				350	1

CONSTANTINOPOLIS (1)

--//CONSA(1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>Γ</i>	<i>Δ</i>	<i>?</i>	<i>RIC VII</i>	<i>TOTAL</i>
5	N	CII (c)	GLORIA EXERCITVS 2 est.			1			59	1

IV - 335-337 (3)

ARELATE (1)

// PCONST (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	RIC VII	TOTAL
6	N	CII (c)	GLORIA EXERCITVS I est.	1			395	1

ROMA (1)

-- // R Ω P (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	Q	RIC VII	TOTAL
7	N	Cp	Victória na proa	1				387	1

SISCIA (1)

-- // ASIS (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VII	TOTAL
8	N	Cs (c)	GLORIA EXERCITVS I est.	1					255	1

V - 337-341 (8)

TREVERI (2)

-- // . TRP . (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	RIC VIII	TOTAL
9	N	Cp	Victória na proa		1	67	1

M // TRP (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	RIC VIII	TOTAL
10	N	Cn	GLORIA EXERCITVS I est.		1	111	1

ARELATE (1)

- ∪ // PCONST (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	RIC VIII	TOTAL
11	N	UR	Loba com gêmeos	1			15	1

ROMA (3)

-- // R ? (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	Q	?	RIC VIII	TOTAL
12	N	Cs	GLORIA EXERCITVS I est.					1	25, 37, 48, 51 ou 57	1

-- // R ∅ P (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	Q	?	RIC VIII	TOTAL
13	N	Cs	SECVRITAS REIP					1	7	1
14	N	Cn	SECVRITAS REIP			1			8	1

CYZICUS (2)

-- // SMKA (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
15	N	CI	<i>Imp. vel. quadriga, mão de Deus</i>				1		4	1
16	N	CII	GLORIA EXERCITVS I est.	1					15	1

VI - 347-348 (2)

SISCIA (2)

-- // ASIS (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
17	N	Cn	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1					183	1

H // ASIS (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC VIII	TOTAL
18	N	Cs	VICTORIAE DD AVGG Q NN	1					191	1

VII - 348-351 (1)

ARELATE (1)

-- // PARL. (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T			RIC VIII	TOTAL
19	Æ3	Cs	FEL TEMP REPARATIO (<i>Galera</i>)	1					116	1

VIII - 351-354 (1)

LUGDUNUM (1)

-- // RPLG (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
20	Æ2	M	VICTORIAE DD NN AVG ET CAE VOT/V/MVLT/X				1	121	1

IX - 354-356 (1)

ROMA (1)

-- // R Ω P (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>	<i>Q</i>	<i>?</i>	<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
21	Æ3	Cs	FELTEMPREPARATIO (FH3)					1	309	1

X - 358-361 (1)

ARELATE (1)

* - // PCON (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>		<i>RIC VIII</i>	<i>TOTAL</i>
22	Æ4	Cs	SPES REIPVBLICE	1				300	1

XI - 364-378 (10)

LUGDUNUM (1)

O FH // LVGVS

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>			<i>RIC IX</i>	<i>TOTAL</i>
23	Æ3	V1	GLORIA ROMANORVM (8)		1			10 a	1

ARELATE (1)

. - // PCON (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>		<i>RIC IX</i>	<i>TOTAL</i>
24	Æ3	V1	SECVRITAS REIPVBLICAE	1				17 a	

ROMA (1)

SM \neq RP (1)

N ^o	Den	Gov	Reverso	P	S	T	Q	RIC IX	TOTAL
25	Æ3	Vn	SECVRITAS REIPVBLICAE	1				24 b ou 28 a	1

SISCIA (1)

- A // DBSISC (1)

N ^o	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC IX	TOTAL
26	Æ3	Vn	GLORIA ROMANORVM (8)		1				5 b	1

AQUILEIA (1)

- - // SMAQP (1)

N ^o	Den	Gov	Reverso	P	S			?	RIC IX	TOTAL
27	Æ3	Gr	GLORIA ROMANORVM (8)					1	11 c	1

HERACLEA (1)

- - // SMHA (1)

N ^o	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC IX	TOTAL
28	Æ3	Vn	GLORIA ROMANORVM (8)	1					3 b	1

CONSTANTINOPOLIS (2)

- - // CONSPA (1)

N ^o	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC IX	TOTAL
29	Æ3	V1	GLORIA ROMANORVM (8)	1					16 a	1

. - // CONSA (1)

N ^o	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	?	RIC IX	TOTAL
30	Æ3	Vn	SECVRITAS REIPVBLICAE		1				42 b	1

CM INDETERMINADA (2)

- - // ? (2)

N ^o	Den	Gov	Reverso					?	RIC IX	TOTAL
31	Æ3	Vn	SECVRITAS REIPVBLICAE					1	?	1
32	Æ3	Vn	GLORIA ROMANORVM (8)					1	?	1

XII - 383-395 (2)

CM ORIENTAL (1)
(HERACLEA OU NICOMEDIA)

- * // ? (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>Γ</i>	<i>Δ</i>	<i>?</i>	<i>RIC IX</i>	<i>TOTAL</i>
33	Æ2	A	GLORIA ROMANORVM (18)					1	27 b ou 46 b	1

CM INDETERMINADA (1)

- // ? (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>?</i>	<i>RIC IX</i>	<i>TOTAL</i>
34	Æ4	ThI	SALVS REIPVBLICAE	1	?	1

É de referir ainda que no lote de 19 moedas provenientes do Mosteiro de Singeverga que pudemos estudar se encontra um denário de prata, peça de colecção provavelmente junta a estas moedas e que descrevemos:

I - 103-110 dC. (1)

ROMA (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>RIC II</i>	<i>TOTAL</i>
35	D	Tr	COS. V. PPS.PQR.OPTIMO PRINC	127	1

APÊNDICE

1 - MONTE DA LAPEIRA, Porto, M. de Canavezes, Várzea do Douro
13.07.28

Na abertura dos alicerces da igreja paroquial de Várzea do Douro, no Monte da Lapeira, lugar da Pena, apareceram 16 moedas de bronze dentro de um recipiente de barro, que se partiu ao ser removido, juntamente com um cossoiro e fragmentos de outros vasos. D. Domingos de Pinho Brandão, ao publicar esta notícia, aventa a hipótese de se tratar de uma sepultura de incineração, além de uma descrição sumária da distribuição de moedas por Imperadores, mais tarde referenciada nas *Fouilles*.

Tivemos ocasião de confirmar¹¹⁴ que o local onde foi construída a igreja paroquial albergava uma das necrópoles do *vicus* encontrado na Várzea do Douro, e que ficava a uma cota sensivelmente mais baixa, encontrando-se esta necrópole a meia-encosta, à beira da estrada que subia em direcção a Tongóbriga .

Estamos perante mais um caso de um depósito funerário constituído por um conjunto relativamente abundante de moedas, cuja moeda mais recente é de Helena Augusta, cunhada também sob Constantinus I, no ano de 329, o que à partida nos dá uma datação *post quem* para o seu enterramento .

Curiosamente, este conjunto encerra vários asses dos séculos I e II, em estado de grande desgaste, praticamente obliterados, sendo apenas possível atribuir um deles ao reinado de Antoninus Pius¹¹⁵. Esta situação não é inédita, encontrando paralelos, por exemplo, no Castro Lupário (Coruña, Galiza)¹¹⁶, e, ainda na necrópole de Valbeirô (Sardoura)¹¹⁷, concelho de Castelo de Paiva, na margem esquerda do rio Douro, portanto praticamente defronte ao Monte da Lapeira, bem como noutras necrópoles desta região.

Estas moedas são espécies talvez já na época fora de circulação e conservadas como antiguidade pelos seus proprietários, que não têm escrúpulo em as incluir no óbulo a Caronte num momento de transição em que assistimos a um evoluir dos rituais de enterramento, precedendo ou acompanhando já as inumações do ritual cristão, por esta época em

¹¹⁴ Agradecemos esta informação ao Dr. Lino Augusto Tavares Dias que em 1984 aí procedeu a escavações arqueológicas.

¹¹⁵ Cfr. Rui M. S. Centeno, Um Conjunto de Moedas Romanas de Valinho (Bostelo, Amarante): Tesouro ou Depósito Funerário?, *Entremuros* 1, Amarante, 1990, pp. 22-23.

idem, *op. cit.* nota 7, p.1 54, nº 161-3.

¹¹⁶ F. Acuña Castroviejo e M. Cavada Nieto, Noticias arqueológico-numismáticas del Castro Lupario (Rois-Brion, La Coruña), *Cuadernos de Estudios Gallegos*, XXVI, 80, 1971, pp. 274-277.

¹¹⁷ Lino Augusto Tavares Dias, Necrópoles do territorium de Tongobriga, *Conimbriga*, Vol. XXXII-XXXIII, Coimbra 1993-1994. Nesta necrópole, da qual estudámos o espólio monetário, a sepultura 3 apresenta um asse do século I misturado com 4 antoninianos de Gallienus e Claudius II.

progressão em todo o Império. Para além delas, este conjunto apresenta mais 12 *nummi*, formando um conjunto muito homogéneo e com cronologias muito apertadas, sendo a mais antiga emitida em 316-317 e a mais recente, como vimos em 329. Estas espécies deviam estar todas em circulação à época.

Até ao momento, toda a bibliografia especializada portuguesa se tem referido a este conjunto monetário como sendo um tesouro, talvez na linha definida por Grierson¹¹⁸, o mesmo acontecendo com Jean- Pierre Callu (1981), que dá este conjunto como posterior a 324, indicando também uma data próxima a 330 como a do seu provável enterramento.

Depósito: Museu de Etnografia e História do Porto, neste momento no Museu D. Diogo de Sousa, em Braga.

Bibliografia: — F. Lanhas e D. de Pinho Brandão, *Inventário de Objectos e lugares com interesse arqueológico*, Revista de Etnografia, VIII, 1, Porto, 1967, p. 54-55; — Jean-Pierre Callu, *Inventaire des trésors de bronze Constantinien (313-348)*, (*Numismatique Romaine-essais, recherches et documents*), XII, Wetteren, p. 47, n° III, 1°; — Isabel Pereira, Jean-Pierre Bost, Jean Hiernard, *Fouilles de Conimbriga*, III. *Les Monnaies*, Paris, 1974, p. 307, n° 52; — M. Abad Varela, *Circulación monetaria en la Hispania romana del siglo IV d.C.*, Madrid, 1989, (micr.), pp. 1465-1466, n° 35;

CATÁLOGO

I - 313-317 (1)

ROMA (1)

-- // R P (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S	T	Q	RIC VII	TOTAL
1	N	CI	SOLI INVICTO COMITI		1			57	1

II - 317-330 (11)

TRIER (4)

-- // PTR (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	P	S			RIC VII	TOTAL
2	N	CI	BEATA TRANQVILLITAS VOT/IS/XX		1			348	1

¹¹⁸ Cfr. nota 39. Philip Grierson, *Monnaies et Monnayage - Introduction a la numismatique*, Paris, 1976, pp. 170-178.

-- // PTR. (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>		<i>RIC VII</i>	<i>TOTAL</i>
3	N	CI	BEATA TRANQVILLITAS VOT/IS/XX	1			341	1

-- // .PTR (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>		<i>RIC VII</i>	<i>TOTAL</i>
4	N	CI	BEATA TRANQVILLITAS VO/TIS/XX	1			416	1

T F# PTR (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>		<i>RIC VII</i>	<i>TOTAL</i>
5	N	CI	BEATA TRANQVILLITAS VOT/IS/XX	1			426	1

ARELATE (1)

T F# PCONST (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>	<i>RIC VII</i>	<i>TOTAL</i>	
6	N	H	SECVRITAS REIPVBLICE				?	340	1

ROMA (2)

PR # RP (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>	<i>RIC VII</i>	<i>TOTAL</i>	
7	N	LIC1	ROMAAETERNAE		1			154	1

-- // RP (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>	<i>RIC VII</i>	<i>TOTAL</i>	
8	N	C II (c)	CAESARVM NOSTRORVM		1			242	1

SISCIA (1)

-- // ASIS (1)

<i>Nº</i>	<i>Den</i>	<i>Gov</i>	<i>Reverso</i>	<i>P</i>	<i>S</i>	<i>T</i>	<i>RIC VII</i>	<i>TOTAL</i>	
9	N	CI	VICT. LAETAE PRINC PERP VOT/PR				?	55	1

CYZICUS (2)

-- // SMKA (2)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	ε	RIC VII	TOTAL
10	N	CR (c)	PROVIDENTIAE CAESS	1					25	1
11	N	C II (c)	PROVIDENTIAE CAESS	1					27	1

ANTIOQUIA (1)

-- // SMANTA (1)

Nº	Den	Gov	Reverso	A	B	Γ	Δ	Σ	RIC VII	TOTAL
12	N	C II (c)	PROVIDENTIAE CAESS					1	65	1

2 - **REBORDOSA**, Porto, Paredes, Rebordosa
13.10.18

Recolheu Hipólito uma notícia dada em 1932 pelo jornal *O Século*, em que refere, no decurso de trabalhos agrícolas, o achado de alguns “objectos de barro muito antigos. Entre esses detritos, apareceram dois pratos, um sobre o outro, formando caixa, e dentro deles várias moedas romanas, a maioria muito gasta e danificada. Numa delas pôde ainda ser observada uma efígie e ler-se, na legenda circular, IMP CONSTANTINUS.”

Pela descrição, tudo leva a crer estarmos perante uma deposição votiva em contexto funerário e não de um verdadeiro tesouro monetário, na sua real acepção. É de facto de estranhar o aparecimento das moedas dentro de dois pratos a formarem caixa, misturados com outros objectos de barro não especificados, mas com certeza restos de bilhas, púcaros ou copos, espólio corrente nas sepulturas das necrópoles de incineração do século IV e de inumação dos finais do século IV, inícios do século V.

O aparecimento de várias moedas dentro da mesma sepultura começa a ser documentado ainda na primeira metade do século IV, acompanhando a evolução dos ritos funerários e a sua gradual transformação em incineração¹¹⁹, já sob a influência da penetração do Cristianismo, mas onde a tradição do pagamento do óbolo a Caronte perdura, além de que, por vezes, a rarefação da moeda provoca a substituição da deposição de moeda corrente por moeda mais antiga, de circulação residual ou até retirada de circulação, como parece ser, por exemplo, o caso do depósito funerário do Monte da Lapeira, ou o da sepultura 2

¹¹⁹ Rui M. S. Centeno, *op.cit.* nota 36.

da necrópole de Valbeirô (Sardoura-Várzea do Douro)¹²⁰, em que são utilizados *asses* do séc. I ou II em enterramentos claramente datáveis do século IV.

J.-P. Callu (Callu 1981) inclui este depósito na sua listagem de tesouros constantinianos, apontando o seu enterramento para uma data posterior a 306.

Depósito: Paradeiro desconhecido

Bibliografia: — Afonso do Paço, Citânia de Sanfins, *Brotéria*, LVI, fasc. 6, Lisboa, 1953, pp. 673-689, n° 6; — F. Bouza-Brey, Los tesorillos de monedas romanas de Tremoedo y Sarandon y su significado historico en Galicia, *III CAN* (Galicia 1953), Zaragoza, 1955, p.387; Jean-Pierre Callu, Inventaire des trésors de bronze Constantiniens (313-348), (*Numismatique Romaine-essais, recherches et documents*), XII, Wetteren, 1981, p. 47; — Isabel Pereira, Jean-Pierre Bost, Jean Hiernard, *Fouilles de Conimbriga, III. Les Monnaies*, Paris 1974, p. 307, n° 57; — M. Abad Varela, *Circulación monetaria en la Hispania romana del siglo IV d.C.*, Madrid, 1989, (microficha), p. 1512, n° 145; — Mário de Castro Hipólito, Dos Tesouros de Moedas Romanas em Portugal, *Conimbriga*, II-III, Coimbra, 1960-61, n° 56; — *O Século*, 21 de Fevereiro de 1932, p. 2;

¹²⁰ Lino Augusto Tavares Dias, Necrópoles no territorium de Tongobriga, *Conimbriga*, XXXII-XXXIII, Coimbra, 1993-1994, p. 118-119.

II PARTE

ENSAIO DE INTERPRETAÇÃO

CAPÍTULO 1

O ESTUDO DOS TESOUROS MONETÁRIOS:
QUESTÕES DE METODOLOGIA E ANÁLISE

É vulgar o aparecimento de conjuntos maiores ou menores de moedas romanas dentro de vasilhas cerâmicas aquando da realização de trabalhos agrícolas ou em escavações arqueológicas, conjuntos esses a que chamamos vulgarmente *tesouros*¹²¹. Já vimos que representam poupanças, constituídas por moedas retiradas da circulação corrente, escondidas em bloco em locais a que só o seu possuidor tinha acesso, e por este não recuperadas.

São múltiplas as causas que levam à formação e ocultamento destes tesouros, que podem revestir características diferentes, pois o acto de entesouramento, além de subjectivo, depende dos fins em vista, das circunstâncias do momento e da urgência ou objectivos a longo prazo do entesourador. De qualquer forma, o destino final do numerário que compunha estes tesouros seria sempre o retorno à circulação, e aqueles que hoje em dia encontramos representam, ao fim e ao cabo, um insucesso: o seu fim último não se cumpriu, os objectivos que presidiram à sua formação não foram atingidos, ou pela perda da memória do local onde tinham sido ocultados, ou pela morte do entesourador. Como insucessos que são, estes tesouros devem constituir uma minoria, pois o entesouramento bem sucedido diluiu-se novamente entre o numerário da época e, como é evidente, não aparece no registo arqueológico.

Não levando tão longe quanto Reece¹²² a dúvida sobre as evidências intrínsecas de um tesouro, apesar da subjectividade que possa ter presidido à sua formação, acreditamos que a sua composição pode revelar, pelo menos, dois tipos de situações: por um lado, naqueles a que podemos chamar "*tesouros de urgência*", formados apressadamente em virtude de perigos eminentes, como guerras, invasões ou instabilidade política e cuja composição poderá reflectir um pouco a circulação monetária do momento, adivinhamos a pressão sentida pelos seus proprietários que, sentindo-se ameaçados, lançariam mão de toda a moeda disponível, pensando na sua segurança futura e tentando desta forma salvaguardar um pouco da sua riqueza.

Por outro lado, temos os tesouros que constituem *poupanças* na verdadeira acepção do termo, isto é, aqueles que foram constituídos lentamente, numa forma selectiva, escolhendo-se as moedas de melhor qualidade, pelo metal em que são feitas, pelo seu peso, pelo seu módulo, pelo seu teor em metal precioso¹²³, reflectindo, no fundo, a fortuna. A maior parte

¹²¹ Cfr. Philip Grierson, *Monnaies et monnayage. Introduction à la numismatique*, Paris, 1976, p. 164.

¹²² Cfr. Richard Reece, *Coinage in Roman Britain*, London, 1987, p. 47.

¹²³ No caso da moeda de bronze, é fundamental a variação dos seus teores em prata.

destas poupanças não terá chegado aos nossos dias, pois foram recuperadas e usadas pelos seus proprietários, correspondendo as que o conseguiram, como atrás dissemos, a casos de perda de memória ou morte dos seus entesouradores.

Sob o ponto de vista da informação arqueológica recuperável destes dois tipos de entesouramento sobre a circulação monetária da época a que reportam, o valor dos “tesouros de urgência”, na medida em que implicam a retirada brusca de amostras de moeda corrente da circulação, poderia residir na forma como reflectem essa mesma circulação e a proporção das diversas denominações em curso. Já o problema das poupanças, com uma larga diacronia, residiria precisamente na compreensão, por parte do arqueólogo ou do investigador, da capacidade subjectiva de avaliação, por parte do entesourador, das melhores moedas, entrando também em linha de conta, além dos já descritos, com factores como a sua pequena circulação e o seu estado de desgaste, o seu brilho - dependente do teor de prata incorporada -, a sua raridade, a tendência coleccionista, ou a disponibilidade e acessibilidade às moedas desejadas no meio económico em que se movimenta o entesourador ¹²⁴.

Porém, as características intrínsecas de um mercado monetário necessariamente afectado por fenómenos de inflação ou depreciação dos valores monetários, para além do fenómeno detectado pela lei de Gresham ¹²⁵ segundo a qual a má moeda provoca o desaparecimento de circulação da boa moeda, levam a que este tipo de informação tenha que ser confrontado com dados de circulação recolhidos através de achados avulsos ou em escavações, mais reais na medida em que baseados numa amostra perfeitamente aleatória, que consiste no conjunto das moedas perdidas e não recuperadas num sítio ou numa estação arqueológica. Para Brunn, os tesouros só reflectiriam fielmente a circulação se e quando o sistema monetário estivesse em equilíbrio¹²⁶.

É muito variável a quantidade de moedas que compõe um tesouro. Se, teóricamente, duas moedas escondidas juntas podem formar um tesouro, é normal estes serem formados por quantidades maiores, sendo frequente nos séculos IV e V atingirem algumas dezenas e por vezes centenas de quilos, e é este muitas vezes o caso de tesouros encontrados em meios urbanos e que constituem reservas para pagamentos públicos ou do exército. Pode também ser o caso de tesouros constituídos à pressa, na iminência de convulsões sociais e políticas, como por exemplo, as invasões bárbaras dos inícios do século V, em que o entesourador recolhe toda a moeda que consegue. Porém, a dimensão do tesouro deve também estar directamente relacionada com o estatuto social do entesourador, com as necessidades subjectivas deste, com a região onde é constituído e com o momento do entesouramento. Assim, enquanto um indivíduo de condição social elevada, ou simplesmente rico, poderá

¹²⁴ Cfr. J.P.C. Kent, *Interpreting coin-finds, Coins and the Archaeologist*, (BAR, 4), 1974, p. 185.

¹²⁵ Cfr. Patrick Bruun, *Site finds and hoarding behaviour, Scripta Nummaria Romana-Essays presented to Humphrey Sutherland*, London, 1978, p.114.

¹²⁶ *Op. cit.* nota anterior.

entesourar normalmente moeda escolhida, um indivíduo de menores posses utilizará concerteza moeda de circulação corrente, divisionária, a que terá mais fácil acesso. Este mesmo tipo de moeda, em bronze, aparece a constituir quase integralmente os tesouros encontrados em meios rurais durante o século IV e V, sendo a circulação de metais preciosos mais corrente em meios urbanos, com outro nível de exigências na questão do pagamento do funcionalismo, do exército e das obras públicas.

Um outro dado a ter em linha de conta é a inclusão de moeda “falsa”, ou de imitação, nos tesouros. É sabido que a partir dos finais do século III, em regiões onde havia dificuldades de abastecimento de moeda por parte dos poderes centrais, surge o fenómeno do aparecimento de moeda imitada localmente, caso dos *minimi* radiados e diademados¹²⁷, fenómeno esse que reaparece em força, pelo menos em certas regiões do Império, no século V, e cuja circulação é muitas vezes tolerada pelas autoridades monetárias. Este fenómeno tem repercussões no entesouramento, pois muitas vezes moeda deste tipo é entesourada juntamente com as emissões legais. De qualquer forma, os tesouros contêm, normalmente, muito menor percentagem de moeda contrafeita do que os sítios escavados do mesmo período¹²⁸, pois, como é sabido, os entesouradores preferem quase sempre a melhor moeda.

Todos estes factores levam a que se verifique uma grande diversidade na estrutura dos tesouros desta época, tornando difícil a sua interpretação.

Vimos na primeira parte desta obra que foram inventariados, até ao momento, 26 tesouros monetários da época Baixo-Imperial na região entre Douro, Ave e Tâmega. Esta zona, durante os séculos IV e V, pode-se caracterizar como eminentemente rural, apesar da existência de alguns antigos povoados intensamente romanizados, caso do Castro de Alvarelhos e Citânia do Monte Mózinho, verdadeiros lugares centrais do vale do Ave e do Tâmega, além do povoado de *Cale*, porto abrigado nas margens do Douro, cuja importância só agora se começa a comprovar através das escavações aí em curso¹²⁹. A paisagem devia ser composta de *vici*, *pagi*, *castella*, *villae*, casais, e quintas, com alguns dos antigos castros reocupados e uma economia dominada essencialmente pela vida agrícola e algum comércio local. As minas de ouro de Valongo e Banjas há muito estariam desactivadas, pelo que já não se justificava a presença dos destacamentos militares. Não muito longe, *Bracara Augusta*, capital da *Callaecia*¹³⁰ depois da criação da província por Diocletianus entre 284

¹²⁷ Cfr. C.H.V. Sutherland, *Minimi, radiate and diademed: their place in roman and post-roman currencies*, *Transactions of the International Numismatic Congress (London 1936)*, London, 1938, pp. 252-261.

¹²⁸ Cfr. J.P.C. Kent, *op. cit.* nota 121, p. 185.

¹²⁹ Manuel Real, Paulo D. Gomes, Ricardo Teixeira, Maria do Rosário Melo, Casa do Infante. Uma história a refazer, *Oceanos*, 12, Lisboa, 1992, pp. 17-22.

idem, A Casa do Infante, *O Porto das Mil Idades-Arqueologia na cidade*, Porto, 1993, pp. xxv-xlii.

¹³⁰ Cfr. Jorge de Alarcão, *O domínio romano em Portugal*, Lisboa, 1988, pp. 60-61 e Alain Tranoy, *La Gallie romaine. Recherches sur le nord-ouest de la Péninsule Ibérique dans l'Antiquité*, Paris, 1981, pp. 389-392.

e 288, onde residiria o funcionalismo administrativo, as élites polífticas, os comerciantes e os grandes proprietários.

Os tesouros encontrados nesta região são todos eles formados por moeda em *Æ*, vulgarmente designado por “bronze” ou bolhão, apresentam dimensões diferentes, que vão desde as 24 moedas de Mózinho 1 até aos 35 kg. do tesouro da Quinta do Bairro, e evidenciam composições também diferentes (quadro 1), tendo sido formados desde o período da Tetrarquia, nos inícios do século IV, até à segunda metade do século V. Os nove tesouros tardios que estudámos, além de parecerem ser também eles compostos exclusivamente por moeda em *Æ*¹³¹, evidenciam o protagonismo da moeda de bronze em certos níveis da sociedade romana¹³² e em certas áreas mais ruralizadas, como vimos atrás.

Quadro 1 - Composição dos tesouros de entre Douro, Ave e Tâmega
(% de moedas por período)

	260-294	294-313	313-30	330-35	335-37	337-41	347-48	348-350	351-56	357-58	358-61	361-64	364-78	378-83	383-408	408-455
Bustêlo		100														
Monte Mózinho 3		100														
Monte Mózinho 1			100													
Sanfins 2					12,63	29,47	52,63									
Q. de Vilar D'Allen					11,11	11,11	11,11	44,44			11,11					
Carvalho				0,62	1,24	22,36	41,61	0,62	20,49	3,72	6,21					
Guilhabreu			7,69		15,38		15,38		7,69		23,07		30,76			
Bouças dos Chãos	0,20			3,51	5,37	14,46	33,67	0,61	16,52	5,99	7,85		3,71	1,85	5,16	
Castro da Vila	1,08		0,18	0,54	1,62	2,88	18,01		16,93	7,02	19,27	0,54	14,77			7,38
Alvarelhos 2	0,32		0,32	1,14	2,77	14,37	23,36		15,84	4,08	5,88		5,39	2,61	6,37	
Guifões	1,38			1,38	3,22	12,44	18,89		20,73	3,68	12,90	0,46	7,37			1,84
Terroso	2,65				2,65	13,27	13,27		19,46	5,30	15,04		7,07	1,76	13,27	
Monte Mózinho 2	3,20				7,20	9,60	30,40		18,40	8,80	11,20		3,20			1,60
Quinta do Bairro	2,94		2,94	8,82	8,82	23,52	5,88	2,94	5,88		2,94		29,41			5,88
Monte Crasto	0,74		0,24	0,99	3,22	20,84	28,53	0,49	18,85	3,97	5,70	0,24	6,45	1,73	5,21	0,24

¹³¹ Os denários em prata hoje em dia associados às moedas dos tesouros de Guilhabreu, Terroso e Quinta do Bairro devem ser intrusões, tendo sido acrescentados posteriormente, talvez por razões colecionistas. Em relação às moedas também de prata do tesouro de Monte Crasto, uma grega e dois denários romanos, já Damião Peres sublinhou que os denários deviam fazer parte de um outro conjunto, tendo Rui Centeno revelado a falsidade da moeda grega. Cfr. Rui Centeno, *op. cit.* nota 1, p. 190.

¹³² Cfr. Teresa Marot, *Les invasions germàniques i l'ocultació de riqueza monetària a la Diocesis Hispaniorum, Tresors del Món Antic*, Barcelona, 1994, p. 92.

Sentimos algumas dificuldades no estudo e análise destes tesouros, devido, em primeiro lugar, à dispersão que sofreu a grande maioria, divididos em lotes pelos achadores e colecionadores, tornando por vezes quase impossível a reconstituição da sua estrutura; é o caso, por exemplo, do tesouro de Bustelo, em que os achadores, verificando o reduzido valor das moedas encontradas, preferiram oferecê-las como curiosidade a amigos e conhecidos e ainda dos tesouros do Crasto da Vila, Cividade de Terroso, Monte Crasto, Pidre e Quinta do Bairro, dispersos por várias mãos, aparecidos já há muitos anos, sendo praticamente impossível hoje em dia a sua reconstituição e estudo integral.

Situações há em que só pudemos estudar pequenas fracções dos tesouros, como seja o caso do tesouro do Carvalho ou, exemplo mais flagrante ainda, o dos tesouros de Guilhabreu, Bustelo e Quinta do Bairro, dos quais vimos apenas um reduzido número de peças, sendo o caso mais extremo o do tesouro do Monte do Senhor dos Perdidos, com apenas uma moeda.

Por outro lado, deparámo-nos quase sistematicamente com uma deficiente publicação dos achados, como acontece com os tesouros da área de Monte Mózinho: a metodologia empregue na classificação das moedas que compunham cada tesouro anulou grande parte da informação neles contida, a começar pelo seu próprio número, não se sabendo, na realidade, quantos tesouros apareceram em Mózinho, sendo perfeitamente desconhecidas as informações veiculadas pelos vários investigadores que até agora se debruçaram sobre este problema, induzidos em erro pelo Dr. Elísio Ferreira de Sousa, director das escavações que aí se efectuaram nos finais dos anos quarenta e durante os anos sessenta. Os três tesouros que apresentamos parecem ser os únicos que oferecem algumas garantias de fiabilidade, mas acreditamos que não estejam completos e que não tenham sido os únicos a aparecer.

Dos 26 tesouros inventariados, apenas se encontravam publicados os de Mózinho 1, 2 e 3, cujos catálogos revimos, e o de Bouças dos Chãos, cujos dados incluímos, recentemente editado. Em relação aos outros conjuntos, há ainda a referir o estudo que efectuámos do tesouro de Guifões através das fotografias das moedas deixadas pelo seu achador, única memória que delas resta, e a inclusão das notícias coligidas por M. de Castro Hipólito, uma vez que se revelaram infrutíferas todas as tentativas de localização dos respectivos achados.

Como já vimos atrás, ao ser constituído um depósito monetário, fruto de um entesouramento deliberado ao longo de um dado período de tempo, uma das grandes preocupações do seu proprietário deveria ser, evidentemente, onde guardar as suas poupanças. Assim sendo, a primeira prioridade do entesourador refere-se ao tipo de recipiente que deve conter as moedas e que, inclusivamente, pode variar consoante a dimensão do tesouro, à medida que este se constitui. Não nos podemos esquecer que a maior parte destes depósitos são poupanças provenientes de rendimentos não afectos ao consumo imediato, quer dizer, são excedentes monetários com uma utilidade marginal que só será usufruída quando da sua aplicação. Além disso, estas poupanças normalmente são constituídas com um objectivo cujo alcance depende da dimensão da poupança, dependendo

esta, por sua vez, da diferença entre o nível de consumo e o nível de rendimentos. Por isso, aliado à poupança existe sempre o factor tempo. Para esta se constituir e atingir o objectivo fixado, é necessário tempo, e a este factor está ligada a escolha do contentor da poupança. Numa economia monetarizada não fiduciária, a moeda é uma reserva de valor¹³³, constituindo um potencial permanente de troca, susceptível de ser utilizado em qualquer momento. Isso definirá a sua acessibilidade, quer dizer, o contentor tem que possuir características que permitam a utilização imediata da moeda aí contida, devendo ao mesmo tempo ser suficientemente robusto para proteger eficazmente o seu conteúdo além de poder suportar o seu peso.

Em época romana foram usados cofres de madeira, os *armaria* já descritos por Cícero no *Pro Cluentio*¹³⁴, e as *arcae*, caixas fortes caseiras e verdadeiras peças de ornamento e

Quadro 2 - Tipos de Contentores

TESOUROS	CERÂMICA COMUM									OUTROS	
	Panela	Dolium	Pote	Púcaro	Copo	Jarro	Bilha	Prato	?	Saco de couro	Desconhecido
BOAVISTA	X										
BOUÇAS DOS CHÃOS									X		
BUSTÊLO									X		
CARVALHO							X				
CASTRO DA VILA				X							
ABUJEFA 1											X
ABUJEFA 2		X									
ALVARELHOS 1	X										
ALVARELHOS 2										X	
GUIFÕES											X
CITÂNIA DE SANFINS 1											X
CITÂNIA DE SANFINS 2											X
CIVIDADE DE TERROSO											X
GUILHABREU											X
MARECOS	X										
MIRAGAIA											X
MONTE CRASTO											X
MONTE DA MOURINHA											X
Mte do Sr. dos PERDIDOS									X		
MONTE DOS SALTOS									X		
MONTE MÓZINHO 1					X						
MONTE MÓZINHO 2									X		
MONTE MÓZINHO 3						X					
PIDRE			X								
Q.ta de VILAR D'ALLEN											X
QUINTA DO BAIRRO		X									

¹³³ Cfr. P. A. Samuelson, *Economics-an introductory analysis*, New York, 1964, pp. 370-386. (Há tradução portuguesa, ed. da Fundação Calouste Gulbenkian, 1967) e Pedro Soares Martinez, *Economia Política*, Coimbra, 1991, pag. 522.

¹³⁴ Citado por Anne Robertson, *op. cit.* nota 5, p. 13.

decoração, que dada a sua natureza perecível, na sua grande maioria, não chegaram até nós. Também foram usadas pequenas caixas, ou porta-moedas de madeira (*locellus, loculi*), como os encontrados em Herculano¹³⁵, contendo ainda moedas. Mas a grande maioria dos tesouros de moeda romana aparece dentro de contentores cerâmicos, que podem revestir várias formas, quer na chamada cerâmica comum quer nas cerâmicas de luxo, normalmente de importação, verificando-se, por exemplo, em Inglaterra, o aparecimento de cerca de 500 tesouros contidos em recipientes de cerâmica comum. As formas usualmente mais utilizadas são panelas, jarros e potes, sendo utilizados ainda copos, bilhas e *dolia*¹³⁶. É este o caso de cerca de 58 % dos conjuntos monetários aparecidos entre Douro, Ave e Tâmega, conforme se pode ver no quadro 2.

Não há grande precisão na nomenclatura com que são designadas as formas cerâmicas de alguns destes contentores, havendo apenas certezas em relação ao copo do tesouro de Monte Mózinho 1, ao jarro de Monte Mózinho 3 e ao *dolium* da Quinta do Bairro. Os depósitos funerários do Monte da Lapeira e de Rebordosa, referidos no Apêndice, estavam contidos, como sabemos, num copo e dentro de dois pratos, respectivamente. Quanto aos outros recipientes cerâmicos, normalmente designados por “panelas”, não existe nenhuma descrição suficientemente explícita que permita confirmar ou não essa designação. Apenas a notícia do aparecimento do tesouro do Carvalho (Celorico de Basto) remete para uma estampa publicada no *Minho Pittoresco*¹³⁷, pela qual podemos identificar a “panela” referenciada como sendo realmente uma bilha (*lagoena*), numa forma comum em todo o noroeste de Portugal, e com paralelos, por exemplo, na necrópole de Monte Mózinho¹³⁸.

Também o termo “vaso” é demasiado vago para podermos saber exactamente qual a forma a que corresponde, devendo-se estas imprecisões, bem como o facto de se desconhecerem os contentores de 10 dos conjuntos monetários desta área, à ignorância e cupidiz dos achadores, que, não dando qualquer importância aos materiais cerâmicos, para eles sem valor, não hesitam em destruir o contentor na ânsia de mais facilmente recuperarem as moedas. Para além disso, não nos podemos esquecer que as moedas, com o tempo e devido às condições de jazida, desenvolvem óxidos e concreções que as ligam umas às outras, formando blocos quase homogêneos, sendo difícil a sua separação, pelo que a quebra do seu contentor, na voregem da descoberta, é a forma mais rápida e simples - e às vezes a única - de satisfazer a curiosidade de quem descobre o tesouro. Depois, quando a notícia se espalha e chega aos jornais, a maneira mais fácil de descrever esses recipientes cerâmicos, é chamar-lhes panelas ou talhas, mas na maior parte dos casos, o contentor nem sequer é referido.

¹³⁵ Cfr. *Rediscovering Pompeii*, Roma, 1990, p. 168, nº 55.

¹³⁶ Sobre este tema, ver também o artigo de Anne Robertson, *op. cit.* nota 5, p. 23.

¹³⁷ José Augusto Vieira, *O Minho Pittoresco*, Lisboa, 2 Vols., 1886-1887, p. 529.

¹³⁸ Teresa Soeiro, Monte Mózinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana, *Penafiel - Boletim Municipal de Cultura*, 3ª Série, nº 1, 1984, p. 297, est. CLI (8).

Nos poucos casos de contentores cerâmicos bem conhecidos, parece nesta área haver uma preferência por recipientes com formas análogas às utilizadas diariamente nas cozinhas, o que talvez se possa explicar atendendo à facilidade de obtenção destas formas - produções correntes à escala regional -, e concerteza à economia que representariam face a contentores mais sofisticados, por vezes com decoração plástica ou pintada como parece acontecer noutras regiões do Império¹³⁹.

Mas nem só os contentores cerâmicos foram utilizados. Apesar de em menor escala, e como já dissemos, é frequente o aparecimento de tesouros em receptáculos em metal, em vidro, ou mesmo em porta-moedas ou bolsas de pano ou em couro, como parece ser o caso do tesouro de Alvarelos 2, em que, tendo apodrecido ou ardido o material da bolsa escondida no forro do tecto ou na parte superior das paredes da casa, ficaram apenas as moedas, unidas pelos óxidos de corrosão, a manterem a forma da bolsa¹⁴⁰. Este caso tem paralelos um pouco a sul do rio Douro, no castro de Fiães, onde dois tesouros se encontravam também escondidos na parte superior das paredes¹⁴¹. Tendo ardido os telhados, caíram sobre os pisos, tendo inclusivamente aparecido nas escavações algumas moedas colocadas em posição vertical, assentes sobre o seu bordo, e assim seguras quando se enterraram nas cinzas do incêndio.

No referente aos locais de ocultamento, nota-se que a grande maioria dos conjuntos monetários aparece nas ruínas de casas, povoados ou nas suas proximidades, em campos onde um qualquer acidente natural, um muro, uma árvore ou um penedo marcariam o local de enterramento, apenas reconhecível pelo seu proprietário.

Dos 26 conjuntos monetários aparecidos entre Douro, Ave e Tâmega, 16 (61,5 %) apareceram em povoados ou junto a eles: é o caso do tesouro de Boavista, Castro da Vila, Abujefa 1 e 2, Alvarelos, Guifões, Citânia de Sanfins 1 e 2, Cividade de Terroso, Monte Crasto, Monte do Senhor dos Perdidos, Monte dos Saltos, Citânia do Monte Mózinho 1, 2 e 3 e Quinta do Bairro. Em Alvarelos 2, Guifões e Monte Mózinho 2 e 3 os tesouros aparecem em contextos nitidamente domésticos, escondidos dentro de casas em sítios que podem ir desde as paredes ao telhado, passando por esconderijos debaixo da soleira de portas ou de pedras da lareira. A preferência por muros ou muralhas dos povoados também é conhecida, e pode ser o caso, por exemplo, do tesouro de Abujefa 2. A referência demasiado vaga que temos em relação aos outros tesouros aparecidos junto a povoados, em campos ou nas encostas dos montes onde esses povoados se situam, como Boavista,

¹³⁹ Citamos, como exemplo, o frasco que continha o tesouro de Ramsey (Hunts), apresentado por Robertson, *op. cit.* nota 5, ou a taça do tesouro de Wokingham (Berkshire), apresentada por M. G. Fulford, juntamente com J. A. Greenaway e G. C. Boon, no estudo sobre este tesouro incluído em *The Chalfont hoard and other Roman coin hoards*, London, 1992, pp.279-324.

¹⁴⁰ Segundo informação do Dr. Álvaro Moreira, que agradecemos, estão para análise laboratorial algumas fibras do material constituinte da bolsa e que se encontravam agarradas a algumas moedas.

¹⁴¹ Rui M. S. Centeno, Numismática de Fiães: dois tesouros do Baixo-Império, *Numisma*, 138-143, Sociedad Iberoamericana de Estudios Numismaticos. 1976, pp. 171-185.

Castro da Vila, Abujefa 1 e Quinta do Bairro, ou Citânia de Sanfins 1 e 2, respectivamente, pode resultar da falta de escavações arqueológicas nesses locais específicos, tendo os tesouros sido originariamente ocultados também em contextos domésticos, ou então evidenciam a preocupação por parte dos seus possuidores em os esconderem em locais ermos, relativamente próximos do povoado onde habitavam, assinalados na paisagem por um qualquer sinal identificativo que hoje em dia nos escapa.

Escondido ainda em contexto doméstico parece ser o caso do tesouro de Guilhabreu, aparecido nas ruínas do que se pensa serem os vestígios de uma *villa* romana, na base da encosta do grande povoado de Alvarelos, bem como o tesouro do Carvalho, enterrado junto a uma lareira, da qual apareceu uma pedra enegrecida de fumo juntamente com fragmentos de louças de cozinha. Infelizmente, neste caso, não houve escavações arqueológicas que esclarecessem o contexto do achado, limitando-se os populares a recolher os cerca de 10 kg de moedas aparecidas. Também o tesouro de Bustelo se deveria referenciar a um contexto doméstico, embora aparecido num campo, no decurso de trabalhos agrícolas, dada a quantidade de cerâmica de construção que aí vem à superfície sempre que se fazem lavradas, a indiciar a existência de um povoado romano, comprovado pelas escavações da necrópole de Monteiras, a uns escassos 300 metros. Sem qualquer referência às condições do seu achado, pensamos que também o tesouro de Miragaia se deve tratar de um conjunto escondido dentro de uma casa em contexto urbano romano. As escavações da Casa do Infante¹⁴², no Porto, mostraram a implantação do povoado romano do século IV na base do morro da Cividade, estendendo-se até ao rio, pelo que não repugna a hipótese desse povoado ter crescido na margem do Douro até Miragaia, a cerca de 500 metros de distância, como recentes escavações parecem comprovar.

Por último, Bouças dos Chãos, Marecos, Monte da Mourinha, Pidre e Quinta de Vilar d'Allen são tesouros para os quais não conhecemos qualquer referência a povoados nas proximidades do local de achado, mas isso deve-se à falta de prospecção arqueológica, e, sobretudo, ao facto de ainda não se conhecer com exactidão o modelo rural de povoamento romano no século IV e V, pois além dos *vici* e das *villae*, haveria ainda casais e quintas espalhados na paisagem. Aliás, perto do sítio de Bouças dos Chãos passa uma via romana, assinalada em Santa Catarina com um miliário de Caracala.

O conjunto monetário de Monte da Lapeira, apesar de mencionado na bibliografia original como sendo provavelmente um depósito funerário numa sepultura de incineração, é referenciado nas *Fouilles de Conimbriga* como tesouro, o que fez escola desde então¹⁴³.

¹⁴² Manuel Luís Real, Paulo Dórdio Gomes, Ricardo Jorge Teixeira e Maria do Rosário Melo, Casa do Infante. Uma história a refazer, *Oceanos*, 12, Lisboa, 1992, pp. 17-22.

- idem, A Casa do Infante, *O Porto das Mil Idades. Arqueologia na cidade*, Porto, 1993, pp. xxv-xlii.

¹⁴³ Ver, por exemplo, Jean- Pierre Callu, Inventaire des trésors de bronze Constantinien (313-348), (*Numismatique Romaine-essais, recherches et documents*), XII, Wetteren, p. 47, n° III, 1°.

Também o achado de Rebordosa, referido por Castro Hipólito, nos parece tratar-se de um conjunto deposicional votivo em contexto funerário, e não de um tesouro, na real acepção deste termo.

Foram estes tesouros cartografados (fig. 2), mostrando-nos a sua dispersão ao longo de dois eixos fundamentais, o rio Douro e o rio Ave, com o seu afluente Vizela, vias naturais de penetração para o interior, e à época navegáveis, sobretudo o primeiro. Há que notar ainda a possível relação dos tesouros de Guifões, Guilhabreu, Terroso e Bouças dos Chãos com a passagem na proximidade dos locais do seu achado das vias romanas que de *Cale* seguiam a *Bracara Augusta*, pela orla marítima ou mais pelo interior¹⁴⁴. Para além disso, é de realçar a concentração de achados na área de influência da Citânia do Monte Mózinho, nada menos que sete, a atestar a pujança económica já aí detectada arqueologicamente, bem como os três achados na zona do Castro de Alvarelos, que domina o vale do Ave, e outros três na zona da Citânia de Sanfins, entre o rio Vizela e o rio Ferreira.

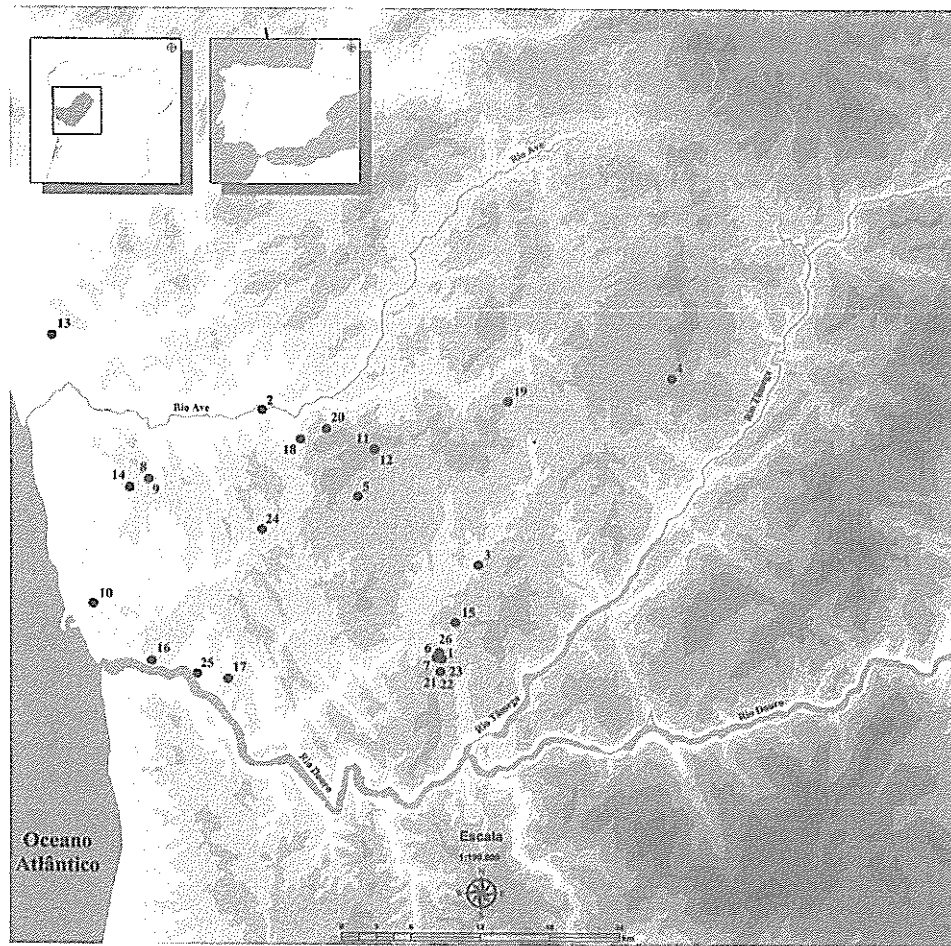
Procurámos uniformizar os dados para comparação das estruturas internas dos diversos tesouros da nossa região e entre estes e os de outras regiões do Império, o que obrigou à reordenação de catálogos anteriormente publicados por outros autores, casos dos tesouros de Mózinho, num esforço de interpretação que nos levasse a tentar perceber quais os ritmos e formas de entesouramento, além de possíveis datas e razões de ocultamento.

Na análise da estrutura interna de cada tesouro recorreremos aos tradicionais quadros de distribuição das moedas emitidas por governante, por casas da moeda e por reversos, numa análise quantitativa e percentual. Outro dos vectores utilizados foi a análise da distribuição das moedas por períodos de emissão, com a construção dos respectivos histogramas, que combinámos com as curvas de fluxos de emissão traduzidos no entesouramento, obtidas através de uma fórmula expressa numa permissão que, relacionando o volume de moedas entesouradas por período com a duração deste período e com o total de moedas do tesouro a que pertencem¹⁴⁵, permite, com maior rigor, uma comparação generalizada entre os vários fluxos de emissão detectados em cada conjunto:

$$\frac{\text{Moedas por período}}{\text{Duração do período}} \quad \times \quad \frac{1.000}{\text{Total de moedas do tesouro}}$$

¹⁴⁴ Cfr. Carlos Alberto Brochado de Almeida, *Via Veteris. Antiga via romana?*, *RG, Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, III, Guimarães, 1980, p.158-159 e J. de Alarcão, *O domínio romano em Portugal*, Lisboa, 1988, p. 90.

¹⁴⁵ Cfr. John Casey, *The interpretation of romano-British site finds, Coins and the Archaeologist*, (BAR, 4), 1974, p. 41. Esta fórmula, adaptada por Casey do trabalho de A. Ravetz, *The fourth-century inflation and romano-british coin finds*, *NC*, 7^a s., IV, 1964, p. 201-231, foi também usada por Rui Centeno na sua obra *Circulação Monetária no Noroeste da Hispânia até 192*, Porto, (Anexos Nummus, I), 1987.



Legenda
carta hipsométrica

Altitudes (em metros)

- 0/50
- 50/100
- 100/200
- 200/400
- 400/700
- 700/1000
- 1000/1300
- 1300/1500

Carta de dispersão dos Tesouros

- | | | | |
|---------------------------|------------------------------|-----------------------------------|------------------------------|
| ● 1-Boavista | ● 8 e 9-Castro de Alvareiros | ● 16-Miragaia | ● 24-Pidre |
| ● 2-Bouças dos Chãos | ● 10-Castro de Guifões | ● 17-Monte Crasto | ● 25-Quinta de Vilar d'Alfer |
| ● 3-Bustelo | ● 11 e 12-Citânia de Sanfins | ● 18-Monte da Mourinha | ● 26-Quinta do Bairro |
| ● 4-Carvalho | ● 13-Cividade de Terroso | ● 19-Monte do Senhor dos Perdidos | |
| ● 5-Castro da Vila | ● 14-Guilhabreu | ● 20-Monte dos Saltos | |
| ● 6 e 7-Castro de Abujefa | ● 15-Marecos | ● 21, 22 e 23-Monte Mózinho | |

Fig. 2 - Carta de dispersão dos tesouros entre Douro, Ave e Tâmega

Infelizmente, na maior parte dos trabalhos consultados sobre tesouros de outras áreas do Império, e mesmo nos poucos tesouros dos séculos IV e V publicados em Portugal, têm sido usados apenas valores percentuais para estabelecer comparações entre si, não estando disponíveis os respectivos catálogos, pelo que vimo-nos forçados, sempre que ultrapassámos a análise estrutural e entrámos na análise comparativa externa, a utilizar a mesma metodologia, sob risco de nos confrontarmos com valores de ordens diferentes.

A análise da estrutura destes tesouros permitiu-nos, assim, dividi-los em três grandes grupos: os tesouros formados com moeda posterior à reforma de 294 e até 313, englobando portanto o período das Tetrarquias; os tesouros constantinianos, isto é, aqueles que são formados essencialmente com moeda emitida desde a afirmação de Constantinus I em 313 até 363, ano da morte de Iulianus, o último Imperador da casa de Constantinus I; e, por último, os tesouros que consideramos tardios, e que são aqueles que terminam com moeda de Theodosius e dos seus filhos, ou então com moeda emitida nos finais da primeira metade do século V, como é o caso do tesouro de Monte Crasto.

CAPÍTULO 2

TESOUROS DA TETRARQUIA

Apenas dois depósitos monetários constituídos no período tetrárquico apareceram até hoje na região de entre Douro, Ave e Tâmega, mais propriamente na zona compreendida entre os rios Sousa e Tâmega, na área de influência do intenso foco de romanização que foi Monte Mózinho (Penafiel). Este dado é conforme à informação arqueológica que nos é transmitida pela escavação das duas grandes necrópoles de Monteiras (Bustelo-Penafiel) e Montes Novos (Croca-Penafiel)¹⁴⁶, ambas nas proximidades da via que ligava *Bracara Augusta* à foz do Tâmega e passava nas proximidades de Monte Mózinho, e que revelaram grandes conjuntos, por sepultura, de moedas emitidas na sequência da reforma monetária empreendida por Diocletianus em 294, com a introdução do *nummus* de grande módulo, até ao período constantiniano. Na região estudada, constitui esta zona um caso original de intensa circulação de moeda da Tetrarquia, mostrando a franca aceitação que o novo *nummus* teve, sobrepondo-se rapidamente ao *antoninianus*, que apesar de tudo manteve uma circulação residual, como veremos.

O quadro 3 mostra-nos a distribuição percentual das moedas destes tesouros por períodos de emissão:

Quadro 3 - Distribuição percentual de moedas por períodos de emissão

	294-305	305-306	306-307	307-313
Bustelo	81,8		18,2	
Monte Mózinho 3	51,3	7,2	4,2	37,3

O primeiro desses tesouros, o de Bustelo, foi encontrado casualmente em terrenos com abundantes vestígios de cerâmicas de construção e de cozinha, a indiciarem a presença de um casal ou de um povoado, nas proximidades da necrópole de Monteiras e da via romana atrás referida. O outro tesouro foi encontrado no decurso das escavações levadas a cabo no Monte Mózinho por Elísio Ferreira de Sousa nos finais da década de 40, inícios dos anos 50, e é por nós referido como Monte Mózinho 3, tendo sido reconstituído por Sérgio Lira¹⁴⁷ a partir de vários lotes dispersos por outros tesouros e por particulares, como já vimos atrás.

¹⁴⁶ Cfr. Rui Centeno (1990), *op.cit.*, nota 39.

¹⁴⁷ Cfr. Sérgio Lira 1984-1985, *op. cit.* nota 15.

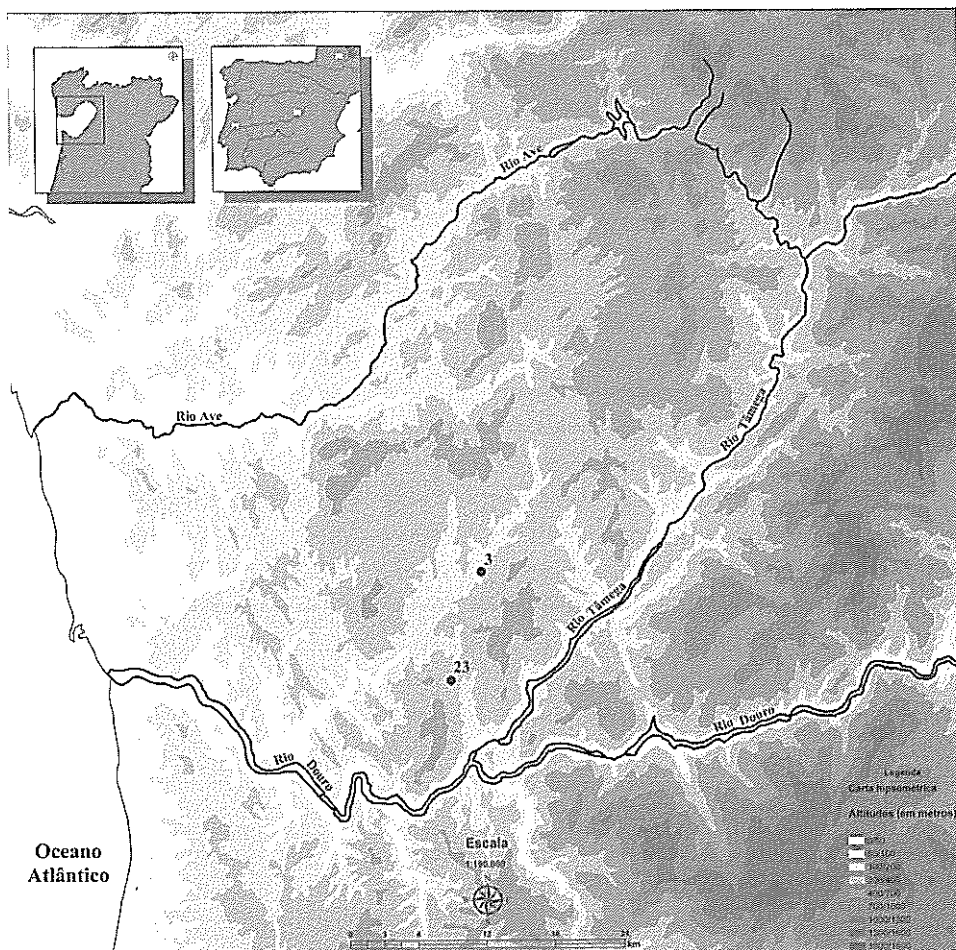


Figura 3 - Carta de dispersão dos Tesouros da Tetrarquia

- 3 - Bustelo
- 23 - Monte Mózinho

Sendo os únicos tesouros desta época conhecidos no norte de Portugal, havendo até ao momento muito poucos dados publicados sobre achados de moeda deste período em estações e sítios escavados arqueologicamente¹⁴⁸, talvez a sua análise possa fornecer elementos importantes para o estabelecimento de um modelo de circulação monetária para esta região nos inícios do século IV, que será completado, estamos convictos, com o estudo e divulgação dos dados das necrópoles de Monteiras e Montes Novos.

— **Bustelo** (*inv. n.º 3*)

Devido à dispersão sofrida pelas moedas deste tesouro, na sua análise partimos de uma pequena amostra de apenas 13 moedas, cujas cronologias de emissão se distribuem desde 294 à Primavera de 307, abrangendo, portanto, as três primeiras Tetrarquias¹⁴⁹. Em primeiro lugar, ressalta o facto desta amostra ser toda ela constituída por *nummi* de grande módulo, com um peso aproximadamente de 10 gr., bustos laureados no anverso, dos quais 10 foram emitidos durante a primeira Tetrarquia maioritariamente em nome de Diocletianus (40,0 %), Maximianus (20,0 %) e Galerius (30,0%), *Caesar* de Diocletianus, como podemos constatar no quadro 4, aparecendo ainda deste primeiro período outra moeda de Constantius, *Caesar* de Maximianus. Representam, portanto, o primeiro numerário da nova reforma a chegar a esta região.

Quadro 4 - Governantes por casas da Moeda

	Lon	Tr	R	Cart	Ser	H	TOTAL
Maximianus	1	1	2				4
Diocletianus		1		2		1	4
Constantius (c)				1			1
Galerius (c)				2	1		3
Maximinus (c)		1					1
Total	1	3	2	5	1	1	13

Uma moeda de Maximinus *Caesar*, cuja cronologia de emissão é referida em *RIC* de 305 aos inícios de 307, deve, muito provavelmente, ter sido emitida durante a terceira

¹⁴⁸ Além de Conimbriga, a norte do rio Douro conhecem-se algumas moedas provenientes das escavações de Monte Mózinho e da Citânia de Sanfins. Cfr., respectivamente, I. Pereira *et alli*, *op. cit.* nota 12, pp. 243-244; Rui M. S Centeno, *As Moedas*, in C. A. Ferreira de Almeida, *Escavações no Monte Mózinho*, II, (1975-1976), Centro Cultural Penafidelis, Penafiel, 1977, pp. 39-46; A. C. Ferreira da Silva e Rui M. S. Centeno, *Escavações arqueológicas na Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira) 1977-1978*, *Portugalia*, n. s., I, 1980, pp. 57-78.

¹⁴⁹ Adoptamos aqui a cronologia estabelecida por C.H.V. Sutherland, *The Roman Imperial Coinage*, (RIC) VI, London, 1967, pp. 35-36.

Tetrarquia, acompanhando uma moeda de *Maximianus Augustus*, também datada em *RIC* entre 305 e 307, mas que já é emitida durante o regresso deste à governação, portanto nos finais de 306 e princípios de 307, constituindo a moeda mais tardia desta amostra, o que, aliado ao pouco desgaste evidenciado por estas moedas, talvez nos possa apontar um momento compreendido no período 307-313 como provável data de ocultamento deste conjunto. Os reversos destas moedas - quadro 5 - são maioritariamente do tipo GENIO POPVLI ROMANI (63,7 %), o primeiro a ser introduzido na reforma de 294, e do tipo SALVIS AVGG ET CAESS FEL KART (36,3 %), emitido exclusivamente pela casa da moeda de Carthago.

Quadro 5 - Reversos por casas da moeda

	Lon	Tr	R	Cart	Ser	H	TOTAL
GENIO POPVLI ROMANI	1	3	2		1	1	8
SALVIS AVGG ET CAESS FEL KART				5			5
TOTAL	1	3	2	5	1	1	13

Como já vimos, o período 294-305, correspondente à primeira Tetrarquia, é o melhor representado nesta amostra, com 9 moedas, respeitando as duas restantes à terceira Tetrarquia. A ausência de moedas emitidas entre 306 e 307 poderá talvez ser explicada pela dispersão que sofreram as moedas deste tesouro, ou então por uma pequena diminuição nos fluxos de abastecimento que possa ter ocorrido nessa época, mas de que não temos provas evidentes.

Quadro 6 - Número de moedas por períodos de emissão e variação dos seus fluxos (%)

	294-305	306-307	TOTAL
LONDINIVM	1		1
TREVERI	1	2	3
ROMA	2		2
CARTHAGO	5		5
SERDICA	1		1
HERACLEA	1		1
TOTAL	11	2	13
%	70,51	76,92	

Se entre 294 e 305 a casa da moeda mais bem representada é, como já vimos, Carthago, a atestar a importância deste centro emissor norte-africano no abastecimento de numerário à Península, as casas da moeda ocidentais - Londinium, Treveri e Roma - representam, no

seu conjunto, 45,5% do total das moedas analisadas, conforme se depreende do quadro 4. Contudo, no período da terceira Tetrarquia, é Treveri, com 2 moedas, o único centro emissor representado. Serdica e Heraclea, com 1 moeda cada (9%), marcam a presença dos centros emissores balcânicos e orientais.

— **Monte Mózinho 3** (*inv. n° 23*)

Segundo S. Lira¹⁵⁰, a parte do tesouro que foi possível reconstituir é composta por 236 moedas, a mais antiga das quais data de 294 sendo as mais recentes do ano de 313. Trata-se também de um conjunto de *nummi* de grande módulo, subsequentes à reforma de Diocletianus, e cujo ocultamento, para o autor, não deve andar distante da data de emissão da moeda mais recente.

Da composição deste tesouro emergem dois vectores fundamentais: o peso das emissões do período 294-305 e o padrão de distribuição das moedas pelos respectivos centros emissores.

Em primeiro lugar, é de realçar o peso das emissões da primeira Tetrarquia (121 moedas) no conjunto do tesouro que, conforme se depreende do catálogo publicado por S. Lira, representam 51,2% do total, evidenciando, como na amostra do tesouro de Bustelo, a receptividade ao novo numerário que vinha substituir as abundantes emissões de *antoni-niani* do século III, aqui completamente ausentes. Maximianus e Galerius *Caesar*, a quem coubera a Hispânia pela divisão administrativa subsequente à nomeação dos *Caesares* em 293, são os responsáveis pela emissão de 55,4 % das moedas emitidas entre 294 e 305, cabendo os outros 44,6% a Diocletianus e Constantius *Caesar*, sendo curioso assinalar que ambos os *Caesares* se encontram representados pelo mesmo número de moedas (30 cada), enquanto que as cunhagens de Maximianus (37 moedas) prevalecem sobre as de Diocletianus (32 moedas).

O período correspondente à segunda Tetrarquia - 1 de Maio de 305 a 26 de Julho de 306 - está representado por 17 moedas distribuídas pelas cunhagens de Galerius *Augustus* e Maximinus *Caesar* com 2 exemplares, equivalentes a 11,8 % do total deste período, e Constantius *Augustus* e Severus *Caesar* com 13, equivalentes a 76,4 %, acrescidas de 2 moedas de Diocletianus (11,8%), emitidas já depois do seu abandono do poder. Se notamos nas moedas deste período uma clara predominância do numerário de Constantius I (11) sobre Galerius (1), encontramos também a mesma desproporção relativamente aos respectivos *caesares* (Severus, *Caesar* de Constantius I, com 6 moedas e Maximinus com apenas 1).

A terceira Tetrarquia, de 25 de Julho de 306 a Março/Abril de 307 está representada por 10 moedas, assim distribuídas: 4 sob Galerius (40%), 4 sob Maximinus *Caesar* (40%), 1 sob Maximianus (10%), reinstalado como *Augustus* e 1 sob Constantinus *Caesar* (10%).

150 Cfr. *op. cit.* nota 15, p. 63.

Quadro 7 - Governantes por Casas da Moeda ¹⁵¹

	L	Tr	Lyg	Tic	Aq	R	Ost	Cart	Sis	He	Cyz	Ant	Ind	Total
Diocletianus	2	5	1	6		7		8		1		1	1	32
Maximianus	1	3	2	8		9		13					1	37
Constantius I (c)		3	7	2	1	8		7	1		1			30
Constantius I		3	3	2		2		1						11
Galerius (c)		3	5	4		11		7						30
Galerius	2	1	2	3		3		5			2			18
Severus		2				1		2		1				6
Maximinus (c)		3	1					1						5
Maximinus			1		1	2								4
Maxentius				3	1	8	7	4						23
Constantius I (c)	1	1			1	2								5
Constantius I	4	10	16		1	3								34
Licinius I		1												
Total	10	35	38	28	5	56	7	48	1	2	3	1	2	236

A partir daqui, o período que se estende até 313 está representado por 88 moedas (37,3% do total), das quais 34 emitidas sob Constantinus I como *Caesar* e como *Augustus*, o que equivale a 38,6 % do total do período, distribuindo-se as restantes da seguinte forma: Maximianus *Aug.* (9,1 %), Galerius *Aug.* (12,5 %), Maximinus *Caesar* (1,1 %), Maximinus *Aug.* (4,5 %), Maxentius *Aug.* (26,1 %), Licinius *Aug.* (1,1 %), Constantinus *Caesar* (5,7%) e *Divo* Constantinus I (1,1 %).

Os períodos de emissão melhor representados neste tesouro são, sem sombra de dúvida, o da primeira Tetrarquia - durante o qual a nova moeda chega em força a esta região, substituindo completamente, pelo menos na procura dos entesouradores, o numerário do século III -, e o período compreendido entre 307 e 313, durante o qual, e talvez reflectindo a função propagandística da moeda¹⁵², a ascensão política de Constantinus I se encontra bem atestada sob o ponto de vista numismático, apesar da desvalorização do *nummus* de 308¹⁵³. As suas emissões como *Augustus* representam 14,4 % do total das moedas que

¹⁵¹ Este quadro é originalmente publicado por S. Lira, *op. cit.* nota 15, p. 63, por nós revisto e corrigido.

¹⁵² G. Depeyrot, *Le Bas-Empire Romain, économie et numismatique*, Paris, 1987, pp. 55-83.

¹⁵³ Neste ano, o peso do *nummus* sofre uma redução de 22,5 %, passando a 7,75 gr., mantendo-se estável até 312, quando é novamente reduzido para 5,25 gr. É de notar que estas duas desvalorizações se podem documentar no numerário de Constantinus I representado neste tesouro, bastando para isso consultar os pesos das moedas indicados no catálogo publicado por S. Lira. Cfr. R. Bagnall, *op. cit.* nota 54, p. 14.

compõem este tesouro, ultrapassando, em valor absoluto, as cunhagens de Diocletianus, sendo apenas superadas pelos 37 exemplares de Maximianus, e em flagrante contraste com uma única moeda atribuída a Licinius I.

Outro vector que se nos afigura fundamental na análise deste tesouro, é o padrão de distribuição das moedas pelos respectivos centros emissores, e pelos períodos de emissão.

Durante a primeira Tetrarquia, os grandes centros fornecedores de moeda para este tesouro são Roma, com 36 exemplares e Carthago, com 32, seguindo-se Ticinum, com 18, Lugdunum, com 13 e Treveri, com 12, aparecendo a recém criada casa da moeda de Aquileia com apenas 1 moeda e tendo os centros orientais uma expressão reduzida.

Quadro 8 - Distribuição por casas da moeda e por períodos de emissão

	294-305	305-306	306-307	307-313	TOTAL
LONDINIUM	3			7	10
TREVERI	12	2	5	16	35
LUGDUNUM	13	2	1	22	38
TICINUM	18	2	2	6	28
AQUILEIA	1			4	5
ROMA	36	2	2	16	56
OSTIA				7	7
CARTHAGO	32	8		8	48
SISCIA	1				1
HERACLEA	1	1			2
CYZICUS	1			2	3
ANTIOQUIA	1				1
INDETERMINADA	2				2
TOTAL	121	17	10	88	236

Com apenas 11,5 % do numerário deste conjunto respeitando à segunda e terceira Tetrarquias, isto é, aos anos 305-307, durante os quais Carthago assume o papel de maior fornecedor de moeda - 8 exemplares contra 7 de Treveri, 4 de Ticinum e Roma e 3 de Lugdunum, mantendo-se os centros orientais, apenas representados por Heraclea com 1 moeda, quase sem expressão -, vemos no período 307-313, representado por 88 moedas, crescer a importância dos centros gauleses, que no seu conjunto emitem 43 % do numerário deste período (38 moedas), seguidos por Roma com 16 exemplares, Carthago com 8, Londinium e Ostia com 7 exemplares cada, aumentando o peso do centro emissor de Aquileia, com 4 exemplares. O peso adquirido pelos centros gauleses no abastecimento de numerário a esta região, além da sua proximidade geográfica, talvez possa ter uma explicação política devido ao reconhecimento de Constantinus I como *Augustus* nas Gálias, Hispânia e Grã-Bretanha. Neste período, dos centros orientais apenas Cyzicus está documentado com 2 moedas.

Numa análise global, verificamos então que são as casas da moeda itálicas, com um total de 96 exemplares, que fornecem 40,67 % do numerário deste tesouro, seguindo-se em ordem de importância as casas da moeda gaulesas, que, somado o seu numerário com as moedas emitidas em Londinium, representam 35,1 % do total. Carthago, só por si, é responsável por 20,33 % do numerário analisado, cunhando fundamentalmente, durante a primeira Tetrarquia, para Maximianus (11 ex.), Diocletianus (8 ex.), Galerius e Constantius *Caesares* (7 ex. cada), e a partir de 305-306, para Galerius (5 ex.), Maxentius (4 ex.), Maximianus (2 ex.), Constantius Aug. (1 ex.) e Maximinus Caesar (1 ex.), mostrando, além disso, a facilidade e importância dos contactos com o norte de África. Os centros emissores orientais, com apenas 7 moedas representadas neste conjunto (3 %), ainda não têm a expressão que mais tarde virão a adquirir.

Se atentarmos no quadro 9, verificamos uma grande variedade de tipos iconográficos usados no reverso das moedas que compõem Monte Mózinho 3. O tipo de reverso mais representado é o GENIO POPVLI ROMANI, introduzido por Diocletianus a partir de 294. Este tipo está representado em 64 exemplares (27,1%), seguido imediatamente, em ordem de importância, das produções de Carthago do tipo SALVIS AVGG ET CAESS FEL KART ou AVCTA KART, com 38 ex. (16%).

O tipo SACRA MONETA AVGG ET CAESS NN, incluindo as suas variantes, totaliza 50 exemplares, emitidos a partir de 300 e abreviados a partir de 302-303¹⁵⁴. A redução do *nummus* pela reforma de 307 é documentada a partir de 310 com o reverso tipo SOLI INVICTO COMITI, com 12 moedas (13,6% do total do período), difundido sob Constantinus I, e aqui representado com 5 exemplares. Entre outros tipos de menor expressão neste tesouro, é de salientar a presença de uma moeda com um reverso raro e pouco frequente, mostrando o imperador Constantinus I segurando o globo e o ceptro, com a legenda CONSTANTINO P AVG B R P NAT, da casa da moeda de Lugdunum. A interpretação da última parte desta legenda como *Bono Rei Publica Nato* leva a crer que se tratava de uma emissão comemorativa da data de nascimento de Constantinus em 27 de Fevereiro de 280¹⁵⁵.

Análise comparativa

Sendo muito escassos os dados sobre achados monetários desta época em sítios escavados arqueologicamente entre Douro, Ave e Tâmega, como já vimos, e estando em estudo, por enquanto inédito, as duas grandes necrópoles de Monteiras e Montes Novos, pouco se pode ainda adiantar em relação à circulação monetária nesta região no período 294-313, sendo a análise dos tesouros de Bustelo e Monte Mózinho 3 a dar uma primeira

¹⁵⁴ Cfr. R.A.G. Carson, *Coins of the Roman Empire*, London, 1990, p. 146.

¹⁵⁵ Cfr. R.A.G. Carson, *op. cit.* nota anterior, p. 151.

Quadro 9 — Tipos de Reverso por Casas da Moeda

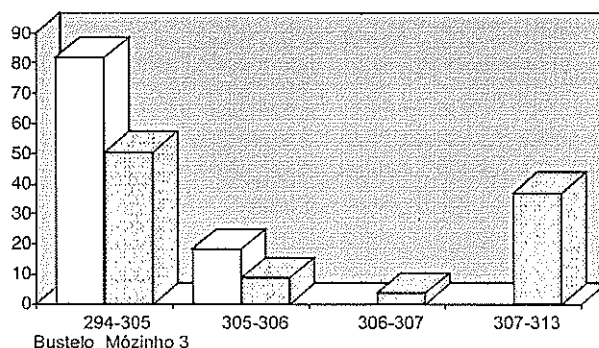
	L	Tr	Lvg	Tic	Aq	R	Ost	Cart	Sis	He	Cyz	Ant	Ind	Total
GENIO POPVLI ROMANI	3	14	16	2		6			1	2		1		45
GENIO POP ROM	3	5	11					1						19
FELIX ADVENT AVGG NN								3						1
SALVIS AVGG ET CAESS AVCTA KART								3						3
SALVIS AVGG ET CAESS FEL KART								35						35
PROVIDENTIA DEORVM QVIES AVGG		3		4				1						8
SACRA MONET AVGG ET CAESS NOSTR				14	1									15
SACRA MONET VRB AVGG ET CAESS NN						1							1	1
SACRA MONET VRB A. ET C. NN (imit.)						14							1	1
SACRA MON VRB AVGG ET CAESS NN						19								14
SAC MON VRB AVGG ET CAESS NN														19
SAC MON VRB AVGG ET CAESS NN														8
CONSERVATORES KART SVAE				2		4								6
CONSERVATORES VRB SVAE						4								6
CONSERV VRB SVAE				4	3	6								13
CONSERV VRB SVAE (imitação)						1								1
GENIO AVGG ET CAESARVM NN		3	1	2							1			1
MEMORIA FELIX														1
FIDES MILITVM														4
MONETA S AVGG ET CAESS NN		1												2
GENIO AVGVSTI											2			1
SOLI INVICTO COMITI		4	5		1	3								3
AETERNITAS AVG N								5						12
VICTORIA AETERNA AVG N								2						5
MARTI PATRI CONSERVATORI		1												2
MARTI PATRI PROPVG	2	3												1
MARTI CONSERVATORI														2
PRINCIPI IVVENTVTIS	2	1	1											3
SPQR OPTIMO PRINCIPI														4
TEMPORVM FELICITAS						1								1
CONSTANTINO P AVG BR P NAT			1											1
VIRT PERP CONSTANTINI AVG			2											2
ILEGIVEL			1											1
TOTAL	10	35	38	28	5	55	7	48	1	2	3	1	3	236

ideia sobre a forma como a economia local reagiu à introdução do *nummus* depois da reforma de Diocletianus¹⁵⁶.

Em primeiro lugar, parece-nos que os tesouros de Bustelo e Monte Mózinho 3 reflectem uma vontade objectiva dos seus proprietários em apenas entesourar moeda nova, reformada, com um peso em bronze e uma quantidade de prata na sua liga que nada têm a ver com o *antoninianus* do período anterior. Nesse aspecto, pensamos ser significativo o facto de nenhum destes tesouros conter moeda emitida antes de 294. Para além disso, parece ter existido uma clara preferência pela moeda de maior módulo, não se conhecendo a existência nestes tesouros dos *nummi* reduzidos.

Em segundo lugar, se a amostra de 11 moedas do tesouro de Bustelo - com cronologias entre 294 e 307 -, é demasiado reduzida para dela podermos tirar conclusões fiáveis, parece evidenciar, contudo, uma estrutura idêntica a Mózinho 3 até ao ano de 307.

Gráfico I - Distribuição das moedas por períodos de emissão em Bustelo e Mózinho 3

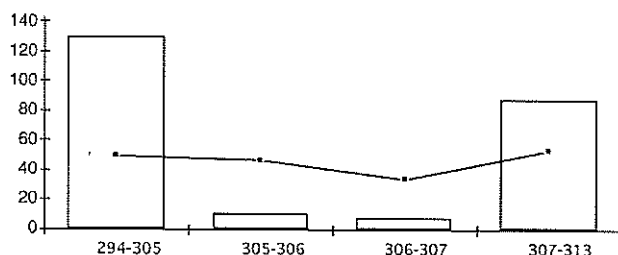


Teríamos assim uma predominância de numerário emitido durante a primeira Tetrarquia, que além de poder corresponder a um abastecimento maciço de moeda reformada a esta região e mostrar, como vimos, uma vincada preferência dos entesouradores, reforça também a ideia de carência monetária que até então se faria sentir e da rápida generalização e aceitação da nova moeda, seguindo-se-lhe um período de ligeira quebra no abastecimento que, a avaliar pelos dados do tesouro de Mózinho 3, retoma entre 307 e 313, acompanhando

¹⁵⁶ Apesar de alguns autores considerarem não ser metodologicamente correcto concluir sobre modelos de circulação monetária a partir da análise de tesouros, dada a subjectividade posta no acto e nas condições de entesouramento, J. Ermatinger, contudo, verifica que os achados monetários de sítios e estações escavadas arqueologicamente revelam padrões de circulação semelhantes aos evidenciados na estrutura dos tesouros da mesma época. J. Ermatinger, *Circulation pattern of Diocletian's nummus*, *AJN, second series*, 2, New York, 1990, p. 115.

a ascensão de Constantinus I. Isto pode ser observado no gráfico II, respeitante a Mózinho 3, onde são visíveis os fluxos de abastecimento em cada período.

Gráfico II - Monte Mózinho 3. Número de moedas por período e variação dos seus fluxos (%)



Esta diferença de comportamentos no entesouramento de moeda nos períodos 294-307 e 307-313, verificada até 307 nos dois tesouros, e entre 307 e 313 em Mózinho 3, se não reflectir apenas, coincidentemente, uma opção dos respectivos entesouradores, pode então ser fruto de um padrão de abastecimento que importaria verificar se estava implantado à escala regional, peninsular ou se tem também analogias com outras regiões do Império, particularmente com a Gália, dada a sua póxima relação geográfica.

Em *Conimbriga*¹⁵⁷, verificamos o achado de um total de 28 moedas datadas entre 294 e 313, das quais 14 (50 %) respeitam ao período 294-305, apenas uma é emitida entre 305 e 307, e 13 exemplares (46,4 %) pertencem ao período 307-313. É ainda de realçar que 10 das moedas da primeira Tetrarquia são fracções do *nummus*, que não nos aparecem nos tesouros estudados, constituindo 71,4 % do total do numerário do período. Entre 294-307, as casas da moeda do oriente são responsáveis pela maior parte do numerário aqui encontrado (34,3 %), sendo Roma (28 %) e Carthago (18,7 %) os centros abastecedores que se seguem em ordem de importância, representando os centros emissores gauleses apenas 15,6 % do total. Esta situação altera-se no período 307-313, quando os centros gauleses de Treveri e Lugdunum são, em conjunto, responsáveis por 46,6 % do numerário do período, seguidos por Roma com 23,3 %, Londinium com 13,3 %, não estando representadas as casas da moeda orientais. Em *Conimbriga* parece reflectirem-se, no dizer de I. Pereira¹⁵⁸, “os casos das reconciliações e dos sucessos militares”, aparecendo Constantinus I representado sobretudo nas cunhagens itálicas depois da sua vitória de 312.

¹⁵⁷ I. Pereira *et alli*, *op.cit.* nota 12, pp. 243-244.

¹⁵⁸ *Op. cit.* nota 12, p. 250.

Em relação a outras regiões da Península, os dados de circulação para os anos em causa não são abundantes. No País Vasco¹⁵⁹, num total de 436 moedas estudadas, J. J. Cepeda apenas regista 18 nos anos 294-324, das quais apenas 5 respeitam ao período até 306. Destas 5 moedas, 2 dizem respeito a Treveri, 1 a Lugdunum, 1 a Roma e 1 a Londinium, notando-se que as casas da moeda gaulesas representam, assim, 40 % do material deste período. Isto leva o autor a concluir pela escassez dos *nummi* da reforma monetária na Península. Para isso baseia-se também nos dados publicados por Medrano Marques¹⁶⁰ para Astorga e Leão, nos quais estas moedas representam apenas 7,69 % e 36 %, respectivamente do total de achados no período 296-324.

Os escassos dados recolhidos nas escavações de *Clunia* (Meseta Central)¹⁶¹, para este período - 5 moedas de 294 a 313, das quais 3 datáveis entre 294-306 -, permitem supor uma predominância de abastecimento por parte das casas da moeda gaulesas, onde Lugdunum com 2 moedas representa 40 % do total, seguindo-se-lhe Londinium, Roma e Thessalonica, todas com uma 1 moeda. Também será possível aqui verificar um aumento do abastecimento de moeda imediatamente a seguir à reforma de 294, com uma ligeira quebra do seu fluxo entre 306 e 313.

Na área mediterrânica, *Portus Illicitanus* (Santa Pola, Alicante)¹⁶² fornece uma matriz algo semelhante, com 5 moedas para o período 294-306 (83,3 %) e apenas uma para o período 307-313, notando-se um lento crescimento da massa monetária até 324, desempenhando os centros emissores gauleses o papel primordial no abastecimento de moeda, com destaque para Lugdunum e Treveri. Apesar da proximidade geográfica e de *Portus Illicitanus* constituir um porto de mar, a casa da moeda de Carthago não se encontra representada.

Na Gália, o panorama é algo diferente. Se verificarmos, por exemplo, a composição dos tesouros de Seltz (IV e V)¹⁶³, no nordeste da Gália, e de Col du Chat¹⁶⁴, na região de Lyon, complementados pelo quadro publicado por Gautier no estudo deste último¹⁶⁵ - em que compara 12 tesouros franceses conhecidos para esta época -, verificamos uma

¹⁵⁹ Juan José Cepeda Ocampo, *Moneda e circulación monetária en el país basco durante la Antigüedad (siglos II a.C.-V d.C.)*, Bilbao, 1990, p.177-178.

¹⁶⁰ Citado por Cepeda Ocampo, *op. cit.* nota anterior, p. 178. M. Medrano Marques, La circulación monetaria bajo imperial romana en Astorga: aproximación quantitativa, *Actas del I Congreso Internacional de Astorga Romana*, Astorga, 1986, pp. 161-169.

¹⁶¹ Josep María Gurt Esparraguera, *Clunia III. Hallazgos monetarios. La romanización de la Meseta norte a través de la circulación monetaria en la ciudad de Clunia*. (EAE. 145), Madrid, 1985, p. 162-167.

¹⁶² Juan Manuel Abascal, *La circulación monetaria del Portus Illicitanus*, (ENV, 4), València, 1989, pp. 51-63.

¹⁶³ M. Amandry, Seltz IV et V, *Trésors Monétaires*, I, Paris, 1979, pp.5 5-75.

¹⁶⁴ G. Gautier, La trouvaille du Col du Chat (294-313), *Trésors Monétaires*, I, Paris, 1979, pp. 77-92.

¹⁶⁵ G. Gautier, *op. cit.*, p. 80.

predominância absoluta das emissões de Treveri e Lugdunum, seguidas de Ticinum e Roma, com uma pequeníssima proporção das casas da moeda orientais, aparecendo o centro emissor de Carthago representado em todos estes tesouros, em proporções maiores ou menores, mas quase sempre numa escala imediatamente a seguir aos centros itálicos. Porém, não é idêntica a distribuição de moedas por períodos nos tesouros de Seltz (IV e V) e Col du Chat, uma vez que no primeiro as moedas da primeira Tetrarquia representam apenas 23,5 % do total, as moedas da segunda Tetrarquia 63,7 %, respeitando ao período 306-307 apenas 13,1 %, após o que o tesouro foi ocultado, enquanto que o tesouro de Col du Chat apresenta valores completamente distintos, mais parecidos com os dos tesouros por nós estudados, e que são, respectivamente de 42 %, 11,5 % e 12,2 %, aumentando para 34,3 % no período 307-313.

Constatamos, assim, existir na Gália uma situação que Ermatinger¹⁶⁶ apelida de “regionalista”, circulando predominantemente moeda emitida pelos centros abastecedores mais próximos e que na Península Ibérica também se poderá verificar, pelo menos depois de 307, apesar de que, pela divisão administrativa subsequente à nomeação dos *Caesares* em 293, em que Maximianus recebeu a Itália, a Panónia, África e a Hispânia, esta deveria ser abastecida monetariamente, segundo Sutherland¹⁶⁷, pelos centros emissores da Gália e por Roma.

Contudo, não parece ser esse o caso da Lusitânia, ocorrendo em *Conimbriga* um modelo de circulação e abastecimento em que o oriente começa por ter um peso que no resto da Península costuma ser ocupado pelos centros gauleses, que só a partir de 307 adquirem o estatuto de maiores centros abastecedores da região. Roma, como vimos, é uma casa da moeda sempre bem representada ao longo de todo este período, assim como Carthago.

Entre Douro, Ave e Tâmega, a ideia transmitida pelos tesouros estudados parece não coincidir com o padrão de abastecimento verificado em *Conimbriga*, e muito menos na Gália, embora possa encaixar genericamente no modelo avançado, talvez um pouco aprioristicamente, por Ermatinger para a Hispânia quando verifica, para o período Tetrárquico, a presença de exemplares numismáticos provenientes de todo o Império; contudo, aqui, Treveri, Lugdunum, Roma e Carthago estão presentes em quantidades significativas¹⁶⁸.

¹⁶⁶ J. Ermatinger, *op. cit.* nota 153, p. 108.

¹⁶⁷ C.H.V. Sutherland, *op. cit.* nota 146, p. 43.

¹⁶⁸ Para a Hispânia, este autor conclui a partir dos elementos publicados para *Conimbriga* por I. Pereira *et alli*, e para a zona de Valência por Rafael Arroyo Ilera, Volumen y procedência de la moneda romana del 313 al 318 dC. en el Territorio Valenciano, *Saguntum*, 18, 1984, pp. 267-287; utiliza, além disso, os dados do tesouro de Foxo, publicados por F. Diego Santos, Tesorillo de monedas romanas halladas en Foxo-Tameza, *Archivum*, 16, 1966, pp. 293-313 e, estranhamente, dados dos 2 tesouros de Fiães, publicados por R. Centeno (1976), que não têm nada a ver com a época em causa, uma vez se tratar de tesouros do século V.

Quadro 10 - Distribuição por centros emissores no período 294-313

	294-305	305-306	306-307	307-313	TOTAL	%
LONDINIUM	4			7	11	4,3
TEREVERI	13	2	7	16	38	15,00
LUGDUNUM	13	2	1	22	38	15,00
TICINUM	18	2	2	6	28	11,00
AQUILEIA	1			4	5	2,00
ROMA	37	2	2	16	57	23,00
OSTIA				7	7	2,7
CARTHAGO	36	8		8	56	22,6
SERDICA	1				1	0,40
SISCIA	1				1	0,40
HERACLEA	2	1			3	1,20
CYZICUS	1			2	3	1,20
ANTIOQUIA	1				1	0,40
INDETERMINADA	2				2	0,8
TOTAL	130	17	12	88	247	100,0

Assim, nesta zona, durante a primeira Tetrarquia, parece detectar-se um abastecimento abundante¹⁶⁹, encontrando-se o numerário distribuído por 11 casas da moeda diferentes, e, se considerarmos individualmente as representações de cada centro emissor, vemos que Roma é a casa da moeda com maior número de exemplares emitidos, atingindo os 28,7%, logo seguida por Carthago, com 27,9%. Londinium, com 4 exemplares, equivale a 3,1%. Porém, se consideradas globalmente, as casas da moeda itálicas (Ticinum, Roma e Aquileia), no seu conjunto, somam 43,4% do total do período, enquanto as gaulesas (Treveri e Lugdunum) se ficam pelos 20,1% e as orientais não ultrapassam 3,9%.

Para o período da segunda e terceira Tetrarquias (305-307), registando-se, como já vimos, um menor número de exemplares equivalente a um fluxo de abastecimento ligeiramente inferior, Treveri regista a maior percentagem de exemplares representados

¹⁶⁹ Nas escavações de Mózinho foram encontradas 6 peças do período Tetrárquico num total de 32 moedas, mas nenhuma da primeira Tetrarquia. Nas escavações da Citânia de Sanfins, apareceram 5 exemplares da Tetrarquia num total de 42 moedas encontradas, das quais 2 (40 %) pertencem à primeira Tetrarquia. Cfr. Rui M. S. Centeno, As moedas, in C. A. Ferreira de Almeida, *Escavações no Monte Mózinho*, II, (1975-1976), Centro Cultural Penafidelis, Penafiel, 1977, pp. 39-46 e A. C. Ferreira da Silva e Rui M. S. Centeno, *Escavações arqueológicas na Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira) 1977-1978, Portugalia*, n. s., I, 1980, pp. 57-78.

(31%), seguida por Carthago, com 27,6%, não cabendo qualquer exemplar a Londinium. Aos centros gauleses, no seu conjunto, correspondem 41,4% do total do período, enquanto as casas da moeda itálicas não ultrapassam os 27,6% e os centros orientais se ficam pelos 3,4%.

Entre 307 e 313, com a emergência política de Constantinus I, e um ligeiro aumento dos fluxos de abastecimento de numerário, vemos consolidar-se a supremacia das casas da moeda gaulesas, que representam 43,2% do numerário do período, sendo Lugdunum o centro emissor preponderante. As casas da moeda itálicas, a que se juntou Ostia com 7 exemplares, ganham novamente relevo, atingindo 37,5% do total. Carthago continua representada com 8 exemplares (9,1%), aparecendo outra vez Londinium com 7 numismas (7,9%). Neste período, os centros orientais são representados apenas por 2 exemplares de Cyzicus, equivalentes a 2,3% do total.

Sintetizando, em jeitos de conclusão, e fazendo todas as ressalvas pelo facto de ainda não dispormos de dados relativos a sítios e estações arqueológicas da região, pela análise do quadro 10 diremos que no período compreendido entre 294 e 313, se considerarmos os dois tesouros em conjunto, são as casas da moeda itálicas que dominam o abastecimento de moeda a esta zona, imediatamente seguidas pelas casas da moeda gaulesas, se bem que, individualmente, Carthago, com 21% do total, se sobreponha quer a Treveri quer a Lugdunum (15,3% cada) e Roma seja o centro emissor com maior representação (23%). Londinium representa 4,5% do mercado restando apenas 3,23 % aos centros emissores orientais, entre os quais Heraclea e Cyzicus são os melhores representados. Apenas 2 moedas, da primeira Tetrarquia, de centros emissores não identificados, representam 0,8% do total do período.

Apesar da preponderância verificada pelas casas da moeda itálicas, em virtude da maior percentagem de moedas analisadas nos tesouros de Bustelo e Monte Mózinho 3 pertencer à primeira Tetrarquia, verificamos que, a partir de 307 a tendência parece ser a sua substituição gradual pela influência dos centros gauleses, que se irão implantar definitivamente com Constantinus I e sobretudo, com as cunhagens em bronze da casa da moeda de Arelate a partir de 324¹⁷⁰.

Resta acrescentar que estes dois tesouros devem ter sido escondidos após 313, talvez no período de disputa do poder entre Constantinus I e Licinius I, apesar da reduzida amostra do tesouro de Bustelo não apresentar nenhuma moeda posterior a 307.

170 Cfr. P. V. Hill e J. P. C. Kent, *LRBC*, part I, New York, 1989, p. 9.

CAPÍTULO 3

TESOUROS CONSTANTINIANOS

Apesar de Constantinus I ter sido reconhecido como *Augustus* em 306 na Gália e na Grã-Bretanha, e em 311 na Hispânia, é depois da batalha da Ponte Múlvia em 312 que passa a partilhar o Império apenas com Licinius, cabendo-lhe o Ocidente. Numismaticamente este período inicia-se com a reforma monetária de 313, mas verificamos nos tesouros de Entre Douro, Ave e Tâmega uma ausência quase absoluta de numerário emitido entre esta reforma e a reforma de 317/318, a partir da qual o *nummus* passa a ter apenas 3,4 gr. A única exceção é o tesouro tardio da Quinta do Bairro, que incorpora uma moeda com o reverso SOLI INVICTO COMITI, datada dos inícios de 316¹⁷¹.

Denominámos então *constantinianos* aqueles tesouros iniciados com moeda emitida entre 317/18 e 330, e cuja data de ocultamento ocorre também durante o período dominado pela casa de Constantinus I, ou imediatamente a seguir a 361, data das últimas moedas constatadas nestes conjuntos¹⁷².

Entre Douro, Ave e Tâmega conseguimos estudar 4 tesouros com estas características: Monte Mózninho 1, Citânia de Sanfins 2, Quinta de Vilar D'Allen e Carvalho. A estes 4 tesouros, podemos talvez acrescentar o tesouro do Monte do Senhor dos Perdidos, do qual tivemos acesso apenas a uma moeda, e o inventário de 4 notícias que tudo aponta referirem tesouros enquadráveis na mesma época: Castro de Abujefa 1, Citânia de Sanfins 1, Monte dos Saltos e Pidre.

Começemos pela análise destes 4 tesouros, dando-nos o quadro 11 uma panorâmica da distribuição percentual do seu numerário pelos vários períodos de emissão.

Quadro 11 - Distribuição percentual por períodos de emissão

	317-30	330-35	335-37	337-41	347-48	348-50	351-56	357-58	358-61
Monte Mózninho 1	100								
Sanfins 2			12,63	29,47	52,63				
Q. de Vilar D'Allen		11,11	11,11	11,11	44,44			11,11	
Carvalho		0,62	1,24	22,36	41,61	0,62	20,49	3,72	6,21

¹⁷¹ Nesta região, conhecemos ainda o caso do depósito funerário do Monte da Lapeira, que incorpora outra moeda idêntica, de 316-317.

¹⁷² Não aparece moeda emitida entre 361-363, ano em que se extingue a casa de Iulianus, final do período Constantiniano.

Tesouros monetários Baixo-Imperiais entre Douro, Ave e Tâmega

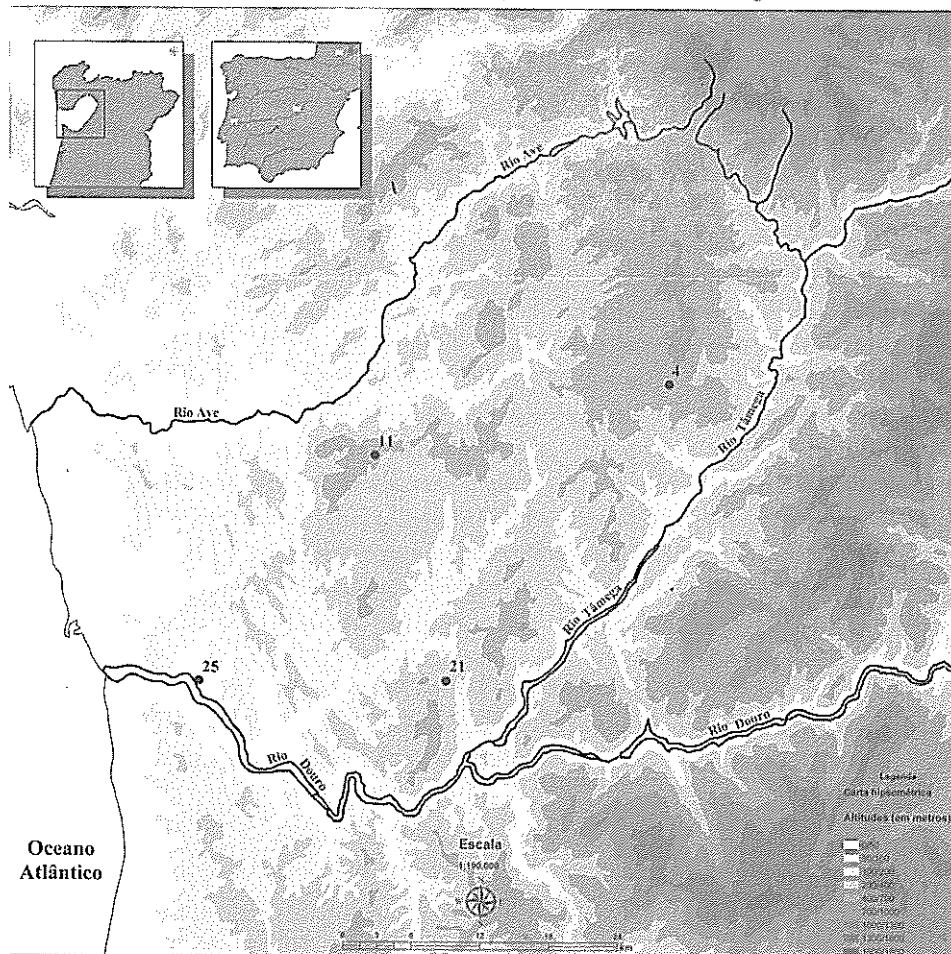


Figura 4 - Carta de dispersão dos Tesouros Constantinianos

- 4 - Carvalho
- 11 - Citânia de Sanfins
- 21 - Monte Mózinho
- 25 - Quinta de Vilar d'Allen

— Monte Mózinho 1 (*inv. n.º 21*)

Não há dúvidas que este conjunto monetário é formado por moedas todas elas emitidas entre 317 e 330, período politicamente marcado pela segunda guerra civil entre Constantinus I e Licinius I, e pela derrota deste em 324. Para além disso, é formado por numerário que representa uma mudança grande em relação ao período anterior, dadas as desvalorizações que devem ter sido decretadas à volta de 317/318 e que fazem com que a libra de ouro valha cerca de 1.500.000 denários. Assim, estes reajustamentos do sistema monetário traduzem-se, como vimos, primeiro com Constantinus I¹⁷³, e depois com Licinius I, na emissão da série VICTORIAE LAETAE PRINC PERP. Ora as moedas desta série, bem como as subsequentes, valem apenas 12,5 denários, metade das do tipo SOLI INVICTO COMITI produzidas até 317, pelo que a partir deste momento não é fácil encontrar estes dois tipos juntos em tesouros desta época.

É essa já a situação deste pequeno conjunto, onde não subsistem peças do período anterior¹⁷⁴, para mais podendo tratar-se, como sugerimos, de um depósito funerário, em que não se iriam desperdiçar moedas agora com o dobro do valor das de circulação corrente¹⁷⁵.

As moedas são todas emitidas sob o nome de Constantinus I e Constantinus *Caesar* (II), conforme se pode ver no quadro 12, com clara predominância das casas da moeda gaulesas, que, juntas, são responsáveis pela emissão de 37,5 % do total de moedas deste conjunto. Roma, com 4 exemplares, igualando Treveri e Arelate, confere aos centros emissores ocidentais uma posição de destaque no abastecimento a esta zona (Quadro 12), a que não será alheio o facto de a Península Ibérica se encontrar dentro da esfera de influência de Constantinus I.

Quadro 12 - Governantes por casa da moeda

	Lon	Tr	Lvg	Ar	R	Tic	Aq	Sis	Sirm	Th	Hc	Con	Ni	Cyz	Ind	Total
Constantinus I		3	1	3	2					1			1	1	2	14
Constantinus I (Imitações)		1		1	1										4	7
Constantinus II (c)	1				1	1										3
Total	1	4	1	4	4	1				1			1	1	6	24

¹⁷³ Patrick M. Bruun, *RIC*, VII, London, 1966, p. 13.

¹⁷⁴ O que também é assinalado por Kent quando nota que, nos entesouramentos normais, em todas as regiões do império o nummus de 3 gr. -a que chama centenionalis- se impõe à moeda anterior, que praticamente desaparece. J. P. C. Kent, *RIC* VIII, London, 1981, p. 79.

¹⁷⁵ A inclusão de um exemplar isolado do tipo SOLI INVICTO COMITI no depósito funerário do Monte da Lapeira não invalida a ideia expressa, dado o estado de desgaste da moeda em questão. Nota-se que este desgaste foi provocado pelo menos por cerca de 10 anos de circulação intensa, que já lhe teriam retirado a fina camada prateada que ajudaria este tipo de moedas a manter a aura de moeda forte, pelo que no momento da sua deposição, provávelmente já fora de circulação oficial, esta não valeria mais do que as outras que a acompanhavam.

Os tipos de reverso mais representados neste conjunto são BEATA TRANQVILLITAS e DN CONSTANTINI MAX AVG, com 5 exemplares cada, a que se seguem 3 moedas com o reverso PROVIDENTIAE AVGG, como se pode observar no quadro 13. Curiosamente, como nota I. Pereira¹⁷⁶, um conjunto tão pequeno abriga uma quantidade apreciável de imitações (7), em que os reversos mais representados são do tipo VICTORIAE LAETAE PRINCIP PERP - VOT/PR, com 3 exemplares¹⁷⁷. Esta percentagem de imitações num conjunto deste tipo (29% do total) aponta para graves deficiências de abastecimento de numerário a esta zona, provavelmente supridas através do curso generalizado de moeda de imitação, talvez mesmo fabricada na própria Península.

Não sendo muito normal os entesouradores recorrerem a moeda de imitação na constituição das suas poupanças, pelo menos em percentagens tão elevadas, este facto pode ser mais uma achega à hipótese que colocámos de este conjunto representar uma oferenda funerária, de que esse tipo de condicionalismo estaria arredado.

Quadro 13 - Distribuição de tipos de Reverso por Casas da Moeda

	Lon	Tr	Lvg	Ar	R	Tic	Aq	Sis	Sirm	Th	He	Con	Ni	Cyz	Ind	Total
VICTORIAE LAETAE PINC PERP				1												1
BEATA TRANQVILLITAS	1	2	1												1	5
DN CONSTANTINI MAX AVG				2	2					1						5
DOMINOR NOSTROR. CAESS						1										1
PROVIDENTIAE AVGG		1										1		1		3
PROVIDENTIAE CAES ou CAESS					1											1
ILEGÍVEL															1	1
IMITAÇÕES		1		1	1										4	7
TOTAL	1	4	1	4	4	1				1			1	1	6	24

Para efeitos de catálogo agregámos estas moedas num único grupo balizado pelos anos 317-330, dado pensarmos que, se estamos perante um depósito funerário, talvez este conjunto reflecta um momento da circulação monetária em Mózinho. Porém, talvez seja mais útil subdividi-lo em dois períodos, um entre 317 e 324 e o outro entre 324 e 330, correspondentes a dois momentos importantes nos reajustamentos do sistema monetário perseguidos por Constantinus I, bem como a um evento político de relevo, como foi a derrota de Licinius I.

¹⁷⁶ Isabel Pereira, Achados Monetários do Monte Mózinho, Penafiel, *Conimbriga*, XII, Coimbra, 1974, p. 78.

¹⁷⁷ Estas imitações, obtidas por fundição, abrangem também os reversos CAESARVM NOSTRORVM e PROVIDENTIAE AVG, com erros grosseiros de legendagem, e pesos variáveis. A sua introdução no mercado deve estar relacionada com a redução do peso do *nummus* para 3 gr., ocorrida em 324. Cfr. G. C. Boon, Counterfeit coins in Roman Britain, *Coins and the Archaeologist*, (BAR, 4), 1974, pp. 128-129.

Analisando o quadro 14 observa-se que 11 numismas foram emitidos entre 317 e 324, o que corresponde a 45,8 % do total, uma moeda entre 322 e 325, duas moedas entre 324-325, e apenas 2 moedas emitidas claramente após 324 (8,3%), correspondendo 5 das moedas de imitação também a séries emitidas antes de 324, o que parece confirmar a hipótese atrás aventada sobre as deficiências de abastecimento de numerário neste período - ou a dificuldade em arranjar moeda não desvalorizada.

Quadro 14 - Distribuição das moedas por centros emissores e por períodos de emissão

	319	321	321-323	322	322-323	322-325	324	324-325	326	326-327	<330	TOTAL
LONDINIUM			1									1
TREVERI		2						1				3
LUGDUNUM		1										1
ARELATE	1			1	1							3
TICINUM						1						1
ROMA		2							1			3
THESSALONICA							1					1
NICOMEDIA								1				1
CYZICUS										1		1
INDETERMINADA			1								1	2
IMITAÇÕES											7	7
TOTAL	1	5	2	1	1	1	1	2	1	1	8	24

Incluímos num período lato anterior a 330 as 7 moedas de imitação bem como uma moeda praticamente ilegível, por absoluta impossibilidade da sua correcta datação. A ausência das séries GLORIA EXERCITVS, VRBS ROMA e CONSTANTINOPOLIS podem fazer pensar que a deposição deste conjunto deveria ter ocorrido antes da sua emissão, o que permitiria situá-lo entre 327 e 330, mas, se não se tratar de um depósito funerário, não será de excluir uma data limite situada entre 330 e 335, explicando-se então essa ausência por uma preferência dada pelo entesourador à moeda anterior, um pouco mais pesada.

— Citânia de Sanfins 2 (*inv. n.º 12*)

O tesouro da Citânia de Sanfins, aparecido nos inícios do século, é, como vimos, constituído por 95 *nummi*, com uma cronologia balizada pelos anos de 330 e 348, devendo ter sido ocultado nos inícios da segunda metade do século IV, provavelmente na sequência da usurpação de Magnentius, uma vez que ainda não contém moedas da série FEL TEMP REPARATIO.

Os imperadores mais representados neste tesouro são Constans com 25 moedas (26,3%) e Constantius II com 19 (20%), podendo acrescentar-se as 26 moedas (27,4%)

com anverso em mau estado de conservação mas que, pelo tipo de reverso e respectivas datas de emissão é possível atribuir a Constantius II ou a seu irmão Constans. Às séries urbanas CONSTANTINOPOLIS correspondem 6 exemplares, sendo ainda de notar que de 6 numismas emitidos sob o nome de Constantinus I, três são emissões póstumas e dedicadas à sua glorificação. Se Constantinus II, enquanto *Caesar*, aparece representado em 4 reversos, apenas em 2 é nomeado como *Augustus* (quadro 15).

Analisando o tesouro de uma forma global, vemos que a casa da moeda de Arelate, com 17 exemplares, sobrepõe-se a Roma que, com 14 numismas, é o segundo centro emissor melhor representado neste conjunto, a que se seguem as casas da moeda de Treveri e Lugdunum, com 4 e 6 moedas respectivamente. Ao mesmo tempo, verificamos uma total predominância das emissões das casas da moeda ocidentais (68,4 %) sobre as produções orientais (20 %), embora não tenha sido possível determinar a proveniência de 10 exemplares. Os centros emissores balcânicos estão representados apenas por um exemplar de Siscia.

Quadro15 - Governantes por Casas da Moeda

	Tr	Lvg	Ar	R	Sis	Aq	Th	H	Con	Ni	Cyz	Ant	Ale	Oc.	Or.	Ind.	Total
Constantinus I			2						1	1						2	6
<i>Vrbs Roma</i>		1															1
<i>Constantinopolis</i>			1	1						1						3	6
Constantinus II (c)			1	1												2	4
Constantius II (c)				1													1
Constantinus II				1								1					2
Constantius II	3	2	5	3				1	1				1			3	19
Constans	1	2	5	4	1	1			1					9	1		25
Cs ou Cn		1	2	2										14	7		26
CII, Cs ou Cn			1													1	2
Indeterminados				1												2	3
Total	4	6	17	14	1	1	0	1	3	2	0	2	0	23	11	10	95

Em relação aos tipos de reversos observados, constatamos que a abundante série VICTORIAE DD AVGG Q NN está bem representada neste tesouro, com 38 moedas correspondentes a 40% do total do achado, logo seguida pelos tipos GLORIA EXERCITVS (1 estandarte) com 34 exemplares (35,8%) e VOT/XX/MVLT/XXX com 11 (11,5%). Do tipo VIRTVS AVGVSTI, cunhado em Roma para Constantinus II, aparece-nos apenas um exemplar, enquanto o tipo SECVRITAS REI P - uma abreviatura de SECVRITAS REI PVB, que acompanha a deterioração do estilo -, também cunhado em Roma apenas para Constantius II e Constans, está representado por 3 exemplares de Constantius II.

Quadro 16 - Reversos por Casas da Moeda

	Tr	Lvg	Ar	R	Sis	Aq	Th	H	Con	Ni	Cyz	Ant	Ale	Oc.	Or.	Ind.	Total
<i>Loba com gémeos</i>	1																1
<i>Victória na proa</i>			1	1												2	4
GLORIA EXERCITVS I est.	4	1	8	8						1					4	8	34
SECVRITAS REIP				3													3
VIRTVS AVGVSTI				1													1
<i>Imp.vel. Quadriga, mão de Deus</i>									1	1							2
VICTORIAE DD AVGG Q NN		4	8	1	1	1								23			38
VOT/XX/MVLT/XXX								1	2			1			7		11
VN / MR												1					1
TOTAL	4	6	17	14	1	1	0	1	3	2	0	2	0	23	11	10	95

O tesouro de Citânia de Sanfins 2 é constituído maioritariamente pelas séries do tipo VICTORIAE DD AVGG Q NN, VOT/XX/MVLT/XXX e VN-MR, emitidas nos anos de 347 e 348, e que, no seu conjunto, totalizam 50 exemplares (52,6%), sendo o restante constituído pelas séries emitidas entre 335 e 341, com especial destaque para as emissões datadas entre 337 e 341 (quadro 17).

Entre 335 e 337, são as casas da moeda gaulesas de Arelate e Lugdunum, com 4 moedas, (33,3% do total do período), que parecem garantir grande parte do abastecimento, superiorizando-se a Roma, apenas com 2 moedas (16,6%). Neste período, dos centros emissores orientais apenas Nicomédia, com uma moeda, se encontra representada, enquanto 41% do numerário (5 moedas) é de proveniência indeterminada.

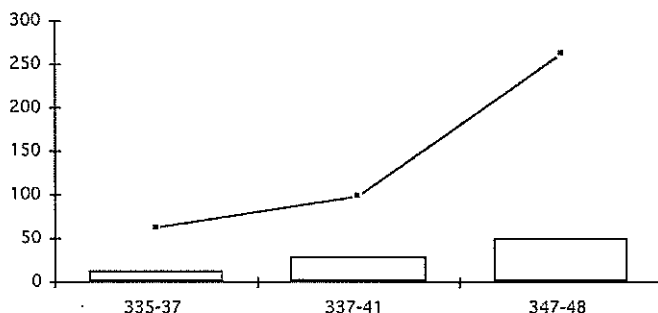
No período 337-341 verificamos um maior equilíbrio, sendo a casa da moeda de Roma, se considerada individualmente, responsável pela emissão de 35,7% das moedas do período, cabendo aos centros emissores gauleses no seu conjunto 32% das moedas do mesmo período, e aos centros orientais 21,4%, com a situação a inverter-se radicalmente nos anos 347-348, em que Lugdunum e Arelate respondem por 24% do numerário, enquanto Roma aparece apenas com 1 moeda (2%). Apesar de desconhecermos exactamente a proveniência de 23 exemplares da série VICTORIAE DD AVGG Q NN, mas que atribuímos na generalidade a centros emissores ocidentais e que totalizam 46% do numerário deste período, adicionando-lhes os exemplares itálicos e da Gália , verificamos que as casas da moeda ocidentais são responsáveis pela emissão de 74% das moedas deste tesouro, representando as casas da moeda do oriente outros 24% , não tendo praticamente expressão a representação balcânica.

Quadro 17 - Distribuição por centros emissores e por períodos de emissão

	335-37	337-41	347-48	340-41	Total
TREVERI		4			4
LUGDUNUM	1	1	4		6
ARELATE	3	4	8	2	17
ROMA	2	10	1	1	14
SISCIA			1		1
AQUILEIA			1		1
HERACLEA			1		1
CONSTANTINOPOLIS		1	2		3
NICOMEDIA	1	1			2
ANTIOQUIA			2		2
CM OCIDENTAL			23		23
CM ORIENTAL		4	7		13
CM INDETERMINADA	5	3		2	10
TOTAL	12	28	50	5	95
%	63,15	98,24	263,15	4,78	

A distribuição das moedas por períodos de emissão mostra uma forte preponderância do numerário emitido entre 347 e 348, verificando-se que, para além de suplantar em valor absoluto o numerário emitido entre 335 e 341, o aumento do fluxo de abastecimento nestes dois anos, traduzido pelo *ratio* 263,15 observado no quadro 17 e facilmente visualizado no gráfico III, indicia uma chegada de dinheiro fresco a esta região que é imediatamente entesourado.

Gráfico III- Número de moedas por período e variação dos seus fluxos (%)



Este tesouro, apesar de terminar com moedas da série VICTORIAE DD AVGG Q NN, como dissemos no início, pode ter sido ocultado entre 348-350 ou, como sublinha Kent¹⁷⁸, mais provavelmente no período 351-353, apesar de muitos tesouros não incluírem numerário deste período, o que poderia ser explicado se Magnentius tivesse também procedido a uma desmonetização da moeda emitida após 348, antecedendo a desmonetização de Constantius II de 354.

— Quinta de Vilar D'Allen (*inv. n.º 25*)

Temos pouca informação sobre este achado, desconhecendo-se em absoluto qual o seu contexto, mas pode tratar-se de um tesouro, ou, o que é mais provável, parte dele.

A moeda mais antiga deste conjunto foi emitida em 335, e a mais recente nos anos 357-58, o que permite atribuir o seu ocultamento provável aos primeiros anos da década de sessenta, talvez durante o reinado de Iulianus, ou imediatamente a seguir à sua morte.

A baliza cronológica mais antiga corresponde a uma moeda de Constantinus I, em nome de quem foram emitidas mais duas moedas de consagração póstuma, sendo Constantius II, com 4 exemplares (44,5%) o governante mais representado nos aversos, dedicados também às séries urbanas VRBS ROMA e CONSTANTINOPOLIS, com uma moeda cada (quadro 18).

Não se nota neste conjunto preponderância de nenhuma casa da moeda sobre as restantes, podendo verificar-se um equilíbrio entre os centros emissores gauleses (Treveri e Lugdunum), os centros emissores itálicos (Roma e Aquileia) e os centros emissores orientais (Antioquia e outro), com 2 moedas atribuíveis a cada região, não sendo possível determinar a proveniência de 3 exemplares (33,3 %) deste conjunto. Contudo, no balanço entre as casas da moeda ocidentais e as orientais, vemos um claro predomínio das primeiras (44%)

Quadro 18 - Governantes por Casas da Moeda

	Tr	Lvg	Ar	R	Sis	Aq	Th	H	Con	Ni	Cyz	Ant	Ale	Oc.	Or.	Ind.	Total
Constantinus I				1								1			1		3
<i>Vrbs Roma</i>		1															1
<i>Constantinopolis</i>																1	1
Constantius II	1					1										2	4
Total	1	1	0	1	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	3	9

Os reversos mais representados repartem-se entre os tipos GLORIA EXERCITVS (1 est.) e VICTORIAE DD AVGG Q NN, com 2 exemplares cada (22,2%), distribuindo-se uniformemente os restantes tipos referenciados no quadro 19, com uma moeda cada.

¹⁷⁸ Cfr. J. P. C. Kent, *RIC*, VIII, London, 1981, p. 80.

Quadro 19 - Reversos por Casas da Moeda

	Tr	Lvg	Ar	R	Sis	Aq	Th	H	Con	Ni	Cyz	Ant	Ale	Oc.	Or.	Ind.	Total
<i>Loba com gémeos</i>		1															1
<i>Victoria na proa</i>																1	1
GLORIA EXERCITVS 1 ^o est.				1												1	2
VICTORIAE DD AVGG Q NN	1					1											2
<i>Imp.vel. Quadriga</i>												1					1
VN / MR															1		1
FELTEMPREPARATIO (FH3)																1	1
TOTAL	1	1		1		1						1			1	3	9

A distribuição do número de exemplares deste achado por períodos de emissão mostra-nos, mais uma vez, a abundância das emissões do período 347-348, traduzidas neste conjunto, como já vimos, pela série VICTORIAE DD AVGG Q NN e pelas moedas de consagração póstuma de Constantinus I, do tipo VN-MR emitido exclusivamente pelas casas da moeda orientais, e do tipo *Imperador velado na quadriga*.

Quadro 20 - Distribuição por centros emissores e por períodos de emissão

	335-37	337-41	330-41	347-48	357-58	TOTAL
TREVERI				1		1
LUGDUNUM		1				1
ROMA		1				1
AQUILEIA				1		1
ANTIOQUIA				1		1
CM ORIENTAL					1	1
CM INDETERMINADA			1	1		3
TOTAL	2	1	1	4	1	9
%	111,11	37,03	10,10	222,22	55,55	

Não aparece neste conjunto nenhum exemplar emitido a partir de 348 até 357: se não estranhámos a ausência dos $\text{Æ}2$ e $\text{Æ}3$ das primeiras séries FELTEMPREPARATIO (Fénix e Galera), normalmente representadas em percentagens muito baixas nos tesouros que conhecemos do norte de Portugal¹⁷⁹, não sendo também de estranhar a ausência das séries

¹⁷⁹ Além dos tesouros cujo catálogo publicamos neste trabalho, ver, por exemplo, os tesouros de Fermentões (Guimarães) ou o de Torre - Santa Maria de Émeres (Valpaços).

Cfr. Carlos Monteiro *et alli*, Tesouro tardo romano de Fermentões (Guimarães), *Nummus*, 2^a série, XIV/XV, 1991-92, pp.95-117; sobre Santa Maria de Émeres, cfr. E. Albuquerque, O tesouro monetário do lugar de Torre-subsídio para o seu estudo, *Nummus*, 2^a série, VII/VIII, 1984-1985, pp. 83-130 e ainda Felisbela Oliveira, Filipe Camilo e Isabel Luna, Mais dois lotes do tesouro de Torre (S.ta Maria de Émeres, Valpaços), *Nummus*, 2^a s., IX-X, 1986-1987, pp.1 15-148.

de Magnentius, retiradas de circulação logo após a sua morte¹⁸⁰, já pensamos ser anómala a ausência dos Æ3 de Constantius II do tipo FEL TEMP REPARATIO *falling horseman* emitidos entre 351 e 356, explicável, para Kent¹⁸¹, pelas reduções de peso que estas séries foram sofrendo, tornando-se menos atractivas para os entesouradores, e traduzida pelo hiato verificado até à moeda mais tardia deste conjunto, um Æ3 do tipo FEL TEMP REPARATIO (FH3) de 357-58. Pensamos, contudo, que não será de pôr de lado a hipótese de tal se dever ao reduzido da amostra, visto contrariar completamente a tendência verificada noutros tesouros desta região (ver *infra*), em que há um entesouramento abundante das séries FEL TEMP REPARATIO, apesar das reduções de peso sofridas e detectáveis, apresentando, ao mesmo tempo, algumas semelhanças com o tesouro de *Conimbriga C*¹⁸², o único que conhecemos em Portugal a terminar com moedas de 357-358.

—Carvalho (*inv. n.º 4*)

Se atentarmos na descrição que Ruy de Serpa Pinto faz das 40 moedas do tesouro de Carvalho que analisou, e das quais deixou uma relação, verificamos desde logo que existe um erro de classificação quando atribui 15 moedas a Constantius I, precisando a cronologia do seu reinado. Não sendo normal o aparecimento de *nummi* das Tetrarquias, sobretudo anteriores a 306, em tesouros constituídos maioritariamente por moeda emitida entre 337 e 361, muito menos numa proporção tão elevada, pensamos estar nitidamente perante um caso de confusão com Constantius II. Esta confusão pode ser detectada logo ao verificar que uma das moedas referidas à parte no mesmo manuscrito, é uma FEL TEMP REPARATIO com erros de grafia, concerteza uma imitação, apresentando no anverso a legenda de Constantius II, não sendo depois referida na listagem geral, visto aí não constar nenhuma menção a este imperador.

Assim sendo, esta primeira amostra de 40 exemplares evidenciaria uma estrutura análoga ao conjunto de 121 moedas depositadas no IAMC, que começamos a analisar no quadro 21, verificando que realmente é Constantius II o governante mais representado, com 53 numismas (33% do total), logo seguido pelos 33 exemplares atribuíveis ao seu irmão Constans (20,5%), sendo de destacar a presença de 44 moedas cujo estado de desgaste e corrosão dos aversos não permite distinguir se se trata de exemplares emitidos sob Constantius II, Constans ou Constantius Gallus.

¹⁸⁰ A circulação destas moedas foi proibida por uma lei de 8 de Março de 354, contida em CTh, IX, 23,1. Cfr. J.-P. Callu, *Rôle et distribution des espèces de bronze de 348 a 392, Imperial Revenu, Expenditure and Monetary Policy in the Fourth Century A.D.*, (BAR International Series 76), 1980, p. 47.

¹⁸¹ J. P. C. Kent, *RIC*, VIII, London, 1981, p. 81.

¹⁸² Isabel Pereira, J. P. Bost, Jean Hiernard, *Fouilles de Conimbriga, III. Les Monnaies*, Paris, 1974, pp. 325-326.

Quadro 21 - Governantes por Casas da Moeda

	Tr	Lvg	Ar	R	Sis	Aq	Th	H	Con	Ni	Cyz	Ant	Ale	Oc.	Or.	Ind.	Total
Constantinus I									1						1		2
Constantinus II (c)										1							1
Delmatus				1													1
Constans (c)										1							1
<i>Vrbs Roma</i>			1														1
<i>Constantinopolis</i>				1								1					2
Constantinus II				2										1			3
Constantius II	4	4	18	5	1	3		1	3	3	2			3	1	5	53
Constans	6	2	11	9							1			4			33
CII, Cs ou Cn			1													2	3
Cs ou Cn			2	5							2			7	8	1	25
Constantius Gallus				1													1
Cs ou G																19	19
Julianus (c)		1	3			1											5
Cs,J (c) ou J																6	6
Ilegível																5	5
Total	10	7	36	24	1	4	0	1	4	5	5	0	1	15	10	38	161

O imperador Constantinus I só aparece representado em moedas póstumas de consagração, sendo ainda de assinalar a presença de exemplares emitidos em nome de Delmatus, Constantinus II e Constans ainda *Caesares*, bem como das séries urbanas VRBS ROMA e CONSTANTINOPOLIS, terminando este conjunto com moeda de Iulianus, possivelmente apenas *Caesar*. É de realçar ainda a total ausência de moeda emitida sob o usurpador Magnentius.

Estão bem representados neste tesouro os 4 grandes tipos iconográficos (quadro 22) emitidos durante os reinados constantinianos, começando pela série GLORIA EXERCITVS, 1 estandarte, com 31 exemplares equivalentes a 19,2% do total, VICTORIAE DD AVGG Q NN com 57 (35,4%), FEL TEMP REPARATIO (FH3) com 39 moedas (24,2%) e os Æ4 SPES REIPVBLICE com 10 (6,2%). Também com 10 exemplares, aparece representado o tipo VOT/XX/MVLT/XXX, de Constantius II, de produção oriental e com a mesma cronologia da série ocidental VICTORIAE DD AVGG Q NN.

De notar ainda a presença de um Æ3 da série FELTEMPREPARATIO representando a Fénix sobre o globo, uma das primeiras emissões da reforma de Constantius II, bem como dos reversos *Loba com gémeos* (1 exemplar) e *Victoria na proa* (2 moedas), correspondentes às séries urbanas de Roma e Constantinópolis, respectivamente. Estão ainda representadas neste conjunto as séries romanas VIRTVS AVGVSTI (1 ex.) e SECVRITAS REIP (2 ex.), bem como duas moedas de consagração póstuma de Constantinus I, com a sua representação velada, na quadriga.

Quadro 22 - Reversos por Casas da Moeda

	Tr	Lvg	Ar	R	Sis	Aq	Th	H	Con	Ni	Cyz	Ant	Ale	Oc.	Or.	Ind.	Total
GLORIA EXERCITVS 1 est.	5		10	6				1	1	2	1			1		4	31
<i>Loba com gémeos</i>			1														1
<i>Victoria na proa</i>				1									1				2
<i>Imp.vel. Quadriga</i>									1							1	2
VIRTVS AVGVSTI				1													1
SECVRITAS REIP				2													2
VICTORIAE DD AVGG Q NN	5	6	21	9							2			14			57
VOT /XX/MVLT/XXX										1					9		10
FEL TEMP REPARATIO (Fenix)																1	1
FEL TEMP REPARATIO (FH3)		1	4	3	1	4			2	2	2					20	39
SPES REIPVBLICE				2												8	10
ILEGÍVEIS																5	5
TOTAL	10	7	36	24	1	4	0	1	4	5	5	0	1	15	9	39	161

Se analisarmos a proveniência das moedas deste tesouro por regiões e por centros emissores (quadro 23), verificamos que são as casas da moeda ocidentais, com 96 exemplares, que asseguram quase 60% do numerário examinado, cabendo aos centros emissores orientais apenas 15,5% (25 ex.), constatando-se a quase nula representatividade dos centros balcânicos, com apenas 1 exemplar, e não tendo sido possível determinar a origem de 39 moedas, que equivalem a 24,2% do total.

No ocidente, o destaque vai para as casas da moeda gaulesas, com 53 exemplares, dos quais 36 emitidos em Arelate (22,3%), o que diz bem da importância que este centro emissor começa a ter nesta altura, constatável em todos os tesouros a partir da consolidação do poder de Constantinus I. Seguem-se, por ordem de importância, Treveri, com 10 numismas e Lugdunum, com 7. Os centros emissores itálicos apresentam 28 exemplares, sendo Roma, com 24 moedas, o segundo centro com maior preponderância neste conjunto.

Aquileia, com 4 moedas, só aparece representada a partir de 351, com Constantius II e Iulianus Caesar. 15 moedas do tipo VICTORIA DD AVGG Q NN foram atribuídas a centros emissores ocidentais não identificados. Dos Balcãs, aparece-nos apenas uma única moeda, de Siscia.

No oriente, Nicomedia e Cyzicus, com 5 moedas cada, sobrepõem-se a Constantinópolis, com 4, estando ainda representados os centros de Heraclea e Alexandria, com um exemplar cada.

O tesouro de Carvalho é formado por um conjunto de moedas cujo entesouramento deve ter sido iniciado entre 337 e 348, apesar da existência de 3 moedas datadas entre 330 e 337, e que foi continuado até 361. Nele verificamos uma predominância do numerário emitido entre 337-341 (22,3% do total), e 347-348 (41,6%), com as abundantes séries VICTORIA DD AVGG Q NN e VOT/XX/MVLT/XXX, surgindo-nos logo a partir de 348-350, e de uma forma mais ou menos regular, os Æ3 de Constantius II da série FEL TEMP REPARATIO (FH3 e 4), que se estende até 358. A introdução ainda por Constantius II e Iulianus Caesar do novo módulo Æ4 está bem documentada entre 358 e 361 com 10 moedas (6,2%).

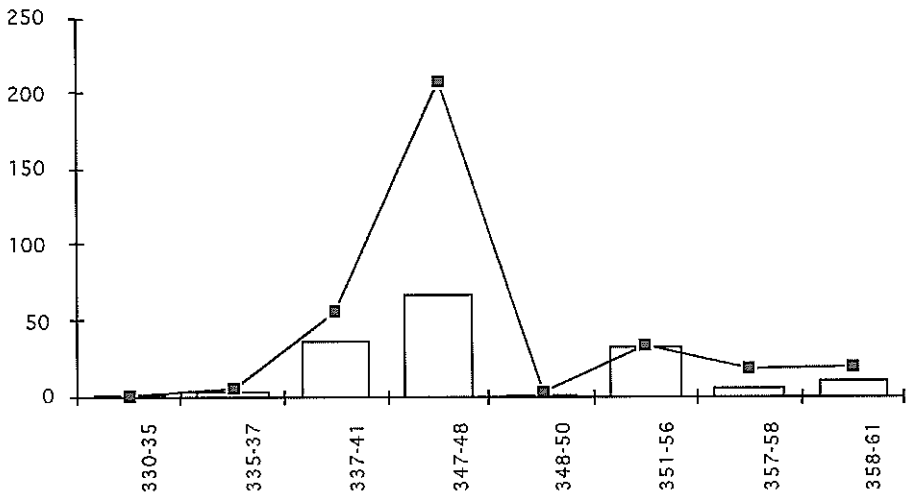
Quadro 23 - Distribuição por centros emissores e por períodos de emissão

	330-35	335-37	337-41	347-48	348-50	351-54	354-56	351-56	357-58	358-61	330-61	TOTAL
TREVERI			5	5								10
LUGDUNUM				6					1			7
ARELATE			11	21					4			36
ROMA		1	9	9		2	1			2		24
SISCIA						1						1
AQUILEIA						3			1			4
THESSALONICA												0
HERACLEA			1									1
CONSTANTINOPLA			2			1	1					4
NICOMEDIA	1	1		1		2						5
CYZICUS			1	2			2					5
ANTIOQUIA												0
ALEXANDRIA			1									1
CM OCIDENTAIS			1	14								15
CM ORIENTAIS				9								9
CM IND.			5		1		1	19		8	5	39
TOTAL	1	2	36	67	1	9	5	19	6	10	5	161
%	1,24	6,21	74,53	208,07	3,10	13,97	15,52	19,66	18,63	20,70	0,97	

Uma análise dos fluxos de abastecimento documentados neste tesouro (gráfico IV), leva-nos a concluir pela abundância de numerário a partir de 337-341, atingindo um pico com as emissões de 347-348, reflectindo provavelmente uma situação inflacionária, em que as séries mais correntes são entesouradas, como já vimos, e a que se segue um período (348-350) em que a introdução das novas moedas *Æ2* e *Æ3* do tipo FEL TEMP REPARATIO *galera* e *fénix* se encontra muito mal documentada. Este facto, constatável em todos os tesouros desta região que integram moeda constantiniana¹⁸³, mesmo nos tesouros mais tardios, ocultados no período teodosiano e no século V, deve reflectir uma situação denunciada por uma lei de 349, pela qual se verifica que havia uma tendência generalizada para tentar retirar destas moedas a considerável quantidade de prata que continham, provocando assim a sua rarefacção¹⁸⁴.

A partir desta data, o entesouramento mostra-se regular, com um ligeiro aumento da massa monetária entre 351 e 358, constituída, como vimos, pelo tipo FEL TEMP REPARATIO (FH 3), registando-se ainda uma pequena subida com o aparecimento do *Æ4* de 358-361.

Gráfico IV - Número de moedas por período e variação dos seus fluxos (%)



¹⁸³ O tesouro C de Conimbriga não apresenta qualquer moeda deste período, e nos tesouros citados em *RIC*, VIII, cujas moedas mais tardias atingem 358, a percentagem de moeda de 348-50 é sempre mínima. Cfr. I. Pereira *et alli*, *op. cit.* nota 12, e J. P. C. Kent, *RIC*, VIII, London, 1981, p. 87.

¹⁸⁴ Cfr. J. P. C. Kent, *RIC*, VIII, London, 1981, p. 62 e J. P. C. Kent, *Fel Temp Reparatio, NC*, 1967, pp.83-90.

— **Monte do Senhor dos Perdidos** (*inv. n.º 19*)

Pouco se poderá dizer àcerca do tesouro do Monte do Senhor dos Perdidos: a única moeda que dele conhecemos é uma VICTORIAE LAETAE PRINC PERP de Constantinus I, datada de 319, conservando o seu revestimento prateado quase intacto, apresentando vestígios de uma circulação pouco intensa. Este tipo de moeda parece indiciar estarmos na presença de um tesouro começado a constituir depois da reforma de 317/318¹⁸⁵ e cuja data de ocultamento não deverá ultrapassar 330, uma vez que, no norte de Portugal, este numerário não aparece nos tesouros de meados do século IV¹⁸⁶, isto é, aqueles que integram moeda posterior à reforma de 330.

— **Notícias** (*inv. n.º 6, 11, 20 e 24*)

Entre as notícias de aparecimento de tesouros monetários que recolhemos, parece-nos ser de incluir nos conjuntos constantinianos os achados do Castro de Abujefa 1, Citânia de Sanfins 1, Monte dos Saltos e Pidre.

O achado de Castro de Abujefa 1 (Penafiel) consiste em 15 kg. de moedas “em cobre, a maior parte do reinado de Constantino”¹⁸⁷. Sendo a estrutura do achado descrita como maioritariamente constituída por moedas emitidas em nome de Constantinus - I, II ou *Caes. r.*-, desconhecendo-se quais os outros governantes representados, poderá apenas sugerir-se estarmos em presença de um conjunto de moedas do período constantiniano.

A notícia que denominámos Citânia de Sanfins 1 (Paços de Ferreira)¹⁸⁸ refere-se, de uma forma vaga, a 15 moedas encontradas “mais ou menos juntas” nas imediações desta estação arqueológica, não sendo para elas referido qualquer contexto ou contentor, sendo apenas mencionada a legenda de uma das moedas - DN CONSTANTIUS PF AVG-, pelo que apenas lhe poderemos atribuir a cronologia genérica das emissões deste imperador, que se estendem de 337 a 361. Isabel Pereira inclui este conjunto no seu inventário de tesouros

¹⁸⁵ Cfr. página 22, *op. cit.* nota 64.

¹⁸⁶ A única exceção que conhecemos refere-se a um tesouro constantiniano com cerca de 18.000 moedas encontrado em Setúbal, que integra 1 moeda do tipo VICTORIAE LAETAE PRINC PERP. As moedas mais antigas deste tesouro são um denário republicano e 5 moedas do século III, emitidas entre 260 e 294, sendo as moedas mais recentes do reinado de Iulianus. Cfr. J. A. de Carvalho Fernandes, *Tesouro monetário romano da área urbana de Setúbal*, Setúbal, 1975.

¹⁸⁷ Simão Rodrigues Ferreira, *Anaes do Município de Penafiel escritos por Simão Rodrigues Ferreira, Anno de 1880*. Manuscrito pertencente à Biblioteca Municipal de Penafiel, fls. 18-19, publicado em Penafiel-Boletim Municipal de Cultura, 3ª série, 2/3, 1985-86, p. 111.

¹⁸⁸ M. de Castro Hipólito, Dos Tesouros de Moeda Romana em Portugal, *Conimbriga*, II-III, Coimbra, 1960-61, p. 45, n.º 51, sob informação de Manuel Vieira Diniz.

do Baixo-Império¹⁸⁹, não adiantando cronologias, e cartografando-o no seu quadro geral de distribuição de moedas por governantes da seguinte forma: “Constantius II *et alli*”.

A notícia do achado do Monte dos Saltos (Santo Tirso)¹⁹⁰, também sucinta, classifica as 400 moedas aí encontradas como sendo “quase todas da época de Constantino”, não entrando em mais especificações. Sendo esta designação normalmente utilizada para Constantinus I, o emprego da palavra “quase” sugere ainda a existência de moedas emitidas sob outros governantes, pelo que estamos perante um tesouro constantiniano, seguramente com moeda de Constantinus I, talvez englobando ainda moeda anterior a 337, dos *Caesares* Constantinus (II), Constantius (II), Constans, Crispus e Delmatius, como é normal, e, muito provavelmente, moeda a partir de 337. Assim sendo, limitar-nos-emos a avançar como possível uma data de ocultamento posterior a 340 (morte de Constantinus II). J.-P. Callu situa este tesouro, genericamente, como tendo começado a ser formado depois de 306¹⁹¹, isto é, depois de Constantinus (I) ter sido elevado a *Caesar*. Também I. Pereira¹⁹² cartografa este conjunto, referindo-o apenas à época de Constantinus I.

Por último, o achado de Pidre (Santo Tirso), noticiado na revista *Moeda*¹⁹³, do qual Castro Hipólito¹⁹⁴ descreve sumariamente 4 moedas: uma de Constantinus I, outra de Constantinus II *Caesar*, outra atribuível a Crispus, Constantinus II ou Constantius como *caesares*, cunhada entre 324 e 330, e por último uma moeda não identificada, mas com uma cronologia de emissão desde 330 até 348. A revista citada publica fotografias pouco nítidas do anverso e respectivo reverso de uma moeda do tipo PROVIDENTIAE CAESS, bem como fotografias dos anversos de duas outras moedas, uma das quais ostenta uma cabeça com elmo à esquerda, parecendo tratar-se do tipo CONSTANTINOPOLIS (*Victoria na proa*), datável a partir de 330. A moeda do tipo PROVIDENTIAE CAESS é a moeda que M. Castro Hipólito identifica como sendo de um dos três *caesares* de Constantinus I. Apesar de esta amostra ser muito reduzida, tudo parece indicar estarmos perante um tesouro constantiniano que deveria começar com moedas do período 317-330 e que poderia fechar, talvez, com moeda de 347-348, pelo que uma data à volta dos inícios da 2ª metade do século IV deverá constituir um limite máximo para o seu entesouramento.

¹⁸⁹ Isabel Pereira, J. P. Bost, Jean Hiernard, *Fouilles de Conimbriga, III*. Les Monnaies, Paris, 1974, pp. 305-308, nº 60.

¹⁹⁰ P.e Belchior da Cruz, Notícias Várias, *O Archeólogo Portuguez*, II, Lisboa, 1896, p. 292.

¹⁹¹ Jean-Pierre Callu, Inventaire des trésors de bronze Constantiniens (313-348), *Numismatique Romaine, Essais, recherches et documents*, XII, Wetteren, 1981, p. 47, Portugal, nº 4.

¹⁹² Isabel Pereira, J. P., Bost, Jean Hiernard, *Fouilles de Conimbriga, III*. Les Monnaies, Paris, 1974, pp. 305-308, nº 62.

¹⁹³ *Moeda*, I, nº 5, 1973, p. 13.

Análise Comparativa

Da análise dos tesouros de Entre Douro, Ave e Tâmega que terminam com moeda emitida até 358-361, a primeira ideia que ressalta é a ausência absoluta de moeda anterior à reforma de Diocletianus. Esta ausência dever-se-á a dois motivos: em primeiro lugar, a reforma de 294 tinha introduzido uma moeda forte que destronara completamente os *antoniniani*, criando uma nova tendência de entesouramento que perdura durante este período; em segundo lugar, a partir de 330 e até 348, não se deve ter sentido nesta região grande carência de moeda, a avaliar pelo peso dos fluxos de abastecimento detectados nos tesouros estudados, sobretudo para os períodos 337-340 e 347-348, o que terá mantido afastado dos propósitos dos entesouradores o numerário do século III, cuja circulação residual sabemos continuar em zonas mais marginais, e que será possível detectar através dos tesouros de época teodosiana ou mesmo mais tardios, quando são maiores as dificuldades de abastecimento à Península. Isto levou as populações a recorrerem a esta moeda bem como aos *minimi* radiados de imitação, que apresentavam módulos próximos da moeda corrente, principalmente durante os períodos 354-364 e *post* 388¹⁹⁵.

Ao mesmo tempo, verificamos que também não entra na composição destes tesouros moeda do período Tetrárquico, que nesta época já devia ter desaparecido completamente de circulação, devido, por um lado, ao entesouramento, demonstrado pelos conjuntos de Bustelo e Mózinho 3, e, por outro lado, à sua recolha pelas autoridades monetárias, destinada a ser fundida e recunhada em módulos mais pequenos e com menor peso, como os que se encontram agora em vigor¹⁹⁶.

Não encontramos documentada em nenhum dos tesouros desta época, na região em estudo, moeda emitida entre 313 e 317, como atrás dissemos. Se a série VICTORIAE LAETAE PRINC PERP, emitida após 317, inicia, como já vimos, um período em que a moeda vale metade da do período anterior, da série SOLI INVICTO COMITI, então dever-se-ia notar uma preferência dos entesouradores por este tipo numismático. Contudo, esta moeda está completamente ausente dos tesouros constantinianos de entre Douro, Ave e Tâmega, cuja constituição é sempre posterior a 317, altura em que o numerário do tipo SOLI INVICTO COMITI praticamente parece ter desaparecido da circulação. Não tendo até agora sido encontrados tesouros formados com moeda de 313-317, apenas podemos concluir com Brunn¹⁹⁷, quando afirma que a série VICTORIAE LAETAE parece constituir uma barreira, terminando os tesouros constantinianos com peças imediatamente anteriores,

¹⁹⁴ M. de Castro Hipólito, Achado de Pidre, Santo Tirso, *Moeda*, II, n.º4, 1974, pp.5-6.

¹⁹⁵ Ver *infra*, capítulo 5, p. 279-280.

¹⁹⁶ Kent verifica que, por todo o Império, nos achados do período 318-330 o *nummus* de 3 gr. se impôs completamente à moeda tetrárquica de grande módulo, procedendo-se à desmonetização de grandes quantidades deste tipo de moeda, chegando a aparecer exemplares recunhados com os novos tipos. Cfr. J. P. C. Kent, *RIC*, VIII, London, 1981, p. 79.

¹⁹⁷ Patrick M. Bruun, *RIC*, VII, London, 1966, p. 13.

ou começando a ser constituídos com essa emissão. Parece ser este o nosso caso, uma vez que o conjunto de Monte Mózinho 1, que reputamos um depósito funerário, só apresenta moeda posterior a 317 e até 330, começando os conjuntos de Citânia de Sanfins 2, Quinta de Vilar D'Allen e Carvalho com moeda constantiniana a partir de 330.

Por outro lado, a elevada percentagem de moeda emitida entre 347-348 nos tesouros de Citânia de Sanfins 2, Quinta de Vilar d'Allen e Carvalho parece confirmar, também aqui, uma tendência já observada por J.-P. Callu¹⁹⁸ nos tesouros constantinianos da Grã-Bretanha, Gália e *limes* Reno-Danubiano, em que a massa monetária acumulada até 353 é formada essencialmente por moeda emitida entre 330 e 348. Este é um dado que iremos observar ainda nos tesouros mais tardios de entre Douro, Ave e Tâmega.

O período da reforma de 348-350, com a introdução por Constantius II das novas moedas com os módulos $\text{Æ}2$ e $\text{Æ}3$ do tipo FEL TEMP REPARATIO, encontra-se aqui muito mal documentado. Este facto, constatável em todos os tesouros desta região, pode ser explicado, como já vimos, por uma possível desmonetização levada a cabo por Magnentius, com recunhagens destas peças, que por sua vez terão desaparecido com a desmonetização de 354, em que foram recolhidas, refundidas e recunhadas as moedas do usurpador.

Também a ausência absoluta de moeda entre 361 e 363 constatada nestes tesouros, correspondente aos reinados de Iulianus *Augustus* e Iovianus, pode ser devida ao facto de, sendo espécies relativamente pesadas, terem sido rapidamente desmonetizadas e refundidas¹⁹⁹. O mesmo é possível verificar em *Conimbriga*²⁰⁰, onde em 3665 moedas apenas aparecem 6 de Iulianus como *Augustus*, que não ultrapassam o ano de 361.

Um dado a ter em conta, é o aparecimento de algumas moedas de imitação englobadas nestes tesouros, fundamentalmente no conjunto de Monte Mózinho I e no de Carvalho.

As imitações encontradas no conjunto de Monte Mózinho I são, como assinala I. Pereira²⁰¹, 3 moedas do tipo VICTORIAE LAETAE PRINC PERP, 3 do tipo PROVIDENTIAE AVG e 1 CAESARVM NOSTRORVM, cujo fabrico está provavelmente ligado à redução ponderal do *nummus* para 3 gr. em 324-25²⁰². Uma das VICTORIAE LAETAE (nº 18) é uma imitação da casa da moeda de Treveri, sendo as outras duas (nº 22 e 23) peças de mau estilo. Das moedas do tipo PROVIDENTIAE AVG ou CAESS, duas delas (nº 25 e 29) são peças de bom estilo, apesar da estilização do desenho, sendo a terceira

¹⁹⁸ J.-P. Callu, Rôle et distribution des espèces de bronze de 348 a 392, *Imperial Revenu, Expenditure and Monetary Policy in the Fourth Century A.D.*, (BAR Internacional Series 76), 1980, pp. 44-45.

¹⁹⁹ Cfr. *op. cit.* nota anterior, p.42.

²⁰⁰ Isabel Pereira, J. P. Bost, Jean Hiernard, *Fouilles de Conimbriga, III. Les Monnaies*, Paris, 1974, p. 260.

²⁰¹ Isabel Pereira, Achados Monetários do Monte Mózinho, Penafiel, *Conimbriga*, XII, Coimbra, 1974, p. 75-166. A publicação original deste conjunto (Tesouro A) não inclui o peso das moedas, o que permitiria comparações com as moedas cunhadas legalmente.

²⁰² George C. Boon, Counterfeit coins in Roman Britain, *Coins and the Archaeologist*, (BAR 4), 1974, pp. 128-129.

(nº 24) de muito mau estilo e recunhada. A moeda do tipo CAESARVM NOSTRORVM é uma imitação da oficina de Roma, de muito bom estilo.

No tesouro de Carvalho, encontrámos apenas 2 imitações nas 161 moedas analisadas, dos tipos GLORIA EXERCITVS (1 estandarte) e FEL TEMP REPARATIO (FH3), já descritas por Ruy de Serpa Pinto²⁰³, designando-as como “cópias bárbaras”. A primeira moeda imita as cunhagens de 335-340 e apresenta um módulo de 12 mm, pelo que pode ser apelidada de “*minimi*”, com um peso aproximado da moeda FEL TEMP REPARATIO (1,66 gr. e 1, 84 gr., respectivamente), podendo-se supôr a sua contemporaneidade de fabrico e circulação²⁰⁴.

Não são conhecidos muitos tesouros constituídos por moeda emitida a partir de 317 e que terminem com moeda cunhada até 361. Em Portugal, o único tesouro constantiniano integralmente publicado, até ao momento, é, como já vimos, o de *Conimbriga C*²⁰⁵, que apresenta algumas diferenças em relação aos tesouros de entre Douro, Ave e Tâmega, a deixar supôr a existência de assimetrias regionais em termos de circulação e preferências de entesouramento.

Quadro 24 - Distribuição percentual de moedas por períodos de emissão em tesouros constantinianos

	<317	317-30	330-35	335-37	337-41	347-48	348-50	351-56	357-58	358-61
Monte Mózninho 1		100								
Sanfins 2				12,63	29,47	52,63				
Q. de Vilar D'Allen			11,11	11,11	11,11	44,44			11,11	
Carvalho			0,62	1,24	22,36	41,61	0,62	20,49	3,72	6,21
Conimbriga C	3,84				15,38	38,46			38,40	

²⁰³ Entre as 161 moedas depositadas nos IAMC por nós analisadas, encontram-se 2 moedas de imitação que correspondem exactamente à descrição deixada por Serpa Pinto, pelo que deduzimos que o lote de 40 exemplares inicialmente descritos por este investigador faz parte deste conjunto. Cfr. catálogo, pp. 23-24.

²⁰⁴ Cfr. J.-J. Cabarrot e D. Nony, *Monnaies fausses et circulation monétaire a Bordeaux au IVe siècle, Mélanges de Numismatique, d'Archéologie et d'Histoire offerts à Jean Lafaurie*, Paris, 1980, p. 55. Os autores propõem a contemporaneidade de fabrico e circulação destas moedas, como, aliás, J.-P. Callu, afastando-se deste no que diz respeito às causas que terão levado ao aparecimento destas imitações: enquanto Callu situa entre 354 e 358 a prática de uma segunda fase de fabrico destas imitações nas regiões onde há rarefação de moeda oficial, aparecendo então como “moeda de necessidade”, Cabarrot e Nony põem a hipótese de se tratar de moeda “tolerada”, dado em 353 os tipos de moeda anterior estarem ainda em circulação, as imitações serem feitas a partir de todos os tipos que circulavam em bolhão e a crise que atravessava o Império favorecer este fenómeno. Cfr. ainda J.-P. Callu, *Denier et nummus (300-354), Les dévaluations à Rome, époque républicaine et impériale* (Rome, 1975), Paris, 1978, pp. 107-121.

²⁰⁵ Isabel Pereira, J. P. Bost, Jean Hiernard, *Fouilles de Conimbriga, III. Les Monnaies*, Paris, 1974, pp. 325-326. O tesouro de *Conimbriga C*, constituído por 26 moedas, é citado incorrectamente por J. P. C. Kent em *RIC VIII*, p. 87, onde aparece com apenas 24 moedas.

É certo que as diferenças verificadas nas percentagens entre os tesouros constantinianos por nós estudados e o tesouro de *Conimbriga C*, como se observa no quadro 24, se poderiam ficar a dever ao facto da reduzida amostra que este constitui - apenas 26 moedas-, mas o mesmo acontece com o conjunto da Quinta de Vilar D'Allen.

É difícil estabelecermos comparações com outras regiões do Império²⁰⁶, onde os tesouros que terminam com moeda até 361 apresentam, geralmente, estruturas completamente diferentes, excepção feita ao tesouro de Silchester VI (Grã-Bretanha)²⁰⁷, que é extremamente parecido com o de Citânia de Sanfins 2. Contudo, os tesouros constantinianos da Grã-Bretanha, conforme se deduz pelos dados apresentados por Callu²⁰⁸ e por Kent²⁰⁹, apresentam geralmente uma distribuição mais equilibrada nos períodos 330-35, 335-37, um aumento significativo em 347-348, uma maior abundância de numerário em 351-53, 354-56, não registando moeda para os anos 358-361. Os tesouros do norte da Gália denotam algumas semelhanças com os tesouros britânicos, verificando-se no sul algumas diferenças no processo de entesouramento, demonstradas no tesouro de L'Estrade (Mireval)²¹⁰, que o aproximam mais de *Conimbriga C* que dos tesouros da nossa região, apesar da diferença quantitativa da amostra. Mesmo o tesouro de Caldas de Reyes I (Pontevedra, Galiza)²¹¹, no noroeste Peninsular, é constituído de uma forma diferente, apresentando moeda do século III (3,17%), percentagens muito baixas de aprovisionamento para os períodos 337-341 (9,52 %) e 347-348 (27%), aproximando-se dos valores por nós constatados no tesouro de Carvalho para o período 351-361 (30,15%).

Retiradas da massa circulante, as moedas que constituem os 4 tesouros constantinianos de entre Douro, Ave e Tâmega são maioritariamente provenientes das casas da moeda ocidentais (61,2%), cabendo aos centros emissores do oriente 16,6 %. Os centros emissores Balcânicos estão escassamente representados, com apenas 3 moedas (1,03%) não tendo sido possível determinar a proveniência de 61 exemplares (21, 1%), dado o estado de obliteração total do seu exergo ou mesmo da totalidade do reverso (quadro 25).

²⁰⁶ Cfr. J.-P. Callu, Rôle et distribution des espèces de bronze de 348 a 392, *Imperial Revenue, Expenditure and Monetary Policy in the Fourth Century A.D.*, (BAR Internacional Series 76), 1980, pp. 65-67. Este autor analisa os dados de 72 tesouros constantinianos, 46 dos quais depositados até 354, e os outros 26 depositados entre 355 e 363. É entre estes últimos que situa a deposição de *Conimbriga C* e Monte Mózinho I (o tesouro A de I. Pereira), este último ainda sem as necessárias rectificações.

²⁰⁷ Cfr. J. P. C. Kent, *RIC*, VIII, London, 1981, p. 84.

²⁰⁸ *Op. cit.* nota 203 e Jean-Pierre Callu, Inventaire des trésors de bronze Constantiniens (313-348), *Numismatique Romaine, Essais, recherches et documents*, XII, Wetteren, 1981, p. 13-22.

²⁰⁹ Cfr. J. P. C. Kent, *op. cit.* nota 204, pp. 78-111. De realçar que Kent verifica que, na Grã-Bretanha, a distribuição por períodos e por casas da moeda de todo o numerário aí entesourado entre 318 e 364 corresponde, duma forma estreita, à distribuição verificada no somatório das várias séries de moedas perdidas, nos mesmos anos, em sítios e estações escavados arqueologicamente.

²¹⁰ G. Depyrot et M. Passelac, Le trésor et les monnaies de L'Estrade (IVe. siècle après J.-C.), *Trésors Monétaires I*, Paris, 1979, pp. 93-107, também citado em *RIC VIII*.

²¹¹ F. Fariña Busto, Tres Tesorillos del siglo IV procedentes de la provincia de Pontevedra, *Estudios de numismática romana*, I, BSAA, (*Studia Archaeologica*, 19), Valladolid, 1973, pp. 249-266.

Quadro 25 - Distribuição por casas da moeda e por períodos

	317-30	330-35	335-37	337-41	347-48	348-50	351-54	354-56	351-56	357-58	358-61	330-61	TOTAL
LONDINIUM	1												1
TREVERI	3			9	6								18
LUGDUNUM	1		2	1	10					1			15
ARELATE	3		3	15	29					4		2	56
TICINUM	1												1
ROMA	3		4	19	10		2	1			2	1	42
SISCIA						1		1					2
AQUILEIA					2		3			1			6
THESSALONICA	1												1
HERACLEA				1	1								2
CONSTANTINOPOLIS				3	2		1	1					7
NICOMEDIA	1	1	2	1	1		2						8
CYZICUS	1			1	2			2					6
ANTIOQUIA					3								3
ALEXANDRIA				1									1
CM OCIDENTAL				1	37								38
CM ORIENTAL				4	17								21
INDETERMINADA	9		5	9		1		1	19	1	8	8	61
TOTAL	24	1	16	65	121	1	9	5	19	7	10	11	289

Entre as casas da moeda ocidentais, destacam-se os centros emissores gauleses como principais fornecedores de moeda aprovisionada nestes tesouros (30,8%), e, entre estes, destaca-se Arelate, que, com 56 moedas, representa 19,4% do total, cabendo o restante a Treveri (18 ex.) e Lugdunum (15 ex.). Dos centros emissores itálicos registamos 49 exemplares (17%), sendo Roma a segunda casa da moeda aqui representada, com 42 numismas (14,5%), a que se segue Aquileia com 6. Ticinum, encerrado provavelmente em 327²¹², e Londinium, encerrado em 325/26, aparecem apenas com um exemplar cada, provenientes do tesouro de Monte Mózinho I, o único que apresenta moeda anterior a 330. O tipo VICTORIAE DD AVGG Q NN permite atribuir a centros emissores ocidentais, embora não identificados, 37 exemplares (13,14%) cujo exergo se encontra ilegível.

Do oriente aparecem-nos 48 moedas, das quais 27 se encontram distribuídas por 6 centros emissores, em que se destaca Nicomédia com 8 exemplares (2,7%), seguida de

²¹² Cfr. P.V. Hill and J.P.C. Kent, *LRBC*, p. 13.

Constantinópolis com 7 (2,4%) e Cyzicus com 6 (2%), sendo também possível atribuir genericamente uma proveniência oriental a 21 exemplares (7,2%), baseados no tipo do seu reverso.

Parece verificarem-se, entre Douro, Ave e Tâmega e durante o período constantiniano, dois modelos de entesouramento: o primeiro, representado pelo conjunto de Monte Mózinho I e provavelmente pelo tesouro do Monte do Senhor dos Perdidos, formado inteiramente por moeda anterior à reforma de 330, visto ainda aí não se registarem moedas da série GLORIA EXERCITVS, mas posterior à desvalorização de 317/18; o segundo modelo pode ser caracterizado por reflectir, inicialmente, uma forte inflação, traduzida num razoável afluxo de moeda nos anos 337-340 seguido de uma verdadeira inundação do mercado nos anos de 347-348, testemunhada pelo tesouro da Citânia de Sanfins 2, ocultado pouco depois. A partir daqui, parece notar-se uma pequena redução na velocidade de circulação de moeda, constatável no tesouro de Carvalho e, apesar de tudo, na pequena amostra da Quinta de Vilar D'Allen, em que o peso da moeda emitida entre 347-48 ainda se sobrepõe ao de toda a década seguinte, durante a qual a *damnatio memoriae* de Magnentius e a desmonetização de 354 fazem prevalecer o Æ3 do tipo FEL TEMP REPARATIO (FH).

CAPÍTULO 4

TESOUROS TARDIOS

A reforma monetária levada a cabo por Valentinianus I nos inícios do seu reinado privilegia emissões com o módulo $\text{Æ}3$, de menor peso, é certo (2,3-2,4 gr.), mas aumentando ligeiramente o seu teor em prata, que passa a ser de 4,7 mg., o que contrasta com a moeda dos últimos 5 anos ²¹³. Gratianus, em 378, desvaloriza a moeda, reduzindo o peso do $\text{Æ}3$ para 2, 25 gr. e acrescenta um novo módulo $\text{Æ}4$ com 1,2 gr., como já vimos. Depois da morte de Gratianus assistimos ao desaparecimento do $\text{Æ}3$, Magnus Maximus reintroduz o $\text{Æ}2$, mas, a partir de 388 é o $\text{Æ}4$ de pequeno módulo que se começa a impôr na circulação corrente.

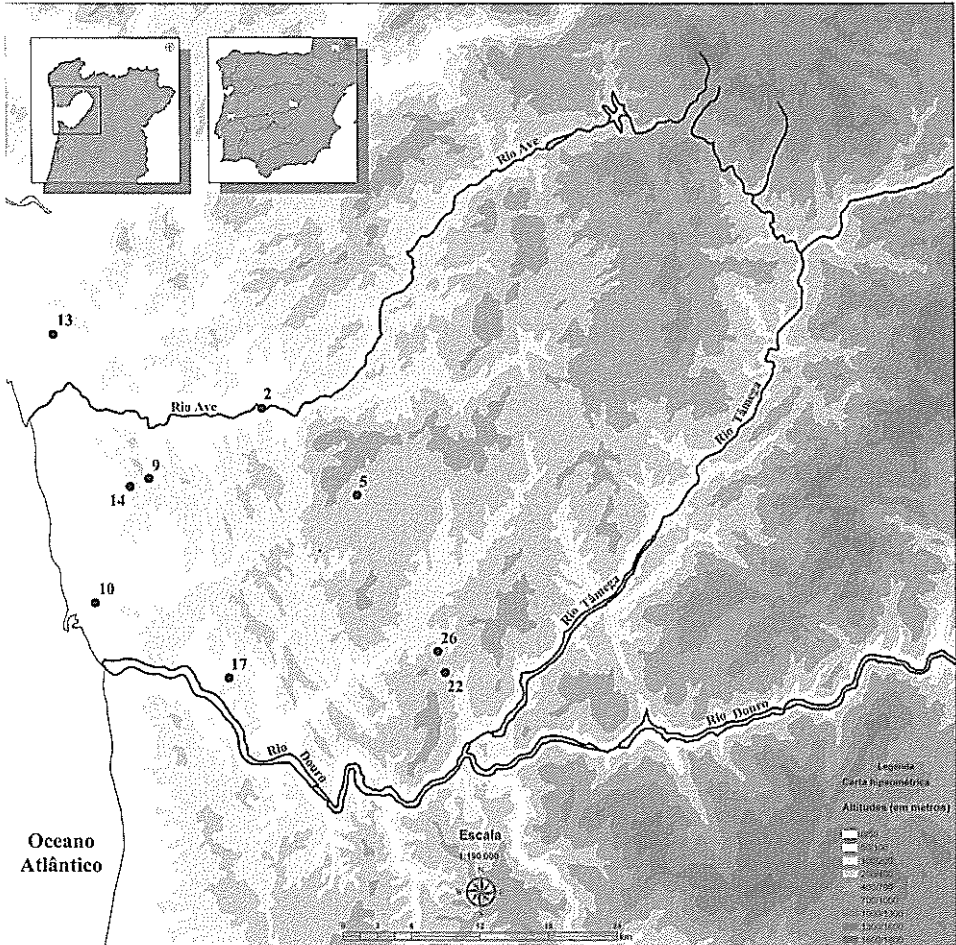
Entre Douro, Ave e Tâmega estudámos 9 tesouros que integram moeda dos três módulos $\text{Æ}2$, $\text{Æ}3$ e $\text{Æ}4$, emitida desde o reinado de Valentinianus I, para além de fortes percentagens do período anterior, e recenseámos as notícias do aparecimento do tesouro do Monte da Mourinha, que refere na sua composição moeda de Theodosius, bem como o achado do Castro de Abujefa 2, descrito sumariamente como idêntico ao da Quinta do Bairro, o que totaliza 11 tesouros posteriores a 378 encontrados nesta região.

Quadro 26 - Distribuição de moeda por períodos nos tesouros tardios - %

	260- 294	294- 313	313- 30	330- 35	335- 37	337- 41	347- 48	348- 50	351- 56	357- 58	358- 61	361- 64	364- 78	378- 83	383- 408	408- 455
Guilhabreu			7,69		15,38		15,38		7,69		23,07		30,76			
Bouças dos Chãos	0,20			3,51	5,37	14,46	33,67	0,61	16,52	5,99	7,85		3,71	1,85	5,16	
Castro da Vila	1,08		0,18	0,54	1,62	2,88	18,01		16,93	7,02	19,27	0,54	14,77		7,38	
Alvarelhos 2	0,32		0,32	1,14	2,77	14,37	23,36		15,84	4,08	5,88		5,39	2,61	6,37	
Guifões	1,38			1,38	3,22	12,44	18,89		20,73	3,68	12,90	0,46	7,37		1,84	
Terroso	2,65				2,65	13,27	13,27		19,46	5,30	15,04		7,07	1,76	13,27	
Monte Crasto	0,71	0,24	0,24	0,97	3,40	20,38	27,91	0,48	18,44	4,12	5,58	0,24	7,03	1,69	6,06	0,24
Monte Mózinho 2	3,20				7,20	9,60	30,40		18,4	8,80	11,2		3,20		1,60	
Quinta do Bairro	2,94		2,94	8,82	8,82	23,52	5,88	2,94	5,88		2,94		29,41		5,88	

²¹³ Cfr. Roger S. Bagnal, *Currency and inflation in fourth century Egypt*, (Bulletin of the American Society of Papyrologists, Supplements, 5), 1985, p. 46.

Tesouros monetários Baixo-Imperiais entre Douro, Ave e Tâmega



- 2 - Bouças dos Chãos
- 5 - Castro da Vila
- 9 - Castro de Alvarelhos
- 10 - Castro de Guifões
- 13 - Cidade de Terroso
- 14 - Guilhabreu
- 17 - Monte Crasto
- 22 - Monte Mózinho
- 26 - Quinta do Bairro

Figura 5 - Carta de dispersão dos Tesouros Tardios

Se para J.-P. Callu²¹⁴ os tesouros com moeda entre 364 e 392 são considerados *valentinianos*, já Delmaire e Reece²¹⁵ apelidam de *teodosianos* aqueles que, apesar de na sua maioria serem posteriores à morte de Theodosius I, denotam forte incorporação (de 83 a 95%) de *Æ4* da época de Theodosius I e dos seus filhos.

Na perspectiva de Callu, apenas o tesouro de Guilhabreu poderia ser classificado como *valentiniano*: terminando com uma percentagem elevada de moedas emitidas entre 364 e 378, deveria ter sido ocultado pouco depois desta data. Porém, a estrutura deste tesouro, que analisaremos à frente, coloca alguns problemas, entre os quais uma percentagem elevada de *Æ4* do tipo SPES REIPUBLICAE, cujo pequeno módulo se confunde com o do *Æ4* de 388-402, o que poderia indiciar, segundo Reece²¹⁶, um entesouramento tardio, já no século V.

Por sua vez, todos os outros tesouros, apesar de integrarem alguma moeda de Theodosius I, Arcadius ou Honorius, não são constituídos maioritariamente pelos pequenos *Æ4* teodosianos, pelo que não lhes poderíamos aplicar, *strictus sensus*, a terminologia de Reece, a não ser que o entesouramento nesta região possuía outras características, talvez devido a um modelo de circulação diferente do verificado na Grã-Bretanha ou na Gália do noroeste. Aliás, esse facto é referido para a Hispânia²¹⁷, onde certas regiões devem ter sentido dificuldades de aprovisionamento, registando-se nos tesouros de entre Douro, Ave e Tâmega, por exemplo, uma grande rarefacção dos módulos *Æ2*, uma razoável continuidade dos módulos *Æ3* e uma relativa abundância dos módulos *Æ4*. Ora não acreditamos numa clara preferência dos entesouradores pelos módulos *Æ3* e *Æ4* se houvesse grande disponibilidade de moedas *Æ2*, mais pesadas, em circulação corrente. Desmonetizadas ou havendo dificuldades na sua chegada a esta região, a verdade é que 6 tesouros desta época contêm apenas um total de 32 moedas deste módulo²¹⁸.

²¹⁴ Cfr. J.-P. Callu, Rôle et distribution des espèces de bronze de 348 à 392, *Imperial Revenue, Expenditure and Monetary Policy in the Fourth Century A. D.*, (BAR International Series, 76), 1980, pp. 41-93.

²¹⁵ Cfr. R. Reece, Numerical aspects of Roman coin hoards in Britain, *Coins and the Archaeologist*, (BAR 4), London, 1974, p. 92, assim como R. Delmaire, Un trésor d'ÆS 4 au Musée de Boulogne-sur-Mer (Notes sur la circulation monétaire en Gaule du Nord au début du V.e siècle), *Trésors Monétaires*, V, Paris, 1983, pp. 142-147.

²¹⁶ O facto de rarearem as moedas de maior módulo - *Æ2* e *Æ3* - nos tesouros tardios, acompanhado de significativas presenças do tipo SPES REIPUBLICAE, e do facto destas pequenas moedas estarem praticamente ausentes dos sítios escavados arqueologicamente na Grã-Bretanha, levam Reece a esta conclusão. R. Reece, *op. cit.* nota 212 p. 93.

²¹⁷ J.-P. Bost, Marta Campo y J. M. Gurt, La circulation monétaire en Hispania durante el período Romano-Imperial: problemática y conclusiones generales, *Symposium Numismatico de Barcelona*, II, Barcelona, 1979, pp. 180-181.

²¹⁸ Os tesouros que apresentam moedas deste módulo são os de Bouças dos Chãos, Castro da Vila, Alvarelhos 2, Guifões, Monte Crasto e Quinta do Bairro, que representam uma amostra estatística de 2.314 moedas, pelo que a presença de *Æ2* emitidos após 348 significa apenas 1,38 % do total. Se nos restringirmos aos *Æ2* do tipo REPARATIO REIPVB e GLORIA ROMANORVM (var. 18 do LRBC), a percentagem é de 0,99 %.

Esta é uma diferença em relação ao que se conhece sobre a circulação monetária na Lusitânia nos finais do século IV, principalmente através das moedas de *Conimbriga*²¹⁹ e de alguns tesouros a sul do Douro²²⁰, notando-se também grandes diferenças para o sul de Portugal²²¹. Por tudo isso, talvez seja preferível, quando abordamos os conjuntos com as características atrás descritas, utilizar apenas o termo “tesouros tardios”, uma vez que ocultados nos finais do século IV e mais provavelmente ao longo do século V, dos quais o tesouro de Monte Crasto será o que melhor datação proporciona.

— **Guilhabreu** (*inv. n.º 14*)

O conjunto de 13 moedas pertencentes ao tesouro de Guilhabreu coloca algumas questões, a primeira das quais tem a ver com o tamanho reduzido da amostra a analisar, principalmente havendo notícias que este tesouro era constituído por algumas centenas de moedas. Não sabemos até que ponto esta amostra é aleatória, e nesse caso mínimamente representativa, ou traduz apenas uma escolha reservada a oferta. De qualquer forma, estas 13 moedas encerram toda a informação disponível neste momento sobre o achado de Guilhabreu.

As balizas cronológicas deste conjunto são uma moeda emitida sob Constantinus II *Caesar* em 326-27 e uma moeda de Gratianus emitida em Roma entre 375 e 378, pelo que se poderia pensar numa data provável de ocultamento pelos inícios dos anos 80 do século IV, dado não aparecerem aí incluídos os pequenos módulos *Æ4* típicos do período teodosiano. Estaríamos, assim, perante um tesouro que, seguindo Callu, classificaríamos de “valentiniano”, apesar das discrepâncias que apresenta para os tesouros valentinianos de outras regiões do Império, em que a percentagem de moeda emitida entre 364-378 varia normalmente de 70 a 87%, enquanto as emissões dos *Æ4 SPES REIPVBLICE* raramente ultrapassam os 10% do total. Ora esta amostra apresenta uma percentagem de moeda de pequeno módulo, emitida entre 358-361, anormalmente elevada (23,07%), apenas comparável com a do tesouro valentiniano de El Kab (Norte de África), com 21, 5%, que revela, contudo, uma percentagem de moedas da série *FEL TEMP REPARATIO* da ordem dos 34,7%, o que parece indiciar uma certa continuidade do entesouramento. Não é o caso na amostra do tesouro de Guilhabreu, com uma percentagem de moeda anterior a 348 da ordem dos 38%, e apenas 7,69% de moedas emitidas entre 348 e 356, só comparável com

219 I. Pereira, Jean-Pierre Bost, Jean Hiernard, *Fouilles de Conimbriga, III. Les Monnaies*, Paris 1974, pp. 289-308.

220 O tesouro 1 de Fiães, por exemplo, integra cerca de 62 % de *Æ2* do tipo *REPARATIO REIPVB*, enquanto o tesouro 2 já só apresenta uma moeda deste módulo, de Arcadius (2.2 %). Rui M. S. Centeno, *Numismática de Fiães: dois tesouros do Baixo-Império*, *Numisma*, 138-143, 1976, pp. 171-185.

221 Cfr., por exemplo, os tesouros de Sismaria (Albufeira) e Santo Estêvão, (Silves), no Algarve, citados nas *Fouilles de Conimbriga*, pp. 305-306.

o tesouro da Quinta do Bairro, que, contudo, apresenta moeda do período 383-408. Apesar da ausência de moeda posterior a 378, mantendo algumas reservas devido ao reduzido da amostra e à sua fiabilidade, parece-nos encontrar uma estrutura parecida à da maioria dos tesouros tardios desta região, pelo que situaríamos o seu ocultamento numa fase mais tardia, pelos últimos anos do século IV, mais provavelmente pelos inícios do século V, em que as moedas de pequeno módulo do tipo SPES REIPVBLICE seriam ainda perfeitamente aceitáveis, pelo menos para entesouramento, e o que justificaria o estado de profundo desgaste que a maioria destas moedas evidencia em quase todos os tesouros que estudámos nesta região, sendo muitas delas apenas identificáveis iconograficamente.

Constantius II parece ser o governante mais representado (4 exemplares perfeitamente identificados, dois dos quais enquanto *Caesar*), tendo sido possível também identificar com segurança moedas emitidas sob Valens e Gratianus (1 moeda cada), ficando a dúvida em mais duas moedas sobre a representação de Valentinianus I e Valentinianus II.

Quadro 27 - Governantes por Casas da Moeda

	Tr	Lvg	Ar	R	Sis	Aq	Th	H	Con	Ni	Cyz	Ant	Ale	Oc.	Or.	Ind.	Total
<i>Vrbs Roma</i>				1													1
Constantius II (c)	1				1												2
Constantius II		1	1														2
Cs ou Cn														1			1
Cs ou J																3	3
Valens										1							1
Gratianus				1													1
V1 ou Vn													1				1
V1, Vn, Gr ou V2																1	1
Total	1	1	1	2	1	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0	4	13

A exiguidade da amostra não permite tecer grandes considerações sobre este conjunto, para mais desconhecendo-se a forma como foi obtida, limitando-nos a constatar que são os pequenos $\text{Æ}4$ constantinianos do tipo SPES REIPVBLICE as moedas mais abundantes neste conjunto, com 3 exemplares (23%), juntamente com os $\text{Æ}3$ valentinianos SECVRITAS REIPVBLICAE (3 moedas, 23%). Os reversos do tipo VICTORIAE DD AVGG Q NN estão também presentes (15,38%), representando um módulo que tem continuidade na época valentiniana, bem como as séries emitidas entre 348 e 358 do tipo FEL TEMP REPARATIO, cuja série *falling horseman*, nas suas variantes, costuma aparecer largamente representada nos tesouros da segunda metade do século IV e dos princípios do V, sendo ainda de referir uma moeda do tipo GLORIA ROMANORVM (variante 8 de LRBC). Resta acrescentar que as moedas mais antigas deste tesouro são do tipo PROVIDENTIAE CAESS, VRBS ROMA e GLORIA EXERCITVS (1 est.), com um exemplar cada, todas anteriores a 337.

Quadro 28 - Reversos por Casas da Moeda

	Tr	Lvg	Ar	R	Sis	Aq	Th	H	Con	Ni	Cyz	Ant	Ale	Oc.	Or.	Ind.	Total
PROVIENTIAE CAESS					1												1
GLORIA EXERCITVS 1 est.	1																1
<i>Loba com gémeos</i>				1													1
VICTORIAE DD AVGG Q NN		1												1			2
FEL TEMP REPARATIO (FH3)			1														1
SPES REIPVBLICE																3	3
GLORIA ROMANORVM (8)										1							1
SECVRITAS REIPVBLICAE				1									1			1	3
TOTAL	1	1	1	2	1	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0	4	13

As casas da moeda ocidentais são responsáveis pela emissão de 46% (6 ex.) das moedas deste conjunto, onde se destacam os centros emissores gauleses, com 23% do numerário, numa repartição uniforme por Treveri, Lugdunum e Arelate (1 ex. cada). Dos centros itálicos apenas nos aparece Roma que é, individualmente, o centro emissor melhor representado, com duas moedas (15,3%). Siscia é a única casa da moeda balcânica que aqui nos aparece, com uma moeda, estando os centros emissores orientais representados no numerário deste conjunto apenas por Nicomedia e Alexandria, com uma moeda cada. Não foi possível determinar a proveniência de 4 exemplares (30,7%), dos quais três correspondem a reversos do tipo SPES REIPVBLICE e o outro a uma SECVRITAS REIPVBLICAE.

Quadro 29 - Distribuição por centros emissores e por períodos de emissão

	260-94	317-30	330-35	335-37	337-41	347-48	351-54	354-56	358-61	361-64	364-78	TOTAL
TREVERI				1								1
LUGDUNUM						1						1
ARELATE								1				1
ROMA				1							1	2
SISCIA		1										1
NICOMEDIA											1	1
ALEXANDRIA											1	1
CM OCIDENTAL						1						1
CM IND.									3		1	4
TOTAL	0	1	0	2	0	2	0	1	3	0	4	13

O período que encerra com a morte de Valens (364-378) é o que apresenta um maior número de exemplares entesourados neste conjunto (30,7%). Ao mesmo tempo, é de notar a inclusão de uma moeda anterior a 330 e duas do período 335-337, sendo de referir a ausência de exemplares emitidos entre 337-341, tão comuns noutros tesouros tardios desta área.

— **Bouças dos Chãos** (*inv. n.º 2*)

O tesouro de Bouças dos Chãos compunha-se, como vimos, de 1209 moedas, das quais foram estudadas 484, o que corresponde a cerca de 40% do total. A moeda mais antiga deste tesouro é uma emissão póstuma e de consagração do imperador Claudius II, datada de 270, facto corrente em entesouramentos tardios do século IV e até do século V, sendo as moedas mais recentes do tipo SALVS REIPVBLICAE, cuja emissão se estende até 402²²². Pode-se atribuir a ocultação deste conjunto, apesar da ausência de moedas de Honorius, aos primeiros anos do século V, provavelmente conotada com as invasões de Vândalos e Suevos em 409. Este seria então um tesouro *teodosiano*, na linha de Delmaire, apesar de não evidenciar grandes quantidades de *Æ4 post 383*, o que terá certamente a ver com um modelo de circulação diferente nesta região da *Callaecia*, talvez mais influenciada pelas relações do comércio marítimo e terrestre com o sul da Gália, como parece demonstrar a preponderância de moeda do centro emissor de Arelate.

Sendo largamente maioritário o numerário emitido entre 335 e 361, é natural que sejam Constantius II e Constans os governantes mais representados, respectivamente com 183 e 139 moedas, correspondendo, no seu conjunto, a 66,5% do total de moedas identificadas no tesouro, ao que acresce o facto de no manuscrito que serviu de base à classificação se referir que a maior parte das 725 moedas em mau estado de conservação e não descritas pertenciam aos reinados de Constantius II e Constans.

²²² Cfr. *supra*, *op. cit.* nota 69.

Quadro 30 - Governantes por Casas da Moeda

	Tr	Lug	Ar	R	Sis	Aq	Th	C	Ni	Cyz	Ant	Oc.	Or.	?	Total	Total %
<i>Divo Claudio</i>				1											1	0,21
Constantinus I	5		13	8				1			2	2	2	9	43	8,88
C II, Constantius II, Constans (337-340)	34	10	46	33	1	1		3	3		20	50	21	19	241	49,79
Cs ou Cn (340-358)														1	1	0,21
Magnetius	1													1	2	0,62
Constantius II (350-361)		1	29	41	4		3			6				58	142	29,13
Iulianus II										1				1	2	0,42
Valentinianus I, Valens e Gratianus			10	1	9									3	23	4,75
Valentinianus II, Theodosius I e Arcadius			10		5				5	1		1	2	5	29	5,99
TOTAL	40	11	108	84	19	1	3	4	8	8	22	53	26	97	484	
TOTAL %	8,2	2,3	22,3	17,3	3,9	0,2	0,6	0,8	1,7	1,7	4,6	11,0	5,4	20		100

O numerário de Constans, reflectindo o seu governo da *pars occidentalis* do Império, reparte-se fundamentalmente pelos tipos GLORIA EXERCITVS (1 est.) e VICTORIAE DD AVGG Q NN, largamente maioritários até 348, aparecendo ainda moedas do tipo FELTEMPREPARATIO (*Fenix*) emitidas entre 348-350. Até esta altura, o numerário de Constantius II representado neste tesouro, repartindo-se pelos mesmos tipos, é inferior em cerca de 50% ao de Constans, tornando-se maioritário após a sua morte com os tipos FELTEMPREPARATIO (*falling horseman*) e SPES REIPUBLICAE.

O quadro 30, transcrito do trabalho de J. P. Barbosa²²³, não mostra fielmente a repartição das moedas por governante, uma vez que o critério que presidiu à sua elaboração foi o de distribuição de emissões por reinado e não o critério por nós adoptado de contabilizar as moedas atribuídas aos governantes representados no seu anverso, o que permite fazer distinções enquanto *Caesares* ou *Augusti* e incluir as séries urbanas, como vimos atrás. Assim, por exemplo, as 43 moedas atribuídas a Constantinus I repartem-se entre Constantinus II, Constantius II e Constans *Caesares*, além de Delmatius *Caesar* e das séries VRBS ROMA e CONSTANTINOPOLIS. O mesmo se verifica com as moedas atribuída a Constantius II, que compreendem o numerário de Gallus bem como 11 moedas de Iulianus *Caesar*.

²²³ João Paulo de Guinéa Barbosa, Um tesouro tardi-romano de Cabeçudos (V. N. de Famalicão), *La Moneda Hispánica: Ciudad y Territorio, Actas del I EPNA* (Madrid, 1994), *Anejos AEspA*, XIV, Madrid, 1995, pp. 245-252.

Não são muito correntes nesta área as moedas emitidas durante a usurpação de Magnentius, que está documentada neste conjunto através de 2 moedas do tipo VICTORIA DD NN AVG ET CAESS, uma delas emitida em Treveri e a outra em centro emissor indeterminado, mas necessariamente ocidental. Os Æ2 de Magnentius foram rapidamente desmonetizados por Constantius II em 354 e a sua circulação proibida²²⁴.

O numerário emitido pela casa de Valentinianus I e durante os reinados de Theodosius I e Arcadius representa apenas cerca de 10,74 % do total das moedas analisadas, parecendo reflectir um menor grau de aprovisionamento. A usurpação de Magnus Maximus, que entre 383 e 388 controlou a Grã-Bretanha, a Gália e a Hispânia, juntando-lhes mais tarde a Itália, está documentada através de uma moeda do seu filho Victor²²⁵, que elevou a Augusto em 387.

Os tipos de reverso mais representados neste tesouro são GLORIA EXERCITVS (1 est.), com 69 exemplares equivalentes a 14,2 % do total, VICTORIAE DD AVGG Q NN com 127 exemplares (26,2%) e FEL TEMP REPARATIO (FH3) com 108 (22,3%), correspondentes aos períodos inflacionários em que o numerário parece chegar maciçamente a esta região. Devem corresponder também aos tipos mais usados na circulação corrente à época em que este tesouro parece ter começado a constituir-se, além de que os *nummi* GLORIA EXERCITVS e VICTORIAE DD AVGG Q NN evidenciam um módulo praticamente análogo ao Æ3 FEL TEMP REPARATIO (FH3) e aos Æ3 da época valentiniana, o que também deve ter contribuído para a sua aceitação numa circulação mais tardia.

A distribuição dos diversos tipos de reverso pode ser observada no quadro 31, verificando-se ainda um número elevado de Æ4 do tipo SPES REIPVBLICE dos finais do período constantiniano (38 exemplares, 7,8%), cujo curso, como já vimos devia ser corrente nos finais do século IV, conjuntamente com os Æ4 teodosianos do tipo VICTORIA AVGGG e SALVS REIPVBLICAE, representados respectivamente por 13 e 10 exemplares, que totalizam 4,7% do total do tesouro, mas que, somados com os Æ4 das séries VOTA, na realidade equivalem a 63% das moedas *post* 364, o que contrasta com o número relativamente pequeno de Æ3 valentinianos do tipo GLORIA ROMANORVM (5 ex.) e SECVRITAS REIPVBLICAE (11 ex.).

²²⁴ É o que se depreende de *CTh* 9.23.1, que proíbe a circulação das *maiorinae*, identificadas com os grandes Æ2 de Magnentius. Cfr. Roger S. Bagnal, *Currency and inflation in fourth century Egypt*, (Bulletin of the American Society of Papyrologists, Supplements, 5), 1985, p. 44 e R. J. Brickstock, *Copies of the Fel Temp Reparatio Coinage in Britain*, (BAR British Series, 176), 1987, pp. 27-29.

²²⁵ O número de moedas emitidas em nome de Victor aparecidas em tesouros é normalmente superior ao número de moedas emitidas em nome de Maximus durante o seu reinado, o que na opinião de Pearce revela da parte de Maximus uma intenção de garantir para o seu filho uma posição análoga à que Theodosius pretendia para Honorius, isto é, uma associação ao governo que lhes garantisse um futuro reinado. Contudo, não é essa a situação que ocorre nos nossos tesouros, onde constatamos uma única moeda de Victor. Cfr. J. W. Pearce, *RIC IX*, London, 1968, p. xxiii.

Quadro 31- Distribuição de tipos de Reverso por Casas da Moeda

	Tr	Lvg	Ar	R	Sis	Sir	Aq	Th	H	Con	Ni	Cyz	Ant	Aie	Oc.	Or.	Ind.	Total
CONSECRATIO				1														1
GLORIA EXERCITVS 2 est.	1																	1
<i>Loba com gémeos</i>				5													3	8
GLORIA EXERCITVS 1 est.	5	5	13	14						4	1		2			3	22	69
<i>Victoria na proa</i>				3	8										2			13
<i>Imp.vel. quadriga, mão de Deus</i>																7		7
PAX PVBLICA																	2	2
VIRTVS AVGVSTI				2														2
SECVRITAS REIP				14														14
PIETAS ROMANA	2																	2
VICTORIAE DD AVGG Q NN	31	5	37	3	1		1								49			127
VOT/XX/ MULT/XXX											2		20			6		28
VN/ MR																8		8
VICT DD NN AVG ET CAES	1																1	2
FEL TEMP REPARATIO - Fenix														1				1
FEL TEMP REPARATIO - galera				2	41		4					4						57
FEL TEMP REPARATIO - FH3																		108
SPES REIPVBLICE		1	28					3				3					3	38
SECVRITAS REIPVBLICAE				1			9										1	11
RESTITVTOR REIP																	1	1
GLORIA ROMANORVM				4													1	5
SPES ROMANORVM															1			1
GLORIA NOVI SAECVLI				1														1
VOTV											2							2
VOT/X/MVLT/XXX												1				2		3
VOT/XV/MVLT/XX				5														5
VICTORIA AVGGG				10													3	13
SALVS REIPVBLICAE							5				3						2	10
TOTAL	40	11	108	84	1	0	19	3	0	4	8	8	22	0	53	26	97	484

As casas da moeda ocidentais totalizam 65% do numerário analisado neste tesouro, sobressaindo entre elas os centros emissores gauleses (159 exemplares) que, representando metade do abastecimento ocidental, correspondem a 32,8% do total. Arelate, com 108 exemplares (22,3% do total), é o centro emissor mais representado; Treveri, cuja produção termina em 354, aparece com 40 moedas e Lugdunum com apenas 11. Seguem-se, em ordem de importância, as 103 moedas dos centros itálicos, em que Roma é predominante com 84 exemplares (17,3% do total), aparecendo Aquileia com 19. Os centros emissores do oriente, no seu conjunto (68 ex.), representam apenas 14% do numerário, onde se destacam as 22 moedas de Antioquia, que se superioriza a Constantinópolis, a Nicomedia e a Cyzicus. Foram 26 as moedas atribuídas genericamente a casas da moeda do oriente apenas pelo tipo do seu reverso, já que os respectivos exergos se encontravam ilegíveis (5,3%), sendo totalmente impossível identificar a proveniência de 97 exemplares, o que representa 20 % do conjunto.

Quadro 32 - Distribuição por casas da moeda e por períodos de emissão

	260- 294	330- 35	335- 37	337- 41	330- 41	347- 48	348- 50	351- 56	357- 58	358- 61	364- 78	378- 83	383- 395	TOTAL
TREVERI		1	4	3		31		1						40
LUGDUNUM				5		5				1				11
ARELATE		8	5	8		37	1	1		28	5	5	10	108
ROMA	1	8		30		3		41			1			84
AQUILEIA						1		4			9		5	19
SISCIA						1								1
THESSALONICA										3				3
CONSTANTINOPOLIS			1	3										4
NICOMEDIA				1		2						2	3	8
CYZICUS								4		3		1		8
ANTIOQUIA			2			20								22
CM OCIDENTAIS					2	49	1						1	53
CM ORIENTAIS			3	7		14						1	1	26
CM. INDET.			11	13	3		1	29	29	3	3		5	97
TOTAL	1	17	26	70	5	163	3	80	29	38	18	9	25	484
%	0,05	7,02	26,85	48,2	0,93	168,3	3,09	82,64	29,95	24,79	2,65	3,71	4,3	

Verificamos que o período de emissão com maior número de moedas diz respeito aos anos 347-348 com a série ocidental VICTORIAE DD AVGG Q NN e a série oriental VOT/XX/MVLT XXX, a que se somam as moedas de consagração de Constantinus I do

tipo VN-MR. O afluxo de moeda demonstrado neste período em quase todos os tesouros desta região corresponde, como já vimos, a uma política monetária altamente inflacionária, que já vem desde 337-341, em que a subida generalizada dos preços é acompanhada de uma injeção maciça de moeda no circuito monetário²²⁶. A reforma de 348-50, com a introdução dos Æ2 e Æ3 dos tipos FEL TEMP REPARATIO (*Galera e Fénix*) está escassamente representada, apenas com dois exemplares de Constantius II, e que, por terem sido subtraídas à circulação corrente, escaparam às desmonetizações ulteriores. A vulgarização do Æ3 FEL TEMP REPARATIO (*Falling Horseman*) está bem patente no número de moedas respeitantes aos anos 351-358, 109 exemplares correspondentes a 22,5 % do numerário total, assumindo-se neste período como a única emissão em bronze aqui representada.

O período 358-361, com a série SPES REIPVBLICE, está representado com 38 numismas equivalentes a 7,8% do total, sugerindo esta percentagem que a similitude do seu pequeno módulo com os Æ4 teodosianos faz com sejam facilmente integradas em tesouros desta época, quando a falta de moeda provoca o aproveitamento residual de moeda de períodos anteriores, sobretudo moeda constantiniana.

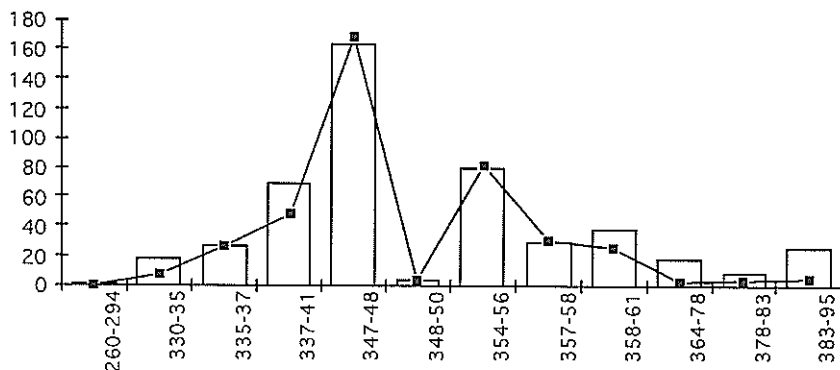
Já no período 364-378 o número de moedas aparece reduzido a menos de metade, facto também verificado noutros tesouros desta região, em que o período aparece representado com percentagens que variam normalmente, entre os 3,20 e os 7,37%, excepção feita ao tesouro do Castro da Vila (14,77%) e à amostra do tesouro da Quinta do Bairro (29,41%) que, sendo muito reduzida em relação ao total original, evidencia valores algo diferentes, sobretudo para os períodos 351-356 e 358-361, como teremos ocasião de ver.

A rarefacção de moeda atrás referida é mais visível durante o período 378-383 (gráfico IV), com especial incidência nos módulos Æ3²²⁷, apenas nos aparecendo 9 Æ4 das séries VOTA de Gratianus e Theodosius I (1,85%), notando-se um maior aprovisionamento no período 383-395, com 25 exemplares (5,6%), também todos eles com o módulo Æ4.

²²⁶ Cfr. Roger S. Bagnal, *Currency and inflation in fourth century Egypt*, (Bulletin of the American Society of Papyrologists, Supplements, 5), 1985, p. 40.

²²⁷ O mesmo sucede na Grã-Bretanha, Gália do Norte e na Lusitânia (Conimbriga), parecendo ser um fenómeno da parte ocidental do Império, dado esta moeda ter sido utilizada fundamentalmente nas campanhas militares e na reconstrução do limes. Cfr. J.-P. Callu, *Rôle et distribution des espèces de bronze de 348 à 392, Imperial Revenue, Expenditure and Monetary Policy in the Fourth Century A. D.*, (BAR International Series, 76), 1980, pp. 49-50.

Gráfico V - Número de moedas por período e variação dos seus fluxos (%)



— **Castro da Vila** (*inv. n.º 5*)

Das cerca de 800 moedas que constituem o tesouro do Castro da Vila, foram já estudados 555 exemplares²²⁸, correspondentes a 70% do total, e cujo catálogo se aguarda para breve, em publicação do Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira).

As moedas mais antigas deste tesouro são *antoniniani* do século III, provavelmente posteriores a Gallienus - foram identificadas com segurança 4 moedas de Claudius II, das quais 2 são consagração já póstuma deste Imperador, emitidas depois de 270. Por sua vez, as moedas mais recentes serão os $\text{Æ}4$ da série SALVS REIPVBLICAE emitidas sob Honorius, e cujo *terminus* de emissão terá ocorrido pelo ano de 402, como já vimos²²⁹, indiciando uma data de ocultamento deste conjunto no século V.

Constituído em cerca de 66% por moeda constantiniana (quadro 33), aparecem apenas 13 moedas anteriores a 337, com representações das séries urbanas de Roma (2 ex.) e Constantinópolis (4 ex.), bem como de Constantinus I (4 ex.) e Helena (1 ex.). Tendo sido a moeda constantiniana deste tesouro emitida essencialmente entre 347 e 364, não é de estranhar que Constantius II seja o governante mais representado nos aversos, sobretudo a partir de 351 nas séries FELTEMPERATIO e SPES REIPVBLICE, com 207 moedas equivalentes a 37,29%, logo seguido por Constans com 57 moedas (10,27%), sendo de

²²⁸ Agradecemos ao Prof. Doutor Rui Centeno a cedência dos dados para o nosso trabalho.

²²⁹ Cfr. *infra*, nota 69, em que seguimos a opinião de R. Delmaire, Un trésor d' $\text{Æ}4$..., se bem que J. P. C. Kent, em *RIC X*, p. 128, não seja tão taxativo, apesar de também colocar esta data, pelo menos para as casas da moeda de Roma e de Aquileia, como limite máximo para o fim desta emissão. Cfr. também J. P. C. Kent, *The coinage of Arcadius (395-408)*, *NC*, 151, London, 1991, p. 49., onde já situava o *terminus* destas emissões "à volta de 400".

notar que em 28 exemplares não se distingue se foram emitidos sob Constantius II ou Constans (5%). Constantius Gallus *Caesar* está representado em 4 moedas.

Iulianus *Caesar* aparece em 46 anversos (8,28%), também da série FEL TEMP REPARATIO mas fundamentalmente do tipo SPES REIPVBLICE, aparecendo em 10 exemplares como *Augustus*, também destes dois tipos, sendo de assinalar a presença, porque rara, de uma moeda de Iovianus ²³⁰, com paralelo apenas no tesouro do Castro de Guifões (ver *infra*).

A casa de Valentinianus I está bastante bem representada, com 82 moedas (14,77%), apesar deste Imperador aparecer em apenas 5 numismas, destacando-se Valens com 27 exemplares (4,9%), sendo na maior parte das moedas impossível distinguir se se trata de Valentinianus I, Valens, Gratianus ou Valentinianus II, tendo sido seguramente identificadas, destes dois últimos imperadores, apenas 4 e 1 moedas, respectivamente. Evidencia ainda este tesouro um Æ2 de Procopius, usurpador no oriente entre os anos 365 e 366.

Foram também seguramente identificadas 35 moedas do período teodosiano, das quais 11 respeitam a Theodosius I (2%), 16 a Arcadius (2,88%), 6 a Honorius (1,08%) e 2, pelo tipo do seu reverso, podem ser atribuídas a Valentinianus II, Theodosius I ou Arcadius.

Não foi possível determinar sob que governante foram emitidas 72 moedas, dado o mau estado dos seus reversos, o que corresponde a 13 % do total do tesouro.

Entre as moedas do século III, os reversos identificados distribuem-se pelos tipos SALVS AVG, FIDES EXERCI, CONSECRATIO (altar) e VIRTVS EXERCIT, todos com um exemplar, não tendo sido possível determinar se uma das moedas com a legenda *Divo Claudio*, a que concerteza corresponderia um reverso também com a legenda CONSECRATIO, teria a representação iconográfica do altar (ou pira), ou a da águia (Quadro 34).

Até 341, como é normal, o tipo de reverso mais corrente é GLORIA EXERCITVS (1 est.), aqui com 17 exemplares, a que temos que acrescentar uma imitação da casa da moeda de Treveri, sendo ainda de referir a presença, aliás habitual, das séries romanas SECVRITAS REIP (2 ex.) e VIRTVS AVGVSTI (1 ex.).

²³⁰ Nos tesouros desta região, os Æ3 de Iulianus e Iovianus como Augustus estão praticamente ausentes, o que se explica, quer pela brevidade do período em que governaram e pelo número reduzido de moedas emitidas, quer pelo facto de, sendo relativamente pesados, terem sido rapidamente desmonetizados e refundidos. Cfr. J.-P. Callu, *Rôle et distribution des espèces de bronze de 348 à 392, Imperial Revenue, Expenditure and Monetary Policy in the Fourth Century A. D.*, (BAR International Series, 76), 1980, p.42.

Quadro 33 - Governantes por Casas da Moeda

	Tr	Lvg	Ar	R	Sir	Aq	Th	H	Con	Ni	Cyz	Ant	Ale	Oc.	Or.	Ind.	Total
Claudius II				2													2
<i>Divo Claudio</i>																2	2
Indet. (séc. III)																2	2
Cl, LI ou Crispus(c)	1																1
Constantinus I				1				1			1				1		4
Helena									1								1
<i>Vrbs Roma</i>			1	1													2
<i>Constantinopolis</i>		1		1												2	4
Cl ou CII														1			1
Constantinus II												1					1
Constantius II	5	2	9	25	1	4	2	1	7	3	2	2	8	2	3	131	207
Constans	4	2	10	18							1			17	3	2	57
CII, Cs ou Cn			1													1	2
Cs ou Cn	1	3	2											19	3		28
Constantius Gallus							1			2						1	4
Cs ou Iulianus (c)													1			2	3
Iulianus (c)			1	16		1		1	6	1	3		4			13	46
Iulianus				3												7	10
Iovianus				1													1
Valentinianus I				3								1				1	5
Valens				8		1										18	27
Procopius											1						1
Gratianus				1												3	4
V1 ou Vn	1			1								1				1	4
V1 ou Vr																1	1
V1, Vn ou Gr				3								1					4
Valentinianus II												1					1
V1, Vn ou V2																1	1
V1, Vn, Gr ou V2				1										1		20	22
Theodosius I		2		4					2							3	11
Arcadius			10	4												2	16
V2, Th1 ou Arcadius				1												1	2
Honorius		2	2												1	1	6
Indeterminado			2	2										1		67	72
TOTAL	12	12	38	96	1	6	3	3	16	6	9	6	13	41	11	282	555

Quadro 34 - Reversos por Casas da Moeda

	Tr	Lvg	Ar	R	Sir	Aq	Th	H	Con	Ni	Cyz	Ant	Ale	Oc.	Or.	Ind.	Total
SALVS AVG				1													1
FIDES EXERCI				1													1
CONSECRATIO																1	1
VIRTVS EXERCIT	1																1
GLORIA EXERCITVS I est.	5		4	3										1		4	17
GLORIA EXERCITVS I est. (imit.)	1																1
<i>Loba com géneos</i>				1	1												2
<i>Victoria na prou</i>		1			1												2
SECVRITAS REIP					2												2
VIRTVS AVGVSTI					1												1
PAX PVBLICA									1								1
VICTORIAE DD AVGG QNN	4	7	17	17			1							35			81
VICTORIAE DD...(imit.)														3			3
VOTXX/MULTXXX											2	1			9		12
VN/ MR								1			1				1		3
IVSTVENMEM												1					1
FELTEMPREPARATIO - FH3			1	9		2	1	1	9	2	2	1	9			87	124
FELTEMPREPARATIO - FH4				1					3							5	9
SPES REIPVBLICE			3	27	1	3	1	1	1	4	2		4			60	107
VIRTVS EXERCITVS ROMANOR.				3													3
REPARATIO FELTEMP											1						1
GLORIA ROMANORVM (8)	1										1	1				15	18
SECVRITAS REIPVBLICAE				18		1						1		1		44	65
SECVRITAS REIPVBLICAE (imit.)																2	2
VICTORIA AVGGG		4	12	10										1		3	30
VOTX/MULTX				1													1
VOTX/MVLTXX									2			1					3
VOTV																1	1
SALVS REIPVBLICAE (E-4)															1	11	12
ILEGÍVEL																47	47
TOTAL	12	12	38	96	1	6	3	3	16	6	9	6	13	41	11	282	555

As séries VICTORIAE DD AVGG Q NN (incluindo 3 imitações), VOT/XX/MVLT/XXX e as séries de consagração de Constantinus I emitidas de 347 a 348 representam neste tesouro apenas 18% do numerário, em contraste com tesouros como os de Bouças dos Chãos (*vide supra*), Alvarelos 2 e Monte Mózinho 2 (quadro 26), mas em percentagens mais próximas de Guilhabreu, Guifões e Terroso, embora francamente superiores às do tesouro da Quinta do Bairro.

Os Æ3 do tipo FEL TEMP REPARATIO (*falling horseman*, var. 3 e 4 LRBC) são as moedas mais numerosas deste conjunto (24%), logo seguidos pelos Æ4 SPES REIPVBLICE, com 107 exemplares (19,27%), cuja circulação deve ter perdurado até finais do século, como atrás dissemos.

Quadro 35 - Distribuição por casas da moeda e por períodos de emissão

	260- -94	317- -30	330- -35	335- -37	337- -41	347- -48	351- -54	354- -56	351- -56	357- -58	358- -61	361- -64	364- -78	383- -408	330- -61	361- -408	TOTAL
TREVERI		1		1	5	4							1				12
LUGDUNUM				1		7								4			12
ARELATE				3	2	17				1	3			12			38
ROMA	2		1	1	6	17		9	1		27	3	19	10			96
SIRMIUM											1						1
AQUILEIA								2					1				6
THESSALONICA						1		1			1						3
HERACLEA						1				1	1						3
CONSTANTI- NOPOLIS					1		1	1		10	1			2			16
NICOMEDIA							2				4						6
CYZICUS						3			2		2		2				9
ANTIOQUIA						2			1				2	1			6
ALEXANDRIA								1		8	4						13
CM OCIDENTAL				1		38							1	1			41
CM ORIENTAL						10								1			11
CM INDETERMINADA	4		2	2	2			13	60	19	60		56	10	44	10	282
TOTAL	6	1	3	9	16	100	3	27	64	39	107	3	82	41	44	10	555
%	0,30	0,06	1,08	8,10	9,60	90,09	1,35	24,32	19,21	35,13	64,26	1,80	10,55	2,84	2,55	0,36	

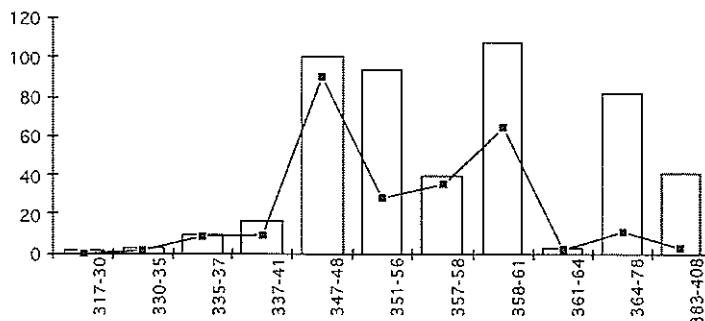
Entre a moeda valentiniana destacam-se as emissões de Æ3 do tipo SECVRITAS REIPVBLICAE, com 66 exemplares (um dos quais é uma imitação), correspondentes a 11,7% do total, e GLORIA ROMANORVM (var. 8 LRBC), com 18 numismas. A generalização dos pequenos Æ4 está bem documentada pelas séries VICTORIA AVGGG, com 30 exemplares (5,4%), e SALVS REIPVBLICAE, com 12 (2,16%).

Das 555 moedas analisadas deste tesouro, não foi possível determinar a proveniência de 282 exemplares (50,8%), mas, nas restantes, verificamos a predominância das emissões

das casas da moeda ocidentais, com 205 numismas (37% do total), em contraste com as emissões orientais que totalizam apenas 64 moedas (11,5%). Entre as casas da moeda do ocidente destaca-se Roma, com 96 exemplares (17,3%), superando o abastecimento dos centros emissores gauleses que, em conjunto, não ultrapassam 11% do total examinado, correspondente a 62 moedas, das quais 38 produzidas pelas oficinas de Arelate. No oriente, Constantinópolis com 16 exemplares e Alexandria com 13 são os centros emissores mais expressivos (quadro 35).

A análise do gráfico V mostra-nos precisamente que a maior parte do numerário que constitui este tesouro é do período constantiniano, sobretudo moeda das emissões de 347-348 dos tipos VICTORIAE DD AVGG Q NN e VOT/XX/MVLT/XX, Æ3 emitido entre 351 e 358 do tipo FELTEMPREPARATIO (FH3 e 4), e Æ4 do tipo SPES REIPVBLICE emitido entre 358 e 361. A moeda emitida entre 364 e 378 regista um elevado valor percentual (14,77 %), superior mesmo ao verificado em todos os outros tesouros da região, excepção feita a Guilhabreu e Quinta do Bairro, cujas amostras reduzidas, concerteza, falseiam os resultados. A partir de 383, decresce o número de moeda entesourada, possivelmente reflexo de uma menor disponibilidade de moeda em circulação nesta região e das vicissitudes dos políticos do século V.

Gráfico VI - Número de moedas por período e variação dos seus fluxos (‰)



— Castro de Alvarelhos 2 (inv. n.º 9)

Este tesouro de Alvarelhos integra dois exemplares de moeda radiada do século III emitidos entre 264 e 270, e as moedas mais tardias que identificámos são Æ4 do tipo SALVS REIPVBLICAE de Honorius, datadas entre 388 e 395. O facto de constatarmos a existência de 11 moedas deste tipo, cujo estado de desgaste não permite a leitura do seu exergo, impedindo assim a sua classificação e datação rigorosa, aliado ao facto destas emissões, sob Honorius, se prolongarem até 402, como já vimos, e atendendo ainda à grande

quantidade de $\text{Æ}4$ aqui presentes²³¹, faz com que a provável data do ocultamento do tesouro possa ser estabelecida durante o século V. Além disso, a estratigrafia²³² em que o tesouro foi encontrado e os materiais arqueológicos em conexão apontam para uma cronologia na segunda metade do século V, confirmando que este tipo de estrutura, nos tesouros desta região, corresponde a um estado de penúria monetária em que se recorre, inclusivamente, a todo o tipo de espécies já fora de uso, muito raramente aparecendo moedas emitidas depois das séries *SALVS REIPVBLICAE*, como veremos.

Este tesouro é formado, na sua maior parte, por moeda emitida no período constantiniano, anterior a 364. São 491 moedas, que correspondem a 80,2% do total examinado, pelo que não surpreende que seja Constantius II o governante mais representado nos anversos identificados, com 185 exemplares (30, 22%), logo seguido por Constans com 62 (10,13%). O quadro 36 mostra-nos que, além de Constantinus I, com 15 exemplares, estão representados todos os *Caesares* anteriores a 337, bem como as séries urbanas de Roma e Constantinópolis, sendo escassa, como de costume, a representação de Constantinus II, Helena e Theodora.

A usurpação de Magnentius aparece-nos documentada por uma única moeda de Decentius, que deve ter escapado porque entesourada anteriormente à desmonetização de 354²³³.

No período valentiniano, Valens, com 10 moedas e Gratianus, com 11, são os governantes mais representados, sendo de notar a impossibilidade de correcta identificação entre Valentinianus I, Valens, Valentinianus II ou Gratianus em 20 exemplares.

Também a usurpação de Magnus Maximus aparece aqui documentada, com 2 moedas, a demonstrar a repercussão numismática dos eventos políticos nesta região que, apesar de marginal, parece manter contactos rápidos e regulares com outras zonas do Império.

Theodosius é responsável pela emissão de 18 numismas neste conjunto (2,94%), sendo ainda de registar 7 $\text{Æ}4$ de Arcadius e 1 de Honorius, verificando-se a total impossibilidade de identificação do governante em 103 anversos, o que representa 16,8% do total.

²³¹ São 36 $\text{Æ}4$ do tipo *SPES REIPVBLICE* e 61 $\text{Æ}4$ posteriores a 378, atingindo estes uma percentagem de 10 % no total do tesouro.

²³² Agradecemos esta informação ao Dr. Álvaro Moreira, do Museu Abade Pedrosa, em Santo Tirso, director das escavações efectuadas no Castro de Alvarelhos e achador do tesouro.

²³³ Ver *infra*, nota 224.

Quadro 36 - Governantes por Casas da Moeda

	Tr	Lvg	Ar	R	Sis	Sirm	Aq	Th	H	Con	Ni	Cyz	Ant	Ale	Oc.	Gr.	Ind.	Total
Gallienus																	1	1
<i>Divo Claudio</i> (DCL)				1														1
Constantinus I		2									2	1	3			6	1	15
Crispus(c)					1													1
Delmatius				2						1		1						4
<i>Constantinopolis</i>		3	1	3													1	6
<i>Vrbs Roma</i>	1		1														1	3
Constantinus II (c)			1				1				1		1				1	5
Constantius II (c)			3	1								1				1	2	8
Cl, CII(c), Cs(c), Cn(c), D(c)																	1	1
Helena	1			1														2
Theodora				1													1	2
Constantinus II		1	1	3														5
Constantius II	7	4	24	11	1	2	3	2	3	9	2	8	1		13	11	84	185
Constans	6	3	14	9	2		1	2			1	1			13	3	7	62
Constantius Gallus										1								1
Julianus (c)			1					2				1				2	11	17
CII, Cs ou Cn			4														19	23
Cs ou Cn	5		6	3		1				1	1		1		28	7		53
Cs ou G (c)				1														1
Cs ou J (c)											1						21	22
Decentius (c)		1																1
Valentinianus I					1													1
Valens			1	4	1							1	1				2	10
Gratianus		1	7	1													2	11
Valentianus II																	5	5
V1 ou V2																	2	2
V1 ou Vn					1								1				1	3
V1, Vn ou Gr												1						1
V1, Vn Gr ou V2				1													13	14
Magnus Maximus			1	1														2
Theodosius I			1	4							2	3	2				6	18
Arcadius				1				1	1		1	1			2			7
Honorius													1					1
Gr, Th1 ou V2																	2	2
Th1 ou V2														1				1
Th1, V2 ou A				1							1							2
Th1, V2, A ou Hn															2	2	4	8
Ilegível																	103	103
TOTAL	20	15	66	49	7	2	6	7	4	12	12	19	11	1	58	32	291	612

Não sendo possível determinar a proveniência de 291 moedas, numa percentagem elevada de 47,5% do total, verificamos que as casas da moeda do ocidente, com 214

numismas (35%), se sobrepõem largamente às casas da moeda do oriente, responsáveis pela emissão de 91 exemplares (14,9%), sendo mínima a percentagem de moeda proveniente dos centros emissores balcânicos (2,6%, equivalentes a 16 numismas).

Quadro 37 - Reversos por Casas da Moeda

	Tr	Lyg	Ar	R	Sis	Sim	Aq	Th	H	Con	Ni	Cyz	Ant	Aie	Oc.	Or.	Ind.	Total
CONSECRATIO (água)				1														1
CAESARVM NOSTRORVM - VOT/X					1		1											2
GLORIA EXERCITVS, 2 est		1															1	2
GLORIA EXERCITVS, 2 est (imitação)																	1	1
<i>Victoria na proa</i>		3	1	3													1	8
<i>Loba com gémeos</i>	1		1														1	3
PAX PVBLICA	1			1														2
PIETAS ROMANA				1												1		2
VIRTVS AVGVSTI				2														2
SECVRITAS REIP				5														5
SECVRITAS REIPVB				2														2
GLORIA EXERCITVS 1 est.	5	3	13	5			1	1		4	2	4	1		5	2	34	80
GLORIA EXERCITVS 1 est. (imitação)																	2	2
<i>Imp vel. quadriga, mão de Deus</i>		1									1	1	1			1		5
VICTORIAE DD AVGG Q NN	12	5	32	9	2		3	1							47			111
VICTORIAE DD AVGG Q NN (imitação)			1												1			2
VOT/XX/MVLT/XXX										1	2	1	2			16		22
VN/ MR											1		2			5		8
FEL TEMP REPARATIO (galera)				1													1	2
FEL TEMP REPARATIO (fénix s/globo)																1		1
VICTORIAE DD NN AVG ET CAE (VOT/IV/MVLT/X)		1																1
FEL TEMP REPARATIO FH3	1		6	6	1	2	1	3	3	7	2	3		1	3	63		102
FEL TEMP REPARATIO FH4				1				1								1		10
FEL TEMP REPARATIO (FH?)																		9
FEL TEMP REPARATIO (FH3-imitação)																	1	1
SPES REIPVBLICE				1								4				1	30	36
GLORIA NOVI SAECVLI				1														1
GLORIA ROMANORVM (8)				1	1							1	2				12	17
GLORIA ROMANORVM (18)													1					1
SECVRITAS REIPVBLICAE				5	3							1					5	14
REPARATIO REIPVB		1	1															2
VOT/XV/ MVLT/XX			6	1													4	11
VOT/V												1						1
VOT/XI/ MVLT/XX												2						3
VICTORIA AVGGG			1	3											4		1	9
VICTORIA AVGGG (2 Vitórias)				2														2
VICTORIA AVG (2 Vitórias)								1										1
SPES ROMANORVM				1														1
SALVS REIPVBLICAE								1			4	1	2	1		2	9	20
ILEGÍVEL																	107	107
TOTAL	20	15	66	49	7	2	6	7	4	12	12	19	11	1	58	32	291	612

No ocidente, são os centros emissores gauleses que asseguram a maior parte do numerário identificado que compõe este tesouro, com 101 exemplares, dos quais 66 (10,8%) emitidos pelas oficinas de Arelate, em confronto com as 55 moedas emitidas pelos dois centros itálicos de Roma (49 moedas, 8%) e Aquileia. Apenas a identificação de tipos iconográficos característicos permite conotar com centros emissores ocidentais 58 moedas. Em relação às casas da moeda orientais, verificamos o peso evidenciado pelas emissões de Cyzicus (19 exemplares) sobre uma distribuição praticamente uniforme por Constantinópolis, Nicomedia e Antioquia, as duas primeiras com 12 moedas e a última com 11.

O quadro 37 mostra-nos, mais uma vez, o predomínio de três tipos iconográficos: até 340, a série GLORIA EXERCITVS (1 est.), com 80 exemplares a que se juntam 2 imitações “bárbaras”, de mau estilo; no período 347-348 predomina a série VICTORIAE DD AVGG Q NN, com 111 exemplares (18,1%) e 2 imitações, sendo uma do centro emissor de Arelate; de 348 até 358, impera a série FEL TEMP REPARATIO (FH3), com 103 moedas (16,66%), das quais 1 é de imitação, acrescidas de 10 variantes FH4, além de 2 exemplares *galera* e 1 *fénix*, dos inícios do período. Fechando o período constantiniano, a série SPES REIPVBLICE que nos tesouros de Guilhabreu, Castro da Vila, Guifões e Terroso tem uma representação que oscila entre os 13 e os 23%, aqui aparece-nos apenas com 36 moedas, correspondentes a 5,88% do total.

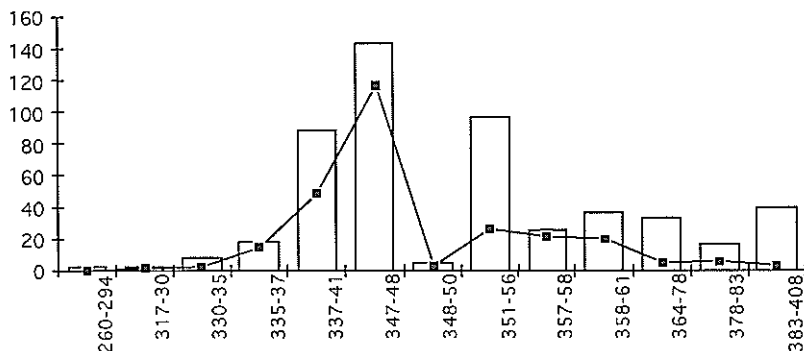
No período valentiniano, há que destacar as emissões de $\text{Æ}3$ dos tipos GLORIA ROMANORVM (var. 8 *LRBC*) com 17 exemplares (2,8%), e SECVRITAS REIPVBLICAE com 14 (2,3%), verificando-se a presença de 3 $\text{Æ}2$, sendo 2 do tipo REPARATIO REIPVB (emitidos sob Gratianus e Magnus Maximus), reconhecendo-se o terceiro apenas pelo seu módulo. A partir daqui, predominam os módulos $\text{Æ}4$, com destaque para os tipos SALVS REIPVBLICAE, com 20 exemplares (3,26%), VOT/XV/MVLT/XX e VICTORIAAVGGG. Dado o seu estado de obliteração, não foi possível identificar o tipo iconográfico em 107 numismas, que representam 17,5% do total do tesouro.

Quadro 38 - Distribuição por centros emissores e por períodos de emissão

	260-94	317-30	330-35	335-37	337-41	347-48	348-50	351-54	354-56	351-56	357-58	358-61	364-78	378-83	383-408	330-61	361-408	TOTAL
TREVERI					7	12			1									20
LUGDUNUM			4		4	5		1						1				15
ARELATE			1	4	10	33	1		3		3	1	2	6	2			66
ROMA	1			3	16	9		2	3		2		6	1	6			49
SISCIA		1				2		1					3					7
SIRMIUM									2									2
AQUILEIA		1			1	3			1									6
THESSALONICA					1	1		1	1		2				1			7
HERACLEA									3						1			4
CONSTANTINOPOLIS				1	3	1		1	3		3							12
NICOMEDIA				1	2	3			2						4			12
CYZICUS				2	3	1			2		1	4	2	3	1			19
ANTIOQUIA				1	1	4							2		3			11
ALEXANDRIA															1			1
CM OCIDENTAL					5	48					1				5			59
CM ORIENTAL				1	2	21	1		3		1	1			11			41
CM INDETERMINADA	1		2	4	33		2		59	8	12	30	18	5	4	72	31	281
TOTAL	2	2	7	17	88	143	4	6	83	8	25	36	33	16	39	72	31	612
%	0,09	0,25	2,2	13,88	47,9	116,83	3,26	2,45	67,8	1,63	20,42	19,6	3,85	5,22	2,45	3,94	1,05	

Como vimos atrás, a maior parte das moedas que analisámos deste tesouro foram emitidas até 364, com destaque para o numerário dos anos 347-348 que totaliza 23,4% do total, assim como para o período 337-340 e 351-56, com 14,4 e 15,8% respectivamente (quadro 38). A distribuição do numerário a partir de 364 mostra valores regulares até 378, com 33 moedas equivalentes a 5,39%, estando representado o período entre 378 e 383 com 16 moedas, sendo apenas um $\text{Æ}2$ e todas as outras $\text{Æ}4$, denotando uma ausência quase absoluta dos $\text{Æ}3$ valentinianos e domínio dos pequenos módulos, também detectável em todos os tesouros desta época nesta área. Entre 383 e 408 as 39 moedas registadas, numa percentagem de 6,37%, não correspondem a um período de maior entesouramento ou de maior abundância de moeda em circulação, antes pelo contrário, verificamos menor fluxo de abastecimento correspondente a um maior número de anos do período, sendo a rarefacção do numerário de Maximus compensada pela abundância do $\text{Æ}4$ de Gratianus e Theodosius I.

Gráfico VII - Número de moedas por período e variação dos seus fluxos (%)



— Castro de Guifões (*inv. n° 10*)

O tesouro encontrado no Castro de Guifões é constituído por 217 moedas, sendo a mais antiga um *antoninianus* de Gallienus, datado entre 260 e 269, e sendo as mais recentes pequenos $\text{Æ}4$ do tipo SALVS REIPVBLICAE, o que poderá significar que a data de ocultamento deste conjunto deve ser estabelecida a partir dos últimos anos do século IV, ou inícios do século V.

Como os outros tesouros desta época que estamos a analisar, também este inclui uma pequena percentagem de moeda da segunda metade do século III (1,38%), estando representados os imperadores Gallienus, em 2 exemplares perfeitamente identificáveis, subsistindo a dúvida entre Gallienus e Claudius II num terceiro. A maior parte do numerário que constitui este conjunto é do período constantiniano, sendo Constantius II, com 63 exemplares identificados (29%), e Constans, com 15 (6,9%), os governantes melhor representados, o que, como temos visto, é habitual nos tesouros desta região (quadro 39).

Quadro 39 - Governantes por Casas da Moeda

	Tr	Lvg	Ar	R	Siç	Aq	Th	H	Con	Ni	Cyz	Ant	Ale	Oc.	Or.	Ind.	Total
Gallienus				2													2
Galienus ou Claudius II																1	1
Constantinus I				1									1		3		4
<i>Vrbs Roma</i>		1												1		1	3
<i>Constantinopolis</i>	2		3														5
Theodorac	1			1													2
Constantinus II (c)				1							1					1	3
Constantinus II		1	1	1													1
Constantius II (c)			1	1						1							3
Constantius II	1	3	8	10	1	1		2	4	4	2	1	1	1	1	23	63
Constans (c)							1										1
Constans	2	1	3	3			1				1	1		2		1	15
CH, Cs ou Cn																2	2
CH ou Cn									1								1
Cs ou Cn	2		5	1								1		8	2		19
Magnentius			1														1
Cs ou G																7	7
Constantius Gallus			1														1
Cs ou Iulianus (c)																3	3
Cs ou Iulianus			1	1											1	13	16
Iulianus (c)						1	1		1								3
Iovianus			1														1
Valens				2					1								3
Gratianus				1													1
Procopius											1						1
VI, Va ou Gr													2			9	11
ThI, A ou H															1		1
Ilegível																40	40
TOTAL	8	6	25	25	1	2	3	2	7	5	5	3	4	12	8	101	217

Um único Æ2 de Magnentius recorda a usurpação e, ao mesmo tempo, a desmonetização levada a cabo em 354, tal como nos tesouros de Bouças dos Chãos, Alvarelhos 2 (com 1 exemplar de Decentius) e Quinta do Bairro. Juntamente com o tesouro do Castro da Vila, é este um dos raros conjuntos em que se encontra moeda de Iovianus (1 ex.), bem como de Procopius (1 ex.). Aliás, em relação ao período valentiniano, o facto de termos estudado as moedas deste tesouro por fotografias levou a que apenas conseguíssemos identificar completamente 3 moedas de Valens e 1 de Gratianus, podendo-se atribuir 11 exemplares a Valentinianus I, Valens ou Gratianus, indistintamente. Apesar disso, os aversos ilegíveis

(40) representam apenas 18,4% do total, fechando o conjunto uma moeda atribuível, pelo seu reverso, a Theodosius I, Arcadius ou Honorius.

No quadro 40, verificamos que entre o numerário constantiniano, até 340 há a registrar 21 moedas do tipo GLORIA EXERCITVS (1 est.), depois, avultam as emissões FEL TEMP REPARATIO (*falling horseman*, FH2, FH3 e FH4), as mais numerosas, com 49 exemplares (22,6%), seguidas pelas séries VICTORIAE DD AVGG Q NN, com 37 moedas (17%), e 28 Æ4 do tipo SPES REIPVBLICE (13%).

Quadro 40- Reversos por Casas da Moeda

	Tr	Lvg	Ar	R	Sis	Aq	Th	H	Con	Ni	Cyz	Ant	Alc	Oc.	Or.	Ind.	Total
VIRTVS AVG				1													1
APÖLLINI CON ou CONS AVG				1													1
<i>Loba com gémeos</i>		1												1		1	3
GLORIA EXERCITVS 2 est.				2			1										3
GLORIA EXERCITVS 1 est.	2	1	3	3					2	1	2	1				6	21
<i>Victoria na proa</i>	2		3														5
PIETAS ROMANA	1			1													2
SECVRITAS REIVB				1													1
<i>Imp.vcl. quadriga</i>													1		1		2
VICTORIAE DD AVGG Q NN	3	3	13	4			1			1		1		11			37
VN / MR																2	2
VOT/XX/MVLT/XXX																2	2
VICTORIAE DD NN AVG ET CAES				1													1
FEL TEMP REPARATIO (FH2)				1													1
FEL TEMP REPARATIO (FH3)		1	3	4	1	2		2	1	2	2		1		1	24	44
FEL TEMP REPARATIO (FH4)									2							2	4
SPES REIPVBLICE			1	4			1		1	1		1			1	18	28
VOT/V//MVLT/X			1														1
SECVRITAS REIPVBLICAE				3									2			5	10
REPARATIO FEL TEMP											1						1
GLORIA ROMANORVM (8)									1							4	5
GLORIA ROMANORVM (18)															1		1
SALVS REIPVBLICAE																3	3
ILEGÍVEL																38	38
TOTAL	8	6	25	25	1	2	3	2	7	5	5	3	4	12	8	101	217

O numerário valentiniano que compõe este tesouro é dominado pelos Æ3 dos tipos SECVRITAS REIPVBLICAE, com 10 exemplares (4,6%) e GLORIA ROMANORVM (var. 8 do LRBC), com 5 (2,3%), sendo de registrar a inclusão de um Æ2 do tipo REPARATIO FEL TEMP, de Procopius, além de outro Æ2, emitido no oriente depois de 393, do tipo

GLORIA ROMANORVM (var.18 do *LRBC*), corrente em tesouros a sul do Douro²³⁴ mas raros na nossa região. Apenas 3 *Æ4* do tipo SALVS REIPVBLICAE, cunhado nas casas da moeda itálicas e orientais, entram na composição deste tesouro, e curiosamente, nenhuma moeda do tipo VICTORIA AVGGG, emitida exclusivamente pelos centros emissores gauleses.

A diminuta presença destes *Æ4* neste conjunto talvez possa ser explicada, por um lado, pelo grande volume de numerário constantiniano (quadro 41), entre o qual não é de desprezar a presença dos 28 *Æ4* do tipo SPES REIPVBLICE, como vimos atrás, com um módulo perfeitamente corrente e legalmente admitido depois da desmonetização e proibição do curso das *maiorinae* em 395²³⁵.

Quadro 41 - Distribuição por casas da moeda e por períodos de emissão

	260-94	330-35	335-37	337-41	347-48	351-54	354-56	351-56	357-58	358-61	361-64	364-78	383-408	330-61	TOTAL
TREVERI				5	3										8
LUGDUNUM		1		1	3		1								6
ARELATE			1	5	13	1	3			1	1				25
ROMA	2	1	2	4	4	2	3			4		3			25
SISCIA							1								1
AQUILEIA							2								2
THESSALONICA			1		1					1					3
HERACLEA						1			1						2
CONSTANTINOPOLIS				2					3	1		1			7
NICOMEDIA			1		1		2			1					5
CYZICUS			1	1		1	1					1			5
ANTIOQUIA				1	1					1					3
ALEXANDRIA				1					1			2			4
CM OCIDENTAL		1			11										12
CM ORIENTAL				1	4			1		1			1		8
CM INDETERMINADA	1		1	6		5		18	3	18		9	3	27	101
TOTAL	3	3	7	27	41	10	16	19	8	28	1	16	4	37	217
%e	0,39	2,76	16,12	41,47	94,47	11,52	36,86	14,59	18,43	43,01	1,53	5,26	0,70	5,01	

Por outro lado, se retirarmos ao total estudado 101 moedas cuja proveniência não foi possível determinar, verificamos que as cunhagens itálicas e orientais, juntas, equivalem

²³⁴ Cfr., por exemplo, com o tesouro I de Fiães, ou com os tesouros A e E de *Conimbriga*, com bibliografia já citada nas notas 216 e 217, respectivamente.

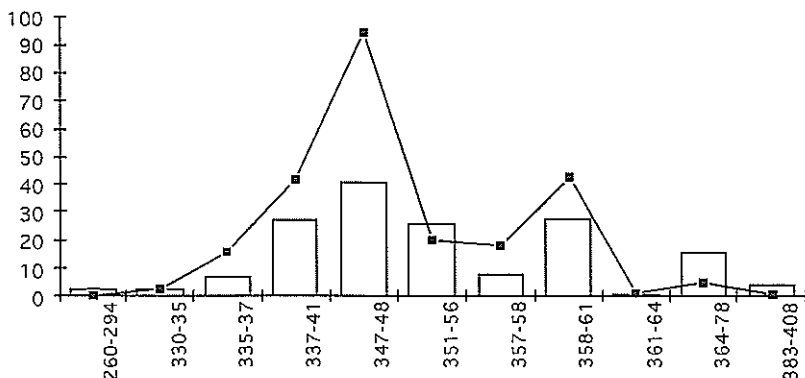
²³⁵ *CTh* 11, 21, 2.

a 51% das moedas classificadas. Mas a verdadeira explicação, em face da estrutura evidenciada, talvez esteja no facto de estarmos perante um tesouro formado com o numerário disponível na ocasião, em que a presença maioritária de módulos $\text{Æ}3$ é decorrente não só de uma rarefacção evidente dos módulos $\text{Æ}2$ a norte do Douro, mas também de uma circulação monetária em que as dificuldades de abastecimento de moeda por Roma e a consequente penúria de $\text{Æ}4$ emitidos pelo poder central *post* 395 fazem com que seja necessário recorrer a espécies antigas que, na ausência de controle local por parte das autoridades romanas, reassumem valor e são essenciais nas transações correntes.

As casas da moeda da Gália são responsáveis por 33,6 % do numerário cuja proveniência foi identificada, verificando-se que Arelate, com 25 exemplares (11,5 %), se sobrepõe a Treveri e Lugdunum, com 8 e 6, respectivamente, e igualando o número de produções da casa da moeda de Roma que, juntamente com Aquileia, equivale a 23, 3%. Apenas 4 moedas podem ser atribuídas aos centros emissores balcânicos, enquanto as casas da moeda do Oriente, com 32 exemplares, perfazem 27,5% do total identificado, salientando-se as produções de Constantinópolis, com 7 moedas, e Nicomédia e Cyzicus, com 5 cada.

A análise do gráfico VII mostra-nos que o tipo de entesouramento praticado se aproxima, até 361, do verificado no tesouro constantiniano de Carvalho, reflectindo talvez uma circulação inflacionária dominada pela moeda dos anos 347-348, pelas séries do tipo *fallig horseman* e pelos $\text{Æ}4$ SPES REIPUBLICAE, como vimos. A partir daqui, a quantidade de moeda entesourada diminui significativamente, apesar de, por momentos, parecer ganhar um novo alento durante o período valentiniano, sobretudo com a reforma de Gratianus. Não registando a presença de moeda emitida entre 378 e 383, cujos $\text{Æ}3$ já verificámos serem uma raridade nos tesouros desta época, há um decréscimo muito acentuado no entesouramento final, o que, pelos motivos atrás expostos, já nos levou a concluir pela possibilidade de ocultação deste tesouro em pleno século V.

Gráfico VIII- Número de moedas por período e variação dos seus fluxos (‰)



— Cidade de Terroso (*inv. n.º 13*)

Analisando a estrutura deste conjunto, começamos por verificar que também ele integra 3 antoninianos do século III, sendo o mais antigo do reinado de Gallienus, outro da abundante série póstuma DIVO CLAVDIO/CONSECRATIO²³⁶ e um terceiro não identificado, representantes de uma circulação residual detectável em toda a área em estudo nos finais do século IV, além de 110 pequenos bronzes, divididos entre *nummi*, Æ3 e Æ4, emitidos entre 335 e 408 d.C.

O quadro 42 mostra-nos que a casa de Constantinus, por si só, é responsável pela emissão de 67,2% do total de moedas, das quais 5 são emitidas ainda sob Constantinus I, anteriores, portanto a 337.

Quadro 42 - Governantes por Casas da Moeda

	Tr	Lvg	Ar	R	Sis	Aq	Th	H	Con	Ni	Cyz	Ant	Ale	Oc.	Or.	Ind.	Total
Gallienus				1													1
<i>Divo Claudio</i>				1													1
Indet. (séc. III)																1	1
Constantinus I									1								1
Delmatus (c)			1														1
Theodora				1													1
Helena									1								1
<i>Vrbs Roma</i>																1	1
Constantinus II		1	1	1												1	4
Constantius II ou Constans															1		1
CHI, Cs ou Cn														2			2
Constans			2	9							1						12
Constantius II	1		7	4		2	1	1	1	2	1		1		2	24	47
Constantiu Gallus				1												1	2
Julianus (c)				1												2	3
Valentinianus I				1													1
Valens				1		1									1	1	4
Gratianus			1														1
Valentinianus I ou Valens																2	2
Valentinianus II				2												1	3
Theodosius I									1		1						2
Gr, V II ou Th I															1		1
Magnus Maximus			1			1											2
Arcadius				1												1	3
Eugenius						1											1
Honorius																1	1
Arcadius ou Honorius																1	1
Illegível																11	12
Totais	1	4	11	24	0	5	1	1	3	3	3	0	2	2	5	48	113

²³⁶ Ver *infra*, pag. 281.

Depois da sua morte, verificamos uma clara predominância das emissões cunhadas durante o reinado de Constantius II com 52 moedas (46% do total, visto aí se incluírem as 2 moedas em nome de Constantius Gallus e 3 em nome de Iulianus *Caesar*), seguindo-se as 12 moedas emitidas em nome de Constans (10,6%).

Quadro 43- Reversos por Casas da Moeda

	Tr	Lvg	Ar	R	Sis	Aq	Th	H	Con	Ni	Cyz	Ant	Ale	Oc.	Or.	Ind.	Total
ABVDANTIA AVG				1													1
CONSECRATIO				1													1
GLORIA EXERCITVS Iest		2	4	2						1	1				1	1	12
<i>Loba com gémeos (imit.)</i>																1	1
SECVRITAS REIP				1													1
SECVRITAS REIPVB				1													1
PIETAS ROMANA				1													1
VIRTVS AVGVSTI				1													1
PAX PVBLICA									1								1
VICTORIAE DD AVGG Q NN	1		2	7			1							2			13
VICTORIAE DD... (imit.)		1															1
VOT/XX/ MVL/XXX															1		1
FEL TEMP REPARATIO			2	2		2		1		2	1					17	27
FEL TEMP REPARATIO (imit.)																1	1
SPES REIPVBLICE			1	2					1				1		1	11	17
GLORIA ROMANORVM (8)				1		1											2
SECVRITAS REIPVBLICAE				1											1	3	5
SECVRITAS REIPVBLICAE(imit.)																1	1
VOT/XV/ MVL/XX			1												1		2
VICTORIA AVGG		1															1
VICTORIA AVGGG				1													1
VICTORIA AVGG ou AVGGG			1													1	2
VOT/X/MVL/XX											1						1
SALVS REIPVBLICAE				2					1				1			3	7
SPES ROMANORVM						2											2
ILEGÍVEL																9	9
TOTAL	1	4	11	24	0	5	1	1	3	3	3	0	2	2	5	48	113

As casas de Valentinianus e de Theodosius estão representadas neste tesouro com 25 moedas, representando 22% do total. Valens com 4 moedas, Valentinianus II, com 3 e Arcadius, também com 3, são os governantes mais representados, sendo de realçar a

presença de dois $\text{Æ}4$ de Magnus Maximus e outro do usurpador Eugenius²³⁷, mostrando que, apesar das dificuldades de abastecimento de numerário à Península nesta época, os eventos das lutas intestinas pelo poder também aqui tiveram os seus reflexos. Um $\text{Æ}4$ de Honorius, do tipo SALVS REIPVBLICAE, fecha o tesouro, indiciando o *terminus* de entesouramento e provável ocultação do depósito a partir dos inícios do século V.

O mau estado de conservação de algumas moedas faz com que, em 12 exemplares, seja completamente impossível distinguir no seu anverso qualquer legenda ou mesmo identificar iconograficamente o governante responsável pela sua emissão.

A moeda constantiniana que integra o tesouro começa com as emissões da reforma de 335, e até 340 é composta essencialmente pela série GLORIA EXERCITVS (1 est.), com 12 moedas (10,6%), acompanhada das emissões romanas SECVRITAS REIP ou REIPVB (1 ex. cada), e pelas habituais PIETAS ROMANA; VIRTVS AVGVSTI e PAX PVBLICA, todas também com um exemplar cada, sendo de notar a presença de uma imitação “bárbara” de uma moeda da série VRBS ROMA, *loba com gémeos*.

A partir de 340 e até 348, aparece-nos bem representado, como é normal nestes tesouros, o tipo VICTORIAE DD AVGG Q NN, com 13 exemplares (12,38%), dos quais uma imitação da casa da moeda de Lugdunum em nome de Constans que, governando a Itália, também é o governante mais documentado neste período. As 28 moedas do tipo FEL TEMP REPARATIO (*falling horseman*), todas da variante 3 do LRBC, constituem a série mais abundante neste tesouro (24,77%), nela se incluindo uma imitação de mau estilo e proveniência desconhecida. É ainda de notar a relativamente elevada percentagem de $\text{Æ}4$ do tipo SPES REIPVBLICE que este depósito inclui (15%), tal como acontece nos tesouros de Guilhabreu²³⁸, Castro da Vila, Guifões e Monte Mózinho 2.

Por contraste, são apenas 25 as moedas que podemos atribuir com toda a segurança às casas de Valentinianus e Theodosius, correspondendo a um período que vai de 364 a 408. A estes 44 anos corresponde, portanto, apenas 22% do numerário representado neste tesouro. No período valentiniano, há a registar 6 $\text{Æ}3$ do tipo SECVRITAS REIPVBLICAE, dos quais uma imitação²³⁹, e a presença de dois $\text{Æ}4$ das séries VOTA de Gratianus. Pela

²³⁷ A raridade das moedas de Eugenius é constatável em todos os tesouros tardios da nossa região, apesar da adesão da Hispânia à sua causa. O mesmo se verifica na Lusitânia, a avaliar pelos dados dos tesouros de Fiães e de Conimbriga, estando ausentes também nas moedas de escavações.

²³⁸ Como vimos na p. 238, a reduzida amostra deste tesouro incorpora uma percentagem de $\text{Æ}4$ do tipo SPES REIPVBLICE extremamente elevada.

²³⁹ São bastante raras as imitações de moeda valentiniana nos tesouros de entre Douro, Ave e Tâmega, conhecendo-se apenas mais dois $\text{Æ}3$ do tipo SECVRITAS REIPVBLICAE do tesouro do Castro da Vila. A raridade destas imitações é já constatada por Boon nos tesouros da Grã-Bretanha, referindo que, por exemplo, em Richborough, em 2600 moedas apenas aparecem 6 imitações desta época. Cfr. George C. Boon, Counterfeit coins in Roman Britain, *Coins and the Archaeologist*, (BAR 4), 1974, p.135.

sua raridade, há que assinalar a presença de duas moedas do tipo SPES ROMANORVM de Magnus Maximus e Eugenius²⁴⁰, ambas emitidas em Aquileia.

As séries VICTORIA AVGG e VICTORIA AVGGG, únicos Æ4 cunhados nos centros emissores gauleses a partir de 388, representam 12% das moedas deste período, em que a cunhagem do tipo SALVS REIPVBLICAE, que, como vimos, parece ter terminado antes da proclamação de Theodosius II em 402²⁴¹ surge bem mais abundante. Este tipo é aqui representado com 7 exemplares, um dos quais de Honorius, equivalentes a 28% do numerário destes 44 anos e a 6,2% do total do tesouro.

Dá-nos o quadro 44 uma ideia da distribuição de moedas pelos vários centros emissores a funcionar no Império durante o período em que este tesouro monetário foi constituído. As emissões das casas da moeda ocidentais são largamente maioritárias, com 47 exemplares identificados (41,6%), contra apenas 19 dos centros emissores orientais (16,8%), tendo sido impossível identificar a proveniência de 48 moedas, o que representa uma percentagem bastante elevada de 42,5%, só superada nos tesouros do Castro da Vila e de Alvarelhos 2, com 50,8% e 47,5%, respectivamente, mas aproximando-se da percentagem verificada no tesouro de Monte Mózinho 2, que é da ordem dos 40,8%, o que poderá ter a ver com as condições de jazida e, sobretudo, com a intensidade de circulação das moedas à época do seu entesouramento.

Verifica-se neste tesouro um claro predomínio dos centros emissores itálicos sobre os gauleses, que são mesmo suplantados pelas casas da moeda do Oriente, situação anómala devida, sobretudo, ao pequeno número de moedas cunhadas em Arelate após 364 presentes neste tesouro - apenas 4 -, e que poderia talvez ser alterada não fosse a percentagem elevada de moedas de proveniência indeterminada. Roma, com 23 exemplares (21,2%) e, apesar de tudo, Arelate com 11 (9,7%), são responsáveis pela emissão de 31% dos numismas deste conjunto. O facto de as casas da moeda situadas no Oriente apenas responderem por 16,8% do total de moedas analisado, complementado por idêntico resultado noutros tesouros monetários da região, demonstra até que ponto esta área dependia do abastecimento dos centros emissores gauleses e itálicos.

²⁴⁰ Sobre esta problemática, ver *supra*, p. 295.

²⁴¹ Cfr. *infra*, nota 69 e nota 229.

Quadro 44 - Distribuição por centros emissores e por períodos de emissão

	260-294	335-37	337-41	347-48	351-54	354-56	357-58	358-61	364-78	378-83	383-408	330-408	TOTAL
TREVERI				1									1
LUGDUNUM			2	1							1		4
ARELATE		1	3	2		1	1	1		1	1		11
ROMA	2		6	7	2			2	2		3		24
AQUILEIA					1	1			1			2	5
THESSALONICA				1									1
HERACLEA					1								1
CONSTANTINOPOLIS			1					1			1		3
NICOMEDIA		1					2						3
CYZICUS		1					1					1	3
ALEXANDRIA								1			1		2
CM OCIDENTAL				2									2
CM ORIENTAL			1	1				1	1	1			5
CM INDETERMINADA	1		2		1	12	5	11	4		5	7	48
TOTAL	3	3	15	15	5	17	6	17	8	2	15	7	113
%	0,75	13,27	44,24	66,37	11,06	75,22	26,54	50,14	5,05	3,53	5,10	1,01	

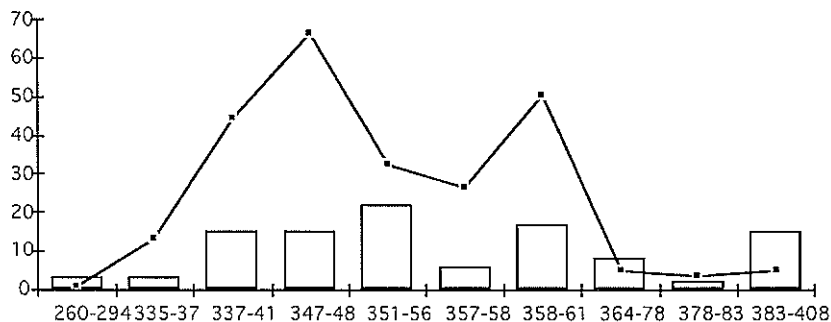
Apesar disso, estão aqui representadas quase todas as casas da moeda do oriente, destacando-se Constantinópolis, Nicomédia e Cyzicus, com uma distribuição uniforme de 3 exemplares cada. Não foi possível determinar a proveniência de 48 exemplares, dado o estado de desgaste evidenciado no seu exergo, o que equivale a 42,5% do total.

Analisando o gráfico VIII, verificamos que os períodos que englobam os anos de 337-341 e 347-348 fornecem a maior parte do numerário entesourado, seguindo-se-lhe os anos que vão de 358 a 361, com a série SPES REIPUBLICAE, culminando uma tendência de crescimento que se pode detectar desde o ano de 351, com uma ligeira quebra entre 357 e 358. Verifica-se depois no entesouramento uma fraca representatividade do numerário emitido entre 364 e 383 (8,8%), reflectindo a crise gerada pelas investidas bárbaras e a morte de Valens em 378, com um pequeno aumento a partir de 383, devido provavelmente à reunificação do poder por Theodosius após a derrota de Maximus em 388, com a difusão dos $\text{Æ}4$ produzidos em Roma e Arelate. Esta ligeira melhoria²⁴², apesar da usurpação de

²⁴² O aumento da massa monetária circulante neste período parece ser uma constante em toda a Península, como pode verificar-se na análise da circulação monetária de estações como Conimbriga, Clunia ou Portus Illicitanus. Cfr., respectivamente: I. Pereira, Jean-Pierre Bost, Jean Hiernard, *Fouilles de Conimbriga III. Les Monnaies*, Paris 1974, pp. 299-300; Josep Maria Gurt Esparraguerra, *Clunia III. Hallazgos monetarios. La romanización de la Meseta norte a través de la circulación monetaria en la ciudad de Clunia*. EAE, 145, Madrid, 1985, pp. 184-85; Juan Manuel Abascal, *La circulación monetaria del Portus Illicitanus*, ENV, 4, Valência 1989, p. 56.

Eugenius, aliás representada neste tesouro por uma única moeda, prolonga-se até 395, incluindo cunhagens em nome de Arcadius (3 moedas) e Honorius (1 moeda).

Gráfico IX - Número de moedas por período e variação dos seus fluxos (%)



Apesar de termos dado como termo genérico para as cunhagens dos Æ4 representados neste tesouro o ano de 408, devido à inclusão neste período de duas moedas de leitura duvidosa, em que apenas o tipo VICTORIA AVGG ou AVGGG é identificável, parece-nos que as moedas mais tardias deste conjunto devem ser realmente as SALVS REIPUBLICAE anteriores a 402, uma delas emitida em nome de Honorius, como vimos atrás, pelo que a ocultação do tesouro da Cividade de Terroso deve ter ocorrido já no século V, podendo estar relacionado com a entrada na Calécia de Suevos e Vândalos em 409, mas não sendo de excluir um enterramento ainda mais tardio.

— **Monte Crasto** (*inv. n.º 17*)

Vimos na I Parte, na introdução ao catálogo das moedas do tesouro do Monte Crasto, que este deve ter sido dividido em vários lotes, existindo uma relação sumária publicada por Camilo de Oliveira²⁴³ de 173 moedas analisadas por Damião Peres e Ruy de Serpa Pinto, fotografuras de mais algumas pertencentes a um outro lote e 403 exemplares do espólio de Ruy de Serpa Pinto que tudo indica pertencerem também a este tesouro.

Tornando-se extremamente difícil adaptar a informação sobre as 173 moedas originalmente estudadas por aqueles dois investigadores à metodologia por nós seguida na elaboração dos quadros apresentados no estudo dos conjuntos monetários de entre Douro, Ave e Tâmega, optámos por incluir nestes quadros apenas os dados respeitantes às 403 moedas que pessoalmente estudámos no Instituto de Antropologia Doutor Mendes

²⁴³ Camilo de Oliveira, *O Concelho de Gondomar*, Vol. II, Porto, 1934, pp. 7 e 33-36

Correia, complementados com os dados recolhidos através do exame de 9 das fotografuras publicadas na obra citada. Fazemos assim incidir a nossa atenção sobre um total de 412 moedas deste tesouro, completando o seu estudo, sempre que necessário, com os dados fornecidos por Damião Peres e Serpa Pinto sobre as outras 173 moedas.

É precisamente uma informação destes dois autores sobre a presença de uma moeda de Gallienus e duas de Claudius II no primeiro lote estudado, reforçada pela presença de dois numismas de consagração póstuma deste mesmo imperador no lote conservado no IAMC, que nos aponta uma primeira baliza cronológica para, o numerário entesourado neste conjunto de Monte Crasto.

A composição deste tesouro poder-se-ia considerar “normal” face aos outros tesouros tardios da região em estudo, e é extremamente parecida, na sua estrutura, com o tesouro de Alvarelos 2. A maioria do numerário que o integra pertence ao período constantiniano, distribuindo-se o restante pelos vários governantes da casa de Valentinianus e Theodosius, incluindo um exemplar de Honorius²⁴⁴. Contudo, dois factos merecem especial relevo: em primeiro lugar, a presença, porque rara, de um *nummus* de Maximianus, datado de 307-308, marcando o regresso deste imperador à política activa, num momento em que Constantinus, também reclamando a sua ascendência Hercúlea, tinha sido reconhecido como Augustus no Ocidente; em segundo lugar, e porque nos fornece uma outra baliza cronológica para este conjunto, a ocorrência de uma moeda de Valentinianus III, datável entre 440 e 455. A inclusão desta moeda depois de um hiato de pelo menos 40 anos encontra paralelos no tesouro de Afife (Viana do Castelo)²⁴⁵, cujo achado foi rigorosamente controlado, e onde aparece também uma moeda de Valentinianus III, do tipo VICTORIA AVGG, datada entre 430-437. Para além deste caso, existe ainda o paralelo do tesouro nº 3 de Auxerre²⁴⁶, de estrutura idêntica e com uma única moeda de Valentinianus III, datada entre 425-450, sugerindo, na esteira de Reece²⁴⁷, que também o numerário emitido entre 388-402 ainda estaria ainda em circulação e disponível para entesouramento nos finais do segundo quartel do século V.

²⁴⁴ Há que acrescentar 3 GLORIA ROMANORVM (Æ2 ?) de Honorius, referidas no manuscrito de Ruy de Serpa Pinto, e que pertenciam ao lote de 173 moedas analisadas por ele e por Damião Peres, publicado por Camilo de Oliveira.

²⁴⁵ Agradecemos esta informação ao Prof. Doutor Rui Centeno e a Manuel Nunes e Carlos Loureiro, alunos da cadeira de Numismática, que estudaram 485 moedas deste tesouro, cujo catálogo aguarda publicação.

²⁴⁶ R. Reece, Roman coins in northern France and the Rhine valley, *NC*, 7th. s., XII, 1972, p. 162.

²⁴⁷ R. Reece, Numerical aspects of roman coin hoards in Britain, *Coins and the Archaeologist*, (BAR 4), 197. p. 92.

Quadro 45 - Governantes por Casas da Moeda

	Tr	Lvg	Ar	Med	R	Sis	Aq	Th	H	Con	Nj	Cyz	Ant	Ale	Oc.	Or.	Ind.	Total
<i>Divo Claudio (CLII)</i>				1	1												1	3
Maximianus					1													1
Constantinus I		1			1			1			1	2		1		1	1	9
Delmatus								1										1
<i>Vrbs Roma</i>		2	2															5
<i>Constantinopolis</i>					1									1			5	7
Helena	2																1	3
Theodora	2									1								3
Constantinus II (c)		2			2							2						6
Constantinus II			3		2							1					1	7
Constantius II (c)			1		1	1												3
Constantius	7	5	29		14		3	5	4	7	4	9	3	2	2	5	36	135
Constans (c)					1												1	2
Constans	9	5	12		22		1	1			2	3			2	2	1	60
C2 op Cs					1													1
CII, Cs ou Cn	2		3									2				1	6	14
Cs ou Cn	1	1	6		7							3	1		19	4	1	43
Constantius Gallus																	3	3
Cs ou G ou J (c)																	16	16
Cs ou J (c)						1											2	3
Iulianus (c)		1	1		1			2				2	1				7	15
Iulianus			1									1						2
Gratianus			2		1												4	7
Valentinianus I					2	1						1					1	5
Valens					2						1		1				5	9
V1 ou Vn					1					1				1				3
V1, Vn ou Gr													1					1
V1, Vn Gr ou V2																	7	7
Valentianus II			2		1									1				4
V1 ou V2																	1	1
Theodosius I					1				1		1	1					1	5
Maximus			3		2													5
Arcadius			1								3	2						6
Honorius											1							1
Valentinianus III					1													1
Ilegívei																	15	15
TOTAL	23	17	66	1	66	3	4	10	5	9	13	29	7	6	23	13	117	412

Quadro 46 - Reversos por Casas da Moeda

	Tr	Lvg	Ar	Med	R	Sis	Aq	Th	H	Con	Ni	Cyz	Ant	Ale	Oc.	Or.	Ind.	Total
CONSECRATIO (altar)				1														1
CONSECRATIO (água)					1													1
CONSERV VRB SVAE					1													1
DN CONSTANTINI MAX AVG - VOT/XX					1													1
<i>Loba com gémeos</i>		2		2													1	5
<i>Victoria na proa</i>					1									1			5	7
<i>Imp vel. quadriga ,não de Deus</i>												1					1	2
GLORIA EXERCITVS I est.	7	5	14		10	1		2	2	2	2	6	3	1		4	11	70
GLORIA EXERCITVS I est. (imitação)												1					1	2
VIRTVS AVG NN	1																	1
VIRTVS AVGVSTI					3												1	4
PAX PVBLICA	2																1	3
PIETAS ROMANA	2									1								3
SECVRITAS REIP					4													4
SECVRITAS REIP (imitação)					1													1
VICT AVG																1		1
VICTORIAE DD AVGG Q NN	10	7	28		22		1	2							23			93
VICTORIAE DD AVGG Q NN (imitação)			1															1
VOT/XX/MVLT/XXX								1	1			7	1	1		7		18
VN - MR										1	1			1		1		4
FEL TEMP REPARATIO (Galera)	1																	1
FEL TEMP REPARATIO (Fénix)																	1	1
FEL TEMP REPARATIO (FH3)	1	2	11		10		2	2	1	3	2	5					43	82
FEL TEMP REPARATIO (FH4)										1	1	1	1				7	11
SPES REIPVBLICAE			2		1	1	1	4			1	3					9	22
SPES REIPVBLICAE (imitação)																	1	1
VOT/X/ MVLT/XX												1						1
GLORIA NOVI SAECVLI		1																1
GLORIA ROMANORVM (6)				1														1
GLORIA ROMANORVM (8)											1	1	1				7	10
GLORIA ROMANORVM (18)									1		1	1						3
SECVRITAS REIPVBLICAE					4	1				1			1	1			8	16
RESTITUTOR REIP																	1	1
VOT/XV/ MVLT/XX		1															3	4
REPARATIO REIPVB					1													1
VOT/V												1						1
SPES ROMANORVM			2		2													4
VICTORIA AVGGG			3		2													8
VICTORIA AVGGG (imitação)																	1	1
SALVS REIPVBLICAE											4			1			1	6
CASTRA					1													1
ILEGÍVEIS																	11	11
TOTAL	23	17	66	1	66	3	4	10	5	9	13	29	7	6	23	13	117	412

A ocorrência destas moedas tão tardias em Monte Crasto e Afife vem assim confirmar as pressentidas dificuldades de abastecimento de moeda romana de bronze ao noroeste peninsular depois da conquista suévica, além de permitir correlacionar o seu enterramento quando da conquista de *Cale* por Teodorico, a que se seguiu a execução do rei suevo Requiarius em 456, ou mais tarde ainda, aquando das perturbações de 465-468.

O quadro 45 mostra-nos a distribuição do numerário por governantes, não sendo de estranhar, pelo atrás exposto, que o governante mais representado seja Constantius II, com 135 exemplares (32,8%), seguido por Constans, com 60 moedas (14,56%). Entre os 54 exemplares valentinianos e teodosianos, Valens, com 9 exemplares, sobrepõe-se a Gratianus e Theodosius I, ambos com 7 e a Arcadius, com 6. De realçar que as emissões gaulesas de Magnus Maximus, com 5 exemplares, representam 9,25% do total do numerário *post* 364. O tesouro inclui ainda uma moeda de Honorius e outra de Valentinianus III, como vimos atrás.

Entre o material constantiniano contido neste tesouro, sobressaem, como de costume, os reversos do tipo GLORIA EXERCITVS (1 est.), com 72 exemplares (17,5%), dos quais uma imitação de Cyzicus e outra de proveniência indeterminada, VICTORIAE DD AVGG Q NN com 94 exemplares (22,8%), dos quais uma imitação de Arelate, FEL TEMP REPARATIO (FH3 e 4) com 93 (22, 6%), e SPES REIPVBLICE, com 23 exemplares (5,6%), sendo um também de imitação. De notar a existência de uma moeda com o reverso VICT AVG, emitida entre 342 e 347 e apenas dois Æ2 do tipo FEL TEMP REPARATIO (*galera e fenix*).

No período valentiniano, entre os 29 Æ3 estudados, o tipo mais numeroso é SECVRITAS REIPUBLICAE, com 16 exemplares (3,9%), seguido pelo tipo GLORIA ROMANORVM (var. 8 do *LRBC*), com 10 moedas (2,4%). Monte Crasto é um dos 4 tesouros desta região que apresenta moeda emitida entre 378 e 383, entre a qual é de destacar a presença de um Æ2 do tipo REPARATIO REIPVB de Gratianus, sendo a restante constituída por Æ4 do tipo VOTA. A partir daqui e até 402, os tipos mais representados são os Æ4 VICTORIA AVGGG e SALVS REIPVBLICAE, com 8 e 6 exemplares, respectivamente, sendo ainda de referir a presença de mais 4 Æ2, sendo um REPARATIO REIPVB, de Magnus Maximus, e os outros 3 do tipo GLORIA ROMANORVM (var. 18 do *LRBC*). Uma moeda de Valentinianus III, do tipo CASTRA, fecha este conjunto.

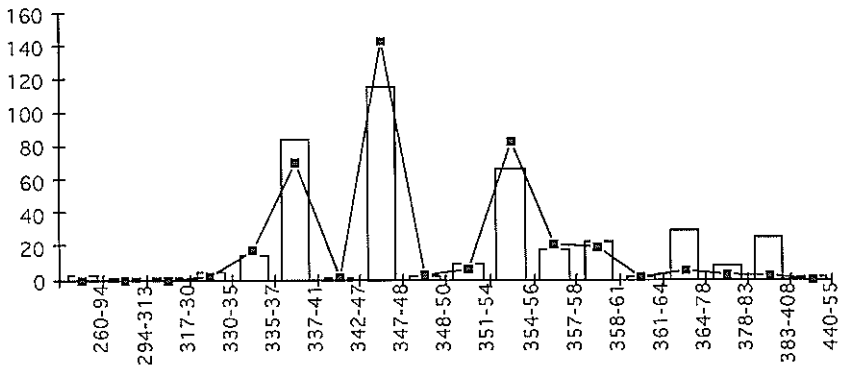
Quadro 47 - Distribuição por casas da moeda e por períodos de emissão

	260- 94	294- 313	317- 330	330- 335	337- 41	342- 47	347- 48	348- 50	351- 54	354-56	357- 58	358-61	361- 64	364- 78	378- 83	383- 408	440- 455	330- 61	TOTAL
TREVERI					12		10			1									23
LUGDUNUM				3	2		7	1		1									17
ARELATE				1	13		29			5				1	1	6			66
MEDIOLANUM	1																		1
ROMA	1	1		4	15		22		3	6	1			5	1	4	1		66
SISCIA				1															3
AQUILEIA							1		1	1									4
THESSALONICA				2			2		1	1									10
HERACLEA					2		1										1		5
CONSTANTINOPOLIS					3		1		2	1	1								9
NICOMEDIA					2		1			3									13
CYZICUS				2	6		7			4	2		1	1	2	1			29
ANTIOQUIA					3		1			1				2					7
ALEXANDRIA					2		2									1			6
CM OCCIDENTAL							23												23
CM ORIENTAL					4		8												13
CM IND.	1			1	20		1		3	42	5	10		16	3			8	117
TOTAL	3	1	1	4	84	1	115	2	10	66	17	23	1	29	7	25	1	8	412
%	0,21	0,13	0,19	1,98	16,99	69,47	0,49	2,48	6,20	81,88	20,63	19,02	0,82	5,02	3,47	2,33	0,15	0,79	

Neste tesouro, as casas da moeda ocidentais (200 exemplares) são responsáveis pela grande maioria do material estudado (48,6%), cabendo aos centros emissores orientais 19,9% (82 ex.) e aos centros balcânicos apenas 4,36% do total. As casas da moeda gaulesas são, no seu conjunto, as principais abastecedoras da moeda aprovionada, com 106 exemplares (25,7%), destacando-se a produção das oficinas de Arelate, onde foram cunhadas 66 moedas (16%). Por sua vez, os centros emissores itálicos estão representados com 71 exemplares (17,2%), dos quais 66 cunhados nas oficinas romanas, 1 em Mediolanum e 4 em Aquileia. No oriente, Cyzicus é o centro emissor melhor representado, com 29 exemplares, seguido por Nicomedia com 13, quedando-se Constantinopolis apenas com 9. Foi impossível determinar a proveniência de 117 moedas, o que corresponde a 28,4% do total, percentagem bastante abaixo da média dos outros conjuntos estudados, e que varia normalmente entre os 42 % do tesouro de Terroso e os 50 % do Castro da Vila.

A distribuição do numerário deste tesouro por períodos de emissão apresenta algumas particularidades tendo sido já referidas a presença de uma moeda da Tetrarquia (294-313), de outra moeda emitida entre 342 e 347 e a ausência de $\text{Æ}3$ no numerário emitido entre 378 e 383. Há que assinalar ainda, também pela sua raridade, a existência de uma moeda de Iulianus Augustus de 361-364.

Gráfico X - Número de moedas por período e variação dos seus fluxos (%)



Os fluxos de entesouramento aqui verificados reflectem, de uma forma semelhante a quase todos os outros tesouros desta região, padrões que parecem constantes²⁴⁸, tais como um forte contingente de numerário constantiniano, com picos nos períodos 337-341, 347-348 e 351-358, seguidos de uma fraca presença de numerário emitido entre 361-364, relativa abundância da moeda da reforma valentiniana emitida entre 364-378, ausência quase total dos módulos *Æ2* e *Æ3* e predomínio da moeda divisionária até 383. A partir daqui, apenas 25 moedas entesouradas até 402, num período de 19 anos, e apenas mais uma até 455, o que demonstra bem a penúria monetária e a lentidão da circulação nesta região.

Além disso, a presença desta moeda de Valentiniano III vem colocar de uma forma muito aguda o problema da circulação monetária no reino Suévico, ainda muito mal estudada, uma vez que os achados arqueológicos para esta época são escassos. Acresce o facto de no registo arqueológico não ser claramente perceptível qualquer ruptura sob o ponto de vista da cultura material, pelo que até há pouco tempo só a presença de algumas formas e fabricos cerâmicos tardios, sobretudo de cerâmicas de importação bem datadas, sugeria que a vida nesta província romana da Gallaecia decorria agora sob o controle dos reis suevos.

— Monte Mózinho 2 (*inv. n.º 22*)

Apresentado originalmente por Isabel Pereira²⁴⁹ como “tesouro B” de Monte Mózinho, pouco há a acrescentar em relação a este conjunto, cujo catálogo revimos e reordenámos dentro da perspectiva escolhida para esta obra, uniformizando-o e permitindo uma análise metodologicamente coerente.

²⁴⁸ O mesmo se verifica também no tesouro de Afife, atrás citado, onde os períodos fortes são, precisamente, 337-341, 347-348 e 351-358, com uma percentagem de moedas que não atinge os 6 % no período 364-378, entre as quais um único *Æ2*, e apenas 1,8 % no período *post* 383.

²⁴⁹ I. Pereira, Achados monetários de Monte Mozinho, Penafiel, *Conimbriga*, XIII, Coimbra, 1974, pp. 75-166.

Quadro 48 - Governantes por casa da moeda

	Tr	Lvg	Ar	R	Sis	Sir	Aq	Th	H	Con	Ni	Cyz	Ant	Ale	Oc.	Or.	Ind.	Total
Gallienus ou Claudius II				1														1
Claudius II				1														1
Constantinus I																1		1
<i>Vrbs Roma</i>				1														1
<i>Constantinopolis</i>			1	1													2	4
Delmatus (c)								I										1
Constantinus II (c)				2														2
Constantius II (c)			1															1
Cs ou Cn																	1	1
Theodóra	1																	1
CII ou Cs (imitação)		1																1
CII ou Cn										I								1
CII, Cs ou Cn	1														2			3
Constantius II		2	6	9			1	I		4		2			2	2	15	44
Constans		1	2	2	1			I				1	1		1	2	2	14
Cs ou Cn			2	2									1				8	13
Cs ou J (c)				2													2	4
Cs ou J																	7	7
Iulianus (c)				1		I											3	5
Valentinianus I																	1	1
Valens										1								1
V2 ou A			1															1
Ilegível				2												1	13	16
Total	2	4	13	24	1	I	1	3	0	6	0	3	2	0	5	6	54	125

Este conjunto, que I. Pereira admite poder ser apenas parte de um grande tesouro disperso por vários proprietários²⁵⁰, apresenta como moedas mais antigas 4 *antoniniani*, um dos quais emitido sob Claudius II, outro sob este imperador ou sob Gallienus, não permitindo o estado de desgaste dos outros dois uma atribuição segura, mas podendo ser também atribuíveis a esta época.

A clara predominância de numerário da época constantiniana - 115 moedas em 125 - faz com que Constantius II e Constans sejam os governantes mais representados, com 39 e 14 moedas, a que correspondem 31,2% e 11,2% do total, respectivamente (Quadro 48).

²⁵⁰ Cfr. *op. cit.* nota anterior, p. 80.

Do período valentiniano apenas são identificadas uma moeda de Valentinianus I e outra de Valens, podendo uma terceira ser atribuída a Valentinianus II ou a Arcadius. Dado o mau estado de conservação das moedas, I. Pereira não identifica 16 aversos.

Até 340, o tipo de reverso mais abundante é GLORIA EXERCITVS (1 est.), com 15 exemplares, dos quais uma imitação de Lugdunum, de mau estilo, no dizer de I. Pereira, sendo ainda, como de costume, de assinalar a presença de moeda das séries urbanas VRBS ROMA e CONSTANTINOPOLIS (3 ex.).¹

Quadro 49 - Distribuição de tipos de Reverso por Casas da Moeda

	Tr	Lvg	Ar	R	Sis	Sir	Aq	Th	H	Con	Ni	Cyz	Ant	Ale	Oc.	Or.	Ind.	Total
AETERNITAS AVG				1														1
VIRTVS AVG				1														1
GLORIA EXERCITVS 1 est.	1	1	1	4				1		1					1	1	3	14
G. EXERCITVS 1 est.(imit.)		1																1
<i>Loba cf gémeos</i>				1														1
<i>Victoria na proa</i>			1	1													1	3
PIETAS ROMANA	1																	1
SECVRITAS REIP ou REIVB																1		1
VICTORIAE DD AVGG Q NN		2	9	3	1			2							3	1	10	31
VOT/XX/ MVLI/XXX												1	2			3		6
VN - MR																1		1
FEL TEMP REPARATIO (FH)			1	7			1			4		2					16	31
FEL TEMP REPARATIO(imit.)																	3	3
SPES REIPVBLICE				4		1											9	14
GLORIA ROMANORVM (8)										1							1	2
SECVRITAS REIPVBLICAE																	2	2
VICTORIA AVGGG			1															1
SALVS REIPVBLICAE																	1	1
ILEGÍVEL				2													8	10
TOTAL	2	4	13	24	1	1	1	3	0	6	0	3	2	0	5	6	54	125

A série VICTORIAE DD AVGG Q NN, com 31 moedas equivalentes a 24,8 % do total, juntamente com as séries FEL TEMP REPARATIO (FH3 e 4), com 34 moedas (27,2%), são as mais representadas neste tesouro. Entre as FEL TEMP REPARATIO aparecem 3 imitações, já descritas por I. Pereira. O numerário constantiniano encerra com 14 Æ4 do tipo SPES REIPVBLICE, com um módulo perfeitamente aceite na circulação dos finais do século IV.

Entre a moeda valentiniana, em pequeno número neste conjunto, destaque para os $\text{Æ}3$ GLORIA ROMANORVM (var. 8 do LRBC), com 2 exemplares cada, completando-se o tesouro com 2 $\text{Æ}4$ dos tipos VICTORIA AVGGG e SALVS REIPVBLICAE, o último dos quais pode ser a moeda mais tardia do tesouro, que integra ainda 8 $\text{Æ}3$ cujo reverso não é identificado.

As casas da moeda ocidentais, responsáveis pela emissão de 49 numismas (39,2%), impõem-se largamente sobre as orientais, com apenas 17 exemplares (13,6%), não se conhecendo a proveniência de 54 moedas, o que corresponde a 43,2% do total (quadro 50). A maior representação cabe aos centros emissores itálicos, onde se destaca Roma, que por si só fornece 19,2% do material deste conjunto (24 moedas). Na Gália, Arelate, com 13 moedas, é o centro produtor mais representado (10,4%), seguido por Lugdunum, com 4 e Treveri com 2.

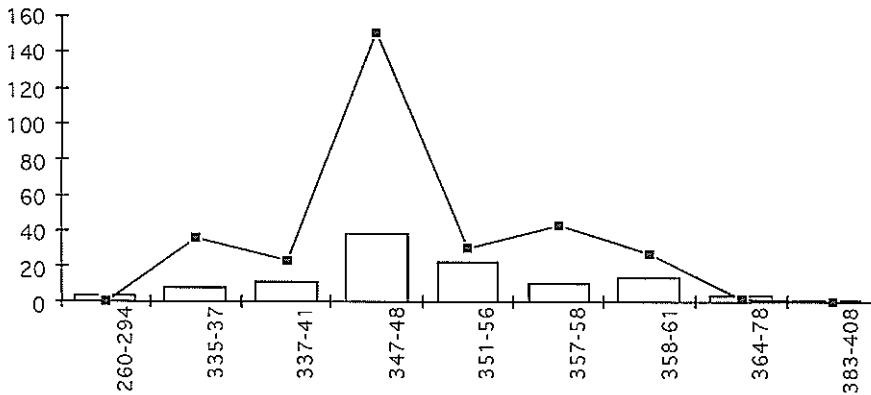
Quadro 50 - Distribuição por centros emissores e por períodos de emissão

	260-94	335-37	337-41	347-48	351-56	354-56	357-58	358-61	364-78	383-408	330-61	361-408	TOTAL
TREVERI			2										2
LUGDUNUM			2	2									4
ARELATE		1	1	9			1			1			13
ROMA	4	4	2	3		7		4					24
SISCIA				1									1
SIRMIUM								1					1
AQUILEIA						1							1
THESSALONICA		1		2									3
CONSTANTINOPOLIS			1				4		1				6
CYZICUS				1	1		1						3
ANTIOQUIA				2									2
CM OCIDENTAL			2	3									5
CM ORIENTAL			1	5									6
CM INDETERMINADA		3	1	10	14		2	9	3	1	8	3	54
TOTAL	4	9	13	38	15	8	11	14	4	2	8	3	125
%	0,91	36,00	26,00	152,00	20,00	21,33	44,00	28,00	2,13	0,61	2,06	0,48	

Como temos visto em todos os tesouros desta época, é diminuta a percentagem de moeda atribuível aos centros balcânicos, demonstrando que esta região, monetariamente, estava mais dependente de Roma e dos centros gauleses, parecendo funcionar as casas da moeda balcânicas como fornecedores supletivos apenas em certas ocasiões. Não é de estranhar, portanto, a fraca representatividade desses centros em Mózinho 2, com 5 exemplares (4%), dos quais 3 atribuídos a Thessalonica.

Dos centros orientais, apenas Constantinopolis, Cyzicus e Antioquia estão representados, sendo Constantinopolis maioritário, com 6 moedas. Outras 6 moedas apresentam reversos que, pelos seus tipos iconográficos característicos, tais como as séries VOT/XX/MVLT/XXX, se podem atribuir genericamente a centros emissores orientais, embora não identificados.

Gráfico XI - Número de moedas por período e variação dos seus fluxos (‰)



Analisando a distribuição das moedas por períodos de emissão, verificamos que a estrutura deste tesouro é sensivelmente análoga à dos outros tesouros estudados, com um grande volume de moeda emitida entre 347 e 348, que o aproxima, em percentagem, do tesouro de Bouças dos Chãos. Quantitativamente inferior é o numerário correspondente ao período compreendido entre 351 e 356, mas em percentagens muito próximas dos tesouros de Monte Crasto e Terroso, integrando-se, de qualquer forma, nas médias percentuais detectadas em todos os tesouros desta região, exceção feita às duas amostras reduzidas de Guilhabreu e Quinta do Bairro, cuja fiabilidade deve ser questionada. A boa representação dos $\text{Æ}3$ de 357-358 é superada pela quantidade de $\text{Æ}4$ emitidos em 358-361, em valores superiores a 10%, como os detectados em Castro da Vila, Guifões e Terroso, verificando-se uma percentagem pequena de moeda emitida entre 364 e 378 ²⁵¹. Apesar de J.-P. Callu ter classificado este tesouro como valentiniano, datando genericamente o seu enterramento *post*

²⁵¹ Para J.-P. Callu, o número reduzido de exemplares da época valentiniana é compensado pela maior presença de numerário constantiniano, emitido, sobretudo, entre 337-340 e 347-348, dada a semelhança modular. Cfr. J.-P. Callu, *Rôle et distribution des espèces de bronze de 348 à 392, Imperial Revenue, Expenditure and Monetary Policy in the Fourth Century A. D.*, (BAR International Series, 76), 1980, p. 42.

388, parece-nos que o número diminuto de $\text{Æ}4$ teodosianos aqui incluídos, um dos quais datado entre 388-392, indicia que neste tesouro se acumularam preferentemente peças de módulo maior, mostrando que nesta região não se devem ter feito sentir grandemente os efeitos da instituição do monopólio de circulação dos $\text{Æ}4$ depois de 395²⁵², como se infere de *CTh* 11.21.2, dado esta moeda não aparecer em grandes percentagens nos tesouros, como acontece, por exemplo, na Grã-Bretanha. Se por um lado a acumulação de *nummi* e $\text{Æ}3$ constantinianos, numa estrutura que não difere grandemente dos outros tesouros até agora estudados, indicia falta de moeda em circulação, com recurso ao uso de moeda residual, por outro lado a pequena quantidade de $\text{Æ}4$ aqui presente pode também ser índice de um ocultamento pouco posterior a 395, o que nos remeteria para os incílios do século V.

— **Quinta do Bairro** (*inv. n.º 26*)

Como vimos, o tesouro da Quinta do Bairro, que originalmente pesava cerca de 35 Kg, é aqui representado por uma pequena amostra de 34 moedas²⁵³ que, apesar de aleatória, pode distorcer a realidade de um grande tesouro, que temos esperanças de ainda poder vir a estudar de uma forma mais exaustiva.

Este conjunto é iniciado por moeda da segunda metade do século III, mais concretamente um exemplar do reinado de Gallienus, problemática que teremos ocasião de analisar. Formado maioritariamente por numerário constantiniano (61,7%), o tesouro da Quinta do Bairro apresenta 10 $\text{Æ}3$ da época valentiniana, fechando com um $\text{Æ}2$ de Arcadius e um $\text{Æ}4$ de Theodosius I, datáveis até 395.

Entre o numerário emitido até 363, o governante mais representado é Constantius II, com 6 exemplares (17,6%), seguido por Constantinus I, com 4 e Constans com 3, sendo de realçar a presença neste conjunto de um $\text{Æ}2$ de Magnentius. No período valentiniano, Valens, com 6 exemplares, impõe-se a Valentinianus I, com 3 e a Gratianus, com apenas 1. A partir de 383, apenas Theodosius I e Arcadius estão representados, com uma moeda cada, como já referimos (quadro 51).

O aparecimento nesta amostra de uma moeda do tipo SOLI INVICTO COMITI, emitida em Arelate sob Constantinus I nos incílios de 316 não contraria a ideia atrás exposta²⁵⁴ de que este tipo numismático²⁵⁵, cunhado até 317, não aparecia em tesouros

²⁵² Cfr. R. Delmaire, Un trésor d'ÆS 4 au Musée de Boulogne-sur-Mer (Notes sur la circulation monétaire en Gaule du Nord au début du V.e siècle), *Trésors Monétaires*, V, Paris, 1983, p. 150.

²⁵³ A 35ª moeda é, como vimos, uma peça do século II, que consideramos não fazer parte do tesouro, dado desconhecermos as condições em que se juntou às restantes moedas.

²⁵⁴ Ver *infra*, capítulo 4, p. 223, nota 197.

²⁵⁵ Alguns tesouros desta época encontrados no sudoeste da Hungria, que fazia parte da diocese da Pannonia, contêm *nummus* reduzidos do tipo SOLI INVICTO COMITI juntamente com *antoniniani* de Gallienus. Cfr. G. L. Duncan, *Coin circulation in the Danube and Balkan Provinces (AD 294-578)*, London, 1993, p. 18.

que contivessem moedas do período subsequente, principalmente do tipo VICTORIAE LAETAE PRINC PERP. A inclusão destas moedas nos tesouros tardios encontra explicação na penúria de material circulante que, assim como também justificou o recurso à reentrada em circulação de numerário da segunda metade do século III como moeda de necessidade,²⁵⁶, teria provocado a valorização de outras moedas dos inícios da época constantiniana, já fora de circulação, mas de módulo aproximado aos Æ2 REPARATIO REIPVB ou GLORIA ROMANORVM (var. 18 do LRBC) posteriores a 383, que parece escassearem a norte do rio Douro

Quadro 51 - Governantes por casa da moeda

	Tr	Lvg	Ar	R	Sis	Sir	Aq	Th	H	Con	Ni	Cyz	Ant	Ale	Oc.	Or.	Ind.	Total
Gallienus				1														1
Constantinus I	1		1	1								1						4
Constantinus II(c)			1							1								2
Constantius II (c)					1													1
<i>Constantinopolis</i>	1			1														2
<i>Urbs Roma</i>			1															1
Constantinus II												1						1
Constantinus II			2	3	1													6
Constans	1			1	1													3
Magnentius		1																1
Valentinianus I		1	1							1								3
Valens				1	1				1	1							2	6
Gratianus							1											1
Theodosius I																	1	1
Arcadius																1		1
TOTAL	3	2	6	8	4		1		1	3		2				1	3	34

Entre o numerário constantiniano presente neste tesouro, avulta o número de moedas do tipo GLORIA EXERCITVS (com 1 ou 2 estandartes), cujos 8 exemplares contrastam vivamente com o número anormalmente reduzido das séries habitualmente tão abundantes VICTORIAE DD AVGG Q NN ou FEL TEMP REPARATIO (FH), com apenas 2 exemplares cada. Também os Æ4 do tipo SPES REIPVBLICE apresentam aqui uma percentagem extremamente reduzida (2,94%). O tipo de reverso mais representado no período valentiniano é GLORIA ROMANORVM (var. 8 do LRBC), sendo mesmo o

²⁵⁶ Os *antoniniani* têm também um módulo idêntico aos Æ2 post 378 e os *minimi* radiados têm um módulo análogo aos Æ4 dos finais do século IV.

tipo mais numeroso, em termos absolutos (6 ex.), em todo o tesouro, seguindo-se-lhe 4 SECVRITAS REIPVBLICAE. Um Æ2 do tipo GLORIA ROMANORVM (var. 18 do LRBC) e um Æ4 SALVS REIPVBLICAE são as moedas mais tardias desta amostra.

Mais uma vez se nota a preponderância das casas da moeda ocidentais, com 20 exemplares (58,8%), sobre as balcânicas, representadas apenas por Siscia (4 exemplares) e as sediadas no oriente (20,5%). As produções das casas da moeda gaulesas, mais uma vez com Arelate à cabeça (6 ex.), são maioritárias nesta amostra, cabendo, porém, a Roma a responsabilidade pelo maior número de cunhagens (8 ex.). No oriente, Constantinopolis é o centro emissor mais representado (3 moedas), seguido por Cyzicus, com 2.

Ao analisar o quadro de distribuição do numerário por períodos de emissão, verificamos que são detectáveis algumas anomalias na estrutura desta amostra do tesouro da Quinta do Bairro, sem dúvida resultantes da escassez do material estudado: a percentagem de moedas emitidas entre 337-341, que se eleva a 23,52% do total, contrasta com o usual em todos os tesouros deste período, onde normalmente não ultrapassa os 14,5%, aparentando-o com a percentagem revelada nos tesouros constantinianos de Carvalho (22,36%) e só superada em Sanfins 2 (29,5%).

Quadro 52 - Reversos por Casas da Moeda

	Tr	Lvg	Ar	R	Sis	Sirm	Aq	Th	H	Con	Ni	Cyz	Ant	Ale	Oc.	Or.	Ind.	Total
DIANA CONS AVG				1														1
SOLI INVICTO COMITI			1															1
GLORIA EXERCITVS, 2 est	1			1					1									3
GLORIA EXERCITVS 1 est.	1		1	1	1							1						5
<i>Victoria na proa</i>	1			1														2
<i>Loba com gémeos</i>			1															1
SECVRITAS REIP				2														2
<i>Imp vel. quadriga ,mão de Deus</i>												1						1
VICTORIAE DD AVGG Q NN					2													2
FEL TEMP REPARATIO (galera)			1															1
FEL TEMP REPARATIO (FH3)				1														1
VICTORIAE DD NN AVG ET CAE (VOT/V/MVLT/X)	1																	1
SPES REIPVBLICE			1															1
GLORIA ROMANORVM (8)	1				1		1		1	1							1	6
GLORIA ROMANORVM (18)																1		1
SECVRITAS REIPVBLICAE			1	1						1							1	4
SALVS REIPVBLICAE																	1	1
TOTAL	3	2	6	8	4		1		1	3		2				1	3	34

Ao mesmo tempo, o período 347-48 revela uma percentagem extremamente reduzida em comparação com igual período nos outros tesouros tardios desta região, o mesmo se podendo dizer da percentagem de $\text{Æ}3$ emitidos no decénio 348-358 (8,8%), com paralelo apenas na amostra do tesouro de Guilhabreu, que também tem poucos exemplares estudados, sendo ainda de assinalar, pelos mesmos motivos, a fraca representação dos $\text{Æ}4$ do tipo SPES REIPUBLICAE de 358-361 (2,94%).

A forte percentagem de $\text{Æ}3$ valentínianos de 364-378 (29,76%), a datação do $\text{Æ}2$ GLORIA ROMANORVM (var. 18) de Arcadius entre 393-395, a presença de um único $\text{Æ}4$ de Theodosius também cunhado até 395 e a ausência de emissões de Arelate deste período final²⁵⁷ constatadas nesta amostra, se aliadas ao facto de estarmos perante um tesouro que originalmente pesava cerca de 35 kg., indicam-nos seguramente a sua contemporaneidade com as perturbações causadas pela chegada de Suevos e Vândalos à Hispânia.

Quadro 53 - Distribuição por centros emissores e por períodos de emissão

	260-94	313-17	330-35	335-37	337-41	347-48	348-50	351-54	354-56	358-61	364-78	383-95	Total
TREVERI			1		2								3
LUGDUNUM								1			1		2
ARELATE		1		1	1		1			1	1		6
ROMA	1		1	1	3				1		1		8
SISCIA				1		2					1		4
AQUILEIA											1		1
HERACLEA											1		1
CONSTANTINOPOLIS											2		3
CYZICUS					2								2
CM ORIENTAL												1	1
CM INDETERMINADA											2	1	3
TOTAL	1	1	3	3	8	2	1	1	1	1	10	2	34
%	0,84	7,35	17,64	44,11	78,43	29,41	9,80	7,35	14,70	9,80	21,00	4,90	

²⁵⁷ A análise das legendas das moedas emitidas em Arelate em nome de Arcadius e Honorius do tipo VICTORIA AVGGG leva R. Delmaire a concluir que as oficinas da casa da moeda desta cidade devem ter sido encerradas em 397 ou 398, por medida de precaução, pois, “ao concentrar em Itália a cunhagem de moeda, retirava-se aos usurpadores eventuais meios financeiros de consolidação do poder como havia acontecido com Eugenius em 392”. Cfr. R. Delmaire, Un trésor d’ $\text{Æ}S$ 4 au Musée de Boulogne-sur-Mer (Notes sur la circulation monétaire en Gaule du Nord au début du V.e siècle), *Trésors Monétaires*, V, Paris, 1983, p. 162.

— Notícias

Entre as notícias inventariadas apenas dois tesouros se poderão reportar à época teodosiana ou aos primeiros anos do século V, dada a escassez da informação que chegou até nós. Na notícia do aparecimento do tesouro do Monte da Mourinha (*inv. n.º 18*) é especificamente referido o nome de Theodosius como constando em legendas de moedas, pelo que podemos facilmente datar o seu ocultamento *post 379*, mas, pela estrutura sumariamente descrita, deve ser também um tesouro tardio, talvez da primeira metade do século V.

Quanto ao tesouro do Castro de Abujefa 2 (*inv. n.º 7*), que deve ser o mesmo que E. Ferreira de Sousa²⁵⁸ refere como tendo sido encontrado em 1918, dadas as semelhanças de condições de achado, temos apenas a informação transmitida por J. Monteiro de Aguiar que, tendo visto algumas das moedas, refere-as como pertencentes à mesma época das moedas do tesouro da Quinta do Bairro, isto é, numerário constantiniano, valentiniano e tesodosiano, o que também situaria a sua deposição nos inícios do século V.

Análise Comparativa

O aparecimento de numerário da segunda metade do século III, emitido entre as reformas de Gallienus de 260 e a reforma de Diocletianus de 294, parece ser um dado adquirido em muitos dos tesouros ocultados nos finais do século IV e durante o século V no Noroeste Peninsular. O facto é conhecido para a Lusitânia, em tesouros, por exemplo, como Fiães I²⁵⁹, *Conimbriga* C²⁶⁰ ou Setúbal²⁶¹, assim como na Galiza em tesouros como os de Redondela e Villanueva de Arosa²⁶², parecendo reflectir, ao fim e ao cabo, uma realidade que também é possível verificar no tesouro da casa 3 de *Clunia*²⁶³, na Meseta Norte, ou mesmo em tesouros de outras regiões do Império, nomeadamente das Gálias e da *Britannia*.

A presença de *antoniniani* nestes tesouros reflecte o prolongamento da sua circulação, pelo menos, na primeira metade do século V. Cunhados em larga escala no período inflacio-

²⁵⁸ Elísio Ferreira de Sousa, As moedas encontradas na Citânia do Mosinho (Cidade Morta) e as suas possíveis conclusões, *Lycerna, IV, (Actas do III Colóquio Portuense de Arqueologia)*, Porto, 1965, pp. 249.

²⁵⁹ Rui M. S. Centeno, Numismática de Fiães: dois tesouros do Baixo Império, *Numisma*, 138-143, 1976, pp. 171-172.

²⁶⁰ Pereira, Isabel; Bost, J. P.; Hiernard, Jean, *Fouilles de Conimbriga, III. Les Monnaies*, Paris, 1974, pp. 325-326.

²⁶¹ J. A. de Carvalho Fernandes, *Tesouro Monetário da Área Urbana de Setúbal, Setúbal*, 1975.

²⁶² Cfr. Milagros Cavada Nieto, Hallazgos monetarios en Castros de Galicia, BSAA, XXXVIII, Valladolid, 1972, pp. 233 e 241.

²⁶³ José Maria Gurt Esparraguera, *Clunia III. Hallazgos monetarios. La romanización de la Meseta Norte através de la circulación monetaria en la ciudad de Clunia*, (EAE), 145, Madrid, 1985, pp. 188-195.

nário posterior a 260, com maior incidência após 265-66, segundo J.-P. Callu²⁶⁴, amplamente imitados e difundidos nas regiões do Império onde se verificava maior penúria de material circulante, não devem ter sido completamente erradicados de circulação com a introdução do *nummus* operada pela reforma de Diocletianus, só devendo ter começado a desaparecer depois de 330, embora lentamente, quando a cunhagem em bronze se torna verdadeiramente importante. Mesmo assim, o *antoninianus* deve ter perdurado mais tempo em zonas de maior dificuldade de abastecimento por parte dos poderes oficiais ou onde a presença de tropas menos se fazia sentir, uma vez que ao ser pago em boa moeda de conta, o exército era um factor de aceleração da circulação monetária. É o que parece poder concluir-se da presença de moeda radiada em 8 dos depósitos monetários tardios de entre Douro, Ave e Tâmega, isto é, aqueles que incluem moeda de Theodosius, Arcadius e Honorius, além do de Monte Crasto que, como sabemos, inclui uma moeda de Valentinianus III (440-455). Se atentarmos no quadro de distribuição do numerário radiado aparecido nestes tesouros, verificamos que, das moedas perfeitamente identificáveis, apenas Gallienus e Claudius II se encontram representados, respectivamente com 23% e 11,5% do total de moedas deste período, acrescidas da emissão *Divo Claudio*, que representa 38,5% do total, sendo que 3 moedas (11,5%) tanto podem ser atribuídas a um como a outro destes dois imperadores. Estas moedas correspondem às emissões mais abundantes de todo o século III.

Quadro 54 - Distribuição do numerário emitido entre 260-294 nos depósitos monetários tardios de entre Douro, Ave e Tâmega

	Gallienus	Claudius II	<i>Divo Claudio</i>	Gallienus ou Claudius II	260-294	TOTAL	%
Bouças dos Chãos			1			1	0,20
Castro de Alvarelhos 2	1		1			2	0,32
Castro da Vila		2	2		2	6	1,08
Castro de Guifões	2			1		3	1,38
Cividade de Terroso	1		1	1		3	2,65
Monte Crasto *	1		5			6	1,47
Monte Mózinho 2		1		1	2	4	3,20
Quinta do Bairro	1					1	2,94
TOTAL	6	3	10	3	4	26	

²⁶⁴ J.-P. Callu, *La politique monétaire des empereurs romains de 238 à 311*, (BEFAR 214), Paris, 1969, p. 215.

* Incluímos nesta contagem 1 moeda de Gallienus e 2 moedas de Claudius II referenciadas no manuscrito de Ruy de Serpa Pinto e que não correspondem às moedas incluídas no catálogo, devendo fazer parte do lote anteriormente por ele classificado.

Não é de estranhar a forte representação das emissões *Divo Claudio-Consecratio* (águia e altar) no numerário desta época que integra os tesouros em causa. Para R. Centeno²⁶⁵, a penetração em massa das séries póstumas de Claudius II na Península Ibérica deve ter ocorrido entre 274 e 275, apesar de no norte de África serem já abundantes a partir de 270-271, enquanto que na Gália o seu volume até 274 seria reduzido, devido à predominância das emissões dos imperadores galo-romanos²⁶⁶. Conjugando a informação retirada da análise de 13 tesouros peninsulares do século III - em que a percentagem de moedas destas emissões não ultrapassa, em média, 1,26% -, com os dados de achados em 14 estações portuguesas e espanholas, R. Centeno conclui que “as peças do tipo *Divo Claudio* ocupavam um lugar importante entre a população de moedas circulante (média 23,47%), juntamente com as moedas de Gallienus/Salonina (média 32,03%) e de Claudius II (média 21,70%), podendo-se pensar que os entesouradores do século III rejeitavam na medida do possível os *Divo Claudio*, guardando preferencialmente a moeda de melhor qualidade que se restringia, na prática, ao numerário do reinado exclusivo de Gallienus e de Claudius II, pelo menos até aos finais do reinado de Probus, uma vez que o material anterior a 260 era quase inexistente e as moedas de Aurelianus e dos imperadores seguintes ainda não tinham chegado à Península em quantidades significativas”.

Para além dos reversos CONSECRATIO (águia e, maioritariamente, altar), há que assinalar ainda a presença de 2 moedas com o reverso VIRTUS AVG, e dos tipos SALVS AVG, FIDES EXERCI, APOLLINI CON ou CONS AVG e DIANA CONS AVG (série do bestial), ABUNDANTIA AVG, AETERNITAS AVG, um exemplar de cada.

Quanto ao peso das casas da moeda responsáveis pelas emissões registadas nestes tesouros, Roma, com 12 moedas emitidas (46%) é a casa da moeda melhor representada, aparecendo Mediolanum como responsável pela emissão de apenas um exemplar (3,8%) e desconhecendo-se o centro emissor de 10 exemplares (38,5%), estando estes números perfeitamente enquadrados naquilo que conhecemos da circulação monetária deste período na Hispânia²⁶⁷.

Dos 140 tesouros dos anos 348-392 recenseados por J.-P. Callu²⁶⁸ para a Gália, Grã-Bretanha, *limes* Reno-Danubiano, Itália, África do Norte e Hispânia, 59 contêm nume-

²⁶⁵ Rui M. S. Centeno, A circulação dos *Divo Claudio* na Península Ibérica: notas sobre um tesouro do concelho de Amarante, *Portugália*, II/III, 2ª s., Porto, 1981/1982, p. 124.

²⁶⁶ J.-P. Callu, Remarques sur le trésor de Thamusida III: les *Divo Claudio* en Afrique du Nord-Note additionnelle de Pierre Salama, *Mélanges de l'École Française de Rome*, Antiquité 86, 1, 1974.

²⁶⁷ Cfr. I. Pereira *et alii*, op. cit. nota 2, p. 234, que indiciam em Conimbriga valores ligeiramente superiores para a representação do numerário proveniente destes centros emissores. Ver também Gurt Esparraguera, op. cit. nota 261, p. 122, para a Meseta norte, com valores mais próximos dos nossos e ainda J. J. Cepeda Ocampo, *Moneda y circulación monetaria en el País Vasco durante la antigüedad (siglos II a.C.-V d.C.)*, Bilbao, 1990, p. 173, que refere percentagens da ordem dos 48,28 % e 3,45 % para Roma e Mediolanum, respectivamente.

²⁶⁸ J.-P. Callu, Rôle et distribution des espèces de bronze de 348 à 392, *Imperial Revenue, Expenditure and Monetary Policy in the Fourth Century A. D.*, (BAR International Series, 76), 1980, pp. 69-72.

rário anterior a 294 (42%), dos quais 29 (30%) revelam moeda radiada em percentagens superiores a 0,9%, o mesmo se passando com os 22 tesouros teodosianos recenseados por Reece²⁶⁹ na Grã-Bretanha, dos quais 16 (73%) incluem material anterior a 294, também com percentagens superiores a 0,9% em 13 deles (60%).

Para Delmaire²⁷⁰, a presença deste tipo de numerário na composição de tesouros teodosianos e pós-teodosianos do Ocidente, é “um fenómeno ocidental que também está ligado à abundância de imitações radiadas cunhadas nestas regiões depois de 260, abundância essa que se reflecte nos períodos em que a moeda de bronze é dominada por peças com um módulo próximo do das imitações radiadas (335-348, 354-364, *post* 388), mostrando os tesouros africanos e italianos que a sua longevidade atinge o século VI”. Não registamos, contudo, nos tesouros da área em estudo, a presença de qualquer peça de imitação desta época, os *minimi* radiados cujo fabrico G. C. Boon verifica, pelo menos na Grã-Bretanha, até 282²⁷¹, fim do reinado de Probus, e que ocorria sempre que se verificava escassez de numerário circulante .

Os *minimi* radiados foram temporariamente²⁷² suplantados pelas imitações diademadas de pequeno módulo da moeda constantiniana tipo GLORIA EXERCITVS 2 e 1 estandarte, séries urbanas com predomínio do tipo VRBS ROMA e FEL TEMP REPARATIO (FH)²⁷³, mas com a generalização do Æ4 e após um intervalo na época valentiniana, reaparecem com grande popularidade nos finais do século IV, pelo menos na Gália do Norte e na Grã-Bretanha.

No que concerne à moeda constantiniana, verificamos ser muito elevada a incorporação deste tipo de material nos tesouros tardios de entre Douro, Ave e Tâmega, sobretudo das emissões posteriores a 330, numa percentagem média da ordem dos 72,6 %, mas que nalguns casos ultrapassa os 80% (quadro 55), com relevo para as séries: GLORIA EXERCITVS (2 estandartes), com alguma expressão até 335, GLORIA EXERCITVS (1 est.), largamente maioritária até 341, VICTORIAE DD AVGG Q NN, normalmente muito abundante e também maioritária entre 341 e 348, estando ainda razoavelmente representadas as séries urbanas de Roma e Constantinópolis e as moedas de consagração póstuma de Constantinus

²⁶⁹ R. Reece, Numerical aspects of Roman coin hoards in Britain, *Coins and the Archaeologist*, (BAR 4), 1974, pp. 90-91.

²⁷⁰ Cfr. R. Delmaire, Un trésor d'ÆS 4 au Musée de Boulogne-sur-Mer (Notes sur la circulation monétaire en Gaule du Nord au début du V.e siècle), *Trésors Monétaires*, V, Paris, 1983, pp. 131-189.

²⁷¹ Cfr. George C. Boon, Counterfeit coins in Roman Britain, *Coins and the Archaeologist*, (BAR 4), 1974, pp. 115-116.

²⁷² C. H. V. Sutherland, *Minimi, radiate and diademed: their place in roman and post-roman currencies, Transactions of the International Numismatic Congress* (London 1936), London, 1938, pp. 252-262.

²⁷³ Sutherland, *op. cit.*, pp. 255-256, sugere, apoiado em evidências arqueológicas, que os *minimi* radiados além de ainda se encontrarem em circulação corrente nos finais do século IV, foram por vezes emitidos ou recunhados, combinando aversos radiados com reversos tipo Fel Temp Reparatio e Gloria Romanorum.

I, de proveniência oriental, bem como a série VOT/XX/MVLT/XXX, de 347-348. A partir desta data, e até 358, o numerário constantiniano é constituído quase exclusivamente pelas séries FEL TEMP REPARATIO, em que predomina o tipo *falling horseman* nas suas variantes 3 e 4 (*LRBC*), estando presentes os *Æ2* com que a série foi iniciada entre 348-350 (nas suas variantes iconográficas *galera* e *fénix*) apenas nos tesouros de Bouças dos Chãos, Monte Crasto e Quinta do Bairro, numa demonstração clara da raridade em circulação destas moedas em épocas tardias, fruto da desmonetização de que foram alvo quer por Magnentius, quer ainda por Constantius II em 354²⁷⁴, como vimos.

Quadro 55 - Distribuição percentual do numerário constantiniano por períodos de emissão nos tesouros tardios de entre Douro, Ave e Tâmega

	330-35	335-37	337-41	347-48	348-50	351-56	357-58	358-61	361-64	TOTAL
Guilhabreu		15,38		15,8		7,69		23,07		61,52
Bouças dos Chãos	3,51	5,37	14,46	33,67	0,61	15,62	5,99	7,85		88,98
Castro da Vila	0,54	1,62	2,88	18,01		16,93	7,02	19,27	0,54	66,81
Alvarelhos 2	1,14	2,77	14,37	23,36		15,84	4,08	5,88		67,50
Guifões	1,38	3,22	12,44	18,89		20,73	3,68	12,90	0,46	73,70
Terroso		2,65	13,27	13,27		19,46	5,30	15,04		69,00
Monte Crasto	0,99	3,22	20,84	28,53	0,49	18,85	3,97	5,70	0,24	82,83
Monte Mózinho 2		7,20	9,60	30,40		18,40	8,80	11,20		85,60
Quinta do Bairro	8,82	8,82	23,52	5,88	2,94	5,88		2,94		58,80

Nestes depósitos sobressai, pelo seu volume, a emissão introdutória dos *Æ4* com o reverso SPES REIPVBLICE, datável entre 358-361²⁷⁵, normalmente evidenciando grande desgaste, fruto de uma circulação intensa, que em mais de 50 % dos casos impede a leitura do seu exergo, não sendo possível determinar, portanto, onde foram emitidas. O pequeno módulo destas moedas facilita a sua reentrada em circulação num momento em que se fazem sentir fortes carências no abastecimento de numerário, sobretudo depois de 396, quando o *Æ4* se torna a única moeda com curso legal²⁷⁶.

Apenas os tesouros de Castro da Vila, Guifões e Monte Crasto contêm moeda dos reinados de Iulianus e Iovianus Augustus, demonstrando a sua raridade²⁷⁷, devida, por um

²⁷⁴ A desmonetização de 354 é também responsável pela raridade de moeda de Magnentius nesta área: só quatro tesouros contêm moeda do usurpador, Bouças dos Chãos (3 ex.), Guifões (1 ex.), e Quinta do Bairro (1 ex.), do tipo VICTORIAE DD NN AVG ET CAES- VOT/V/MVLT/X, emitida nas casas da moeda da Gália. O tesouro de Alvarelhos 2 contém uma moeda de Decentius Caesar, também do mesmo tipo.

²⁷⁵ Cfr. J.P.C. Kent, *The Roman Imperial Coinage*, VIII, London, 1981, p. 70

²⁷⁶ *CTh*, 11.21.2

²⁷⁷ Em tesouros a norte do rio Douro conhecemos apenas 1 moeda SPES REIPVBLICE no tesouro de Afife, 4 SPES REIPVBLICE no tesouro de Torre (Santa Maria de Émeres, Valpaços) e 1 VIRT

lado, à pequena quantidade de moeda emitida em apenas três anos e, por outro lado, a uma rápida desmonetização²⁷⁸.

A partir de 364, a moeda valentiniana está maioritariamente representada pelos $\text{Æ}3$ das séries *SECVRITAS REIPVBLICAE* e *GLORIA ROMANORVM* (var. 8 do *LRBC*), emitida principalmente em nome de Valens e Gratianus pelas casas da moeda gaulesas, onde sobressai Arelate, e pelas oficinas do centro emissor de Roma. O numerário valentiniano, razoavelmente representado até 378, manifesta um certo decréscimo entre 378 e 383, traduzido essencialmente pela ausência absoluta de $\text{Æ}3$ na maioria dos tesouros da região, onde só está presente, e em pequenas percentagens, através dos $\text{Æ}2$ *REPARATIO REIPVB* de Gratianus e dos pequenos $\text{Æ}4$ das séries *VOTA* nos depósitos de Bouças dos Chãos, Alvarelhos 2 e Terroso, a exemplo do que acontece nos tesouros da Gália e da Grã-Bretanha²⁷⁹.

Entre 383 e 388, não devia ser abundante o numerário em circulação nesta região, a avaliarmos pelo número reduzido de moedas deste período que integram os tesouros aqui encontrados, na sua maioria $\text{Æ}4$ romanos e gauleses dos tipos *SPES ROMANORVM*, ou produções orientais dos tipos *VOTA* e *SALVS REIPVBLICAE*.

A escassez de moeda do módulo $\text{Æ}2$ nos tesouros de entre Douro, Ave e Tâmega, que abordámos sumariamente atrás²⁸⁰, contrasta vivamente com a ocorrência de grandes quantidades destes módulos em tesouros da Lusitânia, nomeadamente nos tesouros de Conimbriga A e E²⁸¹, Fiães I²⁸², Idanha-a-Nova (Castelo Branco)²⁸³, Roliça (Leiria)²⁸⁴. Garcíaz

EXERC ROMANOR, do tesouro de Paredes do Alvão (V. P. de Aguiar), todas de Iulianus Augustus. A sul do Douro, podemos referir uma moeda, também de Iulianus Augustus, no tesouro A de Conimbriga, e outra *SPES REIPVBLICE* no tesouro do Castro de Ossela. Cfr. Rui M. S. Centeno, Algumas moedas do tesouro de Paredes do Alvão (Conc. de Vila Pouca de Aguiar), *Nummus*, 2ª série., II, 1979, pp. 87-91; E. Albuquerque, O tesouro monetário do lugar de Torre. Subsídio para o seu estudo, *Nummus*, 2ª série., VII-VIII, 1984-1985, pp. 83-139; Felisbela Oliveira, F. Camilo e I. de Luna, Mais dois lotes do tesouro de Torre (S.ta Maria de Émeres, Valpaços), *Nummus*, 2ª série., IX-X, 1986-1987, pp. 115-148; António M. S. P. Silva e Filipe Teixeira, Achados numismáticos romanos dos castros de Ossela e Ul (Oliveira de Azeméis, Aveiro), *UL-VÁRIA, Arquivo de Estudos Regionais*, I (1-2), 1994, pp. 59-82.

²⁷⁸ *CTh*, 11.21.2

²⁷⁹ Cfr. J.-P. Callu, Rôle et distribution des espèces de bronze de 348 à 392, *Imperial Revenue, Expenditure and Monetary Policy in the Fourth Century A. D.*, (BAR International Series, 76), 1980, pp. 44-50; R. Reece, A short survey of the Roman coins found on fourteen sites in Britain, *Britannia*, 3, 1972, pp. 269-276.

²⁸⁰ Ver *infra*, pag. 237.

²⁸¹ I. Pereira, Jean-Pierre Bost, Jean Hiernard, *Fouilles de Conimbriga, III. Les Monnaies*, Paris, 1974, pp. 319-322 e 327-328.

²⁸² Rui M. S. Centeno, Numismática de Fiães: dois tesouros do Baixo-Império, *Numisma*, 138-143, 1976, pp. 171-185.

²⁸³ M. de Castro Hipólito, Dos Tesouros de Moedas Romanas em Portugal, *Conimbriga*, II-III, 1960-1961, pp. 69-70, nº 95.

²⁸⁴ M. de Castro Hipólito, *op. cit.* nota anterior, pp. 74-75, nº 104.

(Cáceres)²⁸⁵, bem como em tesouros da Bética, como os de Tarifa, (Cádiz)²⁸⁶, Acci (Guadix, Granada)²⁸⁷, e Guareña (Badajoz)²⁸⁸, ou ainda em tesouros do sul da própria Tarraconense, como o de Cástulo²⁸⁹, contrastando também com o que conhecemos da circulação monetária de sítios como Conimbriga, Portus Illicitanus²⁹⁰, Clunia²⁹¹ e Belo²⁹², onde a partir de 378 se assiste a uma grande utilização dos $\text{Æ}2$, incrementada durante o governo de Magnus Maximus (383-388) com fortes percentagens de moeda cunhada em seu nome nos centros emissores gauleses, a par de uma diminuta presença das cunhagens em nome de Valentinianus II, Theodosius e Arcadius, sobretudo em $\text{Æ}4$, que constitui a moeda divisionária

O estudo da circulação monetária nas cidades romanas de Conimbriga e Clunia indicia que os funcionários, o pessoal administrativo e os soldados recebiam em dinheiro fresco²⁹³, ao contrário do que é possível observar em zonas rurais, onde se integra a área que estudamos, sem funcionalismo e sem legiões, e onde, como vimos, os tesouros tardios encontrados até ao momento incluem um número escasso de moeda de Maximus e de seu filho Victor, mostrando os módulos $\text{Æ}4$ a prevalecerem sobre os $\text{Æ}2$ e, dada a escassez de numerário em circulação, o recurso à moeda de períodos anteriores.

Quadro 56

	REPARATIO REIPVB	GLORIA ROMANORVM
Alvarelhos 2	2	1
Guifões	—	1
Monte Crasto ²⁹⁴	6	12
Q. do Bairro	—	1
TOTAL	8	15

²⁸⁵ C. Callejo Serrano, Los bronzes romanos de Garcíaz, *Revista de Estudios Extremeños*, XXII, 2, 1966, pp. 291-330.

²⁸⁶ D. Nony, Un trésor monétaire du Bas-Empire à Tarifa (Cádiz), *MCV*, III, 1967, pp. 94-114.

²⁸⁷ A. H. Pérez, Un tesorillo del siglo IV d. C. procedente de zona accitana, *Numisma*, 32, 1982, 177-179, pp. 111-165.

²⁸⁸ A. Velázquez Jiménez, El tesorillo de “Torrecaños”, Guareña, (Badajoz), *Augusta Emerita*, I, (EAE, 126), Madrid, 1983, pp. 83-190.

²⁸⁹ M. Calzado Perez, El tesorillo monetario hallado en Cástulo en 1959, *Oretania*, 6, 1960, pp. 280-282.

²⁹⁰ Juan Manuel Abascal, *La circulación monetaria del Portus Illicitanus*, ENV, 4, Valência, 1989, pp. 83-87.

²⁹¹ Cfr. Josep María Gurt Esparraguera, *Clunia III. Hallazgos monetarios. La romanización de la Meseta norte a través de la circulación monetaria en la ciudad de Clunia*. EAE, 145, Madrid, 1985, pp. 185-198.

²⁹² J.-P. Bost, F. Chaves, G. Depeyrot, J. Hiernard, J.-C. Richard, *Belo, IV. Les Monnaies*, Publications de la Casa de Velazquez, Série Archeologie, fasc. VI, Madrid, 1987, pp. 89-93.

²⁹³ Clunia, nesta época, apresenta padrões de circulação muito parecidos com *Conimbriga*. Cfr. José María Gurt Esparraguera, *Clunia III. Hallazgos monetarios. La romanización de la Meseta Norte através de la circulación monetaria en la ciudad de Clunia*, (EAE), 145, Madrid, 1985, pp. 184-188.

²⁹⁴ Optámos por incluir neste quadro a totalidade de referências que conhecemos da existências destes dois tipos de moedas neste tesouro, isto é, as moedas referidas por Ruy de Serpa Pinto no seu manuscrito, as que nós próprios estudámos no IAMC e as publicadas fotograficamente por Camilo de Oliveira.

Apenas os tesouros de Alvarelhos 2, Guifões, Monte Crasto e Quinta do Bairro registam a presença de $\text{Æ}2$, num total de 23 exemplares, que se dividem pelos tipos REPARATIO REIPVB e GLORIA ROMANORVM (var. 18 do LRBC)²⁹⁵, como nos mostra o quadro 56.

As produções ocidentais do tipo REPARATIO REIPVB que classificámos, dividem-se entre Gratianus (3 ex.) e Magnus Maximus (5 ex.), emitidas até 387. Já as moedas do tipo GLORIA ROMANORVM (var. 18) são produções orientais emitidas entre 392 e 395 em nome de Theodosius (7 ex.), Arcadius (3 ex.) e Honorius (4 ex.), não sendo possível distinguir entre estes três governantes a responsabilidade pela emissão de uma outra.

Se até agora a utilização dos $\text{Æ}2$ destes dois tipos na Península Ibérica, ao contrário do que se verifica na Grã-Bretanha, no norte da Gália, ou mesmo nas províncias germânicas, parecia dever atribuir-se a uma escolha deliberada de um certo tipo de moeda e estar conectada fundamentalmente com as zonas alimentadas pelos centros emissores mediterrânicos²⁹⁶, com destaque para a área de influência de Arelate, o facto dos centros emissores ocidentais, a partir de 388, passarem a cunhar fundamentalmente os pequenos $\text{Æ}4$ do tipo VICTORIAAVGGG, e a constatação de que, por exemplo, em Conimbriga, a quase totalidade dos $\text{Æ}2$ registados foram cunhados no oriente entre 393 e 395, representando quase 50% do numerário em circulação²⁹⁷, obriga-nos então a analisar mais profundamente as fontes de aprovisionamento de moeda, quais as suas áreas de influência na Península e os seus caminhos de penetração, dado a constituição dos tesouros tardios de entre Douro, Ave e Tâmega apontar, na moeda entesourada, uma muito maior influência dos centros emissores ocidentais, com preponderância das casas da moeda gaulesas e das suas produções.

O tesouro que apareceu no Monte Crasto, sobranceiro ao rio Douro, é precisamente o tesouro que se localiza mais a sul nesta região, confrontando com a Lusitânia, e é aquele que parece integrar maior percentagem de $\text{Æ}2$, sobretudo do tipo GLORIA ROMANORVM (12 ex ?). Em todos os outros tesouros estudados, os $\text{Æ}2$ estão praticamente ausentes, o que parece estranho, visto se tratar de uma moeda cujo peso e módulo, a priori, tornariam o seu entesouramento atraente. Convém lembrar, no entanto, que a maioria dos tesouros a sul do rio Douro não integram $\text{Æ}2$ destes tipos, podendo-se tomar como exemplos o

²⁹⁵ Abad Varela repara que no período 364-395, entre 1827 moedas provenientes dos tesouros hispânicos que analisou, o tipo REPARATIO REIPVB é maioritário com 33,38 % do total, seguindo-se-lhe GLORIA ROMANORVM, com 22 % e depois SECVRITAS REIPVBLICAE, SALVS REIPVBLICAE e VOTA, todos na casa dos 15 %. Cfr. M. Abad Varela, *Circulación monetaria en la Hispania romana del siglo IV d.C.*, Madrid, 1989, (Microficha).

²⁹⁶ Cfr. J.-P. Callu, *Reparatio Reipub: un problème de circulation monétaire*, *Nummus*, 2^a série, 1978, pp. 99-119. Confrontar ainda I. Pereira, Jean-Pierre Bost, Jean Hiernard, *Fouilles de Conimbriga, III. Les Monnaies*, Paris 1974, p. 290, nota 170.

²⁹⁷ I. Pereira, Jean-Pierre Bost, Jean Hiernard, *Fouilles de Conimbriga, III. Les Monnaies*, Paris 1974, p. 299.

tesouro II de Fiães²⁹⁸ e o tesouro de Ossela (Oliveira de Azeméis)²⁹⁹, o que relembra a subjectividade de escolha e a oportunidade na constituição dos tesouros monetários e no acto de entesouramento.

Quadro 57 - Distribuição por Casas da Moeda nos Tesouros Tardios entre 364 e 455

	Tr	Lvg	Ar	R	Med	Sir	Sis	Aq	Th	H	Con	Ni	Cyz	Ant	Ale	Oc.	Or.	Ind.	Total
GUILHABREU	1	1	1	2			1					1			1	1		4	13
BOUÇAS DOS CHÃOS	40	11	108	84			1	19	3		4	8	8	22		53	26	97	484
CASTRO DA VILA	12	12	38	96		1		6	3	3	16	6	9	6	13	41	11	282	555
ALVARELHOS 2	20	15	66	49		2	7	6	7	4	12	12	19	11	1	58	32	291	612
GUIFÕES	8	6	25	25			1	2	3	2	7	5	5	3	4	12	8	101	217
TERROSO	1	4	11	23				5	1	1	3	3	3		2	2	5	49	113
MONTE CRASTO	23	17	66	66	1		3	4	10	5	9	13	29	7	6	23	13	117	412
MONTE MÓZINHO 2	2	4	13	24		1	1	1	3				3	2		5	6	54	125
QUINTA DO BAIRRO	3	2	6	8			4	1		1	3		2				1	3	34
TOTAL	110	72	334	377	1	4	18	44	30	16	60	48	78	51	27	246	102	998	2565
%	4,3	2,8	13,0	14,7	0,03	0,1	0,7	1,7	1,1	0,6	2,2	1,8	3	1,9	1	9,6	4	38,9	

Enquanto a Lusitânia demonstra nesta época um importante suprimento monetário pelas casas da moeda do Oriente, verificável, por exemplo, na circulação monetária de Conimbriga, no tesouro A aí aparecido, e no tesouro I de Fiães, a região de entre Douro, Ave e Tâmega, no mesmo período, com uma incorporação nos tesouros de significativas percentagens de moeda proveniente dos centros emissores de Roma e da Gália, como atrás dissemos, parece ser alimentada por via continental, através da Meseta, demonstrando ligações ao vale do Ebro³⁰⁰, fazendo-se os contactos pela estrada que ligava *Caesaraugusta*, *Asturica Augusta*, *Legio VII Gemina a Bracara Augusta* e que é referida no *Itinerarium Antonini Augusti*, apesar dos contactos por via do comércio atlântico³⁰¹, que também existiam, e que põem a região em comunicação com o Mediterrâneo. Aqui, a grande maioria do numerário provém das casas da moeda ocidentais, com relêvo para Arelate e

²⁹⁸ Este tesouro apresenta apenas 1 $\text{Æ}2$ do tipo *GLORIA ROMANORVM* (18), de Arcadius.

²⁹⁹ António M. S. P. Silva e Filipe Teixeira, Achados numismáticos romanos dos castros de Ossela e UI (Oliveira de Azeméis, Aveiro), *UL-VÁRIA, Arquivo de Estudos Regionais*, I (1-2), 1994, pp. 59-82.

³⁰⁰ Já nos séculos I e II R. Centeno constata a proveniência de numerário “fundamentalmente dos centros emissores do Ebro e da Celtibéria...facilitada pela via natural que era o vale do Douro e reforçada pela integração da nossa região na província Tarraconensis...”. Cfr. Rui M. S. Centeno, *Circulação Monetária no Noroeste da Hispânia até 192*, (Anexos Nummus, nº 1), Porto, 1987, pp. 281-282.

³⁰¹ Cfr. Juan L. Naveiro Lopez, *El comercio antiguo en el N.W. Peninsular*, A Coruña, 1991, pp. 169-173.

Roma, como vimos, cabendo às oficinas orientais apenas 10,6 % do total das moedas do período, o que contrasta vivamente com as percentagens verificadas em Conimbriga A e Fiães I, com 64,28 % e 49,51 %, respectivamente.

Quadro 58 - Distribuição de moedas por casas da moeda e por períodos de emissão

	260-94	294-313	313-30	330-35	335-37	337-41	347-48	348-50	351-54	354-56	357-58	358-61	361-64	364-78	378-83	383-408	408-55	330-61	361-408	TOTAL
LONDIUM		11	1																	12
TREVERI		38	9	2	6	45	67			3				13						183
LUGDUNUM		38	1	8	5	17	40	1	2	2	2	1		1	1	5				124
ARELATE			6	11	20	58	169	3	1	14	16	37	1	9	13	32			2	392
MEDIOLANUM	1																			1
TICINUM		28	1																	29
ROMA	12	57	8	11	20	101	75		11	72	3	40	3	38	2	23	1	1		478
OSTIA		7																		7
CARTHAGO		52																		52
SISCIA		1	3		2		7		2	1		1		5						22
SIRMIUM										2		2								4
SERDICA		1																		1
THESSALONICA			1		4	1	8		2	2	3	9				1				31
AQUILEIA		5	1			1	7		5	12	1	4		12		7				55
HERACLEA		3				3	3		2	4	2	1		1		2				21
CONSTANTINOPOLIS				1	2	17	4		5	6	21	3		5		3				67
NICOMEDIA			1	1	5	6	8		4	9		6		2	2	12				55
CYZICUS		3	3		6	13	14		1	17	3	13	1	6	6	3				89
ANTIOQUIA		1	1		3	5	33			2		1		6		4				56
ALEXANDRIA						4	2			1	9	5		4		3				28
CM OCIDENTAL				1	1	12	221	1			1			1		6		3		247
CM ORIENTAL					4	17	71	1		4	1	3		1	2	5				109
CM INDETERMINADA	10	2	7	4	24	86		5	9	267	87	152		112	8	47		182	46	1044
TOTAL	23	247	43	39	102	386	729	11	44	418	149	278	5	216	34	153	1	188	46	3112

Não havendo até ao momento dados provenientes das escavações de sítios a norte do Douro, sobretudo de cidades como Bracara Augusta³⁰², talvez se possa encontrar outra

³⁰² Apesar do abastecimento de numerário documentado nos tesouros de entre Douro, Ave e Tâmega poder ter sido feito preferentemente através da estrada que ligava Bracara Augusta ao vale do Ebro, pondo em contacto esta região com Arelate e os centros itálicos, convém notar que *Clunia*, neste mesmo eixo, revela grandes quantidades de Æ2, em valores próximos dos de Conimbriga, mas maioritariamente do tipo REPARATIO REIPVB das casas da moeda ocidentais..

explicação para a ausência de $\text{Æ}2$: o facto de se tratar de tesouros encontrados num meio rural, apesar da sua proximidade a alguns povoados fortemente romanizados, como o Castro de Alvarelhos e Monte Mózinho, mas onde não haveria funcionalismo público nem administrativo, muito menos unidades militares, e cuja marginalidade nesta altura parece evidente. Para além disso, talvez a fraca presença de $\text{Æ}2$ nestes tesouros se possa relacionar com a data da sua constituição, pois um tesouro constituído apressadamente na primeira metade do século V muito dificilmente incluiria moedas deste módulo, já praticamente desaparecidas da circulação, quer por entesouramento, quer por desmonetização, quer em virtude do monopólio concedido aos $\text{Æ}4$ a partir de 396. Assim sendo, a fraca presença destas moedas nos tesouros de entre Douro, Ave e Tâmega pode constituir um índice para a sua datação tardia.

Quadro 59 - Distribuição dos tipos VICTORIA AVGGG e SALVS REIPVBLICAE

	VICTORIA AVGGG	SALVS REIPVBLICAE
Guilhabreu	–	–
Bouças dos Chãos	13	10
Castro da Vila	30	12
Alvarelhos 2	11	20
Guifões	–	3
Terroso	4	7
Monte Crasto	9	6
Monte Mózinho 2	1	1
Q.do Bairro	–	1
Total	68	60
%	53,2	46,8

O numerário em $\text{Æ}4$, que normalmente teria funções essencialmente divisionárias, a partir do período 378-383, com a rarefação do $\text{Æ}3$ valentiniano e dos $\text{Æ}2$ aqui verificada, transforma-se assim, nesta região, na principal unidade monetária em circulação, dividindo-se fundamentalmente entre as emissões do tipo *VOTA* de Gratianus, Valentinianus II e Theodosius I, e os tipos VICTORIA AVGGG e SALVS REIPVBLICAE - os primeiros procedentes das casas da moeda do ocidente, fundamentalmente de Roma e Arelate, e os últimos provenientes dos centros emissores romanos e orientais.

Ao mesmo tempo que se constata a pequena percentagem de moeda teodosiana que compõe os tesouros da nossa região, em contraste, por exemplo, com os tesouros do norte

da Gália ou da Grã-Bretanha, verifica-se também a raridade das moedas de Eugenius nestes conjuntos, onde só aparece um $\text{Æ}4$ do tipo SPES ROMANORVM no tesouro de Terroso, apesar da adesão da Hispânia à sua causa. Este facto, que também ocorre em *Conimbriga*, parece justificar a ideia de Delmaire³⁰³ de que o usurpador, desejoso de ser reconhecido no Oriente mas, ao mesmo tempo, de não romper com Theodosius, ter-se-á apresentado no Ocidente como o protector ou mesmo tutor de Arcadius, associando-o às suas emissões em prata e reservando-lhe as emissões em bronze cunhadas nas casas da moeda gaulesas, pelo menos durante o tempo em que acreditou poder chegar a um compromisso com Theodosius, isto é, até ao fim do primeiro semestre de 394. Ao mesmo tempo, e ainda segundo Delmaire, “a ausência de cunhagens em nome de Arcadius pelas casas da moeda itálicas onde Eugenius cunhou as SPES ROMANORVM parece indicar que a partilha do Império teria sido sugerida pelo usurpador”. A raridade destas moedas na Península é acompanhada pelo mesmo fenómeno na Gália, explicando-se assim a predominância gaulesa dos $\text{Æ}4$ do tipo VICTORIA AVGGG de Arcadius.

O estudo dos tesouros parece evidenciar que o aprovisionamento de numerário cessa quase por completo a partir de 395³⁰⁴, data a partir da qual deixamos de recensear moeda nestes conjuntos, salvaguardando a possibilidade de algumas SALVS REIPUBLICAE de Honorius, aliás pouco representado³⁰⁵, poderem ter sido emitidas entre esta data e 402.

A estrutura do tesouro de Monte Crasto, com larga predominância de material constantiniano, cerca de 10% de numerário emitido entre 364 e 408, mas incorporando uma moeda de Valentinianus III datada entre 440-455, é em tudo idêntica à do tesouro de Afife e do tesouro de Auxerre, já referidos, e parece permitir atribuir aos demais tesouros desta região que integram moeda teodosiana uma cronologia tardia, pelos inícios da segunda metade do século V, dada a semelhança genérica de estruturas, o que já tinha sido sugerido por I. Pereira *et alli* nas *Fouilles de Conimbriga* em relação aos tesouros A, E e F³⁰⁶, apoiados apenas em evidências arqueológicas, mas em tudo análogas às detectadas na jazida do tesouro de Alvarelhos 2.

³⁰³ Cfr. R. Delmaire, Un trésor d'ÆS 4 au Musée de Boulogne-sur-Mer (Notes sur la circulation monétaire en Gaule du Nord au début du V.e siècle), *Trésors Monétaires, V, Paris*, 1983, pp. 157-158 e 163-164.

³⁰⁴ J. P. Bost, M. Campo y J. M^a Gurt, La circulación monetaria en Hispania durante el período romano-imperial: problemática e conclusiones generales, *Symposium Numismático de Barcelona, II*, Barcelona, 1979, p.180.

³⁰⁵ As moedas de Honorius aparecidas nos tesouros de entre Douro, Ave e Tâmega, distribuem-se da seguinte forma: 6 exemplares no tesouro de Castro da Vila, 1 moeda em Alvarelhos 2, 1 moeda em Terroso, 4 moedas no tesouro de Monte Crasto, das quais 3 referidas por Camilo de Oliveira, num total de apenas 12 exemplares.

³⁰⁶ Tanto o tesouro A como o tesouro E terminam com moeda de Arcadius, datável até 395. O tesouro F termina com uma moeda de Theodosius II, de 408. Cfr. I. Pereira, Jean-Pierre Bost, Jean Hiernard, *Fouilles de Conimbriga, III. Les Monnaies*, Paris, 1974, pp. 319-329.

O hiato verificado ilustra bem as dificuldades de abastecimento de moeda à região, controlada pelos Suevos desde 411, e onde perdurou em circulação o numerário do século IV, coincidindo com a rarefação da moeda de bronze a divulgação de moeda em ouro (*tremissis*) e em prata (*siliqua*). Os achados esporádicos destas novas moedas prefiguram uma nova tendência de circulação que, apesar de tudo, ainda não vimos reflectida em entesouramentos entre Douro, Ave e Tâmega.

CONCLUSÃO

Verificámos entre Douro, Ave e Tâmega um fenómeno de entesouramento de moeda muito parecido ao constatado um pouco por todo o Império Romano ao longo do século IV e, pelo menos, também na primeira metade do século V, traduzido nos 26 conjuntos inventariados. As pessoas tinham o hábito de guardar as suas poupanças em casa, ou nas imediações, independentemente das condições políticas ou militares verificadas, e a nossa região não escapa a essa regra.

Uma das dificuldades por nós encontrada neste estudo prende-se com a ausência de tradição nos estudos numismáticos em Portugal, que se tem traduzido, na maior parte dos casos, pela dispersão de informação sobre os achados de moedas e tesouros em publicações normalmente regionais e locais, de pouca difusão e difícil acesso. Ao mesmo tempo, algumas notícias de achados de conjuntos monetários pecam pela sua antiguidade, o que na maior parte dos casos inviabilizou o seu estudo, dada a escassez de informação veiculada à época, não nos tendo sido possível localizar o paradeiro de dez tesouros, alguns dos quais vendidos a ourives e caldeireiros e logo derretidos.

Dos quatro tesouros publicados até à data, a informação extraída é fragmentária, uma vez que não devem estar completos, caso dos tesouros de Mózinho, ou então não foram totalmente estudados, como o de Bouças dos Chãos, do qual só restou uma identificação parcial manuscrita.

Em face do número de tesouros aqui inventariados - 26-, temos que reconhecer a diminuta quantidade do material estudado, um total de apenas 3112 moedas correspondentes a 16 depósitos, mas a verdade é que, exceptuando o caso do tesouro da Quinta do Bairro - de que esperamos ainda vir a ter acesso a cerca de 2000 moedas, que se encontram em colecção particular - e grande parte do tesouro de Alvarelos 2, que se encontra em tratamento laboratorial, este número representa tudo o que existe ou se conhece hoje em dia acerca destes tesouros. Assim sendo, preferimos considerar os dados agora avançados, fragmentados por força das circunstâncias, apenas como uma amostragem do que terá sido o fenómeno de entesouramento numa zona eminentemente rural, com condicionalismos próprios, onde a circulação de numerário, ainda não estudada, deve ter experimentado ritmos diferentes ao longo dos séculos IV e V, fruto dos eventos políticos e monetários que aqui rapidamente se repercutiam, parecendo, contudo, que a pequena moeda divisionária, em *Æ*, deve ter tido uma função primordial nos circuitos monetários da região.

Depositados, em quase todos os casos conhecidos, em recipientes cerâmicos, - excepção feita a Alvarelos 2 -, os tesouros de entre Douro, Ave e Tâmega podem-se dividir em três grandes grupos: os tesouros da Tetrarquia, os tesouros constantinianos e os tesouros tardios.

Em primeiro lugar, os tesouros do período da Tetrarquia, constituídos até ao final do primeiro decénio do século IV, reflectem o impacto da reforma de Diocletianus e a

introdução da nova moeda, e neles verificamos uma tendência para o acumular exclusivo de *nummi* de grande módulo, desprezando os *antoniniani* e *aurelianiani* do período anterior, não aparecendo também os *nummi* reduzidos. Os dois tesouros deste grupo parecem reflectir poupanças efectuadas ao longo de dois decénios, com ocultação posterior a 313.

Em segundo lugar, os tesouros constantinianos, que nos parecem já de formação mais rápida e com numerário não escolhido, reflectindo provavelmente os tipos mais abundantes e correntes em circulação, maioritariamente provenientes das casas da moeda ocidentais, com predomínio das oficinas de Arelate e de Roma.

Por último, e mais numerosos, aparecem-nos os tesouros que apelidámos de tardios, com cronologias de ocultamento a apontarem os últimos anos do século IV e o século V, e com uma estrutura composta maioritariamente por numerário constantiniano, com razoáveis percentagens de material valentiniano e teodosiano. As fontes de abastecimento são, sobretudo, a casa da moeda de Roma e os centros gauleses, onde Arelate se sobrepõe aos demais, não se notando a preponderância que assumiram os centros emissores orientais noutras regiões da Península na mesma época.

A pequena quantidade de $\text{Æ}2$ dos tipos REPARATIO REIPUBLICAE e GLORIA ROMANORVM incluídos nestes tesouros parece demonstrar, por um lado, que não se tratam de poupanças constituídas lentamente e com moeda seleccionada, antes pelo contrário, devem ter sido formados apressadamente, depois de 395, num momento em que o aprovisionamento de moeda parece ter cessado quase por completo, o que justificaria o recurso a todo o tipo de numerário disponível, incluindo moeda do século III; por outro lado, a fraca presença destas espécies nestes tesouros parece também demonstrar a sua formação tardia, quando estas moedas já rareavam por teriam sido desmonetizadas ou entesouradas.

De referir, por último, que a inclusão de uma única moeda de Valentinianus III no tesouro de Monte Crasto, situando a sua deposição depois de 455, corroborada por situação idêntica no tesouro de Afife, para além de sublinhar a raridade de moeda tão tardia, vem demonstrar precisamente que, nesta região, durante o século V, a circulação monetária deve ter sido feita, maioritariamente, com recurso ao numerário do século anterior, o que justifica o tipo de estrutura que encontramos nestes tesouros e faz equacionar as datações mais antigas avançadas para conjuntos que evidenciam estruturas semelhantes.

Sintetizados, em traços largos, os dados mais relevantes do trabalho agora apresentado, resta-nos a esperança de estarmos a contribuir, de alguma forma, para o aprofundamento do estudo do período final da dominação romana entre Douro, Ave e Tâmega, e do papel aí representado pela moeda em circulação, ao fim e ao cabo, o objecto imediato do entesouramento.

BIBLIOGRAFIA

- ABAD VARELA, Manuel (1989 a), *Circulación monetaria en la Hispania romana del siglo IV d.C.*, Madrid, (Microficha).
 -1989 b, Algunas cuestiones sobre las tesaurizaciones durante el siglo IV d.C. en Hispania, *VII Congreso Nacional de Numismática - Memoria*, Madrid, pp. 235-252.
 -1990, Representación en Hispania de las Cecas existentes desde el 284 al 395 d.C., *GN*, 90, pp. 17-28.
- ABASCAL, Juan Manuel (1989), *La circulación monetaria del Portus Ilicitanus*, (ENV, 4), Valência.
- ACUÑA CASTROVIEJO, F.(1977), Bibliografía de Galicia Romana, Actas del CIBL.
- ACUÑA CASTROVIEJO, F. e CAVADA NIETO, M. (1971), Noticias arqueológico-numismáticas del Castro Lupario (Rois-Brion, La Coruña), *Cuadernos de Estudios Gallegos*, XXVI, 80, pp. 274-277.
- AGUIAR, J. Monteiro de (1945), *Penafiel antiga. Subsídios para a monografia do concelho*, Câmara Municipal de Penafiel, Penafiel, p.143.
- ALARCÃO, Jorge (1988), *O domínio Romano em Portugal*, Lisboa, p. 30.
 -1990, O Domínio Romano, *Portugal, das origens à romanização*, (Nova História de Portugal, I), Lisboa, pp. 383-384.
- ALBUQUERQUE, E. (1984/1985), Um tesouro monetário do lugar de Torre (Subsídio para o seu estudo), *Nummus*, 2ª s., pp. 83-139.
- ALMEIDA, C. A. Brochado de (1980), Via Veteris. Antiga via romana?, *RG, Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, III, Guimarães, pp.151-170.
- ALMEIDA, C. A. Ferreira de (1969), *Romanização das Terras da Maia*, Maia.
 -1974, *Escavações no Monte Mòzinho*, Penafiel, p. 24 e 39-41.
- AMANDRY, M. (1979), Seltz IV et V, *Trésors Monétaires*, I, Paris, pp. 55-75.
 -1982, Le trésor de Folles de Saint-Quentin (Aisne), *Trésors Monétaires*, IV, Paris, pp. 45-50.
- AMARAL, Adriana M. G. Jorge do (1988/1989), Necrópole Galaico-Romana de Laboriz (Amarante), *Portugália*, n.s., IX-X, pp. 111-114.
- ARÊDE, J. Domingues (1935), *Museu Arqueológico e Etmológico de Cucujães. Breve notícia histórica da freguesia e vila do couto de Cucujães e catálogo do seu Museu*, Cucujães, pp. 72-73.
- ARIAS VILAS, F. e FARIÑA BUSTO, F. (1974), Monedas de un tesorillo del siglo IV dC. hallado en Lugo, *Studia Archaeologica*, 29, Santiago de Compostela.
- ARROYO ILERA, Rafael (1984), Volumen y procedência de la moneda romana del 313 al 318 dC. en el Territorio Valenciano, *Saguntum*, 18, pp. 267-287.
- BAGNALL, Roger S. (1985), *Currency and inflation in fourth century Egypt*, (Bulletin of the American Society of Papyrologists, Supplements, 5).
- BAPTISTA de LIMA (1938), *Penafiel, antiga terra castelã, concelho de gloriosas tradições, banhada pelo Sousa, Douro e Tâmega*, Póvoa de Varzim, (sep. de *Terras Portuguesas, Corografia Histórica*).
- BARBOSA, João Paulo de Guinea (1995), Um tesouro monetário tardirromano de Cabeçudos (V. N. de Famalicão), *La Moneda Hispánica: Ciudad y Territorio, Actas del I EPNA*, Madrid 1994, (Anejos AEspA XIV) , Madrid, 1995, pp. 245-252.
- BELTRÁN, A. (1950), *Curso de Numismática*, Cartagena.
 -1986, *La Moneda Romana- El Império*, Madrid.
- BLAZQUEZ, J. M. (1978), *Economía de la Hispânia romana*, Madrid.

- BOON, George C. (1974), Counterfeit coins in Roman Britain, *Coins and the Archaeologist*, (BAR 4), London, pp.95-172.
- BOST, J. P., CAMPO, M. e GURT, J. M. (1979), La circulación monetaria en Hispania durante el período romano-imperial: problemática y conclusiones generales, *Symposium Numismatico de Barcelona II*, 1979, pp. 174-201.
-1983, Hallazgos de aurei y solidi en la Península Ibérica: introducción a su circulación en época imperial, *Numisma*, XXXIII, pp. 137-176.
- BOST, J.-P., CHAVES, F., DEPEYROT, G., HIERNARD, J. et RICHARD, J.-C. (1987), *Belo IV. Les Monnaies*, PCV, (s. Archeologie, fasc. VI), Madrid.
- BOUZA-BREY, F. (1955), Los tesoriillos de monedas romanas de Tremoedo y Sarandon y su significado historico en Galicia, *III CAN* (Galicia 1953), Zaragoza.
- BRANDÃO, D. Domingos de Pinho (1969), Algumas moedas romanas encontradas nos arredores do Porto, *Museu*, 2ª s., 11, Porto, pp.5-8.
- BRENOT, Cl., BARATTE, F., VASIC, M. et POPOVIC, V. (1978), Études de Numismatique Danubienne, *Collection de L'École Française de Rome*, 29-2, (SIRMIUM VIII), Rome-Belgrade.
- BRICKSTOCK, R. J. (1987), *Copies of the Fel Temp Reparatio coinage in Britain*, (BAR British Series 176).
- BRUCK, Guido (1961), *Die Spatromische Kupferprägung*, Graz, pp. 1-101.
- BRUUN, Patrick M. (1972), *The Roman Imperial Coinage*, VII, London.
-1978, Site finds and hoarding behaviour, *Scripta Nummaria Romana-Essays presented to Humphrey Sutherland*, London, 1978, p. 114.
- CABARROT, J.-J. e NONY, D. (1980), Monnaies fausses et circulation monétaire a Bordeaux au IV.e siècle, *Mélanges de Numismatique, d'Archéologie et d'Histoire offerts à Jean Lafaurie*, edités par P. Bastien, F. Dumas, H. de Huvelin, C. Morrisson, Paris, S. F. N., 1980, pp. 53-57.
- CALLEJO SERRANO, C. (1966), Los bronceos romanos de Garcíaz, *Revista de Estudios Extremeños*, XXII, pp. 291-330.
- CALLU, Jean-Pierre (1969), *La politique monétaire des empereurs romains de 238 à 311*, (BEFAR 214), Paris.
-1974, Remarques sur le trésor de Thamusida III: les *Divo Claudio* en Afrique du Nord-Note additionnelle de Pierre Salama, *Mélanges de l'École Française de Rome*, Antiquité 86, 1.
-1978a, Reparatio Reipub: un problème de circulation monétaire, *Nummus*, I, 2ª série, pp. 99-119.
-1978b, Problèmes monétaires du quatrième siècle (311-395). *Transformations et conflits au IVe siècle ap. J.C. (Bordeaux, 1970)*, (Antiquitas, 1), Bonn, 1978, p. 124.
-1978c, Denier et nummus (300-354), *Les dévaluations à Rome, époque républicaine et impériale*, Rome, 1975-, (École Française de Rome, 37), Paris, 1978, pp. 107-121.
-1980, Rôle et distribution des espèces de bronze de 348 à 392, *Imperial Revenue, Expenditure and Monetary Policy in the Fourth Century A. D.*, (BAR International Series), 76, pp. 41-93.
-1981, Inventaire des trésors de bronze Constantiniens (313-348), (*Numismatique Romaine-essais, recherches et documents*), XII, Wetteren, pp. 9-68.
- CALZADO PEREZ, M. (1960), El tesoriillo metal hallado en Cástulo en 1959, *Oretania*, 6, 1960, pp. 280-282.
- CARSON, R. A. G. (1980), *Principal Coins of the Romans, II, The Principate, 31 BC-296 AD*, London.
-1981, *Principal Coins of the Romans, III, The Dominate, AD 294-498*, London.

- 1990, *Coins of Roman Empire*, London.
- CASEY, John (1974), The interpretation of Romano-British site finds, *Coins and the Archaeologist*, (BAR 4), London, pp. 37-51
- CAVADA NIETO, Milagros (1972), Hallazgos monetarios en Galicia, *BSAA*, XXXVIII, pp. 211-248.
- 1973a, *Galicia Romana: Circulación Monetária* (Extracto de la memoria presentada para optar al grado de Doctor en Filosofía y Letras, sección História), Univ. Santiago de Compostela.
- 1973b, Circulación monetária romana en la provincia de La Coruña, *XII CAN* (Jaén 1971), Zaragoza.
- 1973-1974, Recientes halhasgos monetarios en Gallicia, *Numisma*, XXIII-XXIV, p.183-90.
- CENTENO, Rui M. S. (1976), Numismática de Fiães: dois tesouros do Baixo-Império, *Numisma*, 138-143, pp.171-185.
- 1979, Algumas moedas do tesouro de Paredes do Alvão (Conc. de Vila Pouca de Aguiar), *Nummus*, 2ª série., II, pp. 87-91.
- 1981/1982, A circulação dos *Divo Claudio* na Península Ibérica: notas sobre um tesouro do concelho de Amarante, *Portugália*, II/III, 2ª s., Porto, pp.121-129.
- 1987, *Circulação Monetária no Noroeste da Hispânia até 192*, (Anexos *Nummus*), nº 1, Porto.
- 1990, Um Conjunto de Moedas Romanas de Valinho (Bostelo, Amarante): Tesouro ou Depósito Funerário?, *Entremuros* 1, Amarante, p. 21-30.
- 1993, A Numismática Antiga: um balanço da investigação em Portugal, *Homenatge al Dr. Leandre Villaronga*, AN, 21-22-23, Barcelona, pp. 63-75.
- CENTENO, Rui M. S. -SOUTO, J. M. Valladares (1988), Notícia de uma moeda helenística do tesouro de Torre (Santa Maria de Émeres, Valpaços), *Nummus*, 2ª S., XI, Porto.
- CEPEDA OCAMPO, Juan José (1990), *Moneda e circulación monetária en el país basco durante la Antigüedad (siglos II a.C.-V d.C.)*, Bilbao.
- CRAWFORD, Michael H. (1978), *Les "devaluations" à Rome-Époque républicaine et impériale*, (Coll. École Française de Rome, 37), Roma.
- CRUZ, P.e Belchior da (1896), Notícias Várias, *O Archeólogo Portuguez*, II, Lisboa, p.292.
- DELMARE; R. (1983), Un trésor d'ÆS 4 au Musée de Boulogne-sur-Mer (Notes sur la circulation monétaire en Gaule du Nord au début du V.e siècle), *Trésors Monétaires*, V, Paris, pp.131-189.
- DEPEYROT, Georges (1976), Le trésor de Cahors-Saint-Georges, étude de la diffusion des folles occidentaux en Gaule (319-346), *Quercy Recherche*, (Suppléments 2), Cahors.
- 1982, Le numéraire gaulois du IVe siècle, *BAR International Series*, 127 (1), Oxford.
- 1987, *Le Bas Empire Romain-economie et numismatique*, Paris.
- DEPEYROT, Georges et PASSELAC, M., (1979), Le trésor et les monnaies de L'Estrade (IVe. siècle après J.-C.), *Trésors Monétaires* I, Paris.
- DIAS, Lino Augusto Tavares (1993-1994), Necrópoles no *territorium* de *Tongobriga*, *Conimbriga*, XXXII-XXXIII, pp.107-136
- DINIZ, Manuel Vieira (1966), O Castro da Vila (Penamaior-Paços de Ferreira), *Lucerna*, V - Actas do IV Colóquio Portuense de Arqueologia, Porto, pp. 512-518.
- 1980, Achados de numismas romanos (no termo de Paços de Ferreira), *RG*, XC, pp. 383-393.

- DUNCAN, G. L. (1993), *Coin circulation in the Danubian and Balkan provinces of the Roman Empire (AD 294-578)*, Royal Numismatic Society, 26, London.
- ELMER, G. (1941), Die Münzprägung der gallischen Kaiser in Köln, Trier und Mailand, *Bonner Jahrbücher*, 46, p. 1-106.
- ERMATINGER, J. (1990), The circulation Pattern of Diocletian's nummus, *American Journal of Numismatics*, second series 2, New York, pp. 107-117.
- FARIÑA BUSTO, F. (1973), Tres tesorillos del siglo IV procedentes de la provincia de Pontevedra, *Estudios de numismática romana, I*, BSAA, (*Studia Archaeologica*, 19), Valladolid, pp. 249-266.
- 1974, Algunos aspectos de la circulación monetaria en Gallecia durante el siglo IV d. C., *Nvmisma*, XXIII-XXIV, p. 120-131.
- FERNANDES, J. A. de Carvalho (1975), *Tesouro Monetário Romano da Área Urbana de Setúbal*, Setúbal, pp. III-CLXI.
- FERNÁNDEZ OCHOA, Carmen (1977), La numismática romana de Asturias: una aproximación a su estudio, *CPA* 4, p. 128-68.
- 1982, *Asturias en la época romana*, (Monografías Arqueológicas 1), Madrid .
- FERREIRA, Simão Rodrigues (1864), Variedades. Apontamentos para a história topográfica de Penafiel, *O Século XIX*, Penafiel, 19-III-1864. Republicado em *Penafiel-Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 6/7, 1991-92, pp. 224.
- 1880. *Anaes do Município de Penafiel escritos por Simão Rodrigues Ferreira, Anno de 1880*.
- Manuscrito pertencente à Biblioteca Municipal de Penafiel, fls. 18-19, publicado em *Penafiel-Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 2/3, 1985-86, p. 111.
- FORTES, José (1899), A estação Arqueológica d'Alvarelhos, (*Archeologia Portuguesa* I), Porto, p. 9.
- 1905-1908, Necrópole lusitano-romana da Lomba (Amarante), *Portugália*, II, pp. 252-262.
- GAUTIER, G. (1979), La trouvaille du Col du Chat, (294-313), *Trésors Monétaires*, I, Paris, pp. 77-92.
- GIARD, Jean Baptiste, (1988), *Catalogue des monnaies de l'Empire Romain*, 2 vol. Paris.
- GREENAWAY, J. A. e BOON, G. C. (1992), Wokingham (Berkshire), *The Chalfont hoard and other Roman coin hoards*, (Coin Hoards from Roman Britain Series, 9) London, pp.279-324.
- GRIERSON, Philippe (1976), *Monnaie et Monnayage - Introduction à la Numismatique*, Paris.
- GURT ESPARRAGUERA, Josep María (1985), *Clunia III. Hallazgos monetarios. La romanización de la Meseta norte a través de la circulación monetaria en la ciudad de Clunia*. (EAE, 145), Madrid.
- 1992, Mauritània i Hispània durant els segles III i IV: territoris de frontera i territoris perifèrics, *La moneda a les fronteres romanes*, Gabinet Numismàtic de Catalunya, Barcelona, pp.5767.
- HIERNARD, J. (1979), Conimbriga: monedas y excavaciones antiguas (1930-1944 y 1959-1962) y franco-portuguesas (1964-1968), *Symposium numismatico de Barcelona* I, Barcelona, 1979, pp.139-151.
- HILL, P. V.- CARSON, R. A. G.- KENT, J. P. C. (1978) *Late Roman Bronze Coinage*, New York.
- HIPÓLITO, Mário de Castro (1960-1961), Dos tesouros de moedas romanas em Portugal, *Conimbriga*, Vol. II-III, p. 1-166 .
- 1974, Achado de Pidre, Santo Tirso, *Moeda*, II, nº4, pp.5-6.
- KENT, J. P. C. (1967), Fel Temp Reparatio, *NC*, pp.8 3-90.

- 1974, Interpreting coin finds, *Coins and the Archaeologist*, (BAR 4), Londres, pp. 184-200.
- 1981, *The Roman Imperial Coinage*, VIII, London.
- 1991, The coinage of Arcadius (395-408), *The Numismatic Chronicle*, 151, London, pp. 35-57.
- 1994, *The Roman Imperial Coinage*, X, London.
- KING, C. E. (1992), Coleshill (Warwickshire), *The Chalfont Hoard and other Roman coin hoards*, (Coin Hoards from Roman Britain Series, 9), London, pp. 242-278.
- KOS, Peter (1986), The monetary circulation in the southeastern alpine region, (ca. 300B.C.-A.D. 1000), *Situla*, Ljubljana.
- LANHAS, Fernando e BRANDÃO, D. Domingos de Pinho (s. d.), Inventário de objectos e lugares com interesse arqueológico, *Revista de Etnografia*, VIII, 1, (15), 1967, pp. 5-74.
- LIRA, Sérgio (1984-1985), Um tesouro monetário romano do Monte Mózinho, *Nvmmvs*, 2º S., VII/VIII, Porto, p. 59-75.
- MACHADO, F. S. Lacerda (1920), *Uma cidade morta no Monte Mózinho ou Castro de Santo Estêvão de Oldrões*, Coimbra, p. 37.
- MAIA, Padre Sousa (1934), Nota Arcaica-Guilhabreu, *A Renovação*, ano I, 10-XI-1934.
- MANGAS, J., FRANCISCO, J. e PEDREGAL, A. (1984), Circulación monetária y medios de cambio durante la Antigüedad en el área astur (provincias de Astur y León), *Numisma*, 186-191, pp. 81-157.
- MAROT, Teresa (1992), La fi de l'Imperi romà i la moneda desls regnes bàrbars de l'occident Mediterrani, *La moneda a les fronteres romanes*, Gabinet Numismàtic de Catalunya, Barcelona, pp.69-82.
- 1994, Les invasions Germàniques i l'ocultació de riquesa monetária a la *Diocesis Hispaniarum*, *Tresors del Món Antic*, Gabinet Numismàtic de Catalunya, Barcelona, pp.91-107.
- MARTIN BUENO, M. A. (1980), Problemas de romanización y circulación monetária en Galicia, *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, III, Guimarães, pp. 181-193.
- MARTIN BUENO, M. A., VOLK, T. R. e CAMPO, M. (1984), Base de datos para los hallazgos monetarios, *GN*, 74-75, pp. 31-39.
- MARTINEZ, Pedro Soares (1991), *Economia Política*, Almedina, p. 522.
- MATEU y LLOPIS, F. (1947), Hallazgos Monetários, *Ampurias*, IX-X .
- 1955, Hallazgos Monetários (XII), *NH* 7, p.119
- MEDRANO MARQUES, M. (1986), La circulación monetaria bajo imperial romana en Astorga: aproximación quantitativa, *Actas del I Congreso Internacional de Astorga Romana*, Astorga, pp. 161-169.
- MENDES PINTO, José Marcelo S. (1992), Tesouros monetários Baixo-Imperiais entre Douro, Ave e Tâmega.
- Estado actual da investigação, *La Moneda Hispánica: Ciudad y Territorio*, Actas del I EPNA, (Madrid, 1994), (Anejos AEspA, XIV), Madrid, 1995, pp. 231-237.
- 1995, O povoamento da bacia superior do rio Sousa, da proto-história à romanização, *Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular*, V, (Trabalhos de Antropologia e Etnografia, Vol. 35, fasc. 1), Porto, pp. 265-292.
- MIHĂILESCU-BÎRLIBA, Virgil (1980), *La monnaie romaine chez les Daces Orientaux*, Bibliotheca Historica Romaniae, (Monographies, XXIII), Bucuresti.
- MIONNET, T. E. (1806-1837), *Description des medailles antiques grecques et romaines*, Paris, 16 vol.

- MIRANDA, Abílio (1933), *Nótulas para a História de Penafiel*, Penafiel.
- MIRNIK, I. A. (1981), *Coin Hoards in Yugoslavia*, (BAR Internacional Series 95).
- MONTEIRO, C.; SILVA, Cristina; BARBEDO, P. e GOMES, T. (1991/1992), Tesouro monetário tardo-romano de Fermentões (Guimarães), *Nummus*, 2ª s., XIV/XV, pp. 95-117.
- NAVEIRO LOPEZ, Juan L.(1991), *El comercio antiguo en el N.W. Peninsular*, A Coruña., pp. 169-173.
- NOMENCLATURAS TERRITORIAIS: Designações e Códigos, INE, Lisboa, 1994, pp. 9-95.
- NONY, D. (1967), Un trésor monétaire du Bas-Empire à Tarifa (Cádiz), *MCV*, III.
-1970, Acerca de la circulación de la moneda en Lusitania a fines del siglo IV, *XI CNA, Mérida 1968*, Zaragoza.
- OLIVEIRA, Camilo (1934), *O Concelho de Gondomar*, II, Porto, p.7 e 33-37.
- OLIVEIRA, E. Pires de (1984), *Bibliografia Arqueológica Portuguesa (1935-1969)*, Lisboa.
- OLIVEIRA, Felisbela, CAMILO, Filipe e LUNA, Isabel (1986/1987), Mais dois lotes do tesouro de Torre (S.ta Maria de Émeres, Valpaços), *Nummus*, 2ª s., IX-X, Porto, pp.115-148.
- OLIVEIRA, M. de (1905-1908), Tesouros encontrados em alguns castros do Norte de Portugal, *Portugalia*, II, Porto, pp. 666-668.
- PAÇO, Afonso do (1953), Citânia de Sanfins, *Brotéria*, Vol. LVI, 6, pp. 673-689.
- PEREIRA, Isabel (1974), Achados Monetários de Monte Mozinho, Penafiel, *Conimbriga*, XIII, Coimbra, 1974, p. 74-166.
- PEREIRA, Isabel e BOST, J.-P. (1979), Aspects de la circulation monétaire du 4.è siècle au nord du Douro, *Symposium Numismatico de Barcelona*, II, Barcelona, pp. 87-94.
- PEREIRA, Isabel, BOST, J.-P., HIERNARD, Jean (1974), *Fouilles de Conimbriga III. Les Monnaies*, Paris, p. 305-308.
- PEREIRA, José Costa (1983), As invasões bárbaras e o reino Suevo, *História de Portugal*, I, *Ed. Alfa*, Lisboa, p. 219.
- PINTO, Ruy de Serpa (1931), manuscritos depositados no IAPMC, Porto.
- PRIEUR, Jean (1986), *La mort dans l'antiquité romaine*, Ouest-France, 1986, p. 30.
- RAVETZ, A. (1964), The fourth-century inflation and romano-british coin finds, *NC*, 7ª s., IV, pp. 201-231.
- REAL, Manuel, GOMES, Paulo D., TEIXEIRA, Ricardo J. e MELO, Maria do Rosário (1992), Casa do Infante. Uma história a refazer, *Oceanos*, 12, Lisboa, pp. 17-22.
-1993, A Casa do Infante, *O Porto das Mil Idades-Arqueologia na cidade*, Porto, 1993, pp.xv-xlii.
- REECE, R. (1972a), Roman Coins in northern France and the Rhine valley, *NC*, 7th. series,XII, pp. 159-165.
-1972b, A short survey of the Roman coins found on fourteen sites in Britain, *Britannia*, 3, pp. 269-276.
-1973, Roman coinage in Britain and the Western Empire, *Britannia*, 4, 1973, pp. 227-251.
-1974, Numerical aspects of Roman coin hoards in Britain, *Coins and the Archaeologist*, (BAR 4), London, pp. 78-94.
-1987, *Coinage in Roman Britain*, London.
- REECE, R. e JAMES, S. (1986), *Identifying Roman Coins*, London.
- REMONDON, R. (1984), *La Crisis del Império Romano*, Barcelona.
- RIPOLLES ALEGRE, Pere Pau (1980) *La circulacion monetaria en las tierras Valencianas durante la Antigüedad*, A.N.E., Barcelona.

- ROBERTSON, Anne S. (1974), Romano-British coin hoards: Their numismatic, Archaeological and historical significance, *Coins and the Archaeologist*, (BAR 4), Londres, pp. 12-36
- SAMUELSON, Paul A. (1964), *Economics-an introductory analysis*, New York, pp. 370-386. (Há tradução portuguesa, ed. da Fundação Calouste Gulbenkian, 1967).
- SANTOS, F. Diego (1966), Tesorillo de monedas romanas halladas en Foxo-Tameza, *Archivum*, 16, pp. 293-313.
- SANTOS, Joaquim Neves dos (1955), *Guiões. Notas Arqueológicas, Históricas e Etnográficas. Vol. 1 - Castrum Quiffiones*, Matosinhos, p.55.
- SILVA, António Manuel S. Pinto da (1989-90), Um pequeno tesouro monetário tardo-romano de Arouca (Aveiro), *Nummus*, 2ª S., XII/XIII, Porto, pp.29-37.
- SILVA, António Manuel S. Pinto da, e TEIXEIRA, Filipe (1994), Achados numismáticos romanos dos castros de Ossela e de Ul (Oliveira de Azeméis-Aveiro), *Ul-Vária, Arquivo de Estudos Regionais*, I (1-2), OLIVEIRA DE AZEMÉIS, 1994, pp. 59-82.
- SILVA, Armando Coelho Ferreira da, e CENTENO, Rui M. S. (1980), Escavações Arqueológicas na Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira), 1977-1978, *Portugália*, Nova Série, I, Porto, pp. 57-78.
- SOEIRO, Teresa (1984), Monte Mõzinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana, *Penafiel - Boletim Municipal de Cultura*, 3ª Série, nº 1, p. 259.
- 1988/1989, Contribuição para o inventário arqueológico de Paredes, *Portugália*, n.s., IX-X, pp. 109-110.
- SOUSA, Elísio Ferreira de (1965), As moedas encontradas na Citânia do Mosinho (Cidade Morta) e as suas possíveis conclusões, separata de *Lycerna*, IV - *Actas do II Colóquio Português de Arqueologia*, Porto, pp. 249-269.
- SOUTO; J. M. e LEITE, J. M. (1986/87) Notícia de um tesouro de *solidi* aparecido em Beja, *Nummus*, IX-X, pp. 109-114.
- SUTHERLAND, C. H. V. (1938), Minimi, Radiate and Diademed: their place in roman and post-roman currencies, *Transactions of the International Numismatic Congress(London 1936)*, London, pp. 252-261.
- 1967, *The Roman Imperial Coinage*, VI, London.
- TEIXEIRA de ARAGÃO (1870), *Descrição histórica das moedas romanas do Gabinete Numismático de sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luis I*, Lisboa.
- TORRES RODRIGUEZ, Casimiro (1977), *Galicia Sueva*, Col. Galicia Historica, Fundacion Barrie de La Maza, La Coruña.
- TRANOY, Alain (1981), *La Galice Romaine*, Paris.
- TOVAR, A. e BLAZQUEZ, J. M. (1975), *Historia de la Hispânia Romana*, Bilbao.
- VASCONCELOS, José Leite de (1895), Notícias archeológicas de Penafiel, *O Archeólogo Português*, I, Lisboa, pp. 15-16.
- VELÁZQUEZ JIMÉNEZ, A. (1983), El tesorillo de "Torrecaños", Guareña, (Badajoz), *Augusta Emerita*, I, (EAE, 126), Madrid, pp. 83-190.
- VIANA, Abel (1955), Denarii do Museu Regional de Beja, *Arquivo de Beja*, Vol. XII, Beja, pag. 140-163 .
- VIEIRA, José Augusto (1886/1887), *O Minho Pittoresco*, Lisboa, 2 Vols.

DEPÓSITO MONETÁRIO DO SÉCULO III ENCONTRADO NO TERRENO DA ANTIGA CAMPSA (MÉRIDA)

Ana Bejarano Osorio*
José Ruivo**

O local onde surgiu o achado que é objecto desta nota forma parte de uma extensa área da necrópole oriental de Augusta Emerita. Este espaço caracteriza-se pela convivência, desde os momentos iniciais da colónia, de estruturas destinadas a uso doméstico (casa do Anfiteatro, casas do Museu Nacional de Arte Romano) - que impedem o avanço da necrópole em direcção às proximidades do recinto urbano (BEJARANO OSORIO 2004 242-248) - com zonas de espectáculos, dada a proximidade do Circo.

A necrópole configurou-se na época altoimperial paralelamente ao processo de formação da cidade. As escavações puseram a descoberto uma área colmatada por materiais de enchimento oriundos, possivelmente, de um primeiro núcleo de enterramentos que se situaria no espaço onde veio a ser depois erguido o anfiteatro. Sobre este nível de enchimentos construiu-se uma calçada procedente do Anfiteatro que cruza o terreno no sentido oeste/este, constituindo-se no eixo director das primeiras fases da necrópole. Desta calçada, partia um caminho porticado, que atravessava o terreno em direcção a norte, enlaçando com a cabeceira do Circo. Em redor desta via localizaram-se várias edificações funerárias, assim como um numeroso grupo de sepulturas individuais (MOLANO BRIAS *et alii* 1995 1189-1190).

Os primeiros enterramentos correspondiam a sepulturas de incineração tanto em *busta* como em *ustrina*. Pouco se conhece das grandes construções sepulcrais, mausolés cuja orientação se regia claramente pela proximidade da via, já que chegaram sobretudo até nós as fundações que apenas nos permitem reconstituir parcialmente as suas plantas. Todavia, atendendo aos elementos escultóricos recolhidos na área (cornijas, capitéis ...), as edificações deveriam ter sido sumptuosas.

* Arqueóloga do Consórcio da Cidade Monumental de Mérida.

** Doutorando em Arqueologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

O desenvolvimento da zona funerária e o seu uso continuado supuseram a adaptação dos espaços existentes e das grandes construções às novas necessidades de espaço impostas pela chegada da inumação. Progressivamente a franja foi-se saturando, gerando uma disposição desordenada dos enterramentos que se foram aproximando do recinto urbano, aproveitando o abandono em época tardia das habitações situadas no perímetro exterior (BEJARANO OSORIO 2004 248-256). Na quarta centúria, se bem que nunca se tenha deixado de enterrar nesta parte da cidade, parece ter ocorrido uma decadência e abandono parcial da necrópole em favor de outras áreas, em concreto a situada na zona sul denominada *Los bodegones*. Não obstante, a actividade funerária não cessou no local e estão documentadas sepulturas claramente atribuíveis à época visigótica, desta vez concentradas em duas áreas bem definidas, uma conhecida como necrópole de S. José e a outra nas proximidades do recinto muralhado, na área da *Casa do Anfiteatro*.

Centrando-nos agora na intervenção onde ocorreu o achado do conjunto monetar objecto do presente artigo, passaremos a referir-nos aos trabalhos efectuados numa zona ligeiramente mais afastada do núcleo populacional, constituída como área quase periférica dentro deste espaço funerário e que actualmente se conhece sob a designação de *antiga Campsa*, já que aí esteve recentemente estabelecida a empresa de distribuição de combustíveis Campsa.

Após três campanhas de escavação sucessivas, correspondentes aos anos 1998 (BEJARANO OSORIO 2000 305-331), 1999 (BEJARANO OSORIO 2001 243-254) e 2000 (BEJARANO OSORIO 2002 217-240), completou-se a exploração de um espaço de 11.000m² que nos forneceu novos dados sobre a evolução da zona oriental da colónia, que seguiu os mesmos parâmetros evolutivos visíveis na restante área associada e que conhecemos como *necrópole oriental*.

Como aspecto singular no conjunto de toda a informação recolhida destaca-se o facto de, pela primeira vez na cidade, se detectar a existência de um recinto a céu aberto, de amplas dimensões, provido de *ustrinum* colectivo, claramente vinculado a um numeroso grupo de sepulturas, que na altura interpretámos como podendo encontrar-se associado a um *collegium* (BEJARANO OSORIO 2002 217-240). Junto a este edifício surgia um mausoléu provido de uma área para a celebração dos banquetes fúnebres e, num espaço ligeiramente mais afastado, um tanque dotado de poço, com uma clara função ornamental, ainda que não seja igualmente de descartar a sua relação com os rituais funerários (BEJARANO OSORIO 2002 233-234).

Urbanisticamente toda a área se articulava perfeitamente mediante a incorporação de uma série de vias principais e eixos menores que estabeleciam a ligação com os diversos recintos registados (BEJARANO OSORIO 2002 230-231). Como caminho secundário dentro da malha viária da zona identificámos uma *via vicinalis* ou *privata* (SÁNCHEZ BARRERO e MARÍN 1998 549-570), que entroncaria numa via principal que se dirigia para a zona média do Circo. Este caminho serve de eixo sobre o qual se desenvolve o espaço funerário escavado orientando-se tanto as estruturas murais como alguns dos

enterramentos mais próximas em função do mesmo. Ainda que cronologicamente não seja possível estabelecer uma data exacta para a sua construção, o facto de o núcleo funerário o tomar como referência permite datá-lo de inícios do séc. I, momento em que se situam os primeiros enterramentos.

Parte da estrutura mural de fecho ou limite desta calçada criava, juntamente com uma parede paralela ao mesmo cuja funcionalidade era a de elemento de demarcação de um amplo recinto compartimentado em espaços assimétricos, um corredor em que, à excepção de uma única sepultura de incineração em caixa de ladrilhos datada da segunda metade do séc. I-primeira metade do séc. II (BEJARANO OSORIO 2002 221-224), apenas se documentou a existência de um nível de enchimento de terra compactada com alguma presença de rocha desagregada a modo de pavimentação e um nível de derrube que o amortizava. Foi precisamente neste substrato de abandono que foi encontrado o conjunto de 15 moedas de bronze que é objecto desta publicação. As moedas foram encontradas juntas, não tendo sido detectada qualquer fossa para o seu enterramento. É possível que estivessem ocultas no muro e que com o seu desmoronamento tenham caído no solo.

Todas as moedas são sestércios cunhados em Roma abarcando um período de mais de 150 anos compreendido entre os principados de Domiciano e de Filipe I. A sua repartição faz-se de acordo com o quadro que se segue.

	Total
Domiciano	1
Trajano	1
Adriano	2
Faustina I	1
Marco Aurélio	3
Lucila	2
Caracala	1
Gordiano III	1
Filipe I	1
Indeterminadas	2
Total	15

As moedas mais antigas, pelos claros vestígios de desgaste ostentados, acusam uma circulação prolongada, o que obstou a uma descrição e classificação satisfatória em boa parte dos casos. Duas delas chegaram até nós em tão mau estado que não foi sequer possível identificar os imperadores responsáveis pela respectiva cunhagem, embora nos pareça que a sua emissão terá ocorrido na época antonina. Apenas os exemplares mais recentes são de fácil classificação uma vez que, tendo circulado menos tempo, se encontram melhor conservados.

Tendo embora presente o facto de o número de moedas deste depósito ser bastante reduzido, constata-se que a sua composição é similar à dos restantes depósitos hispânicos com grandes bronzes do séc. III, em que percentagem significativa - muitas vezes a maioria - das moedas que os compõem são do período alto-imperial. Tomemos como exemplo depósitos volumosos como os de Talamanca, Ibiza (CAMPO e FERNÁNDEZ 1977 89-101) e “El Mirador” de Dénia, Alicante (Abascal *et alii* 1995), maioritariamente compostos por sestércios cunhados até 192, ou o de Cabrera III, Maiorca (BOST *et alii* 1992 35-116), onde a percentagem de numerário alto-imperial supera os vinte por cento. Claro que é necessário ter em conta que estes conjuntos monetários tem naturezas e datas de ocultação diferentes, com o depósito maiorquino a ser perdido vários anos mais tarde, pelo que não deixa de ser normal essa menor representação do numerário mais antigo. Por outro lado, tratando-se da caixa de uma embarcação, a sua composição tem que ser forçosamente diferente da dos outros dois conjuntos, que possuem características de aforro.

Da mesma forma, a composição do depósito do solar da Campsa não diverge grandemente da de outros pequenos depósitos mais ou menos contemporâneos, como os de El Masnou, Barcelona (GURT 1977 81-89), Domus A de Romeu, Sagunto (LLORENS FORCADA e RIPOLLÈS ALEGRE 1995 217-228), Valeria, Cuenca (OSUNA *et alii* 1978 76-79) ou Torrejones, Murcia (AMANTE SÁNCHEZ e LECHUGA GALINDO 1986 51-61), só para referirmos alguns exemplos. Em apêndice apresentamos uma lista, não forçosamente exaustiva, dos conjuntos com moedas de bronze¹ ocultados durante o séc. III na Hispânia. Uma rápida observação permite concluir de imediato que, à semelhança do tesouro do solar da Campsa, a maior parte destes conjuntos é constituída por pequenas somas, frequentemente abaixo das 20 moedas, correspondendo ao conteúdo de pequenos porta-moedas de uso mais ou menos quotidiano², já que na sua formação não se parece vislumbrar qualquer intenção de entesouramento no sentido de acumulação de riqueza. Não obstante a reduzida quantidade de moedas encontradas nestes achados, não deixam os mesmos de ser esclarecedores acerca da circulação monetária por volta de meados do séc. III, ainda dominada pelo numerário de bronze num momento em que a sua cunhagem se aproximava do fim e a crescente desvalorização do antoniniano se preparava para provocar uma inundação dos circuitos monetários com moeda de baixíssimo valor intrínseco. Estas constatações haviam já sido salientadas por LLORENS FORCADA e RIPOLLÈS ALEGRE (1995 222), que não deixam igualmente de chamar a atenção para outro aspecto que nos parece de grande interesse: a associação de vários destes tesouros a estratos de destruição ou

¹ Obviamente não incluímos na referida listagem os depósitos compostos só por moeda radiada. Um inventário bastante completo dos tesouros hispânicos do séc. III, foi recentemente realizado por MARTÍNEZ MIRA 1995-1997 119-180 e 2000-2001 297-307.

² Diferente é natureza do depósito de Altafulla, onde foram encontrados 15 sestércios depositados junto a um esqueleto num contentor em forma de cartucho. Trata-se, por certo, de uma oferenda destinada a pagar o óbolo a Caronte.

de cinzas. Embora nem todos os “tesouros” descobertos nestas circunstâncias se enquadrem no mesmo horizonte cronológico, a verdade é que muitos deles poderão remeter para as diversas perturbações em que a Hispânia, e o mundo romano de uma forma geral, terá sido fértil durante boa parte do séc. III, mas cujas circunstâncias e consequências permanecem mais ou menos desconhecidas.

Atendendo ao bastante aceitável estado de conservação dos exemplares mais recentes, sobretudo da moeda de Filipe I que encerra o depósito, quer-nos parecer que a sua perda deverá estar situada entre 250 e 260 d.C. Esta cronologia, se não nos permite estabelecer o abandono da via, documenta pelo menos a sua utilização durante grande parte da terceira centúria. Em jeito de hipótese, e atendendo a que a calçada se dirigia à zona média do Circo sem aparente ligação com outra via principal cujo traçado está bem delimitado, parece-nos que este acesso estaria em conexão com o grande edifício de espectáculos situado nas proximidades, o qual se encontraria em funcionamento ainda durante esta época, não obstante a sua decadência ter obrigado a importantes reformas logo nos inícios da quarta centúria (NOGALES BASARRATE 2000 31-46).

CATÁLOGO

1. Domiciano, Roma, (85-96 d.C.)³

Anv.: [...]GERM CO[S ...]; cabeça laureada para a direita

Rev.: Fruste

21,79 g

RIC -

Nº inv. 5

2. Trajano, Roma, 98-117 d.C.

Anv.: [...] GER D[AC ...]; cabeça laureada para a direita

Rev.: Ilegível; tipo não identificado

22,12 g

RIC -

Nº inv. 12

3. Adriano, Roma, 117-138 d.C.

Anv.: Ilegível; cabeça (ou busto) descoberta (?) para a direita

Rev.: Ilegível; figura não identificada de pé (...)

³ Datação sugerida pela distribuição da parte não truncada da legenda.

20,62 g

RIC-

Nº inv. 8

4. Adriano, Roma, 117-138 d.C.

Anv.: Ilegível; cabeça laureada para a direita

Rev.: Ilegível; figura não identificada de pé para a esquerda (...)

22,12 g

RIC-

Nº inv. 9

5. Faustina I (divinizada, sob Antonino Pio), Roma, *post.* 141 d.C.

Anv.: [DIVA FAV]STINA; busto velado para a direita, drapeado

Rev.: [AE]TER[NI]TAS S C; Fortuna de pé, para a esquerda, com leme e globo

22,95 g

RIC 1107

Nº inv.: 13

6. Marco Aurélio, Roma, Dezembro 163-Dezembro 164 d.C.

Anv.: M AVREL ANTONINVS AV[G P M]; cabeça laureada para a direita

Rev.: ilegível: [TR P XVIII IMP II COS III S C]⁴; Vitória caminhando para a esquerda, com palma e coroa

25,70 g

RIC 877

Nº inv. 14

7. Marco Aurélio, Roma, Dezembro 178-Dezembro 179 d.C.

Anv.: [M] AVREL ANTONINVS AVG TR P XXXIII; cabeça laureada para a direita

Rev.: [FELICITAS AVG IMP VIII (ou X) COS III PPS] C; Felicitas de pé, para a esquerda, com ceptro e caduceu

21,02 g

RIC 1237/1239

Nº inv. 6

⁴ A quebra da legenda de anverso e o espaço onde esta se encontra truncada não permitem uma titulação mais extensa comportando a indicação do poder tribunicio ou os títulos militares ARM PARTH ou GERM SARM, por exemplo, pelo que a legenda de reverso só poderia ser a proposta.

8. Marco Aurélio, Roma, 161-180 d.C.⁵

Anv.: [... A]NTONIN[VS ...]; cabeça laureada para a direita

Rev.: Ilegível [...] S C; Figura de pé para a esquerda (Felicitas ?), com ceptro (...)

17,30 g

RIC-

Nº inv. 11

9. Lucila (sob Marco Aurélio), Roma, 164-169 d.C.

Anv.: LVCILLAE AVG ANTONINI AVG F; busto para a direita, drapeado

Rev.: HI[LARITAS] S C; Hilaritas de pé, para a esquerda, com palma comprida e cornucópia

24,70 g

RIC 1742

Nº inv.: 2

10. Lucila (sob Marco Aurélio), Roma, 164-169 d.C.

Anv.: LVCILLAE AVG [ANTONINI AVG F]; busto para a direita, drapeado

Rev.: [IVNONI LVCI]N[AE S C]; Juno sentada para a esquerda com criança e flor

24,19 g

RIC 1747

Nº inv.: 7

11. Caracala, Roma, 191-192 d.C.

Anv.: LAELAVREL COMM AVG P FEL; cabeça laureada para a direita

Rev.: Ilegível; [...] S C; Libertas de pé, para a esquerda, com ceptro e *pileus*; em baixo: estrela no campo, para a esquerda

20,70 g

RIC 617/619

Nº inv.: 4

12. Gordiano III, Roma, 240 d.C.

Anv.: IMP GORDIANVS PIVS FEL AVG; busto laureado para a direita, drapeado e couraçado, visto por detrás

Rev.: P M TR P II COS P P S C; Imperador de pé para a esquerda, togado e velado, com bastão, sacrificando sobre altar

⁵ Atribui-se a cronologia do principado de Marco Aurélio, apesar da elevada probabilidade de a moeda reproduzir os mesmos tipos da moeda nº 7.

23,53 g
 RIC 291
 Nº inv.: 1

13. Filipe I, Roma, 244-249 d.C.

Anv.: IMPM IVL PHILIPPVS AVG; busto laureado para a direita, drapeado e couraçado, visto por detrás

Rev.: LAET FVNDATA S C; Laetitia de pé para a esquerda sobre proa, com pátera e leme

18,57 g
 RIC 176a
 Nº inv.: 3

Moedas não identificadas, provavelmente do período antonino

14. Imperador não identificado, Séc. II d.C.?

Anv.: Ilegível; cabeça (?) laureada para a direita

Rev.: Figura feminina para a esquerda com cornucópia (...)

17,75 g
 RIC-
 Nº inv.: 15

15. Imperador não identificado, Séc. II d.C.?

Anv.: Ilegível; cabeça (?) laureada para a direita

Rev.: fruste

18,83g
 RIC-
 Nº inv.: 10

APÊNDICE

Tesouros do séc. III com moedas de bronze⁶

1. Cabrera III (Maiorca): 965 sestércios e 2 antoninianos, de Domiciano a Valeriano (BOST *et alii* 1992 35-116);
2. Dianium (Alicante): 668 sestércios e 1 dupôndio, de Vespasiano a Gordiano III (ABASCAL *et alii* 1995);

⁶ Por ausência de dados satisfatórios, foram excluídos vários supostos conjuntos monetais, como os de Arruda dos Vinhos (MATEU Y LLOPIS 1947-1948 68), Polvarinho (MATEU Y LLOPIS 1947-1948 68), S. Miguel (PEREIRA *et alii* 1974 232, nº 15), Saragoça (DELGADO CEAMANOS 1990 205-210), Aljibe de Poveda (MARTÍNEZ MIRA 2000-2001 300, nº 95) e Numario da Universidade de Valência (ARROYO ILERA 1984 428-430).

3. Talamanca (Ibiza): 516 sestércios, de Tito a Gordiano III (CAMPO e FERNÁNDEZ 1977 89-101);
4. Cueva de la Zorra (Carranza): cerca de 100 bronzes até, pelo menos, Gordiano III (CEPEDA OCAMPO 1990 28-30 y 171-172);
5. La d'Eula (Alicante): 55 sestércios e 7 antoninianos, de Nero a Galieno (GONZÁLEZ PRATS e ABASCAL PALAZON 1987 183-196);
6. Villaubia (Pla de L'Estany): 45 sestércios, 1 as e 2 antoninianos, de Antonino Pio a Galieno (ROURE i BONAVENTURA *et alii* 1986-1989 268-281);
7. Bolibar (Vizcaya): cerca de 30 bronzes de que apenas se descrevem 3 sestércios, o mais recente de Severo Alexandre (CEPEDA OCAMPO 1990 39-40 e 171);
8. Mas d'Aragó (Castellon): 15 sestércios e 38 antoninianos, de Adriano a Galieno (GOZALBES 1996 383-404);
9. Clunia 3: 2 sestércios, 2 asses e 50 antoninianos, de Domiciano a Aureliano (GURT ESPARRAGUERA 1985 133-145);
10. Clunia 2: 1 sestércio, 4 asses, 1 denário e 18 antoninianos, de Augusto a Probo (GURT ESPARRAGUERA 1985 133-145);
11. El Masnou (Barcelona): 17 sestércios, de Domiciano a Filipe II (GURT 1977 81-89);
12. Pollentia (Maiorca): 17 sestércios, de Adriano a Trajano Décio (MATTINGLY 1983 269)⁷;
13. Casa do Anfiteatro (Mérida): 16 bronzes de Cláudio I a Maximino⁸;
14. Altafulla 2 (Tarragona): 15 sestércios, de Adriano a Galieno (reino conjunto) (MAROT 1998 218-220);
15. Valeria (Cuenca): 7 sestércios, 3 dupôndios e 5 bronzes indeterminados, de Antonino Pio a Herénia Etruscila (OSUNA *et alii* 1978 76-79);
16. Benicató (Castellón): 11 sestércios e 5 asses, de Antonino Pio a Valeriano (RIPOLLÉS ALEGRE 1977 145-154);
17. Domus A de Romeu (Sagunto): 11 sestércios, de Domiciano a Balbino (LLORENS FORCADA e RIPOLLÉS ALEGRE 1995 217-228);
18. Los Torrejones (Murcia): 8 sestércios e 1 asse, de Calígula a Trajano Décio (AMANTE SÁNCHEZ e LECHUGA GALINDO 1986 51-61);
19. Torre Llauder (Mataró): 8 bronzes, de Domiciano a Júlia Mameia, e 188 argolas de bronze (GURT 1978 10-15);
20. Quinta das Cortes (Marco de Canavezes): pelo menos 31 sestércios de Domiciano a Valeriano (MENDES-PINTO 2004 189-199).

BIBLIOGRAFIA

ABASCAL, J.M. *et alii*, *Un tesoro de sestercios romanos procedentes del territorium de Dianium (Hispania Citerior)*, Alicante, 1995.
AMANTE SÁNCHEZ, M. e LECHUGA GALINDO, M., "Un conjunto de bronzes del siglo III

⁷ Atendendo ao desgaste dos exemplares mais recentes, Mattingly considera a ocultação posterior a 270.

⁸ As moedas deste conjunto, depositadas no Museo Nacional de Arte Romano com os nºs de inventário 32536 a 32551, não foram ainda objecto de limpeza, pelo que os dados apresentados devem ser considerados provisórios.

- d.C. procedente de yacimiento romano de los Torrejones (Yecla, Murcia)", *I Jornadas de Historia de Yecla*, 1986, p. 51-61.
- ARROYO ILERA, R. *El numario de la universidad de Valencia*, València, 1984.
- BEJARANO OSORIO, A. M^a., "Intervención arqueológica en el antiguo solar de la Campsa. Espacio funerario de época altoimperial", *Mérida, excavaciones arqueológicas*, 4. 1998, 2000, pp. 305-332.
- BEJARANO OSORIO, A. M^a., "Nuevas intervenciones en el espacio funerario conocido como "necrópolis oriental" de Mérida. "Intervención arqueológica en un solar situado en la antigua Campsa s/n", *Mérida, excavaciones arqueológicas*, 5. 1999, 2001, pp. 243-253.
- BEJARANO OSORIO, A. M^a., "Nuevos datos acerca del área funeraria de época altoimperial ubicada en el antiguo solar de la CAMPSA. Intervención arqueológica realizada en el solar de la antigua CAMPSA s/n", *Mérida, excavaciones arqueológicas*, 6. 2000, 2002, pp. 217-240.
- BEJARANO OSORIO, A. M^a., *El mausoleo del dintel de los ríos: los contextos funerarios tardíos en Augusta Emerita*, Cuadernos Emeritenses 27, Mérida, 2004.
- BOST, J. P. *et alii*, *L' épave Cabrera III (Majorque)*, 1992.
- CAMPO, M. e FERNÁNDEZ, J. N., "El tesoro de Talamanca (Ibiza): sextercios de Tito a Gordiano", *Acta Numismatica*, 7, 1977, pp. 89-110.
- CEPEDA OCAMPO, J.J., *Moneda y circulación monetaria en el País Vasco durante la Antigüedad (siglo II a.C.-V. d.C.)*, Bilbao, 1990.
- DELGADO CEAMANOS, J., "Informe de la excavación realizada del solar de la C/ Universidad 7, angular C/ Torellas (Zaragoza)", *Arqueología de Aragón*, 1990, pp. 205-210.
- GONZÁLEZ PRATS, A. e ABASCAL PALAZON, J. M., "La ocultación monetaria de la d'Eula, Crevillente (Alicante) y su significación para el estudio de las invasiones del siglo III", *Lucentum*, VI, 1987, pp. 183-196.
- GOZALBES, M., "El tesoro del Más d' Aragón (Cervera del Maestre, Castellón)", *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Castellonenses*, 17, 1996, 383-404.
- GURT, J. M., "Hallazgo de un tesoro del siglo III en la villa romana de Torre Llauder (Mataró)", *Gaceta Numismática*, 50, 1978, pp. 10-15.
- GURT, J. M., "Un tesoro del s. III en Masnou (Barcelona)", *Gaceta Numismática*, 44, 1977, pp. 81-89.
- LLORENS FORCADA, M^a del Mar e RIPOLLÉS ALEGRE, P.P., "El depósito monetario de la Domus A de Romeu: nuevas aportaciones a la circulación de moneda de bronce en Sagunto durante el siglo III d.C.", *Saguntum*, 28, 1995, pp. 217-228.
- MAROT, T., "El conjunt de sestercis del segle III", in TARRATS, F. *et alii*, "Excavacions a l' área residencial de la vil.la romana dels Munts (Altafulla, Tarragonés)", *Ampurias*, 51, 1998 218-220.
- MARTÍNEZ MIRA, I., "Tesorillos del S. III d.C. en la Península Ibérica", *Lucentum*, XIV-XVI, 1995-1997, pp. 119-180.
- MARTÍNEZ MIRA, I., "Tesorillos del S. III d.C. en la Península Ibérica (II)", *Lucentum*, XIX-XX, 2000-2001, pp. 297-307.
- MATEU Y LLOPIS, F., "Hallazgos monetarios. V", *Ampurias*, 9-10, 1947-1948, pp. 55-95.
- MATTINGLY, H. B., "Roman Pollentia: coinage and history", in ARRIBAS, A. (ed.), *Pollentia. Estudio de los materiales I. Sa Portella, excavaciones de 1957-63*, Palma de Maiorca, 1983, pp. 243-301.
- MATTINGLY, H. e SYDENHAM, E. A., *The Roman Imperial Coinage, II. Vespasian to Hadrian*, Londres, 1972 (reed.).
- MATTINGLY, H. e SYDENHAM, E. A., *The Roman Imperial Coinage, III. Antoninus Pius to*

Commodus, Londres, 1972 (reed.).

MATTINGLY, H. *et alii*, *The Roman Imperial Coinage, IV-3.Gordian III-Uranus Antoninus*, Londres, 1968 (reed.).

MENDES-PINTO, J.M.S., “O tesouro da Quinta das Cortes (Soalhães, Marco de Canavezes)”, *Nummus*, 2ª s., XXVII, 2004, pp. 189-199.

MOLANO BRIAS, J. e ALVARADO, M., “Avance de las excavaciones realizadas en la necrópolis oriental de Emerita Augusta. “El Sitio del Disco” (1988-1990)”, *Actas del XXI Congreso Nacional de Arqueología* (Teruel, 1991), Vol. III. Zaragoza, 1995, pp. 1183-1197.

NOGALES BASARRATE, T., *Espectáculos en Augusta Emerita, (espacios, imágenes y protagonistas del ocio y espectáculo en la sociedad romana emeritense)*. M.N.A.R. Monografías Emeritenses, 5. Badajoz, 2000.

OSUNA, M. *et alii*, *Valeria romana I*, Cuenca, 1978.

PEREIRA, I. *et alii*, *Fouilles de Conimbriga, III.Les monnaies*, Paris, 1974.

RIPOLLÉS ALEGRE, P. P., “Estudio numismático en la villa de Benicató (Nulles, Castellón)”, *CPAC*, 4, 1977, pp. 145-154.

ROBERTSON, A. S., *Roman Imperial Coins in the Hunter Coin Cabinet, II. Trajan to Commodus*, Londres/Glasgow/Nova Iorque, 1971.

ROURE i BONAVENTURA, A., *et alii*, “Trobada d’ un conjunt monetari a Vilauba (Camós, Pla de L’ Estany)”, *Empúries*, 48-50 (2), 1986-1989, pp. 268-281.

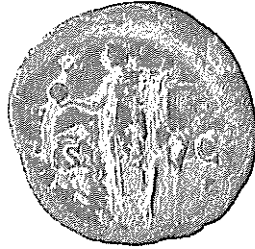
SÁNCHEZ BARRERO, P. D. e MARÍN, B. (2000), “Caminos periurbanos de Mérida”, *Mérida, excavaciones arqueológicas*, 4. 1998, 2000, pp. 549-570.



2A



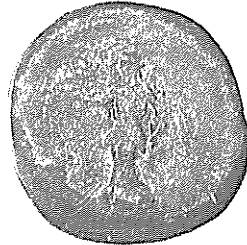
5A



5R



6A



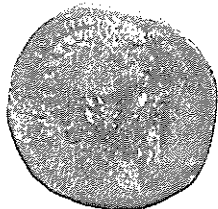
6R



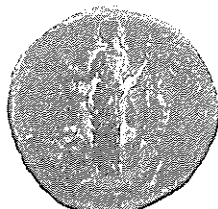
7A



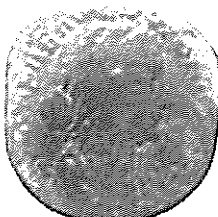
7R



8A



8R



9A



9R



11A



11R



12A



12R



13A



13R

AS MEDALHAS RELIGIOSAS DE SANTA CLARA-A-VELHA¹

Teresa Mourão

1. Introdução

Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos, entre 1996 e 2000, no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra decorreram de um projecto mais abrangente de valorização do sítio por iniciativa do Instituto Português do Património Arquitectónico. Com efeito, não obstante algumas tentativas de reabilitação desenvolvidas pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais durante o Estado Novo, o antigo mosteiro chegou aos nossos dias num verdadeiro estado de abandono. Pretende-se agora dotar o monumento das infra-estruturas necessárias à fruição pública do espaço monástico, seguindo as tendências contemporâneas de musealização de sítios patrimoniais, e associar-lhe um núcleo museológico onde estará patente a explicação da história do sítio e a exposição do espólio detectado².

¹ Artigo baseado em T. Mourão, *Entre murmúrios e orações. Aspectos da vida quotidiana do Convento de Santa Clara-a-Velha captados através do espólio funerário (séculos XVI e XVII) – Proposta de exposição*, dissertação de Mestrado em Museologia e Património Cultural, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em Janeiro de 2005.

² Sobre o projecto de valorização do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha e sobre a intervenção arqueológica e seus resultados ver, entre outros, A. Corte-Real, P. Santos, T. Mourão, *Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra. Intervenção arqueológica 1995-1999* (Separata das actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular), Porto, 2000; A. Corte-Real, *Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra. Novos dados para o seu conhecimento. Operação arqueológica 1995-1999*, dissertação de Mestrado em Arqueologia, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2001; A. Corte-Real, F. P. Macedo, "Le cloître de Saint Claire-1' Ancienne de Coimbra (XIV siècle)", *Revue de l'Art*, nº133, 2001; A. Corte-Real, P. Santos, T. Mourão, "Intervenção arqueológica Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra", *Património. Estudos*, nº3, 2002; A. A. Costa, S. Fernandes, *Concurso para a elaboração do projecto de valorização do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, em Coimbra, e terrenos envolventes. Memória descritiva e justificativa*, Coimbra, 2002; F. P. Macedo, "Novos dados sobre o

A intervenção arqueológica permitiu a descoberta de espaços do mosteiro até então soterrados e de que não havia memória, como o claustro e algumas dependências conventuais, bem como o desaterro da igreja que se encontrava reduzida a cerca de metade da sua altura. Permitiu ainda a detecção de uma enorme quantidade de espólio arqueológico de grande variedade e de significativa qualidade. Proporcionando uma nova leitura do lugar e um primeiro contacto com importantes despojos humanos, a escavação permitiu trazer nova luz à história de um monumento muito referenciado em termos historiográficos e à caracterização de uma comunidade religiosa cuja vivência era totalmente desconhecida.

Após uma primeira fundação, que teve lugar em 1286 e que culminou na extinção em 1311, o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha foi fundado pela Rainha D. Isabel de Aragão (a Rainha Santa), em 1314, com o objectivo de albergar uma comunidade religiosa da Ordem de Santa Clara. A fundação desta casa monástica foi influenciada por um movimento religioso que, à época, se fazia sentir por toda a Cristandade. Com efeito, a partir do século XIII, começaram-se a manifestar em Portugal os ecos de uma nova corrente espiritual mendicante que estava em expansão no Ocidente e que teve a sua visibilidade através da instituição de conventos da Ordem de S. Francisco e da Ordem de Santa Clara³.

Seguindo o exemplo evangélico de S. Francisco de Assis, em 1212, Santa Clara fundou uma Ordem religiosa que elegeu como ideais espirituais a renúncia à posse de bens materiais, o afastamento do mundo secular e a inteira dedicação a Deus. As clarissas professavam, por isso, os votos solenes de obediência, de castidade, de pobreza e de clausura, valores sobre os quais se estruturava toda a sua vida religiosa. Imitando o despojamento de Cristo e renunciando à vida mundana, as monjas de Santa Clara viviam no interior dos conventos em humildade e em rigorosa clausura, princípios considerados como meios ascéticos indispensáveis ao cumprimento integral da sua vocação contemplativa⁴.

Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra”, *O Mosteiro*, Porto, 1996; F. P. Macedo, “O hospital de Santa Isabel junto ao Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra”, *João Afonso de Santarém*, Santarém, 2000; F. P. Macedo, “Santa Clara-a-Velha, à procura de um mosteiro perdido”, *Conversas à volta dos Conventos*, Évora, 2002; F. P. Macedo, “Morte e Vida no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra”, *Conservação e Intervenção em Sítios Arqueológicos e Monumentos Históricos*, Porto, 2002; F. P. Macedo, “O Mosteiro Velho de Santa Clara”, *Revista MONUMENTOS*, Nº18, Lisboa, 2003; T. Mourão, *Reflexos do Património*, Coimbra, 2000.

³ Sobre os contextos religiosos da época e a espiritualidade e história da Ordem franciscana ver, entre outros, J. M. Moliner, *Espiritualidad medieval. Los mendicantes*, Burgos, 1974; S. A. Gomes, “As Ordens Mendicantes na Coimbra Medieval: Notas e Documentos”, *Lusitania Sacra*, 2ª série (10), 1998, pp. 149-215; F. F. Lopes, “Franciscanos”, *Dicionário da História de Portugal*, vol. 2, Lisboa, 1965, p. 295-297; A. M. Moreira, “Implantação e desenvolvimento da Ordem Franciscana em Portugal - séculos XIII-XVI”, *O Franciscanismo em Portugal*, Lisboa, 1996, pp. 13-27. Sobre a Ordem de Santa Clara em Portugal ver A. M. Moreira, “Breve história das clarissas em Portugal”, *Las clarisas en Espana y Portugal*, 4 vol., Madrid, 1994, pp. 211-230; *A Ordem de Santa Clara em Portugal*, Braga, 1976.

⁴ Sobre a Ordem de Santa Clara e as clarissas ver, entre outros, C. R. Núñez, “El conventualismo femenino: las Clarisas”, *Espiritualidade y Franciscanismo*, pp. 87-100; J. N. Barreira, *Constituições*

Foi no contexto religioso de expansão do movimento franciscano que, quando ainda decorriam as obras para a edificação de um novo mosteiro dedicado a Santa Clara, em 1317, se instalaram em Coimbra as primeiras freiras clarissas vindas de Zamora. A elas, juntaram-se damas do Paço e outras senhoras da nobreza mais notável de Portugal, Castela e Aragão, constituindo um cenóbio de linhagens ilustres e privilegiadas⁵. Depressa, porém, a comunidade religiosa se viu perante uma existência acidentada, a qual foi caracterizada pela luta constante contra a água que progressivamente invadiu as dependências conventuais, em consequência do rápido processo de assoreamento do rio Mondego. A uma primeira cheia de grandes proporções, em 1331, seguiram-se inundações cíclicas, durante todo o século XV, e, no século seguinte, a água tornou-se um elemento permanente nas edificações monásticas provocando a sua progressiva degradação e ruína e tornando as condições de habitabilidade dramáticas. Apesar de terem sido efectuadas algumas obras de reparação, a necessidade de abandonar o espaço sagrado tornou-se premente. Finalmente, em 1677, as clarissas foram transferidas para um novo mosteiro, no vizinho Monte da Esperança, abandonando o antigo espaço conventual, que, desde então, passou a ser conhecido como “Mosteiro de Santa Clara-a-Velha”⁶.

2. Apresentação do conjunto

O conjunto de medalhas religiosas de Santa Clara-a-Velha é constituído por 32 peças, exumadas na escavação arqueológica levada a cabo entre 1996 e 2000. É de salientar que todas as medalhas foram detectadas no interior do espaço conventual de clausura, ou seja, em locais exclusivamente reservados às clarissas, quer em tempo de vida quer em tempo de morte, pelo que podemos depreender que as peças medalhísticas aqui apresentadas pertenceram às monjas que viveram e morreram no mosteiro de Coimbra entre 1317 e 1677.

A dispersão de achados das peças concentrou-se maioritariamente no claustro do mosteiro, com grande incidência no canto noroeste (nave norte e nave poente) e no pátio. Foram, ainda, detectadas cinco medalhas na zona do dormitório das freiras e uma outra numa dependência do claustro num contexto de aterro ou lixeira de cozinha.

Gerais da Ordem de Santa Clara, Rio de Janeiro, 1973; *Directório e Devocionário da federação das irmãs clarissas de Portugal*, Lisboa, 1974; *Fontes Franciscanas, Santa Clara de Assis*, Braga, 1996; *Regra e Constituições Gerais da Ordem das Irmãs Pobres de Santa Clara*, Braga, 1988; *Constituições Gerais para todas as freiras e religiosas sujeitas a obediência da ordem de N.P.S. Francisco...*, Lisboa, 1693; J. Avalos, *Primeira y segunda regla de Santa Clara*, Sevilha, 1600-1688.

⁵ Sobre as clarissas de Coimbra, caracterização da comunidade, vida e morte no convento, ver T. Mourão, *Entre murmúrios e orações...*, pp. 3-8; pp. 53-64.

⁶ Sobre a história do Mosteiro ver, entre outros, A. Vasconcelos, *Dona Isabel de Aragão (a Rainha Santa)*, Coimbra, 1993; A. F. Pimentel, “Santa Clara-a-Velha de Coimbra. Das origens aos presentes trabalhos de recuperação”, *Munda*, Coimbra, 1994.

Além das referidas, foram detectadas cinco medalhas associadas a enterramentos, duas das quais numa mesma sepultura localizada no claustro⁷ e as três restantes em três enterramentos depositados na nave central do coro da igreja⁸. Estas cinco peças apareceram num contexto arqueológico muito específico e privilegiado pelo facto de permitirem proceder à sua associação directa com os seus utilizadores, acrescentando ainda a importância de, simultaneamente, as peças nos permitirem proceder a uma datação aproximada da época dos enterramentos.

Enquanto espólio funerário, todas as medalhas religiosas apareceram em enterramentos de mulheres adultas, certamente clarissas, e associadas a contas de rosário em osso ou madeira, com excepção da medalha 1, a peça de menor dimensão da colecção, detectada na mão de uma criança de 9 ou 10 anos de idade⁹. Foi possível concluir, através do estudo das medalhas, que os enterramentos 26¹⁰ e 59¹¹ datam do século XVII, enquanto que a data epigrafada na laje do enterramento 60cl¹² conduziu à conclusão de que as medalhas 2 e 5 não podem ser posteriores a 1597, datando com muita probabilidade do final do século XVI.

As peças medalhísticas são, predominantemente, de forma oval e de pequenas dimensões¹³, existindo, contudo, algumas medalhas com formato diverso (de forma circular, rectangular ou em forma de coração). Existe uma variante da forma oval que apresenta, além de aro de suspensão no topo, três saliências arredondadas nos eixos, aparentemente simulando a forma simbólica da cruz.

Todas as medalhas apresentam um dispositivo, ou vestígios da sua existência, no topo, perpendicularmente à face: um aro de suspensão, em forma de lágrima invertida com perfuração central circular. Este dispositivo consistia numa peça que, soldada à medalha, possibilitava a colocação de um fio destinado à suspensão, uma vez que as medalhas religiosas se utilizavam suspensas nos rosários, ou em fitas, cordões, fios ou colares.

Com excepção de duas medalhas em prata, as restantes 30 peças são em liga de cobre – ‘ouricalco’¹⁴ –, com variações na composição da liga de cada peça¹⁵ e tratando-se sempre de um metal pobre.

⁷ Sepultura 60cl.

⁸ Sepulturas 26, 57 e 59.

⁹ Sepultura 57 – um enterramento em caixão de madeira.

¹⁰ Um enterramento depositado directamente sobre a terra, de uma mulher com cerca de 30-39 anos.

¹¹ Um enterramento depositado directamente sobre a terra, de uma mulher com cerca de 40-49 anos.

¹² Um enterramento, de uma clarissa com mais de 50 anos, depositado directamente sobre a terra e coberto com uma laje tumular em pedra com a seguinte inscrição: S. MARGDA.DA.CÔCEPCÃO. FALECEO.A.26.DOVTVBRO.DE.1597.

¹³ Variando, genericamente, entre 14mm de altura/11mm de largura e 32mm de altura/26mm de largura.

¹⁴ O ouricalco (Sn+Zn+Cu) é uma liga metálica utilizada em moedas que lhes confere uma coloração dourada. Esta liga foi utilizada, desde a Antiguidade Clássica, nos Sestércios a partir de Nero. Agradeço estas informações e a restante colaboração à Professora Doutora Conceição Lopes.

Todas as peças do conjunto de Santa Clara foram produzidas pelo processo de cunhagem¹⁶, o modo de fabrico dominante, a partir do século XVI, e que permitiu a produção mecanizada e a reprodução fácil e rápida de peças idênticas, elaboradas a partir do mesmo molde, destinadas à divulgação massificada.

3. Representações visíveis do invisível

As pequenas medalhas santificadas têm a sua origem histórica nos amuletos metálicos pagãos, os quais, uma vez cristianizados, passaram a valer pelo seu significado enquanto suporte de imagens veneradas e, assim, à semelhança das relíquias, adquiriram um poder inerente de fé enquanto protectoras e intercessoras.

Com efeito, por um processo de substituição mental, as imagens tornaram-se objecto de culto, “captando” a virtude mágica das figuras sagradas perpetuadas. Ora, ao converterem-se em imagens miraculosas e dotadas de poderes sobrenaturais e mágicos, as medalhas religiosas tornaram-se num meio privilegiado de diálogo com o sagrado, numa parcela simbólica e tangível do divino.

Sendo destinadas a uso pessoal, as medalhas tinham, no entanto, a função de divulgar o cristianismo e a mensagem apologética da Igreja. De facto, a Igreja soube compreender a capacidade de fascínio das imagens sobre os fiéis e, por isso, utilizar a imagem como meio de propagação da sua mensagem dogmática e doutrinária.

Neste sentido, a arte esteve ao serviço da Igreja com o objectivo de fazer penetrar a sua doutrina nos incultos iletrados e instruir a população ignorante. Além disso, as imagens serviam de meio de aproximação, familiarização e confirmação do mistério divino.

Por isso, o culto da representação do sagrado esteve sempre omnipresente na religião católica. As imagens de todo o elenco dos livros sagrados e, especialmente, dos santos, representadas nos diversos tipos de suporte artístico, não pararam de se multiplicar na Idade Média e nunca foram tão numerosas como no século XV, na véspera da Reforma.

No século XVI, a reacção iconoclasta da Reforma protestante pretendeu suprimir radicalmente as imagens da Virgem e dos Santos. Os reformadores esforçaram-se para que os santos fossem substituídos por Deus, baseados na crença de que o culto dos santos relegava para segundo plano o culto de Cristo, mediador de Deus na terra, e quiseram, por isso, abolir todas as imagens que não representassem a divindade¹⁷. Não conseguiram, no entanto, extinguir o culto das imagens dos países fiéis ao catolicismo, e, aliás, a Contra-

¹⁵ Não tendo existido possibilidade de proceder a análises que permitiriam aferir com segurança quais os componentes existentes e sua percentagem na liga de cada medalha, limitar-me-ei a fazer uma caracterização genérica com base numa observação visual à lupa binocular realizada pela Dr.^a Adília Alarcão e nas preciosas informações por ela prestadas. Agradeço a disponibilidade e a colaboração da Dr.^a Adília Alarcão.

¹⁶ Informação prestada pela Professora Doutora Conceição Lopes.

¹⁷ L. Réau, *Iconographie de l'Art Chrétien*, tomo I, Paris, 1955-1959, pp. 375, 414-415.

Reforma reagiu restaurando o culto das imagens e introduzindo no seu repertório artístico temas de propaganda anti-protestante: o culto das imagens dos santos e da Virgem Maria apareceram renovados com ostentação e aparato.

A arte serviu, assim, ao Papado como meio de propaganda religiosa numa estratégia de “reconquista” dos fiéis que se afastavam vertiginosamente da religião católica. Através das imagens, explorava-se um novo recurso capaz de tocar o coração do povo: a sensibilidade. A função da imagem era cada vez mais a criação de uma relação afectiva com as representações sagradas, e através delas com a Igreja Católica.

As medalhas religiosas eram, neste contexto, um meio privilegiado de suscitar a afectividade dos fiéis e de os reaproximar da doutrina católica. Objectos pessoais, de utilização privada e íntima, permitiam a constante contemplação e incitavam à fé. Reais, tangíveis, visíveis, as medalhas permitiam uma doce e íntima cumplicidade com o transcendente. Elaboradas com proximidade, afectividade e charme ou magia, permitiam um acesso imediato a um mundo invisível que confirmava a prova da existência de Deus e da corte celeste. Objectos temporais, serviam a sensação de presença terrena da eternidade celeste.

Como imagens de devoção e arte de massas, facilmente difundidas pela sua pequena dimensão e entendidas pela sensibilidade de cada tempo, as medalhas religiosas serviram, ao longo dos séculos, a mensagem da Igreja e alimentaram a devoção e a piedade populares.

4. Os temas iconográficos¹⁸

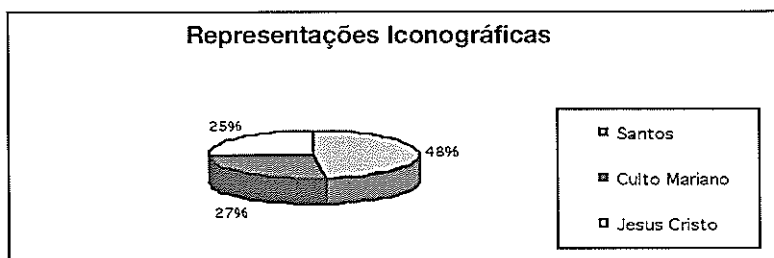
Todas as medalhas religiosas do conjunto de Santa Clara-a-Velha apresentam representações iconográficas cristãs em ambas as faces. Perante a enorme dificuldade em estabelecer quais as faces correspondentes ao anverso e ao reverso, optámos pela importância das figuras ou cenas representadas no culto católico, o que, em abono da verdade, não permite resultados concludentes.

De facto, não é fácil determinar as faces principais das medalhas e os motivos pelos quais foram elaboradas. Sendo todas as medalhas bifaces, é no entanto tentador considerá-las como duplas medalhas uma vez que ambas as faces poderiam ser consideradas anverso e que muito raramente se relacionam directamente entre si.

Assim, optámos por analisar as representações iconográficas dos aversos e reversos das 32 medalhas separada e independentemente, como se se tratassem de representações isoladas, e apenas identificar a relação com que aparecem associadas em cada peça no Catálogo das Medalhas. Subdividimos a análise das 64 figurações iconográficas em três grupos temáticos de acordo com os cultos que representam – o culto de Jesus Cristo, o culto mariano e o culto dos santos (Gráfico 1).

¹⁸ Agradeço a preciosa ajuda, a disponibilidade e a colaboração, na identificação e interpretação das representações iconográficas, ao Padre Vasco Pinto de Magalhães, S. J., ao Padre Luís Providência, S. J., e ao Padre António Trigueiros, S. J.

Gráfico 1 – Representações iconográficas das medalhas religiosas



O culto de Jesus Cristo

Apesar de, em comparação com as representações da Virgem Maria e dos santos, o número de figurações iconográficas de Jesus Cristo ser muito reduzido, destaca-se a preponderância do tema da **Sagrada Eucaristia** na colecção, uma forma simbólica de evocação de Cristo, através do culto do seu corpo e da devoção ao Santíssimo Sacramento. Trata-se de um tema bastante repetido nas medalhas¹⁹, revelando, de forma inequívoca, as determinações pós-tridentinas da Igreja católica de defesa e de glorificação dos sacramentos em oposição às contestações protestantes²⁰.

Nas representações medalhísticas da Sagrada Eucaristia foi utilizado um único tipo iconográfico. Podemos caracterizá-lo, genericamente, pela presença central do recipiente sagrado e da hóstia consagrada resplandecente, os quais estão ladeados por dois anjos orantes. Este tipo artístico apresenta, entre as várias peças, ligeiras variações iconográficas - tais como a representação das figuras que ladeiam o cálice, geralmente aladas mas constatando-se o caso da ausência das asas, o tipo de vestuário que envergam ou a sua nudez, e ainda a ocorrência da sua substituição por motivos vegetalistas -, ou epigráficas - variando as inscrições que dizem respeito ao culto do Santíssimo Sacramento.

Evidenciam-se do conjunto as duas representações do Santíssimo Sacramento de melhor qualidade artística e de mais fino trabalho de gravação, as quais saíram do mesmo cunho²¹. Trata-se da representação de uma custódia resplandecente, em forma de cálice, com tampa em forma de cúpula bolbosa encimada por cruz latina. No seu interior é visível a hóstia sagrada. A custódia encontra-se ladeada por dois anjos orantes, ajoelhados sobre

¹⁹ A Sagrada Eucaristia é o tema que aparece mais vezes repetido nas medalhas da colecção, figurando na face de 10 peças (medalhas 12, 13, 15, 18, 19, 20, 21, 22, 26, 27).

²⁰ Conhecem-se representações medalhísticas da Sagrada Eucaristia noutras colecções arqueológicas do país, tais como: as peças que se encontram expostas no Museu do Convento do Carmo, provenientes da escavação das sepulturas do convento e datadas do século XVII; as medalhas detectadas como espólio funerário na escavação do Convento de S. Francisco de Santarém, datadas dos séculos XVI-XVII; ou ainda os exemplares encontrados na escavação de Numão.

²¹ Medalhas 13 e 26.

fundo de nuvens, os quais envergam túnicas curtas cingidas na cintura por meio de cintos. A orla destas medalhas foi decorada com uma grinalda e exteriormente a esta com uma cercadura perolada. Ambas as peças apresentam, em abreviatura, a jaculatória: “Louvado Seja o Santíssimo Sacramento”.

O crucifixo ou a imagem de **Cristo na cruz**, tema central da iconografia cristã, é a imagem que se impõe no pensamento de todos os cristãos. Foi, no entanto, representada apenas em duas medalhas do conjunto²².

Na face de uma medalha, cuja forma parece simular a forma simbólica da cruz²³, foi representado o Calvário. Trata-se de uma figuração histórica da crucificação, cujo tipo iconográfico é aquele que prevaleceu na arte do fim da Idade Média e da Renascença, no qual estão presentes apenas três personagens: Cristo sobre a cruz e, de cada lado, a Virgem Maria e o apóstolo S. João. A arte da Contra-Reforma reafirmou este tipo iconográfico simplificado, reagindo contra a crescente multiplicação de figurantes que retiravam nobreza e dignidade à crucificação.

O tipo iconográfico de Cristo coroado na cruz foi representado, muito grosseiramente e com características artísticas de grande estatismo e de ausência de expressividade e de pormenor, na face de uma medalha em prata²⁴. Os modelos desta representação, bem como os de Nossa Senhora com o menino Jesus nos braços, na outra face, repetem-se na mesma face de uma outra medalha em prata do conjunto²⁵, e são idênticos a uma medalha conhecida, proveniente da escavação de Notre-Dame du Bourg e apresentada por Jean Guyon e Claude Brenot²⁶. Estas três peças apresentam a mesma inspiração nitidamente oriental e o mesmo tratamento artístico medíocre, aliás, como convém a objectos de módulo reduzido, de pouco peso e, sem dúvida, de baixo preço²⁷.

O tema iconográfico do Cristo da Paixão, coroado de espinhos, foi difundido, principalmente, a partir do século XV, e está presente no *Ecce Homo* de uma das peças de maior qualidade artística do conjunto²⁸. As características do trabalho artístico da figura de Cristo com a coroa de espinhos são excepcionais, apresentando uma enorme expressividade facial e uma expressão de movimento na ondulação das madeixas dos cabelos compridos e nas pregas do panejamento do vestuário. A medalha que contém esta figura encontra-se assinada, em ambas as faces, pelo artista que gravou o seu cunho, através da inscrição

²² Medalhas 2 e 8.

²³ A medalha 2, de forma oval com saliências arredondadas nos eixos.

²⁴ Medalha 8.

²⁵ Medalha 6.

²⁶ J. Guyon e C. Brenot, “Les médailles», *NOTRE-DAME DU BOURG, Une Vie de Cathedrale*, Digne, s/data, p. 55.

²⁷ Os autores fazem, ainda, referência a uma outra medalha com as mesmas características, que foi encontrada na escavação do baptistério da Catedral de Aix-en-Provence – J. Guyon e C. Brenot, *art. cit.*, p.55.

²⁸ Medalha 14.

das suas iniciais: A.H. Deverá tratar-se de Alberto Hamerani (1620-1677), membro de uma dinastia de gravadores que esteve ao serviço do Papa nos séculos XVII e XVIII²⁹. A mesma assinatura encontra-se, também, nas duas faces de uma outra medalha do conjunto de Santa Clara-a-Velha³⁰. No anverso desta peça foi cunhada a representação dos bustos de **Jesus Cristo e da Virgem Maria**, de perfil e sobrepostos, e no reverso os bustos dos jesuítas Santo Inácio de Loiola e S. Francisco Xavier. A representação iconográfica de Jesus Cristo, figurado em primeiro plano, é idêntica à referida figura do *Ecce Homo*, apesar de não se encontrar coroado com espinhos, apresentando idêntica expressividade e igual qualidade artística.

O maior incremento da Contra-Reforma recebido pelo culto ao Menino Jesus veio do mundo conventual feminino, aliás, conforme escreveu Flávio Gonçalves, nas igrejas, “no coro, nas celas e nos lugares de recreio, as freiras distribuíam, em grupos ou isoladamente, as figuras da divina criança – figuras que em muitos casos formavam, num só mosteiro, verdadeiras colecções!”³¹. Porém, o Menino Jesus está representado, individualmente, somente numa medalha do conjunto do mosteiro de clarissas de Coimbra³². Nessa peça em forma de coração³³, a divina criança foi representada como **Menino Jesus Salvador do Mundo**. Os santos jesuítas - Inácio de Loiola e Francisco Xavier – que, com os seus companheiros, contribuíram decisivamente para a divulgação do culto do Menino Jesus Salvador do Mundo, encontram-se no reverso dessa medalha.

O culto mariano

Nossa Senhora tornou-se, depois de Jesus, o intercessor privilegiado entre Deus e os homens, e, tal como os outros conventos femininos, entre os quais se destacaram as casas de clarissas, também o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha deverá ter trabalhado com fervor para a propaganda da devoção mariana. Assim o parece indicar a relevância numérica das representações de Maria, independentemente dos seus variados epítetos, nas medalhas detectadas na casa monacal.

²⁹ Referido por J. Guyon e C. Brenot, *art. cit.*, p. 55.

³⁰ Medalha 4.

³¹ Citado em J. F. Marques, “Oração e devoções”, *História Religiosa de Portugal*, vol. 2, Lisboa, 2000, p. 618.

³² Excluimos desta análise as representações do Menino Jesus quando acompanha a Virgem Maria, por considerarmos que estes casos dizem mais respeito à iconografia de Maria, e quando é figurado com Santo António, por se tratar do atributo mais popular do santo.

³³ Medalha 9. A forma da medalha poderá simbolizar uma evocação ao nascente Culto do Coração de Jesus, e ser, por isso, o símbolo da fonte do amor e do perdão de Deus feito homem.

Entre elas, as representações da **Imaculada Conceição**³⁴ são as que mais vezes aparecem repetidas nas peças metálicas³⁵. Estas figurações são muito semelhantes entre si, tratando-se das típicas Imaculadas conhecidas com o nome de *Tota pulchra*. Constatase, porém, que as representações apresentam ligeiras variações e que apenas foi utilizado -o mesmo cunho no fabrico de duas peças³⁶. Nas medalhas da Imaculada Conceição, a Virgem foi representada, irradiante ou envolta numa mandorla resplandecente, de pé sobre o crescente³⁷, envergando manto comprido que cai até aos pés, em elegantes pregas, e cuja extremidade segura num dos braços. O manto cobre a cabeça ou, quando Maria ostenta a coroa real de três pontas, cai sobre os ombros. O coroamento de estrelas, em número de cinco ou sete, e as mãos juntas sobre o peito, em atitude de oração e de colóquio íntimo, são características comuns³⁸.

Todas as peças em que foi figurada a Imaculada Conceição, com excepção de uma única³⁹, apresentam, na face oposta, a representação da Sagrada Eucaristia, evidenciando uma clara relação entre os dois cultos.

A representação artística do grupo trinitário da **Sant'Ana Tríplice**, constituído por três gerações – a avó (Sant'Ana), a mãe (Virgem Maria) e o menino (Jesus) – tornou-se popular a partir dos séculos XV e XVI. Este tema iconográfico consta na face de uma medalha detectada no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha e proveniente de Roma, como indica a sua inscrição⁴⁰.

A **Anunciação**, ou Salutação Angélica, encontra-se numa única representação das medalhas⁴¹, na qual a atitude do arcanjo S. Gabriel ilustra o momento em que a sua posição

³⁴ A crença na imaculada concepção da Virgem foi ganhando terreno ao longo da Idade Média, período durante o qual foi fervorosamente defendida pelos franciscanos, e a sua doutrina foi aprovada, em 1477, pelo Papa franciscano Sixto IV. A devoção à Imaculada Conceição adquiriu popularidade crescente no final da Idade média, mas somente, no século XVI, o Concílio de Trento consagrou o triunfo dos esforços, a essa época dos jesuítas, de defesa desta doutrina. A partir de então, o culto da Imaculada ganhou forte adesão, tomando as ordens religiosas, as Universidades e os monarcas ibéricos posições tendentes à sua definição dogmática.

³⁵ A representação da Imaculada Conceição aparece em sete medalhas da colecção de Santa Clara-a-Velha (medalhas 5, 13, 15, 18, 19, 20, 21).

³⁶ Medalhas 15 e 19.

³⁷ Numa única medalha a Virgem encontra-se sobre o crescente invertido (medalha 18).

³⁸ Conhecem-se semelhantes representações medalhísticas da Imaculada Conceição noutras colecções arqueológicas do país, tais como: as peças que se encontram expostas no Museu do Convento do Carmo, provenientes da escavação das sepulturas do convento e datadas do século XVII; as medalhas detectadas como espólio funerário na escavação do Convento de S. Francisco de Santarém, datadas dos séculos XVI-XVII (Catálogo da exposição *de SCALLABIS a SANTARÉM*, Lisboa, 2002, pp. 201 – 202); ou ainda os exemplares encontrados na escavação de Numão (J. A. P. Ferreira, *Medalhística religiosa. Algumas espécies encontradas em Numão*, Porto, 1962).

³⁹ A medalha 5, que apresenta, na outra face, a cena da Anunciação.

⁴⁰ Medalha 27.

⁴¹ Medalha 5.

preponderante primitiva se inverteu em consequência do progresso do culto mariano. O anjo ajoelha-se humildemente aos pés da Virgem que, enquanto soberana e personagem central da cena, recebe uma homenagem, à maneira dos costumes feudais de cavaleiros e trovadores e das suas damas. A importância do anjo reduz-se ainda mais pela introdução de um terceiro actor - a pomba do Espírito Santo - que assume um papel activo tornando-se a emanação directa do Deus Pai e sobrepondo-se ao arcanjo anunciador, reduzido a um papel secundário e auxiliar de intérprete.

A confrontação dos fiéis com a maternidade divina de Maria faz-se, de forma mais evidente, através da contemplação das representações plásticas da Virgem com o seu divino filho ao colo. O modelo iconográfico da **Virgem Maria com o menino Jesus** nos braços que foi cunhado em três medalhas do mosteiro de Coimbra⁴² é idêntico a uma medalha conhecida, proveniente da escavação de Notre-Dame du Bourg⁴³. Trata-se de uma representação muito grosseira, com um tratamento artístico medíocre e com características representativas de grande estatismo e de ausência de expressividade e de pormenor. Na outra face de uma destas medalhas⁴⁴, a única que apresenta o crucifixo ao lado direito da representação da Virgem-Mãe com o Menino, consta ainda uma outra figuração, além de Maria e Jesus Menino, igualmente de pouca qualidade artística e de representação grosseira: o busto de um santo com semblante de ancião.

No conjunto de medalhas, o menino Jesus foi ainda representado sobre os joelhos de **Nossa Senhora do Rosário**⁴⁵ ou, nos braços de sua mãe, na cena da **Aparição de Nossa Senhora do Pilar a Santiago**⁴⁶.

As representações iconográficas da **Virgem Maria** de maior qualidade artística parecem ser aquelas da autoria do gravador Alberto Hamerani (1620-1677). Tratam-se de duas representações idênticas⁴⁷ do busto da Virgem, estando numa delas figurada em segundo plano porque representada conjuntamente com Cristo⁴⁸. Nesta última, o rosto de Maria, ligeiramente inclinado ao chão e com os olhos fechados, assume expressão de dor profunda e de alheamento, como que a sugerir a previsão das dores da Paixão. Na outra, o rosto de Maria apresenta uma expressão contemplativa, mais serena e tranquila, enquanto uma inscrição em seu redor, significando “fez em mim maravilhas”, faz alusão ao Cântico Evangélico da Virgem, o *Magnificat*⁴⁹. Em ambas as representações, a Virgem Maria tem a

⁴² Medalhas 1, 6 e 8.

⁴³ J. Guyon e C. Brenot, *art. cit.*, p.55.

⁴⁴ Medalha 6.

⁴⁵ Medalha 28. Esta mesma representação da Senhora do Rosário com o Menino Jesus parece repetir-se na medalha 30, porém, devido ao estado de degradação da peça que prejudica muito a leitura iconográfica, não é possível afirmá-lo com segurança.

⁴⁶ Medalha 22.

⁴⁷ Medalhas 4 e 14.

⁴⁸ Medalha 4.

⁴⁹ Medalha 14.

cabeça coberta por um manto, colocado sobre um véu, cujas delicadas pregas evidenciam a qualidade excepcional do fino trabalho artístico de gravação.

O culto dos Santos

A maior parte das medalhas diz respeito ao culto dos santos, quer os de devoção secular, quer os santos da época moderna, realçando-se entre estes os santos canonizados após o Concílio de Trento, especialmente aqueles que viveram durante essa época histórica⁵⁰.

Entre os santos tradicionais de culto medieval conta-se **Santo António** de Lisboa, ou de Pádua como consta das inscrições medalhísticas. Este importante santo da piedade popular portuguesa aparece figurado em quatro medalhas⁵¹, três das quais bastante idênticas entre si⁵². Em todas elas, Santo António segura o Menino Jesus, que se tornou, a partir do século XVI, o seu atributo mais popular, convertido em moda pela arte barroca da Contra-Reforma⁵³.

S. Francisco de Assis, o fundador da Ordem dos Frades Menores, é representado nesta colecção apenas em duas medalhas⁵⁴, as quais apresentam um dos episódios mais populares da vida do santo “poverello”: a sua estigmatização. Este é um dos poucos temas artísticos primitivos de S. Francisco que não foram eliminados pela iconografia pós-tridentina, muito embora tenha adquirido um carácter diferente das representações medievais, marcado essencialmente pelos traços de sofrimento físico e de voluptuosidade mística⁵⁵.

S. Francisco de Paula, asceta napolitano e fundador da Ordem dos Mínimos Franciscanos, foi canonizado pelo Papa Leão X e por solicitação do rei de França, Francisco I, em 1519, tendo sido a sua uma das últimas canonizações efectuadas no século XVI, às quais se seguiu um longo silêncio de Roma consequente das numerosas polémicas de protestantes e de reformadores católicos. A iconografia da medalha em que figura S. Francisco de Paula⁵⁶ repete os modelos tradicionais com que o santo é normalmente representado: como eremita cuja ancianidade se reconhece na barba longa e no comprido bordão onde se apoia⁵⁷.

⁵⁰ Não foi possível identificar quatro dos santos representados devido à inexistência de elementos referenciadores, tais como atributos ou inscrições.

⁵¹ Uma outra representação de Santo António parece repetir-se na medalha 30, porém, devido ao estado de degradação da peça que prejudica muito a leitura iconográfica, não é possível afirmá-lo com segurança pelo que preferimos considerar este caso como um santo não identificado.

⁵² Medalhas 12, 17 e 31.

⁵³ L. Réau, *ob. cit.*, tomo III, p. 118.

⁵⁴ Medalhas 17 e 31.

⁵⁵ Conhecem-se outras duas medalhas com a figuração da estigmatização de S. Francisco numa outra colecção arqueológica portuguesa constituída pelos exemplares medalhísticos encontrados em Numão - J. A. P. Ferreira, *ob. cit.*

⁵⁶ Medalha 10.

⁵⁷ Idênticas representações de S. Francisco de Paula encontram-se em medalhas detectadas no Convento de S. Francisco de Santarém (Catálogo da exposição *de SCALLABIS a SANTARÉM, ob. cit.*) e na escavação realizada em Numão (J. A. Pinto Ferreira, *ob. cit.*).

O mártir do século III, **S. Lourenço**, está figurado neste conjunto numa cena em que **S. Miguel, Arcanjo**, pesa a sua alma na balança que segura, antes de conduzi-la ao céu⁵⁸. O culto de S. Lourenço nasceu na sua pátria, em Aragão, mas, foi no século XVI que se difundiu por toda a Espanha.

A representação da **Rainha Santa Isabel** destaca-se no conjunto das medalhas pela sua maior frequência em comparação com os restantes santos, apenas se igualando a Santo António e a S. Carlos Borromeu.

O culto do povo português a D^a. Isabel de Aragão teve início pouco tempo depois da sua morte, em 1336, tendo tido como ponto de partida o mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra, o qual havia fundado e onde o seu corpo foi sepultado. Parece-nos muito provável datarem do ano santo da sua canonização, 1625, as quatro peças medalhísticas nas quais consta a figura da Rainha Santa Isabel. Segundo António de Vasconcelos, nesta data espalharam-se em grande profusão por Roma, a propósito da canonização da Rainha Santa e das festas comemorativas, imagens representando a nova santa, estampas, biografias e folhetos, bem como relíquias e outros objectos devocionais referentes a Santa Isabel, os quais tiveram grande procura comercial⁵⁹. Entre estes contaram-se, certamente, as referidas medalhas comemorativas da sua canonização.

Estas peças apresentam dois tipos iconográficos distintos, um dos quais, constante de três medalhas⁶⁰, repete um modelo iconográfico anterior à canonização de Santa Isabel: a matriz gravada a buril por Cornélius Galle, o Velho, em Amberes⁶¹. A imagem de Galle foi publicada em Antuérpia, em 1621, como ilustração do livro intitulado *Anacephalaeoses*, tendo sido divulgada como estampa solta, em sucessivas reimpressões, distribuída em Roma, em Julho de 1625, durante as festas de canonização⁶².

O outro tipo iconográfico da Rainha Santa, que aparece numa única medalha⁶³, provavelmente uma outra medalha comemorativa da canonização, é um tipo físico de Santa Isabel retratada como uma mulher jovem e bela, a cujo busto, representado de perfil e com coroa real fechada, foi dado um precioso tratamento artístico⁶⁴.

⁵⁸ Medalha 25.

⁵⁹ A. Vasconcelos, *ob. cit.*, vol. I, pp. 451-452.

⁶⁰ Medalhas 3, 7 e 16. Uma outra medalha comemorativa da canonização da Rainha Santa Isabel, publicada por A. C. Silva, *Medalhística Coimbrã*, Coimbra, 1968, p. 20, apresenta a Santa Isabel representada com tipo iconográfico e artístico idêntico ao tipo referido e encontra-se datada de 1625 na inscrição constante no exergo do seu reverso.

⁶¹ Sobre esta gravura ver: A. F. Pimentel, "Propaganda fidei, a representação gravada da Rainha Santa Isabel", *Imagen de la Reina Santa, Santa Isabel, Infanta de Aragón y Reina de Portugal*, vol. I, Zaragoza, 1999, p. 7; A. C. Silva, *Retratos gravados de Santa Isabel*, Coimbra, 1964, pp. 25-26.

⁶² "Estampas", *Imagen de la Reina Santa, Santa Isabel, Infanta de Aragón y Reina de Portugal*, Zaragoza, 1999, pp. 171-172.

⁶³ Medalha 23

⁶⁴ O mesmo tipo de representação da Rainha D. Isabel aparece em duas conhecidas medalhas comemorativas da canonização, ambas com a mesma representação do papa Urbano VIII na outra face

S. Carlos Borromeu foi canonizado pelo papa Paulo V, em 1610, e tornou-se, imediatamente, um dos santos mais populares da Contra-Reforma, sendo apresentado como o modelo do bom bispo, cuja santidade coincidia com a pastoralidade, com a devoção e com a piedade. Foi considerado pelo pontificado romano como um modelo a imitar por todos os fiéis, enquanto herói possuidor de todas as virtudes.

Iconograficamente, o busto de S. Carlos aparece nas medalhas de Santa Clara⁶⁵ sempre de perfil e com uma fisionomia muito característica. Em três medalhas⁶⁶ S. Carlos Borromeu foi representado diante do crucifixo e, numa quarta medalha⁶⁷, encontra-se, posto em oração, diante do cálice eucarístico. Realça-se o facto de, por regra, o santo ter sido representado de forma muito grosseira, existindo apenas uma medalha⁶⁸ que apresenta uma gravação mais cuidada e mais pormenorizada.

S. Tomás de Vila Nova foi representado numa medalha⁶⁹ numa cena que glorifica a sua caridade, encontrando-se figurado com indumentária episcopal e com uma bolsa na mão, dando esmola aos pobres, sendo de salientar a qualidade artística e o detalhe do trabalho desta representação. S. Tomás foi canonizado em 1658 e integrou uma “segunda geração” de santos da Contra-Reforma que tiveram a característica de repetirem os modelos criados pela “primeira geração” de santos⁷⁰. Reproduziu o modelo do bispo exemplar, enquanto arcebispo de Valência, e, na sua actividade de pregador da corte de Carlos V e de missionação entre os mouriscos espanhóis, inspirou-se no exemplo jesuíta de S. Francisco Xavier.

e ambas cunhadas em Roma, em 1625, embora em metais distintos - uma em cobre (M. Fonseca, “Uma medalha portuguesa”, *Terra Portuguesa*, n.ºs 15-16, 1917, pp. 79 – 80) e a outra em prata (A. Santos, “Canonização da Rainha D. Isabel”, *A Moeda*, n.ºs 35-36, 1949; P. R. Batalha, *Guia da mais notável coleção de medalhas portuguesas*, Lisboa, 1959; A. C. Silva, *ob. cit.*, pp. 18 – 19). Sobre a medalha em prata, Pedro Reis Batalha afirma ter sido gravada pelo gravador Gaspare Mola (P. R. Batalha, *ob. cit.*) e Armando Carneiro da Silva refere ter sido mandada executar pelo Cardeal Maurício de Sabóia, o grande animador e mecenas das faustosas solenidades que se realizaram no Vaticano e em Roma, em Julho de 1625 (A. C. Silva, *ob. cit.*, p. 19). Ambos os autores salientam tratar-se de uma rara e preciosa medalha, não sendo possível, no entanto, confirmar com segurança as informações atrás referidas. Apesar da representação do busto da Rainha na medalha de Santa Clara-a-Velha ser idêntica às das duas medalhas referidas e das dimensões das peças diferirem apenas num milímetro, podemos constatar não terem sido fabricadas através do mesmo molde devido às diferenças presentes nas respectivas inscrições. Devido às evidentes semelhanças, poderão, efectivamente, ser obra do mesmo atelier romano e, eventualmente, terem saído do buril do mesmo artista gravador.

⁶⁵ Medalhas 10, 16, 28, 29.

⁶⁶ Medalhas 10, 16, 28.

⁶⁷ Medalha 29.

⁶⁸ Medalha 28.

⁶⁹ Medalha 26

⁷⁰ Sobre este assunto veja-se: R. P. Hsi, *La Controriforma, il mondo del rinnovamento cattolico (1540-1770)*, Bologna, 2001, pp. 176-180.

O fundador da Companhia de Jesus, **Santo Inácio de Loiola**, aparece representado, neste conjunto de medalhas, em diversas situações iconográficas. O seu busto foi representado isoladamente na face de duas medalhas, figurando na outra face de ambas o seu discípulo **S. Francisco Xavier**⁷¹. Inácio de Loiola foi venerado como santo desde o início do século XVII, ainda antes de ter sido dada autorização ao culto por parte da autoridade apostólica.

Também Francisco Xavier era já venerado no interior da Companhia de Jesus, como milagreiro e guardião, antes até da sua beatificação⁷². S. Francisco Xavier tornou-se, de facto, o maior santo jesuíta depois de Inácio de Loiola. Apelidado de Apóstolo das Índias e do Japão, as suas viagens heróicas, para longe do seu país de origem, ampliaram as fronteiras do catolicismo e excitaram a imaginação da Contra-Reforma, valendo-lhe a fama de santidade e de ter sido convertido no modelo do missionário exemplar e inspirador.

Considerados os *Societatis Jesu Soles Gemini*, a associação iconográfica dos dois principais santos jesuítas foi muito frequente. A representação dos bustos de Santo Inácio e de S. Francisco, de perfil e parcialmente sobrepostos, encontra-se, no conjunto de Santa Clara, na face de duas medalhas⁷³. É de salientar a enorme qualidade artística destas duas representações, seguindo ambas rigorosamente o mesmo modelo iconográfico⁷⁴. Uma destas medalhas⁷⁵, encontra-se assinada pelo autor, em ambas as faces, através de uma pequena inscrição no exergo: A.H. - Alberto Hamerani (1620-1677), atrás analisado.

Santo Inácio de Loiola e S. Francisco Xavier aparecem, ainda, noutras peças de Santa Clara-a-Velha, conjuntamente com os restantes santos que com eles foram canonizados, em 1622: Santa Teresa de Ávila, S. Filipe de Néri e Santo Isidro, o Lavrador.

Nas medalhas em que figura o tema da **canonização conjunta dos cinco santos**⁷⁶, **Santa Teresa de Ávila** aparece, à esquerda, envergando o hábito religioso das Carmelitas Descalças, evocando o seu papel de fundadora dessa Ordem Reformada⁷⁷. Tem consigo os atributos que mais facilmente a identificam e que aludem aos seus escritos ascéticos e místicos: o livro, na mão esquerda, e a pena de escritora, na mão direita. O busto de Santa Teresa foi ainda representado isoladamente no anverso de uma destas medalhas⁷⁸.

A figura central das representações desta canonização conjunta é a de **Santo Isidro, o Lavrador**. O lendário santo castelhano é representado vestido de camponês pobre, como se depreende do facto de se apresentar descalço, segurando uma foice nas mãos.

⁷¹ Medalhas 11 e 32.

⁷² 1619.

⁷³ Medalhas 4 e 9.

⁷⁴ O qual repete os tipos representados em ambas as faces da medalha 32.

⁷⁵ Medalha 4.

⁷⁶ Medalhas 7, 24 e 29.

⁷⁷ Santa Teresa de Ávila chegou a fundar, durante a sua vida, 32 conventos, em toda Espanha, da Ordem Reformada das Carmelitas Descalças.

⁷⁸ Medalha 24.

S. Filipe de Néri aparece, nesta cena, à direita dos outros santos. Foi representado iconograficamente com as vestes sacerdotais, tal como se apresenta em geral. Da sua casula, salienta-se, no peito, o coração inflamado, um dos seus atributos habituais.

Como se pode constatar, nas três medalhas em que figura o tema da canonização conjunta de 1622⁷⁹, os cinco santos estão representados seguindo a mesma ordem sequencial (da esquerda para a direita do observador: Santa Teresa, Santo Inácio, Santo Isidro, S. Francisco e S. Filipe de Néri) e repetindo o mesmo modelo iconográfico: de corpo inteiro, em posição relativa idêntica, com os mesmos atributos identificadores.

Uma destas medalhas⁸⁰ destaca-se em relação às restantes⁸¹, pela sua forma oval, pelo menor desgaste da sua superfície e, conseqüentemente, pela maior facilidade de leitura dos pormenores iconográficos de cada personagem, mas também por alguns aspectos figurativos. Encimando a cena composta pelos cinco santos, dois anjos tenentes, em pleno voo, ladeiam um resplendor, no centro do qual está representada a sigla da Companhia de Jesus (IHS). No exergo, uma inscrição abreviada identifica as figuras representadas.

Tendo como única referência e como único paralelo uma medalha proveniente da Igreja de Gesù de Roma⁸², pensamos que as três medalhas de Santa Clara que apresentam o tema da canonização conjunta dos cinco santos datarão, com muita probabilidade, do ano santo de 1625. Concorre ainda para a provável confirmação desta datação o facto de, na outra face de uma destas peças, figurar a Rainha Santa Isabel⁸³, canonizada nessa data.

5. Espelhos de devoções e meios de propaganda

A identificação e o estudo da temática iconográfica representada no suporte medalhístico das peças detectadas no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha proporcionam uma rara oportunidade para o aprofundamento do conhecimento histórico relativo à espiritualidade quotidiana e à sensibilidade religiosa íntima das clarissas de Coimbra.

Os temas religiosos figurados nas medalhas ilustram as crenças e as devoções particulares das clarissas, mas reflectem, também, tendências de sentimento religioso mais alargadas e características de uma época bem definida. As pequenas peças metálicas revelam, com efeito, horizontes mais abrangentes no tocante aos contextos da história da

⁷⁹ Medalhas 7, 24 e 29.

⁸⁰ Medalha 24.

⁸¹ As medalhas 7 e 29. Estas duas medalhas são circulares e apresentam no exergo a inscrição ROMA. Não podem, porém, ter sido fabricadas a partir do mesmo cunho devido à diferença das suas dimensões.

⁸² Consta do catálogo de uma exposição realizada, em 1990, na Biblioteca Apostólica Vaticana, uma medalha idêntica, com os cinco santos canonizados em 1622. Esta peça encontra-se datada, por meio de inscrição no anverso, do ano santo de 1625. A medalha de Roma apenas difere da encontrada em Coimbra quanto ao motivo que encima o conjunto dos santos: a Virgem Maria, envolta numa nuvem, com o menino Jesus nos braços (T. M. Lucas S. J., *SAINTE, SITE, SACRED STRATEGY: Ignatius, Rome and Jesuit urbanism*, Vatican City, Roma, 1990, n.º cat. 113, p.183).

⁸³ Medalha 7.

Igreja e das correntes espirituais de toda a Cristandade, evidenciando que a vivência religiosa no interior da clausura não funcionava de forma hermética mas que, pelo contrário, foi fortemente influenciada pelo exterior. Nesta medida, reflectem os movimentos de renovação espiritual e de reforma religiosa da Igreja Romana que emergiram do Concílio de Trento e que se afirmaram em toda a Cristandade ocidental, conhecidos sob a designação de Contra-Reforma Católica.

Através da identificação dos motivos iconográficos gravados nas medalhas, bem como através da análise das suas características artísticas e plásticas, é possível proceder à contextualização histórica deste conjunto e datar, com segurança, a sua produção de um período cronológico posterior ao Concílio tridentino (1545 - 1563). Apesar das evidentes diferenças de qualidade e de valor artístico entre as várias peças⁸⁴, pensamos poder afirmar que todas as medalhas datam do período compreendido entre o final do século XVI e o terceiro quartel do século XVII⁸⁵, existindo um número considerável de medalhas datáveis, muito provavelmente, do ano jubilar de 1625, como tivemos ocasião de analisar.

Os contextos arqueológicos em que as peças foram encontradas na escavação de Santa Clara reforçam a cronologia apontada pela iconografia das medalhas, uma vez que a grande maioria delas foi detectada no claustro do mosteiro, numa camada estratigráfica de abandono, sobre pavimentos (em pedra ou em tijoleira) correspondentes a alteamentos construtivos efectuados no século XVI. Infelizmente, nenhuma das peças do conjunto apresenta a data inscrita na superfície das suas faces. Porém, podemos concluir que as duas medalhas que julgamos serem as mais antigas não poderão ser posteriores ao ano de 1597⁸⁶ e que nenhuma medalha do conjunto deverá ser posterior a 1677, ano em que as clarissas abandonaram o antigo espaço monástico.

As medalhas em análise eram, com efeito, objectos pessoais e íntimos de devoção particular dos membros da comunidade conventual. As imagens veneradas que aí figuram acompanhavam as monjas em todos os momentos da sua vida. Funcionavam como instrumentos para uma maior individualização da experiência religiosa e, ainda, da mesma forma que as relíquias, como meios de aproximação e fortalecimento da relação emocional com os santos representados. Considerava-se que, à semelhança do poder dos despojos sagrados dos seus corpos, também as imagens dos santos, neste caso as medalhas, continuavam a agir miraculosamente perante as preces dos fiéis.

⁸⁴ Estas diferenças serão, com muita probabilidade, devidas a diferenças entre os ateliers em que foram fabricadas.

⁸⁵ É de referir que os raros estudos científicos publicados, em Portugal e no estrangeiro, relativos a medalhas idênticas ou semelhantes às medalhas de Santa Clara, os quais foram sendo referidos ao longo das páginas que abordam a análise dos temas iconográficos, indicam cronologias muito próximas àquelas aqui apresentadas, maioritariamente referem de forma vaga os séculos XVI e XVII.

⁸⁶ Data epigrafada na laje tumular que cobria o esqueleto ao qual estavam associadas as duas peças funerárias.

As imagens cunhadas nas medalhas de Santa Clara, obedecendo às imposições tridentinas, eram utilizadas na clausura do mosteiro em ambiente doméstico, segundo um ritual de devoção privada, à semelhança do modo como foram, frequentemente, utilizadas as imagens devocionais que acompanhavam os muitos livros publicados nos decénios que seguiram o concílio. Após Trento, os cristãos começaram a sentir espaço espiritual para o desenvolvimento de um interiorismo afectivo e de uma consciência evangélica, e, conseqüentemente, multiplicaram-se as devoções particulares e os cultos individuais.

Medalhas idênticas às de Santa Clara-a-Velha foram representadas em algumas telas de Josefa de Óbidos, estando aí associadas a rosários em tudo semelhantes a alguns dos que foram encontrados na escavação do mosteiro⁸⁷. A pintora registou estes objectos devocionais, de forma bem visível, em algumas das suas obras. Na pintura a óleo de *Santa Teresa, doutora mística, inspirada pelo Espírito Santo*, o rosário com uma medalha encontra-se em cima da mesa na qual Santa Teresa está sentada, a escrever. Já na representação de *Santa Teresa esposa mística*, o rosário com a medalha pende do cordão do hábito religioso, enquanto na tela de *Santa Teresa diante da Santíssima Trindade*, o rosário com a medalha pende das mãos postas em oração⁸⁸.

Estas imagens pictóricas, datadas de 1672, são demonstrativas da forma de utilização quotidiana das insígnias religiosas pessoais, em grande voga principalmente a partir do final do século XVI e que não seria exclusiva das freiras da Ordem de Santa Clara. De facto e à semelhança das imagens de Santa Teresa, as medalhas religiosas do antigo mosteiro devem ter sido utilizadas, na maioria das vezes, associadas a rosários ou terços que acompanhavam as clarissas no seu quotidiano, tanto na vida como na morte.

Com efeito, nesta época, a recitação do rosário teve grande aceitação na piedade popular, desde a criança ao adulto, homem e mulher, culto e inculto. O corpo e o espírito prestavam-se à reza das orações que compunham o rosário, em coro e voz alta, de joelhos ou em pé, dentro e fora dos templos, em solitário monólogo ou em reduzidos grupos comunitários⁸⁹. À oração vocal associou-se a oração mental, que a *devotio moderna* acabou impondo aos fiéis apesar das reservas iniciais dos integristas tridentinos. As duas formas de oração acabaram por ficar unidas no quotidiano dos devotos mais piedosos e, através dessa associação, a oração individual, intimista e privatizada podia, então, exprimir a piedade pessoal e as devoções eleitas por cada um.

As peças medalhísticas convidavam à reflexão e à meditação nos temas religiosos nelas figurados revelando, de forma evidente, os cultos privados das freiras, os alvos privilegiados das suas devoções e orações, e a crença na protecção de toda a corte celeste.

⁸⁷ Sobre os rosários de Santa Clara-a-Velha ver T. Mourão, *Entre murmúrios e orações...*, pp. 83-87.

⁸⁸ As referidas telas encontram-se na Igreja Matriz de Cascais.

⁸⁹ J. F. Marques, "A renovação das práticas devocionais", *ob. cit.*, p. 581.

Depreende-se, portanto, que os intercessores e protectores preferidos das clarissas, que serviriam de seus advogados privilegiados junto de Deus e velariam contra os seus males do espírito e do corpo, foram, genericamente, os santos. Destacam-se, entre estes, a fundadora do mosteiro – a Rainha Santa Isabel –, o bispo modelo da Contra-Reforma Católica – S. Carlos Borromeu – e o mais popular santo português – Santo António.

O conjunto de santos mais representado nas medalhas de Santa Clara-a-Velha é o dos santos da Contra-Reforma - os que viveram durante esse período, os que foram canonizados após o Concílio Tridentino, ou, ainda, aqueles cujo culto se desenvolveu especialmente a partir de então –, tais como Santo Inácio de Loiola, S. Francisco Xavier, S. Carlos Borromeu, S. Tomás de Vilanova, Santa Teresa de Ávila, Santo Isidro, a Rainha Santa Isabel, o mártir S. Lourenço.

O culto mariano encontrou na clausura do convento uma vasta divulgação, estando representado, no suporte medalhístico, nas imagens da Virgem com o menino Jesus, de Nossa Senhora do Rosário, do busto da Virgem Maria, isolado ou acompanhado por Cristo, na Aparição de Nossa Senhora do Pilar a Santiago, na Anunciação, na Sant'Ana Tríplice. Também a fervorosa devoção a Jesus Cristo se pode constatar nas representações da sua figura, crucificado, no Calvário ladeado por Maria e S. João, coroado com a coroa de espinhos (ECCE HOMO), como Menino Salvador do Mundo, e mesmo no momento da atribuição do seu nome de Jesus na Apresentação do menino ao Templo.

Os cultos de maior devoção, sobre os quais deveria recair o maior número de orações individuais, destacam-se pela sua enorme representatividade nas faces das medalhas. Trata-se, como vimos, de cultos característicos da época moderna, muitas vezes associados na mesma medalha: é o caso do culto da Sagrada Eucaristia, símbolo da devoção ao Santíssimo Sacramento e ao corpo de Cristo, e do culto da Imaculada Conceição, cujo dogma foi fervorosamente defendido pelos franciscanos e, depois, pela ordem de excelência da reforma católica - a Companhia de Jesus.

Curiosamente, nas medalhas de Santa Clara-a-Velha as alusões à Ordem de S. Francisco e de Santa Clara são pouco significativas, não existindo nem uma única imagem de Santa Clara e restringindo-se a duas medalhas a representação de S. Francisco de Assis, figurado recebendo os estigmas no Monte Alverne, e a algumas medalhas da Imaculada Conceição cuja orla é constituída pelo cordão franciscano.

Já as evidentes representações referentes à Companhia de Jesus sobressaem na colecção: os santos jesuítas Inácio de Loiola e Francisco Xavier; a sigla IHS da Companhia; os cultos e práticas difundidos pelos jesuítas, como o Menino Salvador do Mundo, a Imaculada Conceição e a Sagrada Eucaristia. Esta ocorrência é totalmente conciliatória com o facto de a Companhia de Jesus ter sido a ordem religiosa que saiu mais beneficiada do Concílio Tridentino pela cúria papal e ter, ainda antes, posto os seus esforços combativos de reformismo católico à disposição de Roma. Com efeito, os ideais de renovação dos jesuítas coincidiram com os da Contra-Reforma, e nesta simbiose foram os membros da Companhia de Jesus, imbuídos de um espírito de missão e de pregação activa e social, quem mais

difundiou esses ideais e práticas religiosas, não só na Europa cristã mas por todo o mundo. Os jesuítas foram, efectivamente, os privilegiados mensageiros da reforma católica.

Os jesuítas, como Inácio de Loiola e Francisco Xavier, e os outros protagonistas do amplo projecto da Igreja pós-tridentina converteram-se nos principais modelos de santidade da Contra-Reforma, como se conclui da sua representatividade nas medalhas de Santa Clara.

Com efeito, os modelos de santidade haviam sido profundamente alterados. Se na Idade Média houve os santos mártires e depois os bispos, a seguir os santos nobres, ascéticos, místicos e pregadores, a nova santidade, sucessiva ao Concílio de Trento e às polémicas do século XVI⁹⁰, assumiu uma conotação centrada sobretudo na prática de comportamentos virtuosos a propor à imitação de todos os fiéis. As acções dos servos de Deus santificados deveriam ser conotadas de virtude universal, reconhecível, admirável e, se possível, imitável. Os candidatos a canonização deviam praticar uma virtude bem diferente da forma de vida contemplativa e claustral, mas dinâmica e obediente. O santo, segundo o modelo “único” das máximas hierarquias eclesiásticas romanas, não era mais um benfeitor e protector, objecto de afecto privado, mas um modelo de virtude heróica, um modelo universal de fé, uma personagem heróica que devia suscitar nos fiéis maravilha e espírito de imitação⁹¹.

A política eclesiástica de centralismo administrativo levou o papado pós-tridentino a centralizar a santidade e uniformizá-la, tal como procedeu relativamente à liturgia e à doutrina. A Igreja pós-tridentina cessou a existência da santidade menor local e do culto de beatos com contornos muito diversificados, que convivia com a santidade reconhecida oficialmente por Roma, para dar lugar a uma única santidade universal. Uma exclusiva voz oficial determinava a santidade de personagens cujas características reconhecidas as elevavam aos altares e as propunham à admiração e imitação dos fiéis de todo mundo católico. A santidade devia ser reconhecida exclusivamente pela máxima hierarquia romana – o pontífice - depois de apurada análise do processo de canonização pela Sacra Congregação dos Ritos⁹². O objectivo principal da Santa Sé era controlar os modelos hagiográficos propostos aos fiéis, de modo a poder definir as características de uma verdadeira política de santidade. A política universalisante da Santa Sé visava usar o culto dos santos canonizados como potente veículo devocional através do qual celebrava

⁹⁰ Antes do Concílio de Trento, o sistema de santidade tinha entrado em profunda crise, cujo sinal evidente era a ausência de canonizações de novos santos por grande parte do século XVI. Para este silêncio de Roma contribuíram as numerosas polémicas quer dos protestantes, Lutero e Calvino, quer dos reformadores católicos.

⁹¹ G. Sodano, “il nuovo modello di santità nell’epoca post-tridentina”, C. Mozzerelli e D. Zardin, *I TEMPI DEL CONCÍLIO: religione, cultura e società nell’Europa Tridentina*, Roma, 1994, pp. 189 – 205.

⁹² G. Sodano, *art. cit.*

a autoridade pontifícia, congregava os fiéis em torno da Igreja de Roma e da pompa das suas cerimónias⁹³.

Os santos da contra-reforma, com o seu comportamento obediente e virtuoso, homenageavam a hierarquia eclesiástica e revelavam a sua plena adesão ao projecto da Contra-Reforma, que pretendia através deles implementar um processo geral de aculturação católica do povo. Os santos deveriam, conseqüentemente, ser os mais activos difusores das novas devoções e das novas práticas religiosas.

A título de exemplo, segundo Miguel Gotor, o modelo de santidade tridentina que se afirmou em 1622 serviu, com efeito, para celebrar a autoridade do pontífice de Roma⁹⁴. Tratava-se do momento da canonização conjunta de cinco santos, cujos cultos venceram o complexo processo de averiguação da Sagrada Congregação dos Ritos, e cuja celebração se encontra representada em medalhas de Santa Clara-a-Velha.

As canonizações de 1622 simbolizavam, também, a estreita aliança entre Espanha e o papado durante a fase inicial da Guerra dos Trinta anos (1618-1648). O dia em que se celebrou a festa de canonização foi, de facto, um dia magnífico para o catolicismo espanhol: Francisco Xavier, o fundador das missões jesuíticas; Teresa de Ávila, uma santa nacional venerada pelo rei Filipe II; Isidro, o santo patrono de Madrid, cidade elevada a capital do império em 1560; Inácio, o fundador da ordem religiosa que mudou o catolicismo⁹⁵.

Também a canonização da Rainha Santa Isabel, no ano do jubileu de 1625, representou a celebração do mesmo vínculo com a monarquia espanhola. Solenes e pomposas festividades celebraram esta canonização, em Roma, em Espanha e em Portugal⁹⁶. Na sequência destas festas espalharam-se, como era costume na época, a partir de Roma, imagens da nova santa, folhetos com a sua vida, relíquias, e todo o tipo de objectos devocionais que fomentavam a fé e o culto religioso.

Entre estes objectos materiais santificados estariam as medalhas comemorativas da canonização que chegaram até nós. De entre todas as medalhas religiosas, estas teriam certamente um significado especial para as clarissas que as utilizaram, uma vez que representavam o reconhecimento universal da santidade da fundadora do Mosteiro que habitavam e do culto privado que há séculos lhe prestavam.

As canonizações pós-tridentinas assemelhavam-se à organização de um espectáculo teatral. O momento específico do rito, presidido pelo papa e acompanhado pelos cardeais, representava apenas o acto final. Antes desta representação estavam muitas outras coisas, tais como a elaboração de biografias, imagens, gravuras e escritos do candidato, anúncios publicitários, medalhinhas comemorativas, pinturas, agiografias, escritos e manifestos.

⁹³ M. Gotor, "La fabbrica dei santi: la riforma urbaniana e il modello tridentino", L. Fiorani e A. Prosperi, *Roma, la città del papa*, Torino, 2000, p. 681.

⁹⁴ M. Gotor, *ob. cit.*, p. 681 – 682.

⁹⁵ R. P. Hsia, *ob. cit.*, pp. 161 – 180.

⁹⁶ Sobre as descrições das várias celebrações ver: A. Vasconcelos, *ob. cit.*, vol. I, pp. 439-536.

O público ficava seduzido por uma quantidade enorme de objectos materiais que os unia aos santos, enquanto intermediários na corte celeste. Constituíam uma rede de clientes que implorava a sua intercessão para a saúde física e o bem estar espiritual. A santidade emergia da dialéctica entre indivíduo heróico e comunidade, e a canonização era o fruto da interacção entre a cautelosa e vigilante Igreja institucional e a memória colectiva da comunidade⁹⁷.

As medalhas religiosas detectadas na escavação do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha faziam parte desta rede complexa de testemunhos materiais que serviam à união entre os devotos - na terra -, os objectos das suas devoções - numa esfera celeste -, e a Igreja Católica - em Roma. A utilização das peças metálicas, tal como o uso dos rosários aos quais estariam frequentemente associadas, faziam parte de manifestações devocionais difusas socialmente, sem particular distinção entre eclesiásticos e leigos, cultos e iletrados, ricos e pobres, porque faziam parte de uma religiosidade comum com necessidade de olhar, de tocar, de cheirar, para reconhecer-se e sentir-se.

Sendo produzidas em Roma⁹⁸, as medalhinhas cunhadas serviriam à Cúria Papal como um importante meio de divulgação - fácil, rápido e barato - dos novos cultos, das novas devoções e das novas práticas religiosas da Igreja pós-tridentina, para que aqueles se tornassem, por toda a Cristandade⁹⁹, numa presença familiar na vida quotidiana de todos os fiéis.

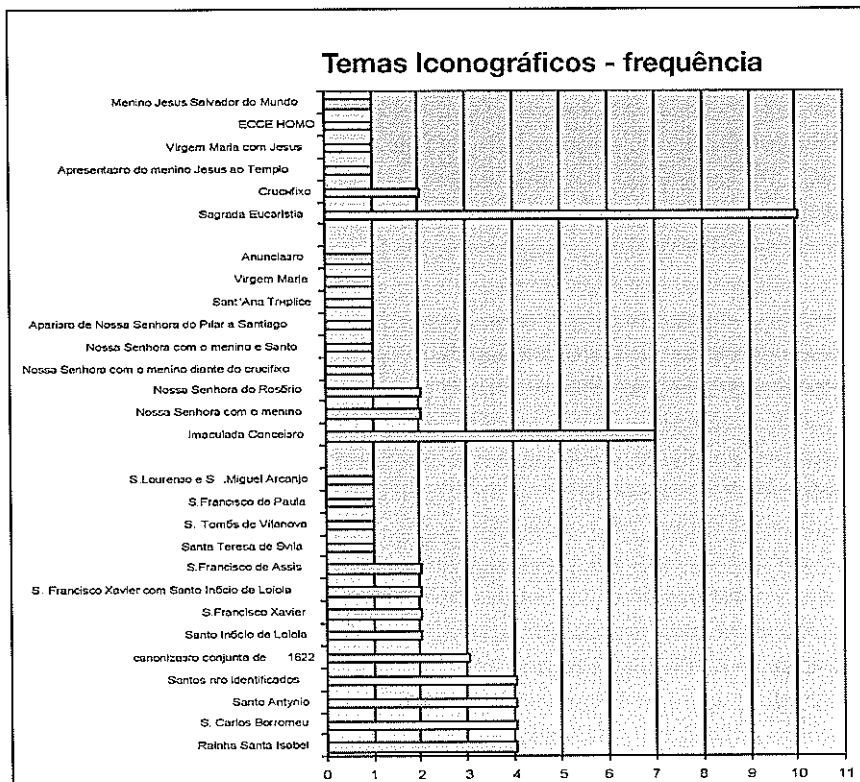
As medalhas religiosas e as imagens nelas representadas foram, efectivamente, uma presença e uma companhia quotidiana, íntima, pessoal e privada na vivência religiosa e espiritual das clarissas que habitaram o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra no final do século XVI e durante o século XVII.

⁹⁷ R. P. Hsia, *ob. cit.*, p. 170.

⁹⁸ Pensamos poder afirmar que todas as medalhas do conjunto terão sido fabricadas em Roma devido a uma série de indícios, nomeadamente: a inscrição ROMA, constante no exergo de grande parte das peças (nas medalhas 7, 12, 15, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 29); a inscrição, nas medalhas respeitantes ao respectivo santo, indicar que se trata de Santo António de Pádua, e não de Lisboa; a confirmar-se, a assinatura de algumas peças ser pertencente a Alberto Hamerani (1620-1677), membro de uma dinastia de gravadores que esteve ao serviço do Papa.

⁹⁹ Apesar de termos conhecimento, apenas, da existência de alguns paralelos de medalhas, em Portugal e no estrangeiro, pensamos que existirão, ou terão existido em tempos, muitas mais medalhas semelhantes espalhadas por conventos e por muitos outros locais ocupados durante a época moderna.

Gráfico 2 – Temas iconográficos representados nas medalhas de Santa Clara-a-Velha e sua frequência



6. Catálogo das Medalhas

Medalha 1

proveniência: sep.57, A1 Q.IV; **dimensões (mm):** diâm.9

descrição: medalha em liga de cobre de forma circular. No topo, perpendicularmente à face da medalha, aro de suspensão em forma de lágrima invertida com perfuração central circular.

ANV. - *Nossa Senhora com o menino* - representação de Nossa Senhora, de pé e a meio corpo, coroada, com o menino ao colo, ladeada por dois lampadários suspensos.

REV. - *Santo* - representação do busto de uma figura masculina aurcolada, de perfil à esquerda, calva e com capuz de frade. Destacam-se alguns traços da sua fisionomia, como o nariz comprido, muito saliente, e orelha extraordinariamente grande.

datação: Séc. XVI – séc. XVII (?)

Medalha 2

proveniência: sep.60cl, B'1 Q.IV sondagem 6; **dimensões (mm):** alt.16; larg.13

descrição: medalha em liga de cobre de forma oval e com três saliências nos eixos. No topo, perpendicularmente à face da medalha, aro de suspensão em forma de lágrima invertida com perfuração central circular (encontra-se destacado da peça).

ANV. - *Calvário* – representação da figura de cristo na cruz, ao centro do campo da medalha, ladeado por Maria e S.João Evangelista. Cristo morto, suspenso na cruz, está representado com sendal, com o corpo ligeiramente flectido, os braços descaindo perpendicularmente e a cabeça tombada sobre o ombro direito.

REV. - *Santo* - representação do busto de uma figura masculina aureolada, de perfil à esquerda, com cabelo comprido e com capuz de frade.

datação: fim do Séc. XVI - tem que ser anterior a 1597, data inscrita na laje tumular da sepultura em que a medalha foi detectada (sep.60cl).

Medalha 3

proveniência: sep.26, A'1 Q.I; **dimensões (mm):** diâm.15

descrição: medalha em liga de cobre de forma circular. No topo, perpendicularmente à face da medalha, aro de suspensão em forma de lágrima invertida com perfuração central circular.

ANV. - *Rainha Santa Isabel* - representação da figura da Rainha Santa Isabel, de pé, de corpo inteiro e em posição frontal, vestindo hábito de clarissa e encontrando-se aureolada e com coroa de cinco pontas na cabeça. Com a mão direita apoia-se ao bordão de peregrina, em forma de "tau", e com a mão esquerda, recolhe no escapulário as rosas do milagre à altura do regaço. Apresenta inscrição em redor: S. ELISAB.REG.POR.

REV. - *Apresentação do menino Jesus no templo (?)*. Representação de um pórtico clássico grego encimado por uma cruz, representando o templo, o qual se encontra ladeado por Nossa Senhora com o menino nos braços, ao lado esquerdo, e, ao lado direito, S. José com barba e segurando um ramo de lírios na mão.

datação: Séc. XVII – provavelmente 1625, medalha comemorativa da canonização da Rainha Santa Isabel.

Medalha 4

proveniência: sep.59, A'1 Q.II; **dimensões (mm):** alt.26; larg.20

descrição: medalha em liga de cobre de forma oval. No topo, perpendicularmente à face da medalha, aro de suspensão em forma de lágrima invertida com perfuração central circular.

ANV. - *Jesus e Maria* - representação dos bustos, irradiantes, de Jesus e da Virgem Maria, de perfil à direita e sobrepostos. Jesus, em primeiro plano, está representado com cabelo comprido e ondulado, barba rala e bigode. Maria, em segundo plano, encontra-se representada com manto sobre a cabeça, olhos fechados e rosto ligeiramente inclinado para baixo em atitude dolorosa de alheamento. Apresenta inscrição de duas letras entre pontos no exergo cujo desgaste não permite leitura.

REV. - *Santo Inácio de Loyola e S.Francisco Xavier*, - representação dos bustos de 2 figuras masculinas aureoladas, de perfil à esquerda e sobrepostos. Ambos envergam golas de sotaina jesuíticas e têm barba rala e bigode, sendo a figura que se encontra em segundo plano calva. A orla é constituída por uma cercadura perolada. Apresenta inscrição, entre pontos, em redor cujas primeiras letras não têm leitura devido ao desgaste: S.I.F.S.FRAN.PI. No exergo apresenta a inscrição: A.H.

datação: séc. XVII

Medalha 5

proveniência: sep.60cl, B'1 Q.IV sondagem 6; **dimensões (mm):** alt.17; larg.14

descrição: medalha em liga de cobre de forma oval. Conserva uma saliência num eixo, sendo que a peça completa deveria ter 3 saliências nos eixos. No topo, perpendicularmente à face da medalha, aro de suspensão em forma de lágrima invertida com perfuração central circular (encontra-se destacado da peça).

ANV. - *Imaculada Conceição* - representação de uma figura feminina irradiante sobre o crescente. A cabeça

encontra-se coroada com coroa real de três pontas e em redor o coroamento de 5 estrelas. Tem as mãos juntas sobre o peito em atitude de oração. O manto cai dos ombros, prolongando-se até aos pés e segurando a sua extremidade no braço direito. A orla é constituída pelo cordão franciscano delimitando, a toda a volta, a zona do campo da medalha.

REV. – *Anunciação* - representação do arcanjo S. Gabriel, ajoelhado e segurando um ramo de flor de lis na mão esquerda. O ramo tem 3 flores e apenas uma desabrochada estando as duas restantes em botão. À esquerda do anjo, a Virgem Maria de pé com um livro na mão. A encimar todo o conjunto, a pomba simbolizando o Espírito Santo.

datação: fim do Séc. XVI - tem que ser anterior a 1597, data inscrita na laje tumular da sepultura à qual estava associada (sep.60cl).

Medalha 6

proveniência: B'1 est.7, terra negra; dimensões (mm): alt.9; larg.14

descrição: medalha em prata de forma rectangular com três saliências nos eixos. No topo, perpendicularmente à face da medalha, aro de suspensão em forma de lágrima invertida com perfuração central circular.

ANV. – *Nossa Senhora com o menino e crucifixo* - no lado esquerdo do campo da medalha, representação de Nossa Senhora, de pé e a mais de meio corpo, coroada com coroa de três pontas, com o menino nos braços e ladeada por dois lampadários pendentes. À direita o crucifixo. Cristo, na cruz, está representado com as pernas ligeiramente flectidas mas com os braços totalmente horizontais, veste uma túnica comprida com uma cruz saliente no tronco. Os limites exteriores da cruz envolvem o corpo do senhor e têm forma recta.

REV. – *Nossa Senhora com o menino e santo* - no lado esquerdo do campo da medalha está representada Nossa Senhora, a meio corpo, com menino ao colo, ambos aureolados; à direita e em primeiro plano, representação do busto de figura masculina aureolada, de perfil à esquerda, tem semblante de ancião e está figurado com barba e capuz de frade.

datação: séc. XVI – séc. XVII (?)

Medalha 7

proveniência: B'1 est.7, terra negra; dimensões (mm): diâm.20

descrição: medalha em liga de cobre de forma circular. No topo, perpendicularmente à face da medalha, aro de suspensão em forma de lágrima invertida com perfuração central circular.

ANV. – *Rainha Santa Isabel* - representação da figura da Rainha Santa Isabel, de pé, de corpo inteiro e em posição frontal, vestindo hábito de clarissa e encontrando-se aureolada e com coroa de cinco pontas na cabeça. Com a mão direita apoia-se ao bordão de peregrina, em forma de “tau”, e com a mão esquerda, recolhe no escapulário as rosas do milagre à altura do regaço. Apresenta inscrição em redor, entre pontos: S. ELIS.REG.P.

REV. – *canonização conjunta de 1622* - representação de cinco figuras (da esquerda para a direita): À esquerda uma figura feminina aureolada e com hábito religioso, ligeiramente voltada à direita, segura um livro fechado nas mãos - *Santa Teresa de Ávila*. De seguida, uma figura masculina aureolada, de perfil a três quartos à direita, e com vestes compridas, segura nas mãos um livro aberto que mostra à figura central - *Santo Inácio de Loyola*. Ao centro, uma figura masculina aureolada, em posição frontal, vestida com túnica curta, descalça e com uma foice comprida nas mãos - *Santo Isidro, o Lavrador*. A seguir, figura masculina aureolada, ligeiramente voltada à esquerda, com as mãos juntas em atitude de oração, representada com vestes compridas - *S. Francisco Xavier*. À direita outra figura masculina aureolada, de perfil a três quartos à esquerda, com vestes compridas e envergando casula com remate arredondado em baixo - *S. Filipe de Néri*. Apresenta inscrição no exergo: ROMA.

datação: Séc. XVII – provavelmente data de 1625, medalha comemorativa da canonização da Rainha Santa Isabel.

Medalha 8

proveniência: B'5 est.4, terra negra; dimensões (mm): alt.14; larg.10

descrição: medalha em prata de forma oval com um orifício circular de suspensão centrado no topo da peça.

ANV. – *Nossa Senhora com o menino* - representação de Nossa Senhora, de pé, em posição frontal e a mais de meio corpo. A Senhora encontra-se coroada com coroa de três pontas, e segura o menino no braço esquerdo. O menino está representado com auréola sobre a cabeça e segura um globo na mão esquerda. A Nossa Senhora está ladeada por dois lampadários que pendem de uma edícula que delimita superiormente o campo da medalha.

REV. – *Crucifixo* - representação do crucifixo resplandecente. Cristo coroado está representado vestido com uma longa túnica com uma cruz saliente no tronco, as pernas ligeiramente flectidas e os braços estendidos horizontalmente. A cruz, resplandecente, envolve o corpo de Cristo e tem a extremidade inferior da haste vertical trifoliada enquanto que as restantes extremidades são muito largamente arredondadas.

datação: séc. XVI – séc. XVII (?)

Medalha 9

proveniência: B'1 est.7, terra negra; dimensões (mm): alt.20; larg.19

descrição: medalha em liga de cobre com forma de coração. No topo, perpendicularmente à face da medalha, aro de suspensão em forma de lágrima invertida com perfuração central circular.

ANV. – *Menino Jesus Salvador do Mundo* - representação do menino Jesus aureolado, de pé e de corpo inteiro, com os braços abertos. Segura na mão direita um resplendor, no interior do qual está a inscrição IHS encimada por uma cruz, e na mão esquerda o globo terrestre sobrepujado por uma cruz. O vestuário é constituído por uma túnica simples, decotada, apertada na cintura com uma faixa de pano, e que apresenta nas extremidades das mangas largas uma banda decorada com uma linha de pontos. A extremidade inferior do vestido é decorada com duas bandas com pontos, idênticas à das mangas, superiormente às quais tem uns motivos decorativos em volutas.

REV. – *Santo Inácio de Loiola e S.Francisco Xavier* - representação dos bustos de duas figuras masculinas aureoladas, de perfil à esquerda e sobrepostos. Ambos envergam golas de sotaina jesuíticas. O que está em primeiro plano tem cabelo e barba curta e bigode, o que está em segundo plano é calvo e tem barba rala e bigode. Apresenta duas inscrições entre pontos: S.I. (do lado esquerdo do campo da medalha, em frente ao rosto da figura representada em segundo plano) S.F. (rodeando a figura que está em primeiro plano, do lado direito do campo da medalha).

datação: Séc. XVII

Medalha 10

proveniência: B'5 est.4, terra negra; dimensões (mm): alt.15; larg.10

descrição: medalha em liga de cobre de forma oval com três saliências nos eixos. No topo, perpendicularmente à face da medalha, aro de suspensão em forma de lágrima invertida com perfuração central circular.

ANV. – *S. Carlos Borromeu* - representação do busto de uma figura masculina aureolada, de perfil à esquerda, calva e com capuz de frade, diante do crucifixo. No lado esquerdo do campo da medalha está representado cristo na cruz, de perfil a três quartos voltado à direita. Cristo morto, está figurado com o corpo flectido e a cabeça tombada. Destacam-se alguns traços da fisionomia do santo representado, como o nariz comprido, muito saliente, e a orelha de grande dimensão. Apresenta inscrição entre pontos em redor: S.C.A.B.

REV. – *S.Francisco de Paula* - representação de figura masculina aureolada, de pé e de corpo inteiro, anciã, com barba longa e apoiada com ambas as mãos a um bordão. Apresenta inscrição em redor: S. FRA. D. PA

datação: Séc. XVII

Medalha 11

proveniência: B'5 Q.IV, est.4, terra negra; dimensões (mm): alt.14; larg.11

descrição: medalha em liga de cobre de forma oval. No topo, perpendicularmente à face da medalha, aro de suspensão em forma de lágrima invertida com perfuração central circular.

ANV. – *Santo Inácio de Loiola* - representação do busto de uma figura masculina aureolada, de perfil à esquerda, calva, envergando gola de sotaina jesuítica, diante do crucifixo. No lado esquerdo do campo da medalha está representado cristo na cruz, de perfil a três quartos, voltado à direita. Cristo morto, encontra-se figurado com o

corpo flectido e a cabeça tombada. Apresenta inscrição entre pontos em redor: S. ICNA. S.I
 REV. - *S. Francisco Xavier* - representação de busto de figura masculina aureolada, ligeiramente voltado à direita, envergando gola de sotaina jesuítica. Apresenta inscrição em redor: S.FRANC. XA.
 datação: Séc. XVII

Medalha 12

proveniência: B'1 Q.III, est.7, terra negra; **dimensões (mm):** alt.20; larg.15
descrição: medalha em liga de cobre de forma oval. No topo, perpendicularmente à face da medalha, aro de suspensão em forma de lágrima invertida com perfuração central circular.
 ANV. - *Santo António de Pádua* - representação de figura masculina aureolada, de pé e de corpo inteiro, vestida com o hábito franciscano, cuja mão direita está elevada paralela à cabeça segurando o menino Jesus e a mão esquerda está baixa junto ao corpo segurando um livro. O Menino, resplandecente, encontra-se representado de pé e de corpo inteiro e desnudo. Apresenta inscrição em redor: S.ANT.DE.PADOV; e no exergo: ROM A
 REV. - *Sagrada Eucaristia* - representação do cálice eucarístico encimado por hóstia sagrada resplandecente e ladeado por dois anjos de perfil, ajoelhados, com as mãos unidas em atitude de oração, e vestindo túnicas compridas. Apresenta inscrição no exergo: ROMA
 datação: fim do séc. XVI - Séc. XVII (?)

Medalha 13

proveniência: B'1 Q.I, terra negra; **dimensões (mm):** alt.30; larg.23
descrição: medalha em liga de cobre de forma oval. No topo, perpendicularmente à face da medalha, aro de suspensão em forma de lágrima invertida com perfuração central circular.
 ANV. - *Imaculada Conceição* - representação de figura feminina envolta em mandorla resplandecente, sobre o crescente. Apresenta coroa de sete estrelas em redor da cabeça e as mãos juntas sobre o peito em atitude de oração. A cabeça está coberta pelo manto, que cai até aos pés, com pregas elegantes, e cuja extremidade segura no braço esquerdo. A orla da medalha é decorada com uma grinalda e exteriormente a esta com uma cercadura perolada.
 REV. - *Sagrada Eucaristia* - representação de custódia resplandecente em forma de cálice com tampa em forma de cúpula bolbosa encimada por cruz latina. No interior da custódia está representada a hóstia sagrada com uma cruz ao centro. A custódia encontra-se ladeada por dois anjos de perfil, ajoelhados sobre fundo de nuvens, com as mãos unidas em atitude de oração e envergando túnicas curtas cingidas na cintura por cintos. A orla da medalha é decorada com uma grinalda e exteriormente a esta com uma cercadura perolada. Apresenta inscrição em redor: LAVD.SIA.IL. SAN.SAC
 datação: Séc. XVII

Medalha 14

proveniência: B'1 Q.II, terra negra; **dimensões (mm):** alt.20; larg.16
descrição: medalha em liga de cobre de forma oval. No topo, perpendicularmente à face da medalha, aro de suspensão em forma de lágrima invertida com perfuração central circular, no qual está encaixada uma argola de suspensão, de planta e secção circular.
 ANV. - *ECCE HOMO* - representação do busto de Cristo de perfil à direita, com coroa de espinhos na cabeça, com barba, bigode e cabelo comprido e ondulado. A orla da medalha é constituída por uma cercadura perolada. Apresenta inscrição em redor, entre estrelas: ECCE HOMO; e no exergo: A.H.
 REV. - *Virgem Maria* - representação do busto da Virgem Maria de perfil à esquerda, com a cabeça coberta por manto, com elegantes pregas, sobre véu. A orla da medalha é constituída por uma cercadura perolada. Apresenta inscrição em redor, entre flores: FECIT.MICHI.MANGNA; e no exergo, entre pontos: A.H.
 datação: séc. XVII

Medalha 15

proveniência: B'3 Q.IV, terra negra; dimensões (mm): alt.19; larg.14

descrição: medalha em liga de cobre de forma oval. No topo, perpendicularmente à face da medalha, aro de suspensão em forma de lágrima invertida com perfuração central circular.

ANV. – *Imaculada Conceição* - representação de figura feminina envolta em mandorla resplandecente, sobre o crescente. Apresenta coroa de cinco estrelas em redor da cabeça e as mãos juntas sobre o peito em atitude de oração. A cabeça está coberta pelo manto, que cai até aos pés e cuja extremidade segura no braço direito. A orla é constituída pelo cordão franciscano delimitando, a toda a volta, a zona do campo da medalha.

REV. – *Sagrada Eucaristia* - representação do cálice eucarístico encimado por hóstia sagrada resplandecente com cruz ao centro e ladeado por dois anjos, de perfil, ajoelhados, com as mãos unidas em atitude de oração e envergando túnicas curtas. Apresenta inscrição em redor: SMO SACO; e no exergo: ROMA

datação: fim do séc. XVI – séc. XVII (?)

Medalha 16

proveniência: B'5 Q.III, terra negra; dimensões (mm): diâm.12

descrição: medalha em liga de cobre de forma circular. No topo, perpendicularmente à face da medalha, aro de suspensão em forma de lágrima invertida com perfuração central circular.

ANV. – *Rainha Santa Isabel* - representação da figura da Rainha Santa Isabel, de pé, de corpo inteiro e em posição frontal, vestindo hábito de clarissa e encontrando-se aurcolada e com coroa de cinco pontas na cabeça. Com a mão direita apoia-se ao bordão de peregrina, em forma de “tau”, e com a mão esquerda, recolhe no escapulário as rosas do milagre à altura do regaço. Apresenta inscrição em redor sendo, devido ao desgaste, apenas possível a leitura das últimas letras: PO

REV. - *S. Carlos Borromeu* - representação do busto de uma figura masculina aurcolada, de perfil à esquerda, calva, com capuz de frade, diante do crucifixo. No lado esquerdo do campo da medalha está representado cristo na cruz de perfil a três quartos voltado à direita. Cristo morto, está figurado com o corpo flectido e a cabeça tombada. Destacam-se alguns traços da fisionomia do santo representado, como o nariz comprido, muito saliente, e a orelha de grande dimensão. Apresenta inscrição entre pontos em redor: S.CAR.

datação: Séc. XVII – provavelmente 1625, medalha comemorativa da canonização da Rainha Santa Isabel

Medalha 17

proveniência: C'5 Q.II, terra negra; dimensões (mm): diâm.19

descrição: medalha em liga de cobre de forma circular. No topo, perpendicularmente à face da medalha, aro de suspensão em forma de lágrima invertida com perfuração central circular.

ANV. - *Santo António de Pádua* - representação de figura masculina aureolada, de pé e de corpo inteiro, vestida com hábito franciscano, com a mão direita elevada segurando o menino Jesus e na mão esquerda segura, junto ao corpo, um livro e um ramo de lírios. O Menino está representado de pé, desnudo, com um globo terrestre sob o braço esquerdo e ergue a mão direita em gesto de bênção. Apresenta inscrição em redor, entre pontos: S.ANTONI.DE.PADVA

REV. – *S. Francisco de Assis* - representação de S. Francisco de Assis a receber os estigmas no Monte Alverne. Figura masculina aureolada, de perfil a três quartos à esquerda, com barba e vestida com burel de franciscano, ajoelhado e com os braços abertos e caídos, a face voltada ao alto diante do crucifixo. A cruz com Cristo morto, o corpo flectido e a cabeça tombada, encontra-se representada de perfil a três quartos à direita no topo do campo da medalha, e irradia luz. Envolvendo a figura de S.Francisco representação de paisagem com arvoredos.

datação: fim do Séc. XVI – séc. XVII (?)

Medalha 18

proveniência: C'5 Q.II, terra negra; dimensões (mm): alt.25; larg.20

descrição: medalha em liga de cobre de forma oval. No topo, perpendicularmente à face da medalha, aro de

suspensão em forma de lágrima invertida com perfuração central circular.

ANV. - *Imaculada Conceição* - representação de figura feminina irradiante, sobre o crescente invertido. Apresenta coroa de sete estrelas em redor da cabeça e as mãos juntas sobre o peito em atitude de oração. A cabeça está coberta pelo manto, que cai até aos pés, com pregas elegantes, e cuja extremidade segura no braço direito. Apresenta inscrição em redor: ET MACULA NON ... (o resto é impossível identificar devido ao desgaste da superfície da medalha).

REV. - *Sagrada Eucaristia* - representação do cálice eucarístico encimado por hóstia sagrada resplandecente e ladeado por dois ramos de lírios. Apresenta inscrição em redor: SIA LAID(?) SS SACRAMENTO
datação: fim do séc. XVI - Séc. XVII (?)

Medalha 19

proveniência: C'5 Q.II, terra negra; dimensões (mm): alt.19; larg.15

descrição: medalha em liga de cobre de forma oval. No topo, perpendicularmente à face da medalha, aro de suspensão em forma de lágrima invertida com perfuração central circular.

ANV. - *Imaculada Conceição* - representação de figura feminina envolta em mandorla resplandecente, sobre o crescente. Apresenta coroa de cinco estrelas em redor da cabeça e as mãos juntas sobre o peito em atitude de oração. A cabeça está coberta pelo manto, que cai até aos pés e cuja extremidade segura no braço direito. Em redor o cordão franciscano delimitando, a toda a volta, a zona do campo da medalha.

REV. - *Sagrada Eucaristia* - representação do cálice eucarístico encimado por hóstia sagrada resplandecente, com cruz ao centro, e ladeado por dois anjos, de perfil, ajoelhados, com as mãos unidas em atitude de oração e vestindo túnicas compridas cingidas na cintura com um cinto. Apresenta inscrição no exergo: ROMA
datação: fim do séc. XVI - séc. XVII (?)

Medalha 20

proveniência: C'5 Q.II, terra negra; dimensões (mm): alt.24, larg.18

descrição: medalha em liga de cobre de forma oval. No topo, perpendicularmente à face da medalha, aro de suspensão em forma de lágrima invertida com perfuração central circular.

ANV. - *Imaculada Conceição* - representação de figura feminina envolta em mandorla resplandecente, sobre o crescente. A cabeça encontra-se coroada com coroa real de três pontas e em redor coroamento de cinco estrelas, as mãos estão juntas sobre o peito em atitude de oração. O manto cai dos ombros e prolonga-se até aos pés, segurando a sua extremidade com o braço direito. Em redor o cordão franciscano delimitando, a toda a volta, a zona do campo da medalha. Apresenta inscrição em torno da figura, entre pontos: AVE. MARI. GRATI. PLE

REV. - *Sagrada Eucaristia* - representação do cálice eucarístico encimado por hóstia sagrada resplandecente, com cruz ao centro, e ladeado por duas figuras aureoladas, de perfil, ajoelhadas, com as mãos unidas em atitude de oração, e vestidas com túnicas longas cingidas na cintura com um cinto. Apresenta inscrição em redor, entre pontos: S.LAVADO.II. S. SACRAMENTO; e no exergo: ROMA
datação: fim séc. XVI- séc. XVII (?)

Medalha 21

proveniência: F'2 Q.I, sondagem 41, cota 14.74 (camada sobre a argamassa); dimensões (mm): alt.21; larg.16
descrição: medalha em liga de cobre de forma oval. No topo, perpendicularmente à face da medalha, aro de suspensão em forma de lágrima invertida com perfuração central circular.

ANV. - *Imaculada Conceição* - representação de figura feminina resplandecente, sobre o crescente. A cabeça aureolada e em redor coroamento de sete estrelas, as mãos estão juntas sobre o peito em atitude de oração. A cabeça está coberta pelo manto que se prolonga até aos pés. Em redor o cordão franciscano delimitando, a toda a volta, a zona do campo da medalha.

REV. – *Sagrada Eucaristia* - representação do cálice eucarístico encimado por hóstia sagrada resplandecente, com cruz ao centro, e ladeado por duas figuras aureoladas, de perfil, ajoelhadas, com as mãos unidas em atitude de oração, e vestidas com túnicas longas cingidas na cintura com um cinto. Apresenta inscrição no exergo: ROMA

datação: fim de séc. XVI - séc. XVII(?)

Medalha 22

proveniência: C'3 Q.II-IV, terra negra; dimensões (mm): alt.19; larg.15

descrição: medalha em liga de cobre de forma oval.

ANV. – *Aparição de Nossa Senhora do Pilar a S. Tiago* - representação de Nossa senhora, aureolada e coroada com coroa de três pontas, com o menino aureolado nos braços, assente sobre um pilar decorado com uma cruz grega florenciada. À esquerda da Senhora, a representação de uma figura masculina aureolada, de braços cruzados segurando um bordão de peregrino – S. Tiago, o Maior. Do lado direito de Nossa Senhora encontra-se a representação de uma igreja. Apresenta inscrição em redor, entre pontos: S.M.DE.PILAR

REV. - *Sagrada Eucaristia* - representação do cálice eucarístico encimado por hóstia sagrada resplandecente e ladeado por dois anjos tenentes que seguram o cálice com ambas as mãos. Os anjos estão representados de perfil, nus e com as pernas flectidas. Apresenta inscrição em redor: S.LAVADO.II.S.SACRAMENTO ; e no exergo: ROMA.

datação: fim do séc. XVI – séc. XVII (?)

Medalha 23

proveniência: C'3 Q.II-IV, terra negra; dimensões (mm): alt.32; larg.26

descrição: medalha em liga de cobre de forma oval. No topo, perpendicularmente à face da medalha, aro de suspensão em forma de lágrima invertida com perfuração central circular.

ANV. – *Rainha Santa Isabel* - representação de busto de figura feminina jovem aureolada, de perfil à esquerda, coroada com coroa real fechada e com terminação em cruz, sobre véu e barbeta. Apresenta inscrição em redor: S. ELISABET. R.LUSITANIA

REV. – *Santo António de Pádua* - representação do busto de figura masculina aureolada, de perfil à direita, tonsurada e envergando o hábito franciscano, de perfil à direita. Segura na mão, e à frente do seu rosto, o menino Jesus, de pé, desnudo e com a perna esquerda avançada. O menino encontra-se com resplendor em torno da cabeça, segurando um globo na mão esquerda e elevando a mão direita em gesto de benção. Apresenta inscrição em redor: S. ANTONII. D. PADV; e no exergo: ROMÆ.

datação: Séc. XVII – provavelmente 1625, medalha comemorativa da canonização da Rainha Santa Isabel

Medalha 24

proveniência: C'3 Q.III, terra negra ; dimensões (mm): alt.31; larg.25

descrição: medalha em liga de cobre de forma oval. No topo, perpendicularmente à face da medalha, aro de suspensão em forma de lágrima invertida com perfuração central circular.

ANV. - *Santa Teresa de Ávila* - representação de busto de figura feminina aureolada vestida com hábito de religiosa, a cabeça coberta por véu e barbeta, com as mãos unidas em atitude de oração. Apresenta inscrição em redor: S. MATER TERESIA

REV. – *canonização conjunta de 1622* - representação de cinco figuras (da esquerda para a direita): À esquerda uma figura feminina aureolada e com hábito religioso, ligeiramente voltada à direita, segura um livro fechado na mão esquerda e o braço direito caído paralelo ao corpo e na mão direita a pena - *Santa Teresa de Ávila*.

De seguida, uma figura masculina aureolada, de perfil a três quartos à direita, e com vestes compridas com uma capa sobre os ombros que segura no braço direito e que cai até aos pés com pregas, segura nas mãos um livro aberto que mostra à figura central – *Santo Inácio de Loiola*. Ao centro, uma figura masculina aureolada, em posição frontal, vestida com túnica curta, descalça, e com uma foice comprida nas mãos – *Santo Isidro, o Lavrador*. A seguir, figura masculina aureolada, ligeiramente voltada à esquerda, com as mãos juntas em atitude de oração, representada com vestes compridas e capa sobre os ombros – *S. Francisco Xavier*. À direita outra figura masculina aureolada, de perfil a três quartos à esquerda, com vestes compridas e envergando casula com remate arredondado em baixo e da qual se salienta no peito o seu coração inflamado – *S. Filipe de Néri*. Na parte superior da medalha, encimando a cena um resplendor, no centro do qual está a inscrição IHS encimada por uma cruz (sigla da Companhia de Jesus), ladeado por dois anjos tenentes, nus, de perfil. Apresenta inscrição no exergo: S.T.S.IG.S.FR.S.F.S.ISIDOR; sob a qual está uma flor entre pontos.

datação: séc. XVII

Medalha 25

proveniência: D^o1 Q.III; dimensões (mm): diâm.15

descrição: medalha em liga de cobre de forma circular. No topo, perpendicularmente à face da medalha, aro de suspensão em forma de lágrima invertida com perfuração central circular.

ANV. - *S. Miguel, Arcanjo e S.Lourenço* – representação de S. Miguel, Arcanjo, espezinhando um dragão, armado com espada, na mão direita, e, na mão esquerda, a balança, onde pesa as almas. À direita, S. Lourenço, uma figura masculina aureolada, com os braços cruzados sobre a cintura, segurando um livro (?), e com barba, com a representação estilizada de uma grelha à direita. Apresenta inscrição em redor, entre pontos: S.L.O

REV. – *Santo*- representação do busto de uma figura masculina aureolada, de perfil à esquerda, calva, usando capuz, diante do crucifixo. No lado esquerdo do campo da medalha, cristo morto na cruz encontra-se de perfil a três quartos voltado à direita, com o corpo flectido e a cabeça tombada. Destacam-se alguns traços da fisionomia do santo representado, como o nariz comprido, muito saliente, e a orelha extraordinariamente grande. Dispersas pelo campo da medalha, quatro flores estilizadas, uma à esquerda do crucifixo, uma entre o crucifixo e o santo, uma no topo do campo, e a outra do lado direito do busto representado. O mesmo motivo repete-se no exergo da medalha, separado do campo por um friso.

datação: fim do séc. XVI - séc. XVII (?)

Medalha 26

proveniência: D^o9 Q.I, exterior da floreira, sob derrube; dimensões (mm): alt.30; larg.24

descrição: medalha em liga de cobre de forma oval. No topo, perpendicularmente à face da medalha, aro de suspensão em forma de lágrima invertida com perfuração central circular.

ANV. - *S. Tomás de Vilanova* - representação de uma figura masculina aureolada, com indumentária episcopal, envergando mitra e capa sobre os ombros presa ao peito com um elemento que parece tratar-se de uma jóia e com cruz peitoral. Segura nas mãos uma bolsa de dinheiro que distribui a um pobre à direita, uma figura masculina representada de perfil a meio corpo, com as mãos voltadas com as palmas para cima e estendidas para a figura central. À esquerda da figura central, recuada, está uma figura masculina, um pagem do bispo, que segura na mão esquerda uma cruz episcopal. Apresenta inscrição em redor: S.TOMASO ... (depois não se lê devido ao desgaste... e as últimas letras são um D? e um V); e no exergo: ROMA.

REV. - *Sagrada Eucaristia* - representação de custódia resplandecente em forma de cálice com tampa em forma de cúpula bolbosa encimada por cruz latina. No interior da custódia está representada a hóstia sagrada com uma cruz ao centro. A custódia encontra-se ladeada por dois anjos, de perfil, ajoelhados sobre fundo de nuvens, com as mãos unidas em atitude de oração e envergando túnicas curtas cingidas na cintura por cintos. A orla da

medalha é decorada com uma grinalda e exteriormente a esta com uma cercadura perolada. Apresenta inscrição em redor: LAVD.SIA.IL. SAN.SAC

datação: Séc. XVII – provavelmente esta é a medalha mais recente da coleção (Tomás de Villanova foi canonizado em 1658)

Medalha 27

proveniência: G'3 Q.IIb, sala B; dimensões (mm): alt.30; larg.25

descrição: medalha em liga de cobre de forma oval, apresentando no topo vestígios do arranque do aro de suspensão.

ANV. – *Sant' Ana Tríplice* - representação de Nossa Senhora, coroada e aureolada, sentada num trono com o menino ao colo. À direita está representada Santa Ana, aureolada, sentada, com o braço direito estendido sobre o menino. Encimando a cena uma pomba resplandecente, simbolizando o Espírito Santo. Apresenta inscrição em redor: S. MARIA (do lado esquerdo) SA ANA (do lado direito).; e no exergo: ROMA.

REV. – *Sagrada Eucaristia* - representação do cálice eucarístico encimado por hóstia sagrada resplandecente e ladeado por dois anjos, de perfil, ajoelhados, com as mãos unidas em atitude de oração, envergando túnicas compridas cingidas na cintura por cintos. Apresenta inscrição em redor: IL. S. S. SAC.; e no exergo: ROMA
datação: fim do séc. XVI – séc. XVII (?)

Medalha 28

proveniência: D'7 Q.III, crivo; dimensões (mm): alt.19; larg.14

descrição: medalha em liga de cobre de forma oval com três saliências nos eixos. No topo, perpendicularmente à face da medalha, aro de suspensão em forma de lágrima invertida com perfuração central circular.

ANV. – *Nossa Senhora do Rosário* - representação de Nossa Senhora, sentada com o menino, desnudo e de pé, sobre os joelhos. A Senhora tem os joelhos flectidos, a cabeça tombada para o seu lado esquerdo e o braço esquerdo estendido em atitude delicada e terna. Em redor, delimitando o campo da medalha, está representado um rosário: duas fiadas paralelas de contas num total de 70, intercaladas e unidas, de 5 em 5 contas, por 7 rosas estilizadas.

REV. – *S. Carlos Borromeu* - representação de busto de figura masculina aureolada, de perfil à direita, com cabelo curto e entradas na fronte, com capuz, segurando na mão, em frente ao seu rosto, o crucifixo de perfil a três quartos à esquerda. Cristo morto na cruz, encontra-se figurado com o corpo flectido e a cabeça tombada. Apresenta inscrição em redor: S.C.ARO.

datação: Séc. XVII

Medalha 29

proveniência: F'2 Q.II, sondagem 41, sobre pavimento, última camada negra; dimensões (mm): diâm.15

descrição: medalha em liga de cobre de forma circular. No topo, perpendicularmente à face da medalha, aro de suspensão em forma de lágrima invertida com perfuração central circular.

ANV. – *S. Carlos Borromeu* - representação de busto de figura masculina aureolada, de perfil à direita, calva, com capuz, com as mãos unidas em atitude de oração, diante do cálice eucarístico encimado por hóstia sagrada resplandecente. Destaca-se um traço da fisionomia do santo representado, o nariz comprido, muito saliente. Apresenta inscrição em redor: S.CAROL.B

REV. – *canonização conjunta de 1622* - representação de cinco figuras (da esquerda para a direita): À esquerda uma figura feminina aureolada e com hábito religioso, ligeiramente voltada à direita, segura um livro fechado na mão esquerda - *Santa Teresa de Ávila*. De seguida, uma figura masculina aureolada, de perfil a três quartos

à direita, e com vestes compridas, segura nas mãos um livro aberto que mostra à figura central – *Santo Inácio de Loyola*. Ao centro, uma figura masculina aureolada, em posição frontal, vestida com túnica curta, e com uma foice comprida nas mãos – *Santo Isidro, o Lavrador*. A seguir, figura masculina aureolada, ligeiramente voltada à esquerda, com as mãos juntas em atitude de oração, representada com vestes compridas – *S. Francisco Xavier*. À direita outra figura masculina aureolada, de perfil a três quartos à esquerda, com vestes compridas e envergando casula – *S. Filipe de Néri*. Apresenta inscrição no exergo: ROMA.

datação: Séc. XVII

Medalha 30

proveniência: F'2 Q.II, sondagem 41, ala Oeste; camada castanha arenosa; **dimensões (mm)**: alt.15; larg.14
descrição: medalha em liga de cobre com forma de coração. No topo, perpendicularmente à face da medalha, aro de suspensão em forma de lágrima invertida com perfuração central circular.

ANV. – *Santo António de Pádua* (?)

REV. – *Nossa Senhora do Rosário* (?)

datação: séc. XVI – séc. XVII (?)

Medalha 31

proveniência: F'2 Q.II, sondagem 41; cota 13.82 (camada terra negra)

dimensões (mm): alt.16; larg.13

descrição: medalha em liga de cobre com forma oval.

ANV. – *Santo António de Pádua* - representação de figura masculina aureolada, de pé e de corpo inteiro, vestida com hábito franciscano, com a mão direita elevada segurando o menino Jesus e na mão esquerda segura, junto ao corpo, um livro.

REV. – *S. Francisco de Assis* - representação de S. Francisco de Assis a receber os estigmas no Monte Alverne. Figura masculina aureolada, de perfil a três quartos à esquerda, com barba e vestida com burel de franciscano, ajoelhado e com os braços abertos e caídos, a face voltada ao alto diante do crucifixo. A cruz com Cristo morto, o corpo flectido e a cabeça tombada, encontra-se representada de perfil a três quartos à direita no topo do campo da medalha, e irradia luz.

datação: fim do séc. XVI – séc. XVII (?)

Medalha 32

proveniência: F'2 Q.II, sondagem 41, ala oeste; camada de terra castanha arenosa; **dimensões (mm)**: alt.21; larg.17

descrição: medalha em liga de cobre com forma oval. No topo, perpendicularmente à face da medalha, aro de suspensão em forma de lágrima invertida com perfuração central circular.

ANV. – *Santo Inácio de Loyola* - representação do busto de uma figura masculina aureolada, de perfil à esquerda, calva, envergando gola de sotaina jesuítica.

REV. – *S. Francisco Xavier* - representação de busto de figura masculina aureolada, de perfil à esquerda, com barba rala e bigode, envergando gola de sotaina jesuítica.

datação: séc. XVII

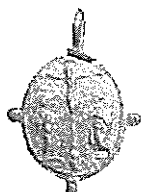
7. Estampas



Estampa I
medalha 1 (anverso)



Estampa II
medalha 1 (reverso)



Estampa III
medalha 2 (anverso)



Estampa IV
medalha 2 (reverso)



Estampa V
medalha 3 (anverso)



Estampa VI
medalha 3 (reverso)



Estampa VII
medalha 4 (anverso)



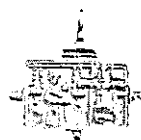
Estampa VIII
medalha 4 (reverso)



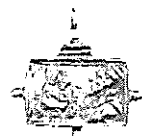
Estampa IX
medalha 5 (anverso)



Estampa X
medalha 5 (reverso)



Estampa XI
medalha 6 (anverso)



Estampa XII
medalha 6 (reverso)



Estampa XIII
medalha 7 (anverso)



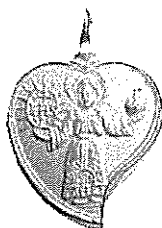
Estampa XIV
medalha 7 (reverso)



Estampa XV
medalha 8 (anverso)



Estampa XVI
medalha 8 (reverso)



Estampa XVII
medalha 9 (anverso)



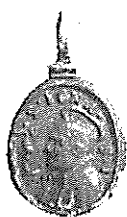
Estampa XVIII
medalha 9 (reverso)



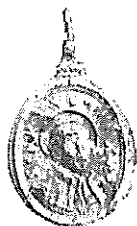
Estampa XIX
medalha 10 (anverso)



Estampa XX
medalha 10 (reverso)



Estampa XXI
medalha 11 (anverso)



Estampa XXII
medalha 11 (reverso)



Estampa XXIII
medalha 12 (anverso)



Estampa XXIV
medalha 12 (reverso)



medalha 13 anverso



medalha 13 reverso



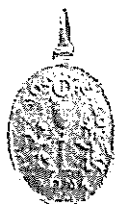
medalha 14 anverso



medalha 14 reverso



Estampa XXIX
medalha 15 (anverso)



Estampa XXX
medalha 15 (reverso)



Estampa XXXI
medalha 16 (anverso)



Estampa XXXII
medalha 16 (reverso)



Estampa XXXIII
medalha 17 (anverso)



Estampa XXXIV
medalha 17 (reverso)



Estampa XXXV
medalha 18 (anverso)



Estampa XXXVI
medalha 18 (reverso)



Estampa XXXVII
medalha 19 (anverso)



Estampa XXXVIII
medalha 19 (reverso)



Estampa XXXIX
medalha 20 (anverso)



Estampa XL
medalha 20 (reverso)



Estampa XLI
medalha 21 (anverso)



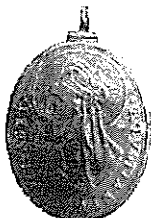
Estampa XLII
medalha 21 (reverso)



Estampa XLIII
medalha 22 (anverso)



Estampa XLIV
medalha 22 (reverso)



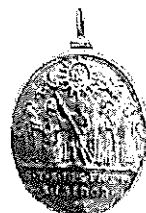
Estampa XLV
medalha 23 (anverso)



Estampa XLVI
medalha 23 (reverso)



Estampa XLVII
medalha 24 (anverso)



Estampa XLVIII
medalha 24 (reverso)



Estampa XLIX
medalha 25 (anverso)



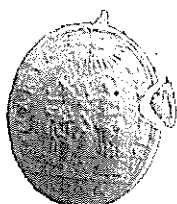
Estampa L
medalha 25 (reverso)



Estampa LI
medalha 26 (anverso)



Estampa LII
medalha 26 (reverso)



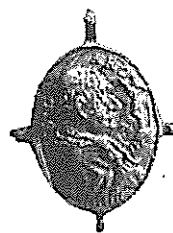
Estampa LIII
medalha 27 (anverso)



Estampa LIV
medalha 27 (reverso)



Estampa LV
medalha 28 (anverso)



Estampa LVI
medalha 28 (reverso)



Estampa LVII
medalha 29 (anverso)



Estampa LVIII
medalha 29 (reverso)



Estampa LIX
medalha 30 (anverso)



Estampa LX
medalha 30 (reverso)



Estampa LXI
medalha 31 (anverso)



Estampa LXII
medalha 31 (reverso)



Estampa LXIII
medalha 32 (anverso)



Estampa LXIV
medalha 32 (reverso)

INDICE

JOSÉ MARCELO SANCHES MENDES PINTO – <i>Tesouros Monetários Baixo-imperiais Entre Douro, Ave e Tâmega</i>	7
ANA BEJERANO OSÓRIO E JOSÉ RUIVO – <i>Depósito monetário do século III encontrado no terreno da antiga Campsa (Mérida)</i>	301
TERESA MOURÃO – <i>As medalhas religiosas de Santa Clara-a-Velha</i>	315

GUIA PARA A APRESENTAÇÃO DE ORIGINAIS

1. Os originais serão apresentados dactilografados em folhas de tamanho A4, a dois espaços e com uma margem esquerda de pelo menos 3 cm. A SPN agradece a todos os Autores que utilizam computadores MACINTOSH para processamento detexto, o envio dos seus trabalhos em *disquete*.
2. As referências bibliográficas devem seguir as normas adoptadas pela revista NVMMVS e utilizar as abreviaturas em baixo listadas. Dispensa-se a indicação do editor nos livros e do lugar de edição nas revistas.

Exemplo de citação de um livro:

R. M. S. Centeno, *Circulação monetária no noroeste de Hispânia até 192*, (Anexos Nvmmvs nº. 1), Porto 1987.

Exemplo de citação de um artigo de revista, actas de congresso ou outra colectânea:

J. G. Barata, "Moedas portuenses no reinado de D. Maria (1833 e 1847)" *Nvmmvs* 2ª Série, XI 1987 p. 15-41.

3. As ilustrações (fotografias, desenhos, mapas...) podem ser organizados em estampas acompanhadas da respectiva numeração romana ou entrar no texto como figuras numeradas em árabe.
4. Os originais devem ser acompanhados por um **resumo em português** e, se possível, por uma versão em francês ou inglês.
5. Aconselha-se os Autores a conservar uma cópia de todos os originais enviados, uma vez que a SPN não se compromete na sua devolução.
6. Por cada original publicado a SPN oferece 25 separatas e um exemplar do volume correspondente da revista *Nvmmvs*.
7. Para todos os assuntos relacionados com a preparação e envio de originais contactar com a redacção da revista.

ABREVIATURAS

- AIIN – *Annali del Istituto Italiano di Numismatica*, Roma.
AJN – *American Journal of Numismatics*, Nova Iorque.
AN – *Acta Numismática*, Barcelona.
AP – *O Archeologo Português / O Arqueólogo Português*, Lisboa.
Aragão – A. C. Teixeira de Aragão, *Descrição geral e histórica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal*, 3 vols., Lisboa 1874-1880.
BAR – Série British Archaeological Reports.
CIL – *Corpus Inscriptionum Latinarum*, Berlim 1863-
CNH – L. Villaronga, *Corpus nummum hispaniae ante Augusti aetatem*, Madrid 1994.
Cohen – H. Cohen, *Description historique des monnaies frappées sous l'Empire Romain*, 8 vols., Paris 1880-1892.
F. Vaz – J. Ferraro Vaz, *Livro das moedas de Portugal*, 2 vols., Braga 1969.
GN – *Gaceta Numismática*, Barcelona.
JNG – *Jarhbuch für Numismatik und Geldgeschichte*, Munique.
LRBC – P. V. Hill, J. P. Kent, R. A. G. Carson, *Late Roman Bronze Coinage*, A. D. 324-498, Londres 1965.
MIB – W. Hahn, *Moneta Imperii Byzantini*, Viena 1973-
Miles – G. Miles, *The Coinage of the Visigoths of Spain: Leovigild to Achila II*. Nova Iorque 1952.
MN – *The American Numismatic Society Museum Notes*, Nova Iorque.
NC – *The Numismatic Chronicle*, Londres.
NH – *Numario Hispánico*, Barcelona.
NZ – *Numismatische Zeitschrift*, Viena.
RIC – H. Mattingly, E. A. Sydenham e outros, *The Roman Imperial Coinage*, Londres 1923-
RN – *Revue Numismatique*, Paris.
RPC – A. Burnett, M. Amandry, P. P. Ripollès, *Roman Provincial Coinage*, Vol. I: *From the death of Caesar to the death of Vitellius* (44BC-AD69), Londres/Paris 1992.
RRC – M. H. Crawford, *The Roman Republican Coinage*, Cambridge 1974.
QT – *Quaderni Ticinesi. Numismática e Antichità Classiche*, Lugano.
SNG – *Sylloge Nummorum Graecorum*.
SNR – *Schweizerische Numismatische Rundschau*, Berna.
Tomasini – W. J. Tomasini, *The Barbaric Tremissis in Spain and Southern France: Anastasius to Leovigild*, (Numismatic Notes and Monographs nº. 152), Nova Iorque 1964.
Vives – A. Vives y Escudero, *La moneda hispánica*, 5 vols.+ Atlas, Madrid 1924-1926.

